

O BESTSELLER N.º 1 DA AMAZON

LJ ROSS

A ILHA  
SAGRADA



  
cultura

# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

---

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,  
então nossa sociedade poderá  
enfim evoluir a um novo nível."

---

“

— Persegui assassinos que diziam ter matado e maltratado mulheres e homens porque as vozes lho tinham ordenado; vi outros que diziam que era por terem tido uma infância de merda. São tudo tretas, Anna. — Voltou-se para ela por um momento e pensou noutra mulher de cabelo escuro. — Há quem mate sem outra razão que não o maldito gozo que sente.

a ilha sagrada

UM MISTÉRIO DO INSPETOR RYAN / LIVRO I  
a ilha sagrada

I. J. ROSS

tradução de carmo vasconcelos romão



uma marca



info@culturaeditora.pt | www.culturaeditora.pt

—

© L. J. Ross e Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original: *Holy Island*

Título: *A Ilha Sagrada*

Um Mistério do Inspetor Ryan – Livro I

Autora: L. J. Ross

Tradução: Carmo Vasconcelos Romão/Lufada de Letras

Revisão: Isabel Garcia Pereira

Paginação: Cultura Editora

Capa: Vera Braga

ISBN: 978-989-9039-48-3

Edição em papel: junho de 2021

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Para Ethan, com amor, sempre.



*Aqui, entre estes montes, neste espaço, existe todo o mundo.  
Toda a raiva, vaidade, cobiça, luxúria e, sim, toda a caridade,  
bondade e doçura da alma. Deus e o Diabo caminham ambos por  
estes campos.*

Hugo Walpole

# PRÓLOGO

20 DE DEZEMBRO

O inverno era um tempo implacável na Ilha Sagrada. Os ventos ásperos vindos do mar do Norte chicoteavam as ruas empedradas e infiltravam-se nas casinhas de pedra atarracadas, que pareciam aconchegar-se como se quisessem aquecer-se. No cimo da aldeia encontrava-se o mosteiro, estropiado, mas ainda de pé, após um milhar de anos.

Lá dentro, Lucy tiritava com a pele exposta e impotente perante as temperaturas que haviam descido abaixo de zero. De vez em quando o seu corpo magro estremecia, invadido por um espasmo de dor, enquanto descansava sob um céu coberto de estrelas.

Pensava ter os olhos abertos, mas não tinha a certeza. Estava tão escuro.

Tentou pestanejar, um esforço monumental que a esgotou, mas, aos poucos, conseguiu distinguir a forma familiar do mosteiro, com os seus muros altos que a rodeavam como dedos negros contra um céu azul-escuro.

As pedras pouco abrigo lhe facultavam e ainda menos conforto. Tiritava, e o seu corpo reagia ao choque e à hipotermia.

Porque estaria ali? A sua mente tentava penetrar na dor e na confusão.

De súbito, recordou-se que bebera. Sentia na língua um gosto persistente a vinho tinto juntamente com algo mais metálico. Engoliu e uma sensação de ardor invadiu-lhe de imediato a garganta. Deu por si com dificuldade em respirar e abriu a boca

ofegante em busca de tragos de ar fresco. Tentou erguer as mãos para aliviar o ardor, mas sentia os braços muito pesados.

Porque não poderia mexer-se? Entrou em pânico e os seus dedos começaram a tentar sentir qualquer coisa, o que quer que fosse. As pontas dos seus dedos roçaram por uma rocha sólida e tentou procurar a borda, mas esse leve movimento causou-lhe náuseas.

— Socorro! Ajudem-me, por favor! — A sua voz não passava de um ruído áspero e ofegante. As lágrimas começaram a deslizar-lhe dos olhos.

Ficou à escuta por um momento e ouviu o som das ondas que batiam na praia lá em baixo, ensurdecendo o silêncio da noite. Esforçou-se por ouvir outros sons e rezou na esperança de que o seu triste pedido fosse ouvido.

Milagrosamente, ouviu o rangido de passos que se aproximavam.

— Aqui! Estou aqui! Por favor... — Mordeu o lábio com força e fê-lo sangrar. — Por favor.

Os passos mantiveram-se lentos e seguiram o seu inevitável caminho.

Uma sombra caiu sobre ela. Um rosto invisível contra a escuridão. Porém, ouviu a voz.

— Lamento, Lucy. Tens de acreditar.

Medo e incredulidade não acalmaram o seu corpo inquieto. Tentou voltar-se para o som, procurar a sua fonte, mas abanou a cabeça, frustrada.

*Lamento?*

A sua mente esforçava-se para processar as palavras, para acreditar naquilo que ouvia.

— Não... não podes... — murmurou. Tentou abrir de novo a boca, mas dela não saiu qualquer som.

Protegido pelo manto de escuridão, ele olhou-a por um longo momento, e o turbilhão de recordações misturou-se com o arrependimento. Aproximou as mãos trémulas da garganta dela e

sentiu-lhe a pulsação acelerada. Fez uma pausa, perguntando a si próprio se não teria cometido um erro ao levá-la para ali.

Mas, dessa vez, não. Não haveria mais erros.

A morte não chegou de imediato a Lucy, mas, nos longos momentos antes de a luz se extinguir, pensou na sua casa.

# CAPÍTULO 1

21 DE DEZEMBRO

Horas mais tarde, curvada devido ao frio de uma manhã de dezembro, Liz Morgan decidiu chamar o cão através do portão que levava às ruínas. Depressa se apercebeu de que a madrugada estava próxima. Apenas um pouco ofegante caminhou por entre as pedras, sentindo a paz nas antigas paredes que pareciam levemente descaídas na sua antiguidade. Tal como ela própria, pensou, pois não era a primeira vez que se apercebia de que os passeios matutinos com o cão já não alteravam o peso que parecia ter-se instalado confortavelmente nas suas ancas.

Contornando a esquina, preparou-se para a rajada de ar frio vinda do mar e não ficou desapontada. Com o mosteiro nas suas costas, pôs-se de pé e viu a manhã erguer-se e iluminar o castelo de Bamburgh contra uma onda de bruma azul. O castelo situava-se num monte escarpado na parte sul do continente e a sua pedra cálida, cor de ferrugem, começava a arder na primeira luz: um tributo adequado ao que fora outrora o lar de reis de Inglaterra há muito esquecidos. Os olhos dela lacrimejavam devido à brisa, obrigando-a a afastar o cabelo que caíra sobre eles, já grisalho nas têmporas. Acariciou distraída o pelo do labrador cor de chocolate que estava habituado à rotina e se instalou a seu lado, enquanto a dona prestava uma homenagem silenciosa.

Os minutos passaram de forma agradável, antes de Liz dar meia-volta para percorrer o perímetro com a vaga intenção de ir para casa tomar o pequeno-almoço e um duche quente. Os muros pareciam

murmurar quando o vento uivava através das fendas, observando o seu caminho, aguardando em silêncio.

Não tiveram de esperar muito.

Com o seu hálito a formar uma nuvem no ar frio, Liz arquejou, ao rodear a borda do promontório e seguiu o cão que ladrava e corria à frente dela.

Depois estremeceu e imobilizou-se, e os seus joelhos cederam.

— *Bruno!*

Chamou automaticamente o cão que explorava o que se encontrava mais adiante. O horror veio a seguir, com um sabor ácido. Vomitando a bÍlis que lhe subia na garganta, Liz recuou, o corpo negando inconscientemente o que os olhos viam. Esforçou-se por respirar, por ultrapassar as primeiras ondas de choque. Por fim, esforçou-se por olhar mais uma vez.

A jovem que fora Lucy Mathieson encontrava-se deitada, nua, num altar. Um muro de pedras quebradas abrigava-a do vento forte e do mar, permitindo-lhe uma certa solenidade. O corpo estava cuidadosamente disposto, com os braços e as pernas compostos para conservar alguns vestÍgios de dignidade, mesmo na morte. Os hematomas manchavam a pele sem vida do pescoço e dos braços. O cabelo escuro e comprido aparecia disperso num arco gracioso atrás dela, colado com sangue nas têmporas e húmido da chuva que caÍra durante a noite. Os olhos, antes cor de violeta, estavam agora cobertos por uma película branca e olhavam, cegos, para a nova madrugada.

Num chalé, do outro lado da aldeia, Ryan bebeu outra chávena de café e saboreou o correr da cafeÍna nas suas veias. Passara mais uma noite insone a ouvir as ondas que batiam na praia, desejando esquecer. Dirigiu-se a uma janela sobranceira ao passadiço e encostou-se ao parapeito. Os seus olhos, da mesma cor ao céu coberto, observavam as ondas do mar e sabia que dentro de mais ou menos uma hora o passadiço estaria aberto da ilha até ao

continente. As luzes piscavam no outro lado do canal e pouco consolo lhe ofereciam por saber que não era a única pessoa acordada àquela hora. Mais cinco minutos, disse para consigo, e faria a tal corrida que andava a adiar havia semanas.

— Pois sim — resmungou olhando para dois pequenos barcos de pesca que se dirigiam ao porto.

Quando um peneireiro desceu em voo picado sobre a praia rochosa do outro lado da janela, voltou a pensar no trabalho.

*Não estás a trabalhar*, recordou-se de que os seus serviços não seriam requeridos pela Polícia de Northumbria num futuro imediato. Torceu os lábios e passou a mão pelo cabelo negro, despenteado.

— Idiotas! — Foi tudo o que disse, mas estava mais zangado consigo mesmo. O departamento sugerira que gozasse uma licença de pelo menos três meses. Como se soubessem o que era melhor para ele.

E nem lhe tinham dado outra alternativa.

Encostou a testa ao vidro frio da janela. Afastar-se do trabalho por algum tempo podia ser a melhor coisa que alguma vez fizera. O único problema era ficar com demasiado tempo livre. O silêncio tinha uma maneira de abrir a porta às memórias que deveria esquecer.

Cansado, fechou as pálpebras pesadas, para logo as abrir ao som de uma pancada forte. Por um breve momento pensou que poderia ter sido a sonância da ressaca brutal na sua cabeça, mas o som repetiu-se, desta vez mais insistente. Afastou-se da janela e foi à porta.

As pancadas eram agora mais fortes.

— Sim... já vou! — O sotaque suave tornava-se mais articulado quando elevava a voz. Restos de tempos passados num colégio interno onde não só se esperava, mas antes se exigia que os alunos falassem o inglês correto, tal como os modos e a maneira de vestir apropriada. Surgiu-lhe um sorriso ao canto dos lábios ao ver o reflexo no espelho da entrada.

*Não segues exatamente as regras da casa, Ryan,* pensou, reparando na camisola de lã amarrotada, nas calças de ganga desbotadas e na barba por fazer.

Maxwell Charles Finley-Ryan. Preferia apenas «Ryan». A vida era já bastante complicada sem que se lhe acrescentasse uma série de nomes ridículos.

Remexeu na fechadura e, por fim, a porta abriu-se. Esforçou-se por reconhecer a mulher que tremia diante dele. Cinquenta e alguns anos, magra, com cabelo louro-cinza num corte arredondado, mas despenteado e húmido devido ao mau tempo. Agarrava com força as lapelas do anoraque e tremia ligeiramente. Um labrador castanho-escuro gania atrás dela.

Dawn? Jeanette? Pensou que a vira a trabalhar numa das lojas de artesanato da aldeia.

— Ah... — Tentou lembrar-se das delicadezas sociais apropriadas, mas ela interrompeu-o e as palavras saíram-lhe em catadupa dos lábios dormentes.

— Encontrei-a no mosteiro. Tem de vir comigo.

Ryan ergueu uma sobrancelha, mas o instinto invadiu-o. As pupilas dela eram meros pontos no rosto. Tremiam-lhe as mãos e tinha uma respiração irregular.

— *Okay*, espere... Liz... — Recordou-se repentinamente que ela lhe vendera uma vela com perfume floral que ele mandara à mãe. — Entre, saia do frio.

— Não, não, tem de vir *já*. — O corpo dela estremeceu quando ele tentou pegar-lhe delicadamente nos braços.

— Vou ajudá-la, mas primeiro tem de entrar e sentar-se.

Conduziu-a pelo pequeno corredor até à sala onde havia uma agradável lareira e um sofá de cabedal muito gasto. Desejou ter o lume aceso. Lamentou ainda não ter retirado os restos da garrafa e meia de vinho tinto da noite anterior, mas pela expressão do rosto da mulher, percebeu que ela não reparava no que tinha em seu redor. O cão seguiu-os, recusando deixar a dona.



— Pronto! — Fê-la sentar-se no sofá. — O que aconteceu? Está ferida?

— Não. Não sou eu! — Tinha uma expressão angustiada. — É a Lucy... está deitada ali no mosteiro.

Ele viu que grossas lágrimas lhe deslizavam pelo rosto e teve uma sensação de aperto no estômago.

— O que aconteceu à Lucy? — perguntou com voz firme.

— Não sei. Mas está morta — disse ela em voz cava, interrompida por soluços profundos e pela respiração entrecortada. — Tomei conta dela quando era pequena. A mãe... oh, meu Deus... como vou dizer à Helen? — Fechou de novo os olhos, e quando voltou a abri-los estavam escuros de desgosto. — Era apenas uma criança. Apenas uma criança. — Começou a chorar, com soluços terríveis que faziam estremecer o seu corpo magro.

Ryan sentiu o corpo apertado. Parecia que, apesar do que o departamento ordenara, a morte seguia-o onde quer que fosse.

— Tem a certeza?

Ela conseguiu acenar com a cabeça.

— Sim.

Ele acreditou.

— Espere aqui — murmurou, depois dirigiu-se rapidamente ao telefone da entrada, procurou o número da guarda costeira local e fez a chamada. Não havia força policial na ilha.

— Alex? — O telefone foi atendido depois de dois ou três toques, e ele sabia que o elemento responsável já estaria a pé há pelo menos uma hora, a cumprir o seu turno.

— Sim? — A voz, com o seu sotaque musical do norte, tinha um tom amigável. — Tens uma emergência?

— Preciso que limites a zona até ao mosteiro. Neste momento, ninguém pode ter acesso. Só eu.

— Como? Olha que não podes...

— Está lá uma rapariga morta.

Um zumbido e silêncio do outro lado da linha, até a voz de Alex se fazer ouvir de novo, mas num tom baixo.

— Tens a certeza?

Ryan pensou na mulher que estava na sala. Havia sempre a esperança de que Liz se tivesse enganado.

— Chama o médico daqui e diz-lhe que vá ter connosco à entrada do mosteiro. Vamos confirmar. — Não podia deixar que toda a gente das redondezas fosse dar uma olhadela ao local do crime. — Que ninguém entre ou saia sem o meu conhecimento. Leva fita para isolares a zona e qualquer coisa para cobrires os pés e a roupa... um fato-macaco se tiveres. — Ryan fez uma pausa para abrir a porta da rua e inspirou o ar. — Leva também uma lona ou uma manga de plástico se te parecer que vai chover. Vou ter contigo lá acima assim que puder. Contacta a polícia do continente. Pede à sala de controlo que fale com o Gregson e que mandem cá uma equipa.

Alex soltou um longo suspiro antes de responder.

— O meu pai é o médico da ilha, por isso vou já contactar com ele. Mas só daqui a uma hora é que a estrada estará livre para a polícia passar. Ah Ryan, vais... — pigarreou incomodado. — Olha que eu nunca fiz nada disto.

A guarda costeira de Lindisfarne tinha uma autorização especial para agir como equipa de resposta inicial em caso de emergências, mas, até ali, limitara-se a intervir em algumas discussões pouco importantes nos bares e num desentendimento entre turistas sobre quem tinha batido no jipe de quem. Homicídio era, sem sombra de dúvida, um desbravar de terreno.

— Eu ajudo. Cinco minutos, Alex. Dez no máximo.

Repôs o auscultador e voltou à sala, detendo-se um instante à porta. Liz estava sentada, encolhida, parecendo mais velha e frágil do que antes. Tinha o rosto pálido, os olhos demasiado escuros e as mãos ainda trémulas.

— Liz — disse ele com suavidade e viu como ela se sobressaltava. — Há alguém a quem eu possa ligar? Posso trazer-lhe alguma coisa?

Talvez um copo de água?

— Preciso do Sean. — E deu-lhe o número.

Ryan telefonou ao marido dela e explicou a situação. A imediata preocupação na voz do homem disse a Ryan que não seria necessário esperar muito tempo até o ouvir bater à porta. Felizmente, ela tinha alguém.

Passou uns minutos a tirar as notas de um breve depoimento antes que Liz se fosse completamente abaixo. O marido chegou logo a seguir e, quando Ryan os viu sair, interrogou-se acerca da razão do primeiro instinto de Liz ter sido correr para ele e não para o marido que amava. Com o coração apertado, agarrou no telemóvel e no material de campo que guardava no armário da entrada.

Parecia que a sua licença sabática de três meses terminara.

Ryan saltou o portão dos visitantes do mosteiro e as suas pernas compridas permitiram que os sapatos cobertos de plástico lhe chegassem ao chão. Reparou que o acesso ao público ainda não fora vedado, o que teria de ser remediado imediatamente. Claro que os elementos da guarda costeira tinham sido lentos a chegar. Pegou no rolo de fita da polícia e nem questionou o cinismo que o levava a guardá-lo quando fora para Lindisfarne. Desenrolou a fita diante da entrada e ao longo da vedação.

— Terá de chegar por agora — resmungou.

Olhou em volta. O local era isolado, a aldeia era responsável por noventa por cento das estruturas da ilha, apenas com algumas casas de férias espalhadas pela praia ou nos arredores. Conseguia ver dali os limites da aldeia à sua esquerda e o porto que se espraiava em direção ao forte com o edifício da guarda costeira na sua base à direita. Não havia carros sugestivamente estacionados, não se via ninguém, apenas a rapariga esperava por ele.

Os seus olhos observavam tudo enquanto caminhava cuidadosamente sobre a erva musgosa que crescia entre os muros. Ia tirando fotografias — a equipa forense fá-lo-ia, mas nunca se

sabia o que lhe podia escapar da primeira vez. Não se viam trilhos ou pegadas para além do caminho muito usado que rodeava o perímetro do local, mas, de qualquer forma, caminhou com cuidado. Sem qualquer indicação óbvia de onde encontraria o corpo, Ryan seguiu a descrição de Liz e preparou-se, com a percepção de que estava próximo ao caminhar junto às paredes altas e arqueadas e ao sentir um inconfundível cheiro adocicado.

Não era a primeira vez que via a morte. O seu organismo sobressaltou-se, mas não sentiu repugnância. Uma jovem que fora muito bela estava agora deitada sobre uma laje de pedra. Tinha as pernas separadas e apenas a sua longa experiência lhe permitiu continuar a olhar sem se sentir voyeurista. Reparou que os animais haviam já começado o seu trabalho, mas calculou que ela tivesse morrido poucas horas antes. O corpo parecia rígido, mas não completamente hirto como muitos que vira. O *rigor mortis* já se estabelecera, mas muito recentemente, na sua opinião. Fotografou o cadáver de todos os ângulos e depois afastou a câmara para abarcar todo o local.

Franziu a testa e baixou a máquina fotográfica. A jovem parecia ter sido *arranjada*. Estava deitada, nua, com as palmas das mãos voltadas para cima, estendidas. O sangue do corte que Ryan via que lhe cobria o cabelo e as têmporas fora usado para lhe manchar a testa e as palmas das mãos, e para lhe imprimir linhas por todo o tronco, desde o peito ao umbigo. O cabelo parecia ter sido penteado para lhe emoldurar o rosto.

Ryan suspirou. Por entre o cheiro já maduro do início da decomposição, havia algo mais, sem sombra de dúvida. Um cheiro a ervas, que o fez pensar em caril, nem sabia bem porquê. Afastou a ideia e olhou de novo. A jovem não morreria da pancada na cabeça, pensou. Aproximou-se com cuidado, evitando chegar muito perto do cadáver. Porém, viu os hematomas que lhe cobriam o pescoço esguio e os sinais dos vasos sanguíneos quebrados na pele do rosto. Alguém com mãos grandes a estrangulara e lhe acabara com a vida.

Faltavam as roupas.

— Cheio de cuidados, não é verdade? — murmurou Ryan.

Observando sempre, recuou para a entrada para vigiar o local até à chegada da guarda costeira.

— Fizeste isto com toda a calma — disse, olhando para o relógio. Eram quase seis e um quarto.

A polícia não chegaria à ilha senão quarenta minutos depois; pedir um helicóptero à base da RAF no continente levaria o mesmo tempo, tal como a tentativa de fazer chegar um barco.

Ryan precisava de fazer um telefonema e não podia adiá-lo por mais tempo.

Retirou o telemóvel do bolso, marcou o número e, inconscientemente, endireitou os ombros.

— Gregson. — O vociferar habitual do superintendente, comandante do CID da zona de Northumbria, surgiu na linha.

— Fala Ryan, superintendente.

Houve uma pausa mínima.

— Ainda bem que o oiço. Trata-se de uma chamada de cortesia? Porque se é, a esta hora é pouco simpático.

Ryan ignorou a pergunta, pois sabia que Arthur Gregson chegava impreterivelmente à secretária às seis em ponto da manhã, chovesse ou fizesse sol. Apesar do seu posto, Gregson era sempre o primeiro a chegar e o último a sair. Não parecia ter sido informado do ocorrido, de modo que Ryan foi direito ao assunto.

— Superintendente, sabe com certeza que eu estou a passar uma temporada em Lindisfarne. Há aproximadamente quinze minutos, fui informado de um incidente por uma habitante da ilha, a primeira pessoa a chegar ao local. Na ausência de um agente, recebi o depoimento preliminar da testemunha e, como é devido, contactei a guarda costeira, pois não existe presença policial na ilha. Aconselhei-os a contactarem as autoridades locais e a reportarem o caso ao seu gabinete.

— Incidente? — Gregson não era homem de desperdiçar palavras.

— Sim, superintendente. Julguei prudente dirigir-me ao local nas ruínas do mosteiro e instruir os elementos da guarda costeira que, na primeira oportunidade, isolassem a zona e outros pontos de acesso. A primeira observação indica morte suspeita de uma jovem daqui, de aproximadamente vinte anos. — Pensou no corpo que se encontrava poucos metros atrás de si e falou em voz mais firme: — Parece ser um homicídio com conotações ritualísticas.

Houve um suspiro quase inaudível do outro lado da linha.

— Creio que cumpriu o seu dever, Ryan. Vou mandar o Phillips ou a MacKenzie.

— Superintendente, peço autorização para regressar ao serviço e conduzir a investigação.

— Está fora de questão.

Ryan rangeu os dentes. Não que não o esperasse.

— Creio que já houve um período de recuperação suficiente desde que estive pela última vez no ativo. — Não conseguia falar do assunto. Quando prosseguiu, assegurou-se de que falava num tom equilibrado... — Com todo o respeito, gostaria de recordar que tenho sido um membro ativo da comunidade local. — Nem pestanejou ao mentir, mas pensou nas horas que passara, deitado na cama e a olhar pelas janelas. — Conheço a ilha e os seus habitantes. Estou numa posição única para interrogar e investigar.

À secretária do posto de comando, Arthur Gregson recostou-se na larga cadeira de couro — presente da mulher para lhe aliviar as contantes dores nas costas — e tamborilou com os dedos largos e eficientes na secretária que mantinha imaculada. Ryan era um dos seus melhores homens. Até havia bem pouco tempo fora enérgico e diligente, e Gregson sabia que, por baixo daquele belo exterior que as mulheres pareciam adorar, havia uma mente perspicaz. Ryan subira rapidamente. Uma educação elegante ajudara a conseguir boas oportunidades, mas não substituíra a experiência e tinha de admitir que Ryan se dedicara ao trabalho e conseguia o resto por si

só. Fora ele próprio quem promovera Ryan a inspetor-chefe há dois anos.

Seis meses antes, Ryan vira-se numa posição impossível e os custos pessoais haviam sido elevados. A questão era se estaria pronto para regressar à atividade. Gregson observou rapidamente o relatório psicológico do departamento, o protocolo e toda a papelada.

— Consultou o tal psicólogo que o departamento recomendou? Fez um *check-up* com o seu médico?

A pausa foi suficientemente longa para que Gregson entendesse a resposta.

— Eu...

— Valha-me Deus, Ryan.

Ryan tentou com dificuldade engolir o seu orgulho, pensando mais uma vez na rapariga morta ali perto dele.

— Posso tratar dessas duas questões.

Envergando um fato de alfaiate da mesma cor do seu uniforme de gala, com o seu cabelo grisalho, Gregson era um homem imponente que podia fazer política e discursos como os melhores. Mesmo assim, não se sentia tão à vontade à secretária e nunca se esquecera do tempo na patrulha e dos que trabalharam no CID antes de subir a um posto superior. Era um homem cauteloso e meticoloso, mas não receava seguir o seu instinto.

— Veja lá o que faz. — Outra pausa. — Confirmo o término do seu período sabático desde que contacte o seu médico, e que este confirme as suas capacidades físicas. E eu ficaria muito mais descansado se consultasse um psicólogo.

— O relatório mencionava-o como recomendação e não como uma exigência, superintendente.

Gregson reconheceu que era verdade e tentou não se preocupar.

— Regresse então imediatamente ao serviço efetivo. — Hesitou, mas, de qualquer forma, arriscou. — Passa a ser o responsável pela investigação. Escolha a equipa.

O alívio era palpável, porém, a voz de Ryan manteve-se controlada.

— Obrigado. Para começar, fico com o Phillips. Preciso de uma equipa forense e de alguns agentes para serviço de vigilância e de porta-a-porta. — Olhou em redor, pensou nas dimensões da zona e nos elementos envolvidos. — Não tenho preferência pela equipa forense, mas o Faulkner é bom.

— Vou falar eu mesmo com o Phillips para os reunir.

— Agradecia que segurasse a comunicação social o maior tempo possível. Ainda não tive oportunidade de informar a família mais chegada.

— Arranje uma declaração preliminar até esta tarde, de contrário estas coisas têm o hábito de se saberem por si só. Quero relatórios regulares. Não me desiluda.

— Entendido.

— Oh! E Ryan? Bem-vindo.

Ryan guardou o telemóvel no bolso quando ouviu o som de passos que se aproximavam e de vozes baixas. Sentiu-se preparado e com a adrenalina a invadir-lhe o organismo antes de conseguir descontraí-lo. Viu os habituais coletes vermelhos do responsável da guarda costeira e do ajudante contornarem a esquina. Acenou com a cabeça aos dois homens e observou-os. Reconheceu o mais velho, Alex, que era conhecido na aldeia. Tinha pouco mais de um metro e oitenta, cerca de trinta anos, era louro e atlético, com feições simpáticas, o que fazia com que fosse apreciado pelas mulheres. Parecia mais um surfista do que um elemento da guarda costeira; Ryan vira-o passar pela sua casa a fazer *jogging* ao princípio da noite e quase o motivara a sair para lhe fazer companhia.

Pete, o ajudante, tinha um rosto jovem. De facto, parecia que a sua voz havia mudado apenas há pouco tempo, mas usava uma pera para tentar compensar. Tinha praticamente a mesma altura do seu superior, mas era mais magro e com os membros mais compridos. Trazia o cabelo castanho-claro despenteado, pouco de acordo com a



sua barba bem desenhada, o que indicou a Ryan que devia ter acabado se sair da cama.

Os dois homens pareciam nervosos.

— Por que raio levaram tanto tempo?

— Ryan. — Alex acenou com a cabeça, tirou os óculos escuros e empurrou-os para o seu abundante cabelo louro, enquanto estendia a mão.

— Desculpe a demora. Tivemos problemas em encontrar uma manga de plástico a estas horas da manhã.

Ryan apertou rapidamente a mão do outro homem, ignorou o sarcasmo e acenou com a cabeça ao silencioso Pete.

Ryan recuou, olhou para os dois e desejou ter ali uma equipa de profissionais, porém sabia que tinha de se contentar com o que tinha.

— A primeira coisa que preciso que façam é cobrirem os vossos sapatos e roupas. Trouxeram fato-macaco?

— Ah...

Ryan praguejou em surdina e procurou na mochila.

— Pronto! — vociferou, atirando-lhes sacos de lixo. Depois esperou que atassem os plásticos em redor das botas e da parte de baixo das calças. — Terá de servir por enquanto. Preciso que usem a manga de plástico para proteger o local. Creio que vai chover.

Com ar de dúvida, Alex olhou para o céu forrado de azul, coberto pelo sol pálido, mas ficou calado.

— Vamos então.

Dirigiram-se ao trilho dos visitantes, com o plástico fustigado pela brisa. Quando entraram no mosteiro, Ryan observou as reações dos dois homens. Pete foi o primeiro a ceder. Levou a mão ao estômago, voltou-se e vomitou de imediato o pequeno-almoço.

Ryan não podia censurá-lo. Das primeiras vezes, todos ficavam afetados.

Alex desferiu uma palmada viril nas costas de Pete, mas, a julgar pela coloração esverdeada sob o seu bronzeado estival, parecia que

também ele tentava conter-se.

— Meu Deus... — Levou à boca as costas da mão. — Meu Deus!

— Deus não teve nada que ver com isto — resmungou Ryan, observando o outro homem. Alex tinha uma expressão que vira centenas de vezes e que reconheceu como uma espécie de fascinação horrorizada. Olhava agora o cadáver com olhos esbugalhados e a garganta apertada. Ryan avançou para lhe ocultar a vista e viu que os olhos dele reagiam.

— Preciso de uma tenda para estabelecer um perímetro em volta do cadáver — disse, aguardando que o outro lhe desse toda a atenção. Ryan olhou para o céu que começava a ficar encoberto.

— Chamava-se Lucy — interrompeu o outro homem em voz dura.

Ryan fez uma pausa e a sua expressão era confusa antes de anuir.

— Tem razão, preciso que a zona em volta da Lucy seja protegida... um perímetro de dez metros em redor do corpo dela. Vai chover.

Juntos, formaram um perímetro com a manga de plástico, deixando um espaço grande em redor do cadáver de Lucy e improvisaram uma proteção por cima. Ryan reparou que, no fim, os dois homens respiravam com dificuldade e ficou satisfeito por o terem levantado juntos, sem contaminarem o local. Se precisavam de vomitar, fá-lo-iam algures. Ambos mantiveram os olhos na tarefa e nada disseram até que a voz agitada de Pete interrompeu o silêncio.

— Não a podemos tapar? Quer dizer, porque temos de a deixar ali nua?

Ryan olhou para o homem, que afinal ainda era um rapaz, e viu a tristeza dos olhos dele. Disse para consigo que tinha de se manter firme.

— Trata-se de um local do crime, Pete. Não fez a sua formação de atuar em emergências?

— Sim, mas...

— Então deve saber que o local não deve ser, de modo algum, contaminado até à chegada da equipa forense.

— Só que... — Pete tinha os olhos marejados de lágrimas. — Nada. Não importa.

Terminado o trabalho, Pete saiu da tenda e dirigiu-se para o extremo oposto da igreja.

— Para ele é difícil — começou Alex, vendo como o ajudante se esforçava por manter a compostura. — Andou na escola com a Lucy. Todos a conhecíamos, mas eles cresceram juntos.

— Hã-hã. — Foi tudo o que Ryan disse, mas guardou a informação para mais tarde. Tinha de tratar de assuntos mais importantes.

— Preciso que vigiem a entrada dos visitantes. Há outros pontos de acesso?

Alex abanou a cabeça.

— É o único caminho para subir ao promontório. Os monges construíram-no assim para se defenderem. — Apontou para o mar através das fendas da alvenaria. — Outra maneira para aqui chegar seria escalar aqueles rochedos.

Ryan voltou-se na direção indicada por Alex e viu a descida íngreme em direção à praia protegida por uma vedação de madeira que rodeava o perímetro dos terrenos. Anuiu, de momento satisfeito.

— Manda o Pete vigiar a cancela, precisa de arejar a cabeça. Quero os nomes e as horas de todas as idas e vindas. Olha... — Ryan retirou uma garrafa de água da pequena mochila que trazia. — Dá-lhe isto.

Alex anuiu, pensativo, reavaliando o homem que considerara distante. Voltou-se para dar ordens a Pete. Ryan viu que este acenava com ansiedade, ainda a respirar por entre os dentes. Voltou-se e partiu quase a correr para descer a encosta até ao portão.

— O Pete é bom rapaz. — Alex defendeu o ajudante. — Há muito, muito tempo, que uma coisa assim não acontece na ilha. Que me

lembre nunca no meu tempo.

— As pessoas matam-se umas às outras por esse mundo fora.

— Claro, mas Lindisfarne... é sagrada. — Alex abanou tristemente a cabeça. — É como matar alguém dentro de uma igreja.

Enquanto Alex partia para se juntar a Pete, Ryan voltou-se para Lucy e pediu-lhe desculpas em silêncio. Era mais fácil trabalhar no departamento de Investigação Criminal quando se recuava um passo e tentava manter as coisas impessoais. Se começasse a pensar na Lucy de cabelo castanho e olhos azuis que viera a casa passar as férias de Natal e depois em todos os Natais a que ela não viria, não tinha a certeza de conseguir enfrentar o caso.

Deixou-se ali ficar, com a testa franzida. Era um homem alto, inacessível, imóvel como as pedras em seu redor. Aquilo *era* impessoal. Estava na ilha há apenas uns meses, mas as pessoas como Liz acreditavam que ele faria o seu trabalho. Ryan dissera-lhe que se encarregaria de Lucy e era o que ia fazer. Quer o soubessem quer não, os habitantes da ilha tinham-lhe dado um lar e um abrigo quando precisara. Devia-lhes esse favor.

Além do mais, pensou, enquanto esfregava as mãos geladas, precisavam de ser protegidos de um deles. Tinha a certeza absoluta de que os paramédicos descobririam que Lucy fora morta na noite anterior, depois de a maré ter subido para a isolar do continente, o que significava que alguém na ilha tinha sangue nas mãos.

Viu de novo as horas. Faltavam quinze minutos para a abertura do passadiço.

— Alex! — chamou o homem que saltitava ora num pé frio ora no outro. — É preciso mandar alguém lá abaixo para controlar o acesso da praia. Bloquear a estrada... ninguém pode sair ou entrar no passadiço a menos que vivam ou trabalhem na ilha.

— Ryan, não o podemos fazer. Sabes que hoje vai haver uma enorme afluência. — Alex tinha uma expressão consternada. — Além do mais, não temos pessoal. Tenho o Pete no portão dos visitantes e eu... ah... ainda não consegui falar com o Rob. Fez o turno da noite.

O Mark vem a caminho. — Percorreu a curta lista de elementos voluntários da guarda costeira.

— O que tem o dia de hoje de tão especial? — Ryan encolheu os ombros. — Por estarmos quase no Natal.

Alex olhou-o como se Ryan tivesse duas cabeças.

— Bom, claro que o Natal é sempre movimentado em Lindisfarne, mas hoje é dia vinte e um.

Ryan folheou mentalmente o calendário, mas não chegou a qualquer conclusão.

— O solstício de inverno — esclareceu Alex com uma expressão que parecia querer dizer «forasteiro estúpido».

Ryan não distinguiria um solstício de um xarope para a tosse.

— Muito bem — disse com ar inexpressivo.

Alex mudou de posição e adotou um ar autoritário.

— É o dia do ano em que todos os neopagãos se reúnem para celebrar as noites mais longas e os dias mais curtos. Basicamente, toda a gente se junta na praia para acender fogueiras, cantar umas canções e fazer churrascos.

Ryan não se considerava um homem religioso. Vira na sua vida demasiadas coisas, bem como o que uma pessoa é capaz de fazer a outra, para acreditar numa divindade que o permitisse. Porém, se as pessoas queriam dançar em volta de um pau enquanto se embebedavam, não havia grande mal nisso. A menos que uma delas decidisse avançar demasiado como um sacrifício simbólico, acrescentou, pensando na rapariga que jazia sobre uma laje fria, ali, atrás dele.

— E o que pensam os residentes? — perguntou.

— A população mais velha é, de um modo geral, cristã, mas como a maioria é proprietária de alojamentos locais e de lojas de recordações, sorriem delicadamente e seguem a onda. Os restantes estão-se nas tintas. — Encolheu os ombros com eloquência.

Ryan refletiu por um momento.

— E o vigário? — Fixou o olhar no campanário da igreja da ilha, que mal era visível por cima dos telhados da aldeia. O cemitério nas traseiras da igreja ficava junto aos limites das terras do mosteiro.

— O Mike?! — Alex desatou a rir. — Adora. Todos os anos é uma oportunidade para ele espalhar a palavra e tentar converter uns descrentes.

Ryan fez uma pausa para armazenar aquilo na mente. Era interessante, mas não alterava o facto de que a última coisa de que necessitavam era de um monte de turistas a patinhar o local.

— É precisamente por se esperarem tantos visitantes que eles não podem ter acesso à ilha. Pensa! — interrompeu o protesto do outro. — Teve de ser alguém daqui.

Alex ficou com uma expressão preocupada.

— Isso altera um pouco as coisas. Mesmo assim, os habitantes da ilha não vão gostar.

— Vão gostar muito menos do facto de um deles ter sido brutalmente assassinado. — Não estava disposto a ceder. — Descobre o Rob e o Mark, se for necessário arrasta-os para fora da cama com as tuas próprias mãos, mas por amor de Deus manda-os para a praia. Quero os nomes e as matrículas de todos os carros que se aproximem ou que estejam de saída.

Fez uma pausa e recordou-se de Liz.

— Mark... é o Mark Bowers?

Alex assentiu.

— Faz voluntariado uma ou duas vezes por semana na guarda costeira. O resto do tempo faz a gestão do museu local e da loja de recordações e organiza passeios turísticos.

— Tens de lhe dizer que hoje o museu vai ficar fechado ao público. Não vai haver visitantes. Diz-lhe também para não incomodar a Liz Morgan. Ela hoje não vai trabalhar na loja.

Alex anuiu com uma expressão sombria e afastou-se.

Satisfeito por ter posto as coisas em movimento, Ryan optou por ligar ao assistente pessoal de Gregson para deixar uma mensagem.

Sabia que era cobarde da sua parte, mas não lhe apetecia discutir os prós e os contras de fechar toda uma ilha ao público. Nem poderia debater-se essa questão.

## CAPÍTULO 2

Ryan estava de guarda ao cadáver de Lucy quando o sargento Phillips chegou, logo seguido de dois agentes. Ryan reconheceu Tom Faulkner e o seu ajudante. Os forenses detiveram-se para trocar breves palavras antes de entrarem imediatamente na tenda onde Lucy esperava. Ryan voltou-se para o sargento. Phillips era um homem baixo e atarracado com físico de pugilista e o rosto curtido. O fato cinzento-escuro não condizia com ele, porém, estranhamente, a gravata cor-de-rosa clara com bolinhas amarelas ficava-lhe bem.

— Ryan. — Apertou com força a mão de Ryan e sacudiu-a com entusiasmo, usando a outra para lhe dar uma palmada no ombro. Que bom voltar a vê-lo.

Ryan não se ofendeu com a falta de formalidade. Podia ter uma patente superior, mas era uns bons quinze anos mais novo que Phillips e tinham-no ensinado a respeitar os mais velhos. Nos primeiros tempos tivera por vezes de se afirmar, mas a experiência limara as arestas mais ásperas para deixar uma amizade ligeira e uma relação de trabalho ainda mais ténue.

— O mesmo digo eu, Frank. — E apercebeu-se de que o dizia com sinceridade.

— Quem me dera que fosse para bebermos uma cerveja e não numa coisa destas. — Phillips abanou a cabeça indignado. — O posto de controlo deu-me as informações básicas. Nunca deixa de me espantar o que conseguem fazer alguns canalhas. — Com os seus brilhantes olhos castanhos observou perspicazmente o local, agora protegido com o plástico que batia ao vento.



Phillips olhou para o homem alto que tinha diante de si e pensou que este parecia mais cansado e magro do que meses antes. Mesmo assim, havia uma centelha encorajante nos seus olhos.

— O Gregson disse-me — acrescentou e viu que Ryan voltava o rosto lentamente, expectante. Admirava o modo como os movimentos de Ryan pareciam sempre pouco apressados. — Deu-me uma ideia geral, disse-me que estava de volta ao serviço.

Ryan manteve-se em silêncio, com os olhos velados.

Phillips soltou uma pequena gargalhada, entendendo-o perfeitamente.

— Ainda bem que está de volta. Já não aguentava mais as merdas da MacKenzie.

Ryan quase sorriu. Não era segredo que havia suscetibilidades entre o sargento Phillips e a inspetora Denise MacKenzie. Não ajudava o facto de MacKenzie ser uma mulher forte e atraente com uma cabeleira ruiva cintilante e um temperamento de acordo com a sua ascendência. Também não era segredo que Frank Phillips andara de roda dela, convidando-a para sair nos cinco anos seguintes à morte da mulher.

— Um dia terá de enfrentar a situação, Frank.

— Não sei de que está a falar. — Bateu com o sapato gasto no musgo com uma expressão aborrecida.

Ryan torceu os lábios, mas ficou imediatamente sério ao ver um homem mais velho caminhar por entre as pedras no lado oposto do cemitério do mosteiro, vestido de acordo com as intempéries, com um casaco encerado verde-escuro e umas botas gastas. A pequena mala que trazia consigo era o sinal inconfundível de que se tratava do médico da ilha. Viu que o homem fazia uma pausa para falar com Alex entre as pedras tumulares. Ryan conseguiu ver as parecências entre eles.

— A equipa forense dar-nos-á uma ideia melhor, mas calculo que ela está morta no máximo há cinco horas — disse a Phillips.

— Mas ontem à noite choveu. — Phillips observou o percurso do médico que subia pesadamente a encosta. Phillips e Ryan sabiam que a chuva lavava tudo, incluindo as provas de ADN.

— Bem sei, Frank. Espero que possamos conservar tudo o que resta — disse carrancudo.

— O Gregson mencionou que se tratava de uma rapariga da vila. — Phillips soprou nas mãos, desejando ter-se lembrado de calçar luvas.

— Uma miúda morena e bonita daqui, chamada Lucy Mathieson. Conhecia-a vagamente; a família vive na ilha. A mãe é doméstica, o pai professor reformado. Estava fora, na universidade de Newcastle. Veio a casa passar o Natal.

Ryan estava espantado ao aperceber-se de que sabia tanto acerca das pessoas da terra. Na sua opinião, fora simplesmente um participante passivo na vida da ilha. Talvez, afinal, o seu instinto natural para observar tudo e todos em seu redor não se tivesse extinguido.

Phillips abanou de novo a cabeça.

— Arranjou um belo sítio para isto.

Ryan concordou, olhou por instantes para o mar e, a seguir, de novo para o altar. As pedras esboroadas indicavam o local de paredes altas e firmes que abrigavam os santos homens das intempéries. Colunas de variadas alturas situavam-se no centro do que julgava ter sido o principal lugar de culto. Franziu a testa, juntando as sobrancelhas negras, enquanto lançava um novo olhar ao local. Bocados de pedra e rocha, que outrora haviam sido usados para formar linhas perfeitas e bem construídas, tinham sido deslocados e espalhados num padrão mais ou menos circular, a poucos metros do lugar onde se encontrava a jovem. À primeira vista, parecia ser deterioração natural, mas, mesmo assim, ficou a pensar.

— Parece... — fez uma pausa para encontrar a palavra certa. — Cerimonial.

Phillips soltou um suspiro.

— Detesto estes malditos homicídios rituais. Já é mau terem despachado a pessoa e ainda têm de cantar e dançar à volta dela. Tornam tudo pior.

Ryan sabia que Phillips precisava de conversar. Toda a gente tinha uma maneira própria de lidar com a morte, principalmente quem tinha de lidar com ela de perto.

— Hoje é o solstício.

Phillips ergueu uma sobrancelha frondosa.

— Não sabia que entendia dessas esquisitices.

— Não entendo. Mas não faz mal saber o que se passa à nossa volta.

Phillips mordeu o lábio inferior.

— Nesse caso vai ser difícil afastar as pessoas da ilha.

— Bem sei. Estou à espera de uma chamada do Gregson a qualquer momento. E depois vou tratar disso.

— O bloqueio da estrada fez-nos ganhar algum tempo — refletiu Phillips. — Mas isto aqui é popular no Natal, mesmo que não seja um dia especial.

Ryan enfiou as mãos nos bolsos com impaciência.

— Malditos turistas.

Phillips olhou-o de soslaio.

— Mas você também é turista nestas paragens.

O fantasma de um sorriso brincou nos lábios de Ryan.

— Pois, já me apanhou.

Os dois homens ficaram em silêncio quando, por fim, o médico se aproximou, levemente ofegante. Rex considerou-o uma versão mais velha do filho. Com cerca de sessenta anos, um rosto atraentemente enrugado, um ar experiente e uma constituição esguia de cerca de um metro e oitenta. Apresentava uma cabeleira grisalha com reflexos louros e os alegres olhos verdes, que o filho herdara, cintilavam sobre a improvisada tenda antes de descansarem com sobriedade sobre o rosto de Ryan.

— Ryan, não é verdade? — Passou a mala da mão artrítica para a outra, antes de a estender. — O Alex disse-me que era urgente.

— Obrigado por ter vindo tão depressa, doutor Walker. — Ryan apertou-lhe a mão firme.

— Trate-me por Steve, por favor.

— Este é o sargento Frank Phillips. Vai trabalhar comigo na investigação.

Ryan reparou que o olhar do homem mais velho registava uma leve surpresa e apercebeu-se de que fora obviamente assunto de alguma discussão na ilha. Pelo menos o médico fora franco.

— Não sabia que estava de visita a Lindisfarne a título profissional, senhor Ryan.

Por outras palavras, pensou Ryan, espalhara-se a notícia de que ele se escapulira para Lindisfarne como um animal ferido. Queria ofender-se com a falta de privacidade, mas os olhos que o observavam eram bondosos.

— Creio já ter descansado e relaxado o suficiente, doutor Walker. — Manteve deliberadamente as coisas formais, enviando um olhar eloquente à cena que se encontrava atrás de si. — Vou ser o agente responsável pela investigação da morte da rapariga que foi identificada como Lucy Mathieson. O corpo dela foi encontrado há menos de uma hora. Na ausência de um médico-legista, ficaríamos gratos se pudesse confirmar a morte e informar-nos acerca de outras observações médicas preliminares.

O médico seguiu-lhe o olhar.

— Lucy?! — Abanou a cabeça com uma expressão triste, o queixo descaído e os olhos cheios de lágrimas. — Ajudei esta menina a vir ao mundo.

Ryan e Phillips mantiveram-se em silêncio. Não podiam dizer nada.

— Os pais dela vão ficar de rastos. Talvez tenha havido um acidente terrível... — O som da sua voz desvaneceu-se.

— Não — declarou Ryan definitivamente. — Duvido que se trate de uma morte accidental, mas, como já disse, ficaríamos gratos pelas

suas observações. — Fez uma pausa para reconsiderar. — Se o doutor pensa que o seu conhecimento anterior com a falecida pode comprometer o seu trabalho...

O médico recompôs-se visivelmente, mas os seus olhos continuaram tristes.

— Não. Suponho que devo ver isto como fazendo parte do ciclo da vida. Só Deus sabe como durante toda a minha carreira tenho tentado entender a razão para que as pessoas boas sofram a devastação do cancro e de todo o tipo de doenças, porém, só tive a infelicidade de verificar uma morte abominável antes desta.

Ryan arrebitou as orelhas.

— Aqui na ilha?

— Não, não. Há muitos anos, quando vivíamos em Newcastle. Trabalhei como médico da polícia nos primeiros anos da minha carreira, antes de decidir ser médico de clínica geral. Pensamos que estas coisas podem acontecer numa grande cidade, mas não na comunidade da nossa pequena ilha.

— Não sabia que tinha sido médico da polícia.

— Sim. Quando era jovem e pensava que seria uma carreira interessante. — O médico abanou a cabeça, recordando provavelmente dos tempos em que era jovem. — Depois casei-me com a Yvonne e o Alex nasceu. Decidimos que precisávamos de uma vida mais calma com um horário mais regular.

Ryan assentiu e nada disse enquanto esperava que o médico se recompusesse.

— Vou entrar — disse Walker em voz baixa e acenou aos dois homens. Viram-no caminhar sobre a erva, com a cabeça baixa, para ir ter com os técnicos forenses que trabalhavam no local.

— Coitado — comentou Phillips. — Não é todos os dias que se assina a certidão de óbito de alguém que se pôs neste mundo.

— Pois! — Ryan sentiu de novo o peito apertado e expirou o ar lentamente. Começou a cair uma chuva miudinha e viu Phillips remexer num chapéu-de-chuva pouco sólido.

— Vá lá dentro, observe o local, fale com o Walker. Vamos deixar os rapazes do laboratório fazerem o seu trabalho e verem aquilo que temos. Preciso de estabelecer um centro de coordenação, mas vai ser difícil fazer isso na sede por causa das marés. Será melhor criá-lo aqui mesmo na ilha, estou a pensar na minha casa. Tenho lá o equipamento. — Pensou na impressora, no *fax* e no portátil, tudo a ganhar pó.

— Não estará exatamente de acordo com o protocolo — disse Phillips.

Ryan franziu os lábios.

— Concordo. Mas as alternativas também não são apelativas. As bases têm de estar aqui na ilha, mas não quero estabelecê-las numa zona comunitária cuja chave esteja na posse de toda a gente. Será melhor manter as coisas discretas.

Phillips anuiu.

— Entretanto — continuou Ryan —, contacte com o médico-legista para confirmar a avaliação de Walker, quando a tivermos, e diga-lhe que deverá receber o corpo a meio da manhã. — Refletiu mais um momento. — A morgue mais próxima será a do hospital de Alnwick, por isso diga-lhe que vá lá ter.

— Certo.

— Por enquanto, preciso que vigie os elementos da guarda costeira. Não os quero envolvidos a não ser para controlarem a multidão.

Ryan não precisou de se explicar melhor, de qualquer forma, Phillips entendia rapidamente.

— Toda a gente é suspeita?

— Pode ter a certeza.

Phillips acenou lentamente, meteu uma pastilha elástica na boca e ofereceu outra a Ryan. A maré vazia ontem à noite foi bastante tarde. A que horas?

— Cerca das onze e quarenta e cinco — respondeu imediatamente Ryan, recusando a oferta da pastilha. Já tinha verificado a tabela das

marés.

— Morta há cinco horas, leva-nos para cerca da uma da manhã. — Phillips olhou para lá dos muros do mosteiro em direção à aldeia. — Pelo menos tem um grupo de suspeitos.

— Ah, sim! — Ryan riu sem vontade. — Todos os habitantes da ilha.

— Será então melhor começarmos.

Ryan viu o sargento dirigir-se à lona, endireitar os ombros largos e entrar. Sentiu o telemóvel começar a vibrar e viu o número de Gregson. Ignorou a chamada, pensando que, com sorte, conseguiria ganhar mais meia hora.

Além do mais, tinha de fazer outra chamada e essa teria de ser feita pessoalmente.

## CAPÍTULO 3

Anna Taylor viu como as nuvens se separavam lá em cima no céu de Lindisfarne. A luz derramava-se sobre a ilha e ela sorriu no conforto relativo do seu veloz *Mini* verde. Poderia ter desenhado a vista de memória de tão familiar, mas de cada vez que ali ia cortava-lhe a respiração.

Era um difícil regresso a casa.

Com os dedos finos marcou o ritmo irritante no volante enquanto conduzia pela estrada costeira em direção ao passadiço, com as dunas de areia espalhando-se à direita. O telefonema que recebera de manhã cedo não lhe deixara outra alternativa senão dirigir-se para lá. O superintendente Gregson da Polícia de Northumbria contactara-a na universidade. Pelos vistos, lera o seu último trabalho, *Northumbria Pagã*, e os seus conhecimentos pessoais sobre a ilha eram mais uma razão. Houvera um homicídio ritual e ele queria recrutá-la como consultora independente.

De imediato, como se todos os dias trabalhasse como consultora da polícia.

Fora obrigada a admirar o estilo do homem. Apanhara-a meia a dormir, com necessidade de cafeína, quando o seu cérebro ainda não estava completamente operacional. De contrário, nem morta teria concordado.

O facto era que lhe dissera que uma jovem fora assassinada e aquilo afetara-a, por lhe despertar recordações. Logo a seguir a ter falado com Gregson, tentou ligar para o antigo número de Megan, mas ela não atendera o que lhe provocara ainda mais stresse. A



*irmã nunca fora uma pessoa fácil*, pensou com a habitual sensação de tristeza. Mesmo assim, era o único membro familiar que lhe restava.

Agarrava-se ao facto de que já nem ela nem Megan podiam ser consideradas «raparigas». Tinham passado o limiar dos vinte e muitos e aproximavam-se perigosamente dos trinta, o que as separava já da juventude, e tinha a certeza de que Gregson dissera que uma jovem fora assassinada.

Ou não?

Mesmo assim, estava preocupada. Com certeza que ele lhe diria se se tratasse de Megan. Tinham o dever de informar o familiar mais próximo.

Ou não?

Aproximando-se da entrada do passadiço, franziu a testa ao ver a fila de carros parados apesar da estrada que atravessava o canal estar vazia. Baixou o vidro quando um homem que reconheceu como sendo Rob Fowler se dirigiu ao carro com uma papeleta.

— Bom dia, minha senhora. Preciso de umas informações antes de lhe permitir a passagem. Esboçando um ligeiro sorriso, Anna reparou que ele falava em tom oficial e baixou os óculos escuros *Aviator* para o olhar de frente e lhe chamar a atenção.

— Rob? O vermelho fica-te bem. — Referia-se ao colete vermelho-vivo de voluntário da guarda costeira que usava sobre os ombros largos. Tinha o nome bordado em elegantes letras douradas sobre o bolso do peito.

O rosto cansado de Rob registou a surpresa antes de ter mostrado os dentes num sorriso que o transformou de um homem vulgar noutro muito atraente.

— Anna! Há quanto tempo! Onde tens estado escondida? — Cumprimentou-a como a velha amiga que era e aproximou-se mais. Qualquer pessoa que tivesse partilhado uns beijos melosos na adolescência e umas quantas bebidas antes da idade legal, podia, sem sombra de dúvida, ser considerada velha amiga.

— Durham — respondeu. — Agora vivo lá e dou aulas na universidade.

— Já sei que as coisas te correram bem. Devo chamar-te agora doutora Taylor? — Agitou as sobrancelhas com os olhos castanhos a brilhar.

— Para ti serei sempre a Anna — declarou a sorrir. Terminadas aquelas informações, ela inclinou a cabeça na direção da ilha. — Ouvi dizer que houve problemas. Alguém que eu conheça?

Mantinha o tom descontraído, mas sustinha a respiração.

— Duvido que a conhecesses... já foi depois do teu tempo. Uma miúda chamada Lucy foi encontrada morta no mosteiro. — Olhou para a ilha, com uma expressão abruptamente séria.

Anna soltou a respiração que prendera e sentiu uma onda de alívio por não se tratar de Megan. Sentiu imediatamente remorsos, pois sabia que uma outra família estaria a sofrer.

Bob pigarreou e voltou-se para ela.

— Deram-me instruções para apontar o nome, a matrícula e o objetivo da vinda à ilha, antes de te deixar passar, Anna. Por isso, ah... — pigarreou mais uma vez pouco à vontade. — Vens visitar a tua irmã?

Anna notou a compaixão que surgiu brevemente no rosto expressivo de Rob, mas decidiu não se sentir embaraçada.

— Não. — Esforçou-se por se manter calma. — O Mark emprestou-me a casa. — Pensou na casa de infância agora na posse de um velho amigo. — De facto, vim em serviço oficial, Rob. Fui contratada pela polícia como consultora.

— Certo! — Os olhos dele abriram-se com surpresa e curiosidade enquanto escrevia qualquer coisa na papeleta. — Então creio que continuaremos a ver-te, Anna.

— Calculo que sim. — Ligou de novo a ignição agora que a estrada estava desimpedida e que os carros haviam dado meia-volta em direção ao continente, ou seguido para a ilha.

— Boa travessia, Ana. — Rob fez sinal ao colega que controlava o trânsito, a indicar que ela podia seguir.

Enquanto passava, o seu sorriso alargou-se e abrandou para acenar ao agente que reconheceu como sendo Mark Bowers. Para além de ser o historiador residente da ilha e elemento da guarda costeira em *part-time*, fora o seu ídolo de adolescente. Era um homem atraente e erudito, que parecia deslocado no seu casaco vermelho de desporto e impermeável caqui. Recordava-se dele sempre de calças de sarja creme e camisa, com os braços bronzeados das horas passadas no exterior à procura de pistas do passado. Lançou-lhe um olhar inexpressivo antes do seu rosto enrugado se abrir num sorriso e foi então que ela reparou que ele parecia mais velho do que o homem de que se recordava. Mas, afinal, também ela estava mais velha. Buzinou várias vezes ao de leve ao passar por ele prometeu a si própria fazer uma visita como devia ser ao seu antigo mentor.

Mesmo por detrás dos óculos escuros semicerrou os olhos à claridade do meio da manhã. A água brilhante batia de ambos os lados da estrada asfaltada que se erguera do mar como que por magia. As nuvens cinzentas tinham sido levadas pelo vento, deixando o sol e o céu azul, mas no ar havia ainda o frio profundo do inverno.

Não planeava ir ali, ficar perto de Megan ou das recordações que ela sem dúvida lhe provocaria, apesar de ser Natal, a época perpétua da boa vontade. Tentou sentir boa vontade para com a irmã. Passara anos a tentar perdoar-lhe e quase se enganara, pensando que tinha esquecido. Mesmo assim, talvez a serenidade da pequena ilha e os seus poucos habitantes pudessem começar a suavizar a dor. Os juncos altos ondulavam ao sabor da brisa à sua direita, enquanto subia a estrada serpenteante em direção à aldeia. As gaivotas circulavam em voos rasantes sobre a água com um grito ruidoso e reconfortante. Quando avistou as primeiras casas caiadas,

viu as fileiras de luzes de Natal sobre as árvores nuas entre as casas e soube que pareceriam festivas e alegres ao cair da noite.

Anna atravessou a aldeia e reconheceu o museu local onde passara os sábados enquanto adolescente, as lojas de recordações e os salões de chá. Acima de tudo, reparou no *pub* que ficava no centro, pintado de branco e debruado a vermelho, com o nome de Jolly Anchor. À entrada havia um Pai Natal de quase dois metros acenando com a sua mão mecânica para receber os clientes com um ruidoso «Ho! Ho! Ho!».

Abanou a cabeça e continuou a percorrer a aldeia, satisfeita por não encontrar ninguém conhecido. De facto, as ruas estavam surpreendentemente vazias da multidão habitual. Embora a ilha tivesse poucos habitantes, estes juntavam-se geralmente na aldeia. Anna supunha que fosse a natureza da comunidade — uma comunidade de que outrora fizera parte.

O carro serpenteava pelas ruas estreitas em direção ao castelo de Lindisfarne, o forte pitoresco a leste da ilha. No sopé do monte ficava a base da guarda costeira. O jipe vermelho-vivo não se encontrava no caminho de acesso, mas os dois salva-vidas estavam ancorados, o que indicava que, nessa manhã, não houvera qualquer emergência no mar. Todo o drama acontecera em terra.

Estacionou diante de uma atraente cabana de pescadores rodeada por um pequeno jardim. Tinha uma localização impecável; o forte ficava a leste, o mosteiro a oeste e o castelo de Bamburgh mais abaixo na costa, a sul. Da casa viam-se os três, o que não acontecia com os vizinhos mais próximos. Pensou que aquilo era ótimo, puxando uma mala preta já gasta, que arrastou pela gravilha em direção à casa. Depois de procurar a chave que Mark deixara debaixo do tapete, abriu a porta e sentiu-se invadida pelas recordações. As paredes haviam sido pintadas de novo, os soalhos estavam cobertos com novas carpetes, mas, mesmo assim, conseguiu sentir na entrada o aroma do perfume da mãe.

Lembrou-se de quando o pai pegara no frasco e o atirara pelas escadas abaixo, afirmando que a mãe o usara para outro homem. Recordava-se da terrível discussão que se seguira e do som da carne a bater na carne.

Sentiu-se arrepiada, como se tentáculos gelados lhe invadissem as costas quando a linha entre o passado e o presente se esbateu durante um doloroso momento.

Depois, a sua visão ficou mais nítida. Tinha diante de si uma casa de campo confortável, mobilada de uma forma neutra. Era uma tela em branco para pintar como quisesse.

Ryan sentia a cabeça a latejar quando a porta vermelha brilhante da casa dos Mathieson se fechou silenciosamente atrás dele. Informar a família era sempre, de longe, a pior parte do trabalho. Não havia preparação ou experiência possível para aguentar o desgosto miserável de uma mãe e de um pai que tinham perdido um filho. Era sempre uma afronta mas, naquelas circunstâncias — praticamente junto de casa — deveria ser quase insuportável.

Caminhou lentamente até ao lado oposto da rua, com as mãos metidas nos bolsos, enquanto ensaiava a conversa.

A mãe, Helen, não fazia a mínima ideia de quem ele era, o que tornara as coisas ainda piores, pois estava preparada a recebê-lo amavelmente quando abriu a porta.

— O que deseja? — Vestia ainda o seu roupão turco, cor-de-rosa pálido e um pouco desbotado. Tinha os olhos turvos do sono, mas eram da mesma cor que os da filha.

— Sou o inspetor Ryan, minha senhora. O seu marido está em casa? Ou outro familiar próximo?

Os olhos dela tornaram-se vítreos e confusos quando ele lhe disse que era da polícia e lhe mostrou a identificação. Chamou o marido, um homem alto e magro, com membros compridos e um pouco curvado, que respondera à chamada com a mesma expressão vagamente alheada. Mandara entrar Ryan com a voz trémula, pois

sob a formalidade social, apercebia-se da razão para ele ali estar. O instinto dizia-lhe que algo estava muito errado e tentava prolongar o momento para arrastar a verdade para o mais tarde possível.

Ryan seguira-os até uma sala bem arranjada, com um ambiente confortável. A primeira coisa que viu foram as molduras com fotografias de Lucy, a sua imagem sorridente sobre a lareira e o parapeito da janela. Helen devia ter lido algo nos olhos do inspetor porque a sua mão procurou imediatamente a de Daniel e ele agarrou-a. Ryan ficou a vê-los desmoronarem-se quando lhes disse que a filha fora assassinada. Tentou manter a mente distanciada, os olhos vigilantes, pois a notícia que lhes dera fazia com que a vida não mais fosse igual para eles. Estava já preparado quando viu Helen Mathieson levar uma mão ao ventre, numa terrível recordação do que perdera, antes de se deixar cair no sofá.

Observara também o pai. Lucy fora encontrada nua e embora tivesse esperança de que tal não tivesse acontecido, a sua morte não descartava violência sexual. Daniel Mathieson estivera toda a noite na ilha, segundo dissera, e Ryan recordou que a maioria das vítimas e os seus assassinos viviam muitas vezes sob o mesmo teto. Sabendo que o facto não lhe aliviara o aperto no peito enquanto interrogara o casal que evidenciara todos os sinais do mais completo choque emocional.

— Porquê? Porque foi que isto aconteceu? Quem teria feito isto? — gemeu Helen.

— Vou fazer os possíveis por lhe responder a essas perguntas, senhora Mathieson.

— Não, não, não. — Helen começara a balançar o corpo, com soluços guturais, ainda em negação. — Não pode ser a Lucy. — Abanava a cabeça com veemência, os olhos suplicantes e zangados. — É um engano. Não é a Lucy.

— Calma, Helen. — O marido tentava aliviar a dor que também ele sentia intensamente.

— A sua filha já foi identificada, senhora Mathieson.

Mesmo assim, ela abanava a cabeça com gestos violentos, de um lado para o outro, lançando-lhe um olhar ardente.

— Já lhe *disse*. Não pode ser verdade. A Lucy saiu ontem à noite com umas amigas e provavelmente ficou a dormir em casa da Rachel. Vou ligar-lhe e já vai ver.

Helen levantou-se e procurou o telemóvel com uma expressão frenética. O marido esfregou a cara com as mãos antes de se levantar do sofá, cansado, para a seguir.

— Então, Helen, vá lá.

Ryan viu a fraca luta entre os dois, até a mulher ter simplesmente sucumbido, encostada ao marido, emocionalmente exausta e soluçando tristemente, enquanto os soluços lhe agitavam o corpo.

Ryan esperou pacientemente que o pior passasse. Sabia que qualquer pessoa normal os teria abandonado à sua dor em vez de assistir a ela. Porém, ele não era uma pessoa normal e tinha uma tarefa a cumprir.

— Lamento ter de vos perguntar isto agora — começou com delicadeza, aguardando que olhassem para ele. Apercebeu-se de que se tinham esquecido da sua presença. — Tenho de vos fazer algumas perguntas acerca da Lucy, onde ela foi ontem à noite, sobre a vida e os hábitos dela, para que possa entregar o assassino à justiça.

— Como... como... — Helen não conseguia acabar a frase, mas Ryan sabia o que ela queria perguntar. Queriam sempre saber.

— Ainda não o determinámos, senhora Mathieson. — Fazia uma ideia, mas, até o médico-legista confirmar a causa de morte, nada lhe podia dizer.

— Disse «assassino» — comentou Daniel em voz baixa. — Como sabe que não foi um acidente qualquer?

*É sempre doloroso*, pensou Ryan.

— O modo como a encontrámos não indica acidente, senhor Mathieson.

— Houve... — Helen respirou fundo várias vezes. — Fizeram-lhe mal, sabe, *dessa maneira*? — Olhava-o suplicante, implorando-lhe que lhe dissesse que a sua menina morreria rapidamente e sem dor, sem o terror da violência sexual. Ryan desejou poder fazê-lo.

— Lamento, senhora Mathieson, ainda não temos esses pormenores. Mas em breve descobriremos.

Helen desfez-se novamente em lágrimas, os nós dos dedos brancos ao agarrar o braço do marido. Daniel Mathieson serviu-se da sua força interior para erguer a cabeça e olhar diretamente para Ryan.

— Dizemos-lhe tudo o que sabemos. — Ryan apercebeu-se de que havia raiva subjacente à tristeza. Para lá do homem de maneiras tranquilas, havia um pai e um duro nó de raiva impotente. Podia então dar-lhe algo em que concentrar a sua zanga.

— Obrigado, senhor Mathieson. — Pegou no bloco. — Vamos começar pelos movimentos dela ontem à noite. Podem dizer-me o que a Lucy fez ontem?

— A Lucy esteve comigo — murmurou Helen. — Fomos de carro a Morpeth, almoçámos e fomos às compras. — As lágrimas corriam-lhe pelo rosto desolado, que envelhecera visivelmente.

— Mais ou menos a que horas, senhora Mathieson? — Ryan mantinha o tom de voz baixo e cauteloso.

— Saímos para o continente às dez e um quarto e chegámos a Morpeth por volta das onze. Andámos a ver as lojas, eu... eu... — Cobriu o rosto com as mãos trémulas e Ryan desviou o olhar.

Passaram minutos até haver outro intervalo.

— Pode dizer-me a que horas chegaram à ilha, depois da vossa ida às compras? — Ryan tinha de saber para elaborar uma cronologia.

— Cerca das quatro. — Foi Daniel quem respondeu pela mulher. Ryan inclinou a cabeça na direção de Helen e aguardou.

— Sim, foi mais ou menos a essa hora — concordou. Só então Ryan pegou na caneta e escreveu.

— E depois?



Helen Mathieson ergueu os olhos e pareceu observar Ryan pela primeira vez. Os seus olhos azuis desanuviaram-se para examinar quem tinha à sua frente. Viu um homem bem-parecido de trinta e alguns anos, alto, com um rosto sério e olhos cinzentos, incríveis e tristes. Algo na sua expressão decidida lhe deu o conforto suficiente para continuar.

— Lanchámos cedo porque a Lucy queria despachar-se para ir ter com as amigas. Rachel Finnigan e Ellie Holmes — acrescentou Helen, antecipando-se. — Vivem na nossa rua. — Apontou para a janela. — A Ellie aqui mesmo em frente e a Rachel no número trinta e quatro, no fim da rua.

Ryan anuiu.

— Onde se iam encontrar e a que horas?

— A Ellie veio chamar a Lucy por volta das seis e as raparigas disseram que pensavam passar pela casa da Rachel para convidar a rapariga para irem para o *pub*. Saíram daqui as duas por volta das seis e dez. — Ryan não precisou de perguntar qual era o *pub*. Só havia um na ilha.

— Foi essa a última vez que viu ou falou com a sua filha?

Helen mal conseguiu acenar com a cabeça.

— Tenho de vos perguntar.. — *Outra pergunta dolorosa*, pensou. — Por favor, podiam confirmar-me onde se encontravam entre as onze e meia de ontem à noite e as cinco desta manhã?

Olhou para ambos e tentou mostrar uma expressão de quem pedia desculpa, embora soubesse que a pergunta era necessária.

— Estávamos os dois na cama, a dormir — respondeu Daniel.

— Fui para a cama às dez e meia — declarou Helen.

— Eu subi meia hora mais tarde. Queria pôr a máquina da loiça a lavar de noite, ver se a porta das traseiras estava fechada, esse tipo de coisas. Gosto de deixar a luz do alpendre acesa por causa da Lucy. — Daniel engoliu em seco.

— A Lucy tinha as chaves de casa?

— Sim — afirmou Helen.

*As chaves da Lucy.* Ryan tomou nota e fez dois círculos em volta.

— Algum de vós ouviu o que quer que fosse durante a noite?

— Não, nada de nada — afirmou Daniel em voz baixa.

Helen fez uma pausa.

— Caí na cama e dormi com um sono profundo. É meu hábito. Porém, durante a noite creio que ouvi o ruído de um motor. Pareceu-me aqui muito perto. — Olhou para o marido. — Não ouviste?

— Não, creio que não.

Ryan olhou para as duas pessoas que tinha na sua frente e percebeu que, agora, pouca informação conseguiria deles. Estavam ainda em choque. Levantou-se, pegou num cartão com os elementos de um agente de apoio à família e colocou-o na mesinha diante deles. Nem um nem outro se ergueram do sofá.

— Muito obrigado a ambos. Os meus pêsames — murmurou Ryan.

Depois, voltando-se para o pai, acrescentou que viria um agente para registar formalmente o depoimento daquilo que lhe haviam dito e fazer mais algumas perguntas. Viria também uma equipa forense para um exame formal à casa. Seria preciso fornecerem as impressões digitais. Acrescentou para consigo que precisaria de examinar bem as pessoas do círculo imediato de Lucy; família, amigos, amantes.

Voltou-se uma última vez antes de sair.

— Só mais uma coisa — perguntou. — O que tinha a Lucy vestido quando saiu ontem à noite?

— O que tinha vestido? — Helen abanou a cabeça como se a quisesse desanuviar. — Umas calças de ganga e o *top* vermelho que eu acabara de lhe comprar. E botas pretas.

— Botas de salto alto?

— Sim... sim, exatamente. Bastante altas.

— Muito obrigada, senhora Mathieson. Vou deixar-vos, de momento.

Ryan deu por si na praça principal junto da velha estátua de São Cuteberto. Ergueu os olhos para a pedra talhada a pensar no que teria visto o santo enquanto vigiava os habitantes de Lindisfarne.

## CAPÍTULO 4

Anna sabia que a sua prioridade deveria ser encontrar o agente responsável pela investigação, mas sentiu-se nervosa com a ideia. Geralmente era discreta e preferia não interferir nos dramas de outras pessoas. Compreendia que essa era a principal atração de uma carreira académica de historiadora, antigamente dominada por homens carecas de meia-idade envergando casacos de *tweed*. Quando se estudava a história de uma civilização, especulando acerca da vida de outros que haviam vivido centenas ou milhares de anos antes, evitava-se pensar de mais ou examinar de muito perto a própria vida no presente e escapava-se da pressão de pensar no futuro.

Foi buscar o bocado de papel onde escrevera o nome e o número da pessoa responsável. Inspetor-chefe Ryan. Pensando bem, o Gregson fora vago nos pormenores. Dissera-lhe apenas que se apresentasse a Ryan e que este lhe daria instruções. Pelos vistos, o inspetor vivia na ilha, mas ela não se recordava de quem era. Não havia presença policial em Lindisfarne, tanto quanto sabia, mas os seus conhecimentos estavam desatualizados. Por instantes, tocou com os dedos no papel, mas acabou por o enfiar no bolso. Antes de ir contra todos os seus instintos e intrometer-se nos assuntos dos outros, era tempo de enfrentar o seu próprio passado.

Dez minutos depois, vestindo um elegante casaco preto de lã e envergando calças de ganga, Anna empurrou a porta do Jolly Anchor. Ela e o Pai Natal de plástico trocaram um longo olhar e ela considerou o seu ar jovial com um sinal de boa sorte. Anna bem o

precisava. Lá dentro, o *pub* estava quase exatamente como se lembrava da última vez que ali estivera havia oito anos. À direita, ao longo da parede havia um balcão de madeira com a superfície a brilhar, com bancos altos ocupados pelos clientes habituais. *Aquilo estava diferente*, pensou. Quando o pai dela estivera atrás do balcão, poucas vezes se dera ao trabalho de encerar a madeira. Lembrava-se de quando era pequena contar as mosquinhas que costumavam juntar-se em volta dos salpicos de cerveja, enquanto via o pai tirar as canecas com as suas mãos enormes.

Mãos enormes e duras.

Bloqueou o pensamento e concentrou-se no presente, enquanto continuava a observar a sala. Havia mesas antigas de madeira espalhadas em reservados na área principal e, em cada uma delas, havia um belo cravo numa jarra em miniatura, preparado para os clientes do almoço. Os tampos das mesas estavam também encerados, com as velhas cicatrizes cobertas. Era o tipo de coisa que a mãe gostaria de ter feito, mas os antigos clientes — principalmente pescadores de corpo deformado e homens desencantados — nunca teriam apreciado. Um tronco ardia alegremente na enorme lareira que dominava a sala do *pub* e ao lado um casal estava instalado em confortáveis cadeiras de cabedal, com bebidas na mão. A um canto via-se uma árvore de Natal, toda decorada. Vendo bem, parecia um sítio agradável para passar o tempo.

Anna saiu da sombra da porta, e as suas botas batiam ao de leve no chão de ladrilhos. Observou a sala e dirigiu-se ao balcão. Bill Tilson, o dono, avistou-a imediatamente e soltou um grito alegre com o sotaque escocês que nunca perdera.

— Anna!

Ela sorriu e tentou descontraí-la quando ele a envolveu num abraço de urso. *Se urso fosse a expressão adequada*, pensou. O homem tinha quase dois metros e praticamente mais de cem quilos de *charme* e de rosto corado. A última vez que o vira era o único

*barman* ali a trabalhar, para além do pai, mal pago e pouco apreciado.

— Nem quero olhar para ti — resmungou, afastando-a e lançando-lhe um olhar crítico. — Menina, estás tão magra que conseguias esconder-te atrás de um poste de iluminação pública.

Anna ficou sem palavras, pensando que qualquer pessoa pareceria magra em comparação com ele, mas sorriu alegremente.

— Estou a ver que não mudaste, Billy — murmurou com a habitual expressão de afeto e ele respondeu-lhe com um terno sorriso.

— Bom, não fizeste mais nada senão ficar ainda mais bonita. Deves ter andado a partir corações durante todos estes anos, e é por isso que não nos vieste visitar mais cedo.

Ela engoliu em seco, sentindo a dor agriçoce, e tentou manter as coisas num tom ligeiro.

— Sabes como eu sou, Billy. O pessoal da Universidade de Durham chama-me a «Miúda Parte-Corações».

Ele sorriu, mas olhou-a com uma expressão astuta. Ainda se recordava da miúda gira, de infelizes olhos castanhos e cabelo escuro e macio que ele gostava de despentear.

Anna olhou em redor, pouco à vontade.

— Ela está cá?

Constrangido, Bill passou a mão pelo cabelo frondoso e não precisou de perguntar o que ela queria saber.

— Anda por aí, mas Deus sabe que ela vai e vem conforme lhe apetece. Ah! — Mudou o peso de um pé para o outro. — Queres que a vá procurar?

Anna reparou que ele tinha uma expressão preocupada e abanou a cabeça.

— Vou esperar um pouco e comer uma sanduíche. Creio que ela virá em breve.

Bill anuiu pensando na confusão que se armaria.

Lá fora na praça, Ryan deu por si envolvido na segunda conversa do dia com o seu superintendente. Suspeitava de que não seria a última.

— Não lhe estou a pedir autorização, Ryan.

— Superintendente, creio que a contratação de um civil como consultor é, de momento, prematura. — Os dentes de Ryan fecharam-se com um estalo.

Pessoalmente, Gregson concordava com ele, mas não estava disposto a arriscar. Os meios de comunicação cairiam sobre o caso como abutres assim que sentissem o cheiro. Quase conseguia ver os títulos: ASSASSINATO RITUAL ARRASA A ILHA SAGRADA. Queria que a investigação terminasse rápida e silenciosamente.

— O consultor chama-se Taylor e chega hoje a Lindisfarne. — Foi tudo o que disse.

Ryan conhecia bem o tom para saber que mais argumentos seriam inúteis, de modo que se calou. Mesmo assim, irritava-o. A investigação começara havia pouco e o chefe já decidira que ele era incapaz de caçar um maluco qualquer que provavelmente se imaginava o deus do Sol.

E não só, pensou com raiva. Gregson nomeara inexplicavelmente aquele doutor Taylor — um importante qualquer da universidade com cabelo grisalho frisado e dentes salientes. Sorriu tristemente e abanou a cabeça. Se o superintendente queria gastar uma fatia do orçamento, o problema era dele. Ryan só precisava de apertar a mão, acenar delicadamente e dar ao professor um qualquer trabalho inútil de investigação. Provavelmente, recebê-lo-ia com entusiasmo enquanto Ryan continuaria a fazer o verdadeiro trabalho da polícia.

— Compreendido — conseguiu dizer.

— Bom. Então, e o bloqueio da estrada que estabeleceu sem antes pedir autorização? — perguntou Gregson delicadamente.

Ryan sentia o princípio de uma dor de cabeça na base do crânio.

— Superintendente, como encarregado e responsável da investigação, a minha prioridade foi isolar o local do crime.

— O local no crime é o mosteiro — exclamou Gregson.

Ryan tentou mais uma vez.

— Com o devido respeito, a ilha tem um perímetro de doze milhas e um número limitado de habitantes, todos eles considerados suspeitos, de momento. A vítima foi morta durante um período de cinco horas, enquanto a ilha esteve separada do continente, ontem à noite e ao princípio desta manhã. As implicações são claras.

Se Gregson ainda andasse na rua, talvez concordasse, mas a secretária que ocupava não lhe permitia ser solidário quando tinha de pensar na política, na comunicação social e no orçamento.

— Não é da nossa competência fechar o acesso a toda uma ilha, Ryan.

— Sem o bloqueio da estrada a população teria aumentado exponencialmente esta manhã... — argumentou Ryan.

— Entendo — interrompeu Gregson. — Se lhe torna o trabalho mais difícil é uma chatice. Resolva o assunto.

Depois de terminado o telefonema, Ryan praguejou em voz alta para ninguém em particular. Tinha ordem para levantar o bloqueio. Afinal, em que estaria a pensar quando o ordenara? Pois muito bem, superintendente, estava a pensar investigar uma coisinha sem importância a que gostava de chamar de «homicídio», mas, claro, temos de deixar toda a gente vir patinhar o local do crime. Porque não permitir que os suspeitos e os civis se misturassem? O seu trabalho não ficaria mais difícil, nem pensar.

— Estúpidos — resmungou, fazendo com que uma idosa se detivesse a olhar para ele e abanasse a cabeça num gesto de reprovação, antes de seguir o seu caminho.

Pelo menos Gregson concordara que o centro de investigação fosse na sua casa. A última coisa que Ryan precisava era de um monte de avós catequistas a entrarem pelo salão paroquial para servir chá e bolos. Geralmente, os homicídios violentos matavam-lhe os desejos de ingerir açúcar.



Ryan fez uma pausa para rever a sua lista mental. Planeara a primeira reunião com a equipa às três, o que lhe dava umas horas para tratar do quadro e colar nele a informação existente. Fá-lo-ia assim que voltasse para casa. O ideal teria sido fazer a reunião de manhã cedo, mas o tempo e as circunstâncias não o haviam permitido.

Depois de formalmente identificado pelos pais, o corpo de Lucy fora já transportado para fora da ilha para ser autopsiado. O agente de apoio à família tinha vindo imediatamente do continente para os ajudar na provação. A equipa forense completara o trabalho no mosteiro e Phillips vigiava uma pequena equipa que, a pé, iria examinar a zona em círculos cada vez maiores.

Tudo fora fotografado pela equipa forense e as fotografias estavam agora a ser reveladas. Enviara nesse mesmo instante uma equipa de dois agentes policiais para conduzirem interrogatórios porta-a-porta. Tinha os registos de trânsito originais da manhã e estava a tentar obter as matrículas de todos os carros registados na ilha, juntamente com uma lista de residentes permanentes. Pedira a Phillips que contactasse os hotéis, estalagens e casas de aluguer para obter uma lista de pessoas hospedadas na ilha. Quanto aos turistas, já ali estavam às dezenas.

Fez má cara para uma família que, acabada de chegar, como era evidente, saía da carrinha com as câmaras na mão. Bem, ficariam desapontados se planeassem visitar o mosteiro. Estava firmemente fechado por um período de tempo indeterminável. Acerca disso, não transigira. Colocara dois recrutas do continente a guardarem a entrada. Encantados por estarem a trabalhar na investigação de um homicídio, tinha a certeza de que guardariam o mosteiro a fazer o pino, se lhes tivesse pedido.

Ah, a juventude!

Frustrado pela burocracia e pela falta de provas materiais, os olhos de Ryan caíram sobre o *pub* no outro lado da praça e pensou nos

últimos movimentos de Lucy. Deu a volta à efígie de São Cutedberto e dirigiu-se à porta.

Dentro do *pub*, Anna viu a irmã entrar pela porta que dava para o pátio exterior, que, segundo sabia, dava para o apartamento do primeiro andar. Pelos vistos, Megan ainda vivia por cima do *pub*, apesar de todos os seus planos de partir para se tornar atriz, ou abrir o seu próprio salão de beleza, ou casar com um banqueiro rico. Eram esses os principais objetivos de vida de Megan da última vez que falaram, mas tinham passado anos.

*As coisas podiam ter mudado com Megan*, pensou Anna com uma centelha de otimismo. Do local onde se encontrava, observou a irmã e tentou calcular as semelhanças entre ambas. Megan era treze meses mais velha e faria trinta anos no mês seguinte. Tinham o cabelo de um tom acastanhado quase idêntico, mas Megan escurecera o seu para que lhe caísse pelas costas como uma dramática queda de água negra. Tinha a pele sempre bronzeada com uma ajudinha de um *spray* bronzeador. Era alta como Anna, mas com mais curvas em volta das ancas e do peito, algo que nunca deixara de recordar à irmã enquanto cresciam.

«Não te preocupes Anna. Um dia serás capaz de encher esse teu sutiã de desporto», dissera a rir.

*Hoje Megan tinha certamente os seus atributos em exposição*, pensou Anna calmamente, apercebendo-se do *top* justo e muito decotado por cima dos *jeans* apertados, que pouco deixavam à imaginação. Sob a luz crua do *pub*, observou a maquilhagem pesada da irmã, os olhos delineados com um traço grosso de *eyeliner* negro, pestanas postiças e sombra escura. A boca carnuda era um traço de batom vermelho. Anna viu-a namoriscar com um dos clientes habituais, inclinando-se sobre o balcão para lhe mostrar o suficiente para lhe dar que pensar.

Anna sabia que fora um erro ter ido ali. Pegou na mala e estava prestes a sair em silêncio, quando Megan a avistou do outro lado da

sala.

— Ora, ora! — A sua voz cantada soou alta, obrigando várias cabeças a voltarem-se. — Olha quem veio visitar o povo.

Anna respirou fundo e esperou que Megan saísse detrás do balcão, balançando as ancas na sua direção, e com os saltos altos a baterem no soalho.

— Olá, Megan.

— Mas olha quem ela é, a minha irmãzinha pródiga — disse Megan, desdenhosa, observando com os olhos castanhos e argutos o casaco caro, os *jeans* de bom corte, as botas de camurça e o cabelo cortado com classe. Falava com uma voz ainda mais dura, pois representava para uma pequena audiência. — E não é que tens ar de intelectual? — escarneceu.

— Estás com bom aspeto — arriscou Anna por sua vez, até porque estava a ser sincera, pois por baixo daquela camada superficial, Megan era uma mulher muito bonita.

— Obrigada — respondeu Megan, passando a mão pela cabeleira, e nada mais disse, deixando que os seus olhos expressivos falassem por si enquanto observava o elegante vestuário da irmã.

— Olha, já vi que estás ocupada — afirmou Anna, apressada. — Só parei por aqui para te cumprimentar. Posso voltar noutra altura.

— Não precisas de sair a correr agora que acabaste de chegar. Talvez fique de novo sem te ver mais oito anos. — O riso não disfarçava a amargura. Anna ignorou o sarcasmo e tratou de ocultar o seu próprio ressentimento. Se se afastara, Megan sabia perfeitamente a razão.

Megan apercebeu-se da luta interior da irmã mais nova e sentiu-se frustrada por ela não ter reagido à provocação. Teria sido engraçado fazer uma cena depois de tanto tempo, mas talvez aquilo pudesse esperar até haver mais episódios. Megan pensou que, se fossem discutir, talvez o melhor fosse ir ao cabeleireiro tratar das raízes.

Nesse momento, a porta abriu-se de par em par e as duas mulheres voltaram-se num movimento reflexo. Megan reagiu

primeiro, tendo reconhecido imediatamente o homem alto e moreno que entrou no *pub*. De facto, sempre que podia, tentava vê-lo e dera até longos passeios pela aldeia para poder passar pela casa dele, sempre que pensava que ele pudesse estar em casa. As cortinas estavam geralmente fechadas e as luzes apagadas. Ele raramente aparecia na aldeia e só uma vez o vira no *pub*. Até ali não o conseguira agarrar, mas era apenas uma questão de tempo.

— Ora, olá borracho — disse num tom meloso, inclinando o corpo para que ele a pudesse admirar o melhor possível.

Distraído, Ryan voltou-se para o som da voz feminina e deu de caras com Megan Taylor em toda a sua pujança. Era suficientemente homem para admitir que ela não era de se deitar fora, com curvas nos sítios certos e feições bonitas que tratara de acentuar. *De facto, talvez para exagerar*, pensou logo a seguir, reparando que o rosto demasiado maquilhado e a dramática cabeleira negra não pareciam da cor que a mãe natureza lhe tinha oferecido. Deu por si a olhar para a mulher que se encontrava em silêncio ao lado dela. Esta tinha um procedimento completamente diferente, mas definitivamente havia semelhanças entre as duas. A mesma altura mas, enquanto a primeira era toda ela curvas generosas, a segunda tinha uma constituição esbelta, quase frágil. Cabelo escuro, ondulado, enquadrando um rosto de ossos finos, pele pálida e macia e olhos escuros.

Anna não leu nada no rosto do desconhecido quando este cumprimentou a irmã com um aceno delicado. Era ridiculamente bonito, quase como um desenho animado com cabelo negro rebelde penteado para trás com naturalidade a partir de uma face simétrica com maçãs do rosto esculpidas e uns fantásticos olhos cinzentos. Concluiu com um sorriso que ele não apreciaria a descrição. Apesar da beleza, o seu rosto tinha uma expressão grave. Uma cautela determinada escondida nos olhos que se revelavam inteligentes. Era alto — muito alto — com uma constituição atlética, embora, a julgar pelo modo como lhe assentavam as calças, ou gostava de usar

roupa larga ou perdera peso ultimamente. Devolveu educadamente o cumprimento da irmã, mas, enquanto Megan falava, lançava os olhos pela sala, facto que Anna sabia que a irritaria, pois a irmã estava habituada a ter a exclusividade da atenção masculina.

Anna estava tão ocupada na sua própria observação silenciosa que foi um choque, quando ele de repente se voltou e fixou nela aqueles olhos. Sentiu um aborrecido desconforto no ventre e os pelinhos da nuca eriçaram-se. A expressão dele não se alterou, exceto num leve movimento de franzir a testa. Mesmo assim, continuou com a sua observação silenciosa.

Por fim, voltou-se e dirigiu-se à irmã dela que observava a mudança com interesse.

— Megan, não é verdade? — A voz dele era bem articulada e calma.

Megan envaideceu-se, feliz por ele saber o nome dela sem ter de perguntar.

— Exatamente. E quem quer saber? — Sorriu insinuante, mostrando os dentes muito brancos. Claro que já sabia quem ele era. Sabia tudo a respeito dele; pelo menos o que conseguira descobrir depois de o ter visto conduzir o vistoso descapotável que guardava na garagem da pequena casa.

— Inspetor Ryan. — Mostrou a identificação da polícia e viu os olhos dela abrirem-se comicamente.

— Estou a ver — murmurou Megan, dramática, avançando na direção de Ryan de modo a poder erguer a cabeça para olhar para ele por baixo das longas pestanas. — Deve ser por causa da pobre Lucy Mathieson. — Cruzou as mãos sobre o peito num gesto de preocupação, com a vantagem acrescentada de lhe atrair inconscientemente o olhar para o peito.

Infelizmente, ele não notou o gesto e deu mais uma olhadela à sala, pensando que os mexericos se espalhavam como fogo de palha numa ilha daquelas dimensões. Havia apenas umas centenas de

habitantes e aquele era o único local onde se bebia. Ainda nem era uma da tarde, mas houvera muito tempo para a história se espalhar.

— Exatamente. Estou a tentar reconstruir os movimentos dela ontem à noite. Sei que trabalha aqui, senhora... — Fez uma pausa para pegar no bloco, tentando recordar-se do apelido.

— Taylor — ronronou ela.

As sobrancelhas de Ryan ergueram-se ao de leve, pensando que era o segundo «Taylor» que ouvia nesse dia, mas depois descontraíu-se. Taylor era um apelido muito comum.

— Senhora Taylor...

— *Menina* Taylor — corrigiu-o ela, com olhos inocentes.

— Certo. — Evitou sentir-se frustrado e continuou. Podia estar de ressaca, mas não era cego. Olhou mais uma vez para a mulher que se encontrava serenamente à direita com um sorriso a curvar-lhe os lábios. Desconcertado, desviou o olhar. — Talvez fosse melhor se nos sentássemos num sítio mais privado?

Os olhos de Megan cintilaram e ele sentiu vontade de rir. Engraçado como se sentira mais inclinado a sorrir no curto espaço de tempo em que estivera a investigar um homicídio do que nos três meses anteriores a ele.

— Para que lhe possa fazer umas perguntas relacionadas com a investigação — acrescentou prestável e viu Megan fazer um beicinho aborrecido.

— Tudo bem. — Megan não era mulher para desistir facilmente. — Pode vir comigo? — E começou a desfilar para um reservado junto à ponta do balcão.

— Um momento. — Ergueu um dedo e voltou-se para Anna com os olhos fixos nela. — Também trabalha aqui? — Os olhos inquiridores observaram-lhe de novo o rosto, deixando-a com a sensação de estar exposta. Não se lembrava de já a ter visto.

Estava certo de que se lembraria.

— Não! — A voz de Anna saiu-lhe um pouco ofegante fazendo-a sentir-se uma idiota. Pigarreou e tentou de novo. — Não. Estou

apenas de visita. A Megan é minha irmã. De facto, ia procurá-lo.

As sobrancelhas de Ryan ergueram-se ligeiramente.

— Procurar-me?

Ela estendeu a mão esguia.

— Sou a doutora Anna Taylor. Creio que está à minha espera.

Houve um silêncio pleno de sentido.

— Desculpe? — Era preciso reconhecer que a voz de Ryan se mantinha igual.

Ela acenou e deixou a mão cair ao lado do corpo.

— Anna Taylor? — Tentou com um sorriso simpático. — O senhor... ah... o superintendente Gregson contactou-me hoje de manhã cedo para contratar os meus serviços como consultora independente. — Parecia estar a falar com uma criança com dificuldades.

— É a doutora Taylor? — O rosto dele continuava ilegível e Anna irritou-se.

— Sim.

— Que treta! — exclamou num tom calmo e bem pronunciado e viu-a ficar de boca aberta.

## CAPÍTULO 5

— Há café? — Phillips remexia nos armários da casa de Ryan e viu que se encontravam praticamente vazios. Perdeu a esperança de que pudesse haver bacon e ovos e contentou-se com uma maçã madura que encontrou solitária sobre uma bancada.

— Tenho café, mas não lhe prometo leite. O boião está junto à chaleira.

Phillips gostaria de saber como havia pessoas capazes de beber aquela mistela sem um pouco de leite gordo e uma colher de açúcar. Mesmo assim, era melhor que nada.

— Preciso de preencher as lacunas na cronologia dela — resmungou Ryan, distraído enquanto colava as imagens no quadro improvisado, que era, afinal, toda a parede da casa de jantar. Retirara o quadro com o estudo de uma paisagem marítima, para deixar uma superfície nua, cor de magnólia, que se ia enchendo rapidamente.

— Está a fazer um bom progresso — contrapôs Phillips enquanto bebia cautelosamente o café. Eram quase três da tarde e, na sua opinião, a investigação progredia como um raio. Já vira superintendentes veteranos levarem o dobro do tempo.

— Não basta — declarou Ryan.

Voltou-se para pegar num grosso marcador preto e Phillips viu-o desenhar uma linha longa e horizontal na parede nua esbranquiçada. Ficou a pensar se aquilo depois se poderia apagar.

— Sabe que não precisa de fazer isso manualmente. Há um programa de computador que ajuda a produzir cronologias,



gráficos... — Phillips calou-se quando Ryan o olhou com ar sinistro. — Espero que se dê bem com a sua senhoria. — Abanou a cabeça e estremeceu quando o café lhe deslizou pela garganta como lama amarga.

Ryan resmungou algo ininteligível enquanto apontava os detalhes dos últimos movimentos de Lucy. Cinco minutos depois, apareceu Faulkner, o chefe da equipa forense, o agente Jack Lowerson e outros elementos policiais. Noutras circunstâncias, poderia ter convidado os agentes da guarda costeira para se juntarem à equipa de investigação, mas não podia arriscar. Apenas as pessoas naquela sala estavam completamente desligadas da ilha e, como tal, eram dignas de confiança.

Era imprescindível que confiasse na sua equipa.

Ficou junto à janela e viu-os puxar as cadeiras para ficarem em volta da mesa diante da parede onde escrevia. Observou os rostos enquanto esperava que as conversas terminassem. Quando teve a certeza de que lhe dariam atenção, abriu a boca para falar.

E pela segunda vez nesse dia foi interrompido por uma pancada na porta.

A respirar fundo, Anna estava à porta da bonita vivenda coberta de lado por uma trepadeira.

Estava irritada.

Depois de ter feito todo aquele caminho até Lindisfarne, ignorando os seus receios para realizar um serviço público... o seu *serviço cívico*, pensou, algo formal, que tinha sido recebida pelo homem *mais* indelicado e arrogante e que a tinha humilhado completamente no *pub*. Tinha-se simplesmente rido na cara dela.

*Meu deus, que lata!*

Só Deus sabia como ela tentara ser razoável.

«Estou disposta a ajudar no que for preciso.» Disponibilizara-se, se bem que a sua voz parecesse extremamente frígida e ofendida.

«Olhe, minha querida», dissera ele no seu sotaque rolado. «Não preciso de um consultor independente, mas se precisasse seria de

alguém que parecesse ter idade para conduzir.»

O facto de lhe ter chamado *minha querida* fora o suficiente para lhe ter posto o sangue a ferver. Insinuar que ela não passava de uma adolescente ingénua, irritara-a de sobremaneira.

Tinha recusado efetivamente. Agradecera a sua oferta, *blá, blá*, mas a mensagem fora para ela se pôr a andar. Não ajudara que Megan estivesse presente para testemunhar toda a conversa sentindo-se, sem dúvida e mais uma vez, triunfante à sua custa.

Anna mantivera aquilo que gostava de pensar ser uma dignidade calma, até ter saído do *pub*, onde praguejara como um marinheiro e quase agredira a pontapé o Pai Natal, cujo riso a afetara. Agora, tivera tempo para se acalmar e chegara à conclusão de que o inspetor Ryan precisava de ouvir umas verdades em privado. Bom, ela seria exatamente a pessoa indicada para o fazer.

Os seus olhos castanhos cintilavam de irritação mal contida quando ergueu o batente em forma de raposa preparada para saltar, para bater com força à porta. Erguera já a mão para o fazer de novo, e com mais energia, quando a porta se abriu de par em par.

Sentiu outro aperto no estômago quando se apercebeu de que a porta fora aberta por um homem de um metro e noventa. Porém, ordenou a si própria que o ignorasse.

— Sim? — perguntou ele em voz clara, fria e sinistra. Uma pessoa mais insignificante teria estremecido.

— Tenho umas coisas para lhe dizer — começou ela.

— Poupe-me — disse Ryan em tom enfadado. — Não tenho tempo para birras. — Ia fechar-lhe a porta na cara, mas ela enfiou o pé na ombreira.

Ryan ergueu as sobrancelhas ao ver o gesto e inclinou a cabeça, reconsiderando. Pelos vistos, naquela mulher, as águas paradas eram profundas.

— Olhe... — começou ele com mais irritação do que delicadeza.

— Oiça o *senhor* — interrompeu-o ela espetando-lhe um dedo no peito largo para encontrar uma surpreendente parede de músculo.

Engoliu aquela distração e continuou. — *Não* pedi para ser envolvida nisto... Estava perfeitamente bem onde estava. O seu *superior* contactou-me pessoalmente para solicitar a minha ajuda e, depois de alguma reflexão, acabei por aceitar.

— Ora então não nos faça favores — respondeu ele, semicerrando os olhos na direção do dedo que ainda tocava no seu plexo solar.

Anna cerrou os dentes e retirou a mão. A sua voz era formal e rígida quando falou de novo.

— Sou perita nos períodos Neolítico e Mesolítico, com conhecimentos especializados nas práticas religiosas durante essas épocas, incluindo as suas variantes modernas. Para o caso de não ter *percebido* — afirmou Anna em tom condescendente —, Lindisfarne foi praticamente contruída durante esse espaço temporal.

Ryan abriu a boca, mas ela interrompeu-o mais uma vez.

— Parte dessa especialização inclui o conhecimento das práticas sacrificiais e rituais de enterramento dessas antigas religiões e das suas equivalentes mais modernas, que ainda hoje se praticam. Além do mais, cresci nesta ilha, li tudo o que havia para ler acerca dela, inspetor. — Não era exagero; passara anos a estudar a ilha e a sua história. Acalmou ligeiramente o tom de voz e acrescentou: — Não preciso de fazer favores a ninguém.

Ryan teve de admitir que ela ficava muito bonita quando se irritava, com aqueles olhos enormes e inocentes a lançarem-lhe punhais. Agora a raiva parecia ter simplesmente passado e o olhar ficara de novo normal, o que era uma pena. Afastou imediatamente as suas fantasias para voltar ao trabalho, de novo irritado pela sua falta de concentração.

— Doutora Taylor — começou.

— Oh, então agora já acredita que sou mesmo doutorada? — perguntou ela suavemente, com os braços cruzados.

Ryan apertou os lábios e enviou uma prece a um deus em que não acreditava para que o afastasse de mulheres furiosas.

— *Doutora Taylor* — repetiu em voz adocicada —, o departamento está-lhe grato, *eu* estou-lhe grato por ter concordado em vir ajudar na nossa investigação. Acontece que não sabemos se, neste momento, as circunstâncias do incidente justificam esse conhecimento especializado.

— Bom — Anna apertou os lábios desanimada. Supôs que ele tivesse razão. — Eu...

Calou-se e Ryan viu-a empalidecer. Seguiu-lhe a direção do olhar. Tinha na sua mão uma tira de fotografias acabadas de revelar pela equipa forense que requerera os serviços do único estúdio de fotografia da ilha. A fotografia que tinha na mão era um simples instantâneo de Lucy como fora encontrada; sem vida, cinzenta, depois de lhe terem retirado toda a humanidade.

Voltou imediatamente a imagem para a parede e viu que Anna erguia de novo os olhos. Esperara ver neles choque e não uma calma aceitação ou compaixão à sua superfície. Aquela mulher era uma surpresa constante.

— Lamento que tenha sido obrigada a ver isto — disse em voz baixa.

Anna abanou a cabeça.

— Não — disse. — Eu não lamento. Deixo-o com a sua investigação, inspetor Ryan, mas é aqui que pode encontrar-me se mudar de opinião. — Escreveu a morada nas costas de um envelope usado, meteu-lho na mão e deu meia-volta sem olhar para trás.

A partir da imagem que acabara de ver, Anna tinha quase a certeza de que ele precisaria de saber por que razão alguém, no seu perfeito juízo, disporia um cadáver de uma forma tão precisa, marcando o corpo da jovem num padrão tão especial de traços vermelhos.

Ela poderia dar-lhe as respostas.

Quando ela desapareceu em direção à aldeia, Ryan abandonou a sua posição rígida à porta e deteve-se para perguntar a si mesmo

por que razão uma jovem com toda a aparência de fragilidade não estremeia à vista daquela brutalidade extrema. Teve a desconfortável sensação de que em breve a procuraria e a sensação ainda mais desconfortável de que isso lhe seria agradável.

Quando entrou no improvisado centro de coordenação, observou as pessoas que o ocupavam. Nomeara Lowerson como analista, um jovem agente incansável. Tinha a função pouco apetecível de examinar toda e qualquer informação filtrada e atribuir-lhe um número antes de ser avaliada em relação à sua urgência e relevância. Passara as últimas três horas sentado à mesa da cozinha de Ryan dando entrada de informações no computador, lendo documentos e depois passando-os a um dos agentes da polícia para nova verificação.

Ryan recordava-se do tempo em que fora analista e sentiu-se solidário. Era um ritual de passagem pelo qual todos tinham de passar.

Phillips e um dos agentes tinham avançado bastante nas visitas porta-a-porta, recolhendo testemunhos dos residentes da ilha. Nada conseguiram saber, exceto uma mulher idosa que afirmara ter acordado de manhã muito cedo com o som do motor de um barco. Iriam examinar os registos do porto para ver se constava alguma embarcação a essa hora, mas pelo que Ryan vira, quase todos os residentes possuíam barcos e usavam-nos quando lhes apetecia, sem se darem ao trabalho de informar o oficial da guarda costeira ou o vigilante do porto que eram, afinal, a mesma pessoa.

Lindisfarne fazia a sua própria lei.

Ryan aproximou-se da parede da sala e pegou no marcador para escrever um nome no cimo do quadro onde se lia «Operação Lindisfarne». O comando operacional dera nome à investigação sem grande originalidade antes de emitir as ordens.

— Muito bem, atenção — disse, sem se preocupar em levantar a voz.

Arrastaram-se cadeiras, as vozes calaram-se. Ryan viu-os aperceberem-se dos detalhes na parede e repararem na fotografia sorridente da vítima comparada com o modo como fora encontrada nessa manhã.

— Conhecem-se todos — disse. Vira-os cumprimentarem-se com apertos de mão e provavelmente teriam tido oportunidade de falar dos tempos antigos enquanto ele fora detido por uma historiadora furiosa. Deu por si quase a sorrir ao recordar-se, de modo que franziu a testa para compensar.

— Vamos a isto. A vítima é Lucy Jane Mathieson, de vinte e um anos, estudante de Arte. Todos têm consciência das circunstâncias em que foi encontrada.

Houve um murmúrio de assentimento.

— Os interrogatórios porta-a-porta já foram concluídos — disse, pensando que uma das vantagens de viver numa pequena ilha era o reduzido número de pessoas a quem fazer perguntas. — Grande parte foi levada a cabo esta manhã, antes da chegada da habitual onda de turistas. Agradeço aos agentes por terem estado concentrados no trabalho que executaram rapidamente.

Acenou aos agentes uniformizados.

— O agente Lowerson tem organizado os depoimentos das testemunhas a partir da sua relevância. Entretanto, os pais da Lucy disseram-nos que ela saiu ontem às seis, para ir ao *pub* com duas amigas. A empregada do Jolly Anchor, Megan Taylor, confirmou que chegaram por volta das seis e meia e ficaram lá até um pouco antes da hora do fecho, às onze e quarenta e cinco.

— As amigas, Ellie Holmes e Rachel Finnigan, confirmam as horas, inspetor — Lowerson ergueu a voz e recebeu um aceno de agradecimento do inspetor.

— As indicações iniciais situam a hora da morte entre a meia-noite e a uma da manhã. — Ryan tocou na cronologia. — O que significa que foi morta pouco depois de ter deixado as amigas, no espaço de uma hora, duas, no máximo. Porém, não temos testemunhas, senão

as que dizem que ela nunca regressou a casa. As roupas não foram localizadas. A equipa forense passou quase toda a manhã no mosteiro e planeia fazer, depois desta reunião, uma busca alargada à casa da vítima, que vivia com os pais em Church Lane. Isso inclui obter as impressões digitais e esfregaços dos pais com o objetivo de os eliminar. Os Mathieson consentiram.

Fechou o punho em volta do relatório forense preliminar daquilo que os técnicos haviam encontrado no mosteiro e encostou-o ao peito de forma possessiva.

— Quanto ao local do crime, porque não nos dá um resumo, Tom?  
— Olhou para o responsável forense, um homem com mais vinte e cinco anos do que ele e encostou-se ao parapeito da janela na falta de uma cadeira. Tudo acerca de Tom Faulkner poderia ser descrito como médio, desde a altura até à cor acastanhada do seu cabelo. Tudo, exceto a sua mente, que era um instrumento muito desenvolvido.

Tom pigarreou. Homens calmos, interessados pela ciência, não gostavam de falar em público nem sequer na privacidade de uma cozinha.

— Acabei de falar com o médico-legista, que confirmou as conclusões iniciais do doutor Walker. A Lucy foi morta, aproximadamente, cinco a seis horas antes de ter sido examinada. A autópsia pode ainda estreitar esse tempo. Calculo que só daqui por um dia saberemos os resultados.

— Isso tem em conta as condições desfavoráveis do clima? — Ryan interrompeu-lhe o arrazoado.

Tom anuiu energicamente.

— Sim. O corpo teria sido preservado até certo ponto durante a noite, com a temperatura a chegar aos cinco graus negativos. O cálculo teve isso em conta.

— Então, isso coloca a morte algures entre a meia-noite e a uma da manhã, conforme pensávamos — resmungou Phillips, mastigando ritmadamente a última pastilha elástica.

Tom acenou afirmativamente.

— Sim.

— Causa da morte? — Ryan precisava que lha confirmassem.

— Parece ter sido unicamente asfixia por estrangulamento manual, inspetor. Porém, será preciso esperar que chegue o relatório da toxicologia para ter a certeza absoluta. Um corte grande na têmpora direita da vítima indica uma pancada na cabeça com força suficiente para a atordoar ou concutir, mas não para causar uma ferida grave e muito menos a morte. A coagulação do sangue em redor do corte indica que a pancada foi desferida anteriormente à morte.

— Os hematomas?

— A observação inicial do médico-legista sugere que procurássemos um perpetrador com uma distância de cerca de vinte centímetros e meio entre o polegar e o indicador a julgar pelo padrão de hematomas em volta do pescoço da vítima. Não consegui que fosse mais preciso do que isso, pelo menos até ter tempo de a examinar mais pormenorizadamente.— Então, é mais provável que seja um homem.

— Estatisticamente, sim — concordou Faulkner.

Ryan assentiu com um movimento brusco, lembrando-se do pescoço pálido de Lucy Mathieson.

— Continue, Tom.

— Infelizmente, depois de um exame metuculoso do corpo, incluindo os esfregaços iniciais fomos incapazes de isolar qualquer prova suspeita de ADN para além do sangue, cabelo, etc., da própria vítima. O médico-legista está a rever as análises ao sangue da Lucy e pedi urgência, inspetor.

As palavras de Faulkner pairaram pesadas no ar por um momento, e Ryan franziu as sobrancelhas com ar sinistro.

— Não havia outros fluidos corporais, pele, cabelo, unhas? Nada de nada?

— Inspetor... — Tom entendia a frustração. Também ele próprio a sentira quando passara a pente fino o corpo da pobre rapariga. —



Encontrámos várias indicações de resíduos de ervas de fabrico industrial que estão a ser analisados e que me atrevo a dizer que serão de sabonete e de um qualquer tipo de óleo corporal.

Ryan fez uma pausa para digerir aquela informação.

— Nada de feridas defensivas? Que diabo, mais nada?

— Ele foi extremamente metuculoso, inspetor. As unhas da vítima foram limpas e havia vestígios do desinfetante usado.

— Bem, quero o nome, quando o tiver. Nunca se sabe — disse.

— Houve agressão sexual?

Faulkner fez uma pausa.

— Tinha hematomas na parte superior dos braços, o que indica que deve ter sido imobilizada e um pequeno corte no lábio, mas, tirando isso, não há mais provas que sugeriram intenção sexual, inspetor. Mais uma vez, o médico-legista confirmará, mas os esfregaços indicam que também a boca dela foi limpa com desinfetante. Vai ser problemático para o médico-legista isolar ADN alheio que possa ter ficado nela quando sofreu o corte no lábio.

Ryan acenou para que ele continuasse, cada vez mais desanimado.

— Encontrámos outro resíduo no golpe da cabeça formado por partículas de quartzo, dióxido de silício...

— Silí... quê? — Phillips fez uma careta do fundo da sala.

— Areia — esclareceu Ryan.— Pode dar-nos a tradução para leigos, Tom.

— Desculpem. — Faulkner riu nervoso. — É a força do hábito.

— Areia? Não é exatamente um espanto, uma vez que toda a ilha está rodeada por areia. Podia estar já no cabelo dela — salientou Phillips.

— A composição química é diferente em cada parte da ilha — comentou Tom. — Encontrámos uma amostra significativa coberta de sangue, o que sugere que estava presente no momento da agressão. Dê-nos tempo e, se a amostra for suficiente, poderemos compará-la com a geografia local para tentarmos limitar a zona.

— Tudo ajuda — disse Ryan em voz baixa —, mas neste momento é especulativo. — Deu uns passos e depois voltou-se.

— A que horas choveu ontem à noite?

— As pessoas daqui disseram que choveu por volta da meia-noite — respondeu Phillips. — Há testemunhas no *pub* que disseram que foram a correr para casa para evitar a carga de água.

— A chuva torrencial teria retirado esse tipo de resíduo da pele?

— Até uma chuva leve o teria diluído — concordou Tom. — Se o corpo tivesse sido deixado ao relento durante a chuvada da noite passada, não encontraríamos grande coisa nele.

— E a parte debaixo do corpo?

— O mesmo, inspetor. Apenas este resíduo.

Ryan não tinha muitas migalhas que o ajudassem a seguir o caminho.

— Então, quando a chuva parou, ele lavou-a e oleou-lhe a pele? — Falava em tom remoto. — Não poderia fazer tudo isso no mosteiro, arriscava-se a ser visto. Onde foi que a pôs enquanto choveu? Temos de descobrir o local da morte.

Tom concordou.

— Não havia qualquer resíduo no chão ou perto do local onde ela foi encontrada, nem em redor do corpo, exceto um pequeno nível de transferência da pele para a pedra. Isso seria consistente com a hipótese de a jovem ter sido limpa noutra sítio.

— Examinem o carro dos Mathieson — disse Ryan a Faulkner.

— Vamos tratar disso esta tarde, quando examinarmos a casa — anuiu Faulkner. — Não há ninguém que tenha declarado ter ouvido um carro a essa hora da noite — acrescentou Lowerson. — Geralmente, os residentes não usam o carro na ilha, senão quando vão ao continente. Aqui é tudo muito perto.

— *Okay.* — Ryan acrescentou aquela informação ao seu arquivo mental.

— E as marcas no chão? — Os olhos de Phillips eram penetrantes como os de um falcão.

Tom voltou-se para olhar para ele.

— Há pegadas profundas em volta do local onde a vítima foi encontrada, e pegadas semelhantes e intermitentes por todo o mosteiro. Esta manhã tentámos verificar o percurso. — Tom dirigiu-se de novo a Ryan. — Seguiu o caminho mais longo, contornou as paredes exteriores do mosteiro. Porém, o tempo esteve do nosso lado. A chuva humedece o solo, o que foi bom para conservar as pegadas.

— Estamos então a olhar para...?

— Mais uma vez, provavelmente um homem. Botas de um tamanho grande. Quarenta e três ou quarenta e quatro. Infelizmente, manteve-se sobre a erva em vez de nos oferecer uma bela e suculenta pegada na lama, por isso não conseguimos um molde da sola. Não posso dar-vos marcas de botas para procurar. — Faulkner encolheu os ombros com ar de quem pede desculpas.

— Certo. Obrigado, Tom, trabalhou bem e depressa. O nosso homem tomou o caminho mais rápido, não quis arriscar-se a ser visto — disse Ryan. Olhou para o mapa de Lindisfarne que colara na parede e pensou mais uma vez nos edifícios mais próximos do mosteiro.

— Phillips, quero saber de todas as estruturas com dimensões para acomodar esse filho da mãe, suficientemente perto do mosteiro para que ele possa ter transportado um corpo sem alertar a aldeia. Precisou de bastante espaço para a limpar e de ter acesso à água, por isso verifique a canalização. — Olhou para o relógio. — Se não houver tempo depois desta reunião, comece amanhã.

— Certo — concordou Phillips fazendo rebentar a pastilha elástica.

— Não havia mais marcas distintas? Ryan voltou-se para Faulkner.

— Apenas as pegadas gastas que parecem ter sido feitas pelos visitantes do dia anterior, inspetor.

Ryan pensou nas botas de salto alto que Lucy Mathieson calçava. Pelos vistos não fora para o mosteiro a pé.

— Mesmo que usasse o caminho menos direto, corria um risco enorme se a arrastasse até aqui. Não teria sido melhor ter deixado o corpo dela algures mais perto?

— Quem sabe o que pensam esses malucos? — interveio Phillips.

Ryan ignorou o cometário.

— Qual foi o ponto de acesso?

— Marcas semelhantes indicam que ele subiu a vedação depois da entrada dos visitantes — continuou Faulkner. — Depois subiu a encosta íngreme coberta de vegetação e tomou um caminho direto. Se a levava ao colo deve ter sido um trabalho difícil.

— E a vedação?

Tom sorriu de um modo quase paternal. Ao Ryan não lhe escapava uma.

— Encontrámos pequenos vestígios de lã de poliéster preta na vedação no sítio em que o assassino passou. Vai levar um ou dois dias a analisar. Encontrámos amostras de vestígios de pele na vedação que condizem com os arranhões na anca esquerda e na cintura da vítima.

— No local em que ele tentou empurrá-la por cima da vedação — supôs Ryan, imaginando os atos de um homem desesperado.

— Calculo que sim.

Houve uma pausa momentânea enquanto as pessoas, cuja profissão era vingar os mortos, lamentavam uma jovem que nenhum deles conhecera.

— E o caminho de volta? — Ryan quebrou o silêncio.

— É mais difícil de identificar — começou Tom. — Julgamos que tenha regressado pelo mesmo caminho, segundo umas marcas mais leves que seguem o mesmo percurso. Já não levava uma carga tão pesada, por isso pudemos arriscar com mais certeza um palpite ao peso e altura do homem. Provavelmente terá entre um metro e setenta e cinco e um metro e oitenta e cinco e pesará entre setenta e sete e oitenta e seis quilos.

Ryan respirou fundo.

— Então o que me está a dizer é que se trata de um homem de altura média e peso médio.

Tom anuiu tristemente.

— Outras possibilidades?

Faulkner suspirou.

— Há outras pegadas recentes em volta do perímetro na direção dos torniquetes. Eliminámos as que parecem ter sido feitas por Liz Morgan e pelo cão — acrescentou. — Vamos continuar à procura, mas, por enquanto, estou inclinado a pensar que o nosso perpetrador saiu pelo mesmo caminho por onde entrou.

— Muito bem. Percebido. E os dados telefónicos?

— Não conseguimos recuperar o telemóvel dela, inspetor, embora a família afirme que ela tinha um iPhone preto com uma capa cor-de-rosa e as amigas confirmam que o tinha com ela ontem à noite.

— Há ainda outra coisa — disse Phillips entusiasmado. — Não há câmaras de vigilância na ilha, exceto as da entrada do museu onde guardam algumas relíquias e outras coisas. Pedi a gravação de ontem à noite, mas ninguém sabe como funciona o sistema. Pedi a um dos técnicos da sede que venha amanhã ajudar-nos. Pensei que quisesse saber.

Ryan apertou a cana do nariz para deter a pulsação que começara aí.

— Frank, vamos precisar de mais café.

Horas depois, Ryan sentia a cabeça pesada e o estômago a arder de tanta cafeína. Olhou do cimo das dunas sobranceiras ao passado enquanto a sua equipa se dispersava para fazer a travessia para o continente, de volta às suas vidas e famílias. O sol estava baixo no horizonte e a bruma rodopiava sobre a água enquanto os últimos veículos dos turistas seguiam pela estrada sinuosa. Os carros moviam-se como formigas sobre a água sombria ou ratos que desertassem de um navio a afundar-se.

Ficou a vê-los mais um momento e, a seguir, voltou-se para se dirigir à aldeia, imerso nos seus pensamentos. Primeiro, dirigir-se-ia ao *pub*. O *pub* era o epicentro da comunidade. Talvez que alguns tipos religiosos discordassem dele, mas conhecia muitas pessoas que diziam as suas orações na igreja e que logo a seguir se dirigiam ao *pub*. Recordou que a sua conversa com a empregada do Jolly Anchor não fora especialmente útil, a menos, claro, que contasse com a parte em que Megan tentara ler-lhe a mão ou a parte em que encostara a perna à sua num movimento demasiado experimentado para ser acidental.

Depois de ter examinado o inútil jogo de sedução, viu uma mulher insatisfeita, presa num emprego monótono, sem meios ou motivação para melhorar. Megan Taylor era uma mulher que vivia servindo-se da sua aparência, quer estivesse a servir ao balão ou a encostar-se aos detetives de homicídios. Imaginou que ela teria um choque quando acordasse um dia, vinte anos mais velha e sem futuro à sua frente.

*Ao contrário da irmã*, pensou. Nessa havia uma beleza clássica, sem artifício.

*Mas de onde raio lhe viera aquela ideia?*

Abanou-se mentalmente e obrigou-se a pensar no que era importante.

Megan parecia uma mulher interessada em sexo, uma bela borboleta que gostava de voar de homem para homem em busca de atenção, mas ele fora treinado para analisar comportamentos. Ela era perspicaz e observadora. Megan estivera a trabalhar desde as cinco à meia-noite com um intervalo entre as dez e as dez e meia e, nessa altura, vira quem chegara e quem partira. Poderia descrever pormenorizadamente o que a maioria tinha vestido, o que tinham pedido e o que tinham gasto até ao último tostão. Vira Lucy chegar com as amigas cerca das seis e meia, a rir e a conversar. Ryan inclinava-se a acreditar nela.

Por entre vários visitantes e clientes habituais, Rob Fowler, o voluntário da guarda costeira, entrara cerca das sete e meia e ficara lá umas horas antes do seu turno às onze. Como era seu costume, Alex Walker entrara para uma última bebida às onze e um quarto, no final do seu turno. Pete fora para casa, segundo o depoimento da mãe e dos quatro hóspedes da estalagem da família. Estava em casa às onze e quinze e, pouco depois, na cama. *Sem dúvida com um copo de leite e uma história para dormir*, pensou Ryan com um sorriso trocista.

Lucy ficara toda a noite a comer, a beber e a divertir-se durante a época festiva até ter saído às onze e quarenta e cinco para ir sozinha para casa. Não se preocupara com a sua segurança; de facto, ninguém se preocupara, pois nunca nada de sinistro acontecera em Lindisfarne.

Até àquele momento.

Algures na ilha, havia outro homem apensar em Lucy, enquanto olhava para o seu reflexo no espelho da casa de banho. As mãos tremiam-lhe, enquanto se agarrava ao bordo do lavatório, com os nós dos dedos já brancos.

Tal como tinham ficado no pescoço dela, enquanto a vira lutar no meio de uma névoa de confusão e medo. Sentira um poder horrível nesse momento, a momentânea excitação da invencibilidade.

Começou a chorar, e as lágrimas rolaram-lhe pelo rosto. Levou as duas mãos à boca para abafar o som, balançando levemente o corpo. Passou os dedos trémulos pelo cabelo, puxando-o para tentar aliviar a horrível pressão que sentia na cabeça.

*Lucy... Lucy. Não te queria fazer aquilo. Nunca te teria feito mal, se ao menos não tivesses olhado para mim daquela maneira, se ao menos não te tivesses rido. Por favor, Lucy*, gemeu baixinho, em surdina.

Ergueu mais uma vez os olhos e um grito de terror subiu-lhe na garganta quando confundiu uma centelha vermelha atrás de si com

o vermelho do que ela tinha vestido. Olhou de novo para as mãos e imaginou ver o sangue dela espalhado. Agarrou no sabonete e os potes de louça caíram no mosaico, partindo-se em cacos. Abriu a água, o mais quente possível e esfregou desesperadamente as mãos, para limpar o corpo antes de poder limpar o espírito.

*Limpara o espírito de Lucy, oferecera-a à mãe no solo consagrado.*

Tinha de acreditar que o fizera.

Caiu no chão. Cortou as mãos nos cacos de louça e enrolou o corpo na posição fetal.

Por fim, levantou-se, já mais calmo. Limpou metodicamente a casa de banho, lavou-se e vestiu-se.

Tinha trabalho a fazer.



## CAPÍTULO 6

— Que lhe disseste?

A voz do homem era profunda, quase musical. Era uma das coisas que Megan mais gostava nele. Isso e o seu saldo bancário. Voltou-se depois de retocar a maquilhagem no pequeno espelho por cima da secretária no seu atravancado apartamento e viu-o a olhar para o reflexo. Ao observá-la, ele recordou-se por instantes do que, logo de princípio, o atraía para ela. O olhar, aquele que ainda mantinha e que preservava promessas de prazeres secretos. Até nesse momento se sentia excitado.

— Diz-me — perguntou de novo e ela revirou os olhos.

— Não te preocupes. Disse-lhe o mínimo: quando estava de serviço, quando fiz a pausa. Não podia mentir exatamente, pois o Bill estava lá ontem à noite e podia ter dito o mesmo.

— Disseste-lhe quando fizeste a pausa?

Megan voltou-se completamente para ele e brincou com os botões do seu *top* vermelho e justo. O vermelho era a sua cor favorita. Adorava fazer aquilo, conseguia ver como os olhos dele seguiam o movimento dos seus dedos e sentia o seu poder.

Ele aceitaria o desafio, todos aceitavam.

Abriu um botão, passou a língua pelos lábios carnudos e viu como as pupilas dele se dilatavam. Os homens eram tão fáceis.

— Disse-lhe que tinha ido para o meu apartamento, sozinha, para ver televisão.

— Foi uma estupidez — rosnou. — Ele podia ter perguntado o que estiveste a ver.

Megan não se importou com aquele tom de voz, de modo nenhum. Semicerrou os olhos e pensou em como conseguiria extorqui-lo desta vez. Porém, a sua voz manteve-se suave, aspirada.

— Chiu. — Passou-lhe as unhas vermelhas pelo peito, arranhou-lhe os mamilos por cima da camisa e sentiu-o suster a respiração. — De facto, perguntou. Tens sorte por eu não ser uma completa idiota. O programa é sempre o mesmo à quinta-feira à noite. — Mencionou uma série policial popular e ele achou aquilo comovente.

— Boa! Menina esperta. — Sentiu-se aliviado. Abraçou-a, embalou-a e depois endireitou-se quando sentiu as mãos dela baixarem para lhe apertarem o corpo.

A antecipação percorreu-lhe as veias como uma droga embriagadora ao vê-la afastar-se para subir lentamente para a cama com a sua colcha barata de cetim.

Megan abriu mais os olhos e pestanejou porque era o que se esperava.

— Amor — ronronou —, ainda não acabámos de discutir aquele assunto importante de que falámos ontem à noite.

Um músculo estremeceu no queixo dele e sentiu a ereção retroceder. Ela nunca sabia quando parar, quando aceitar os seus limites.

— Já te respondi — disse em voz dura.

— Bom... — A voz dela tornou-se também abruptamente dura quando se sentou e puxou o *top* para lhe cobrir de novo os seios nus. — Talvez eu não tenha gostado da tua resposta.

— Megan, não posso dar-te mais do que já te dei. — Pensou em todo o dinheiro que já entregara naquelas mãos ávidas. Para roupa, para se pôr bonita para ele, dissera. Para lhe pagar, a verdade era essa.

— Creio que me podes dar muito mais — disse em tom sibilante, sem sinal de sedução. — O que aconteceu a toda aquela conversa sobre o amor?

Ele fechou os olhos e pensou na sua própria estupidez. Era verdade. Dissera aquelas palavras no extremo da paixão louca que sentira por ela e que o consumira naqueles primeiros meses. Por vezes, ainda conseguia afetá-lo daquele modo, mas sabia que a sua obsessão passara e era tempo de seguir em frente.

— Deixa-me pensar no assunto — disse.

Mas dessa vez ela não acreditou.

— Creio que tiveste tempo suficiente para pensar. — Aproximou-se dele com as mãos nas ancas. Inclinou a cabeça para o lado a desafiá-lo. — Sei de alguém que ficaria muito interessado na história que tenho para contar.

Ele ficou em silêncio, perfeitamente imóvel.

— Não vais contar nada a ninguém.

Megan sentiu uma leve preocupação pelo tom estranho da voz dele, mas decidiu ignorá-lo. Era apenas um homem e ela podia fazer dele o que quisesse. Ainda precisava de um castigo antes de lhe dar a recompensa.

— Estou a falar a sério — insistiu. — Estou farta desta pocilga. — Fez um gesto que abrangeu o pequeno apartamento. — Da mobília rasca, das cortinas baratas e da tinta das paredes a cair. Há meses disseste-me que casávamos este verão. Estou farta de esperar.

— Não é assim tão simples — declarou.

— És um merdas. — Megan voltou à secretária, acendeu um cigarro. Geralmente não fumava, pois queria evitar as rugas quando fosse mais velha, mas precisava de nicotina. Depois de ter aspirado longamente o fumo, deu uma volta e o seu cabelo negro assentou-lhe, sedoso, nas costas.

— Eu digo-te como é simples. Ou casas comigo ou dou com a língua nos dentes. Oh, sim, imagina o que a aldeia pensaria se conhecesse as tuas pequenas «fraquezas». — Fez uma pausa para refletir. — Há outra opção. — Apontou com o cigarro na mão. — Dás-me dinheiro suficiente para começar de novo noutro lado e ninguém precisa de saber de nada.

Megan curvou os lábios. Era uma ideia muito melhor. Se ele estava tão preocupado com a sua reputação naquela comunidade no fim do mundo, então podia pagar. Desse modo, não ficaria acorrentada sabia-se lá por quanto tempo e poderia sempre falar com ele quando o dinheiro começasse a faltar. Perfeito.

— Estás a tentar chantagear-me?

*Outra vez aquela nota no seu tom de voz*, pensou ela. Talvez Megan precisasse de o amansar um pouco, para o fazer voltar àquilo que queria.

Apagou o cigarro e deixou o lado esquerdo do *top* deslizar sobre a elevação cremosa do seio.

— Amor — disse mais uma vez cheia de doçura. — Não sejas assim. Só estou a falar do que é justo. Afinal, tenho estado à tua espera este tempo todo, na esperança de vir a ser a tua nova mulher...

Ele interrompeu-a com uma pequena gargalhada, sem sinais de alegria.

Nunca teria casado com ela. Fora uma loucura tê-lo sugerido. Uma loucura, algumas drogas recreativas e o corpo dela, jovem e núbil que o conduzia como um garanhão, fazendo-o sentir-se homem.

— Tens de me dar um ou dois dias para pensar no assunto.

Ela engoliu em seco, com as lágrimas a arderem-lhe nos olhos e deu meia-volta para que ele não as visse. Pensou em todos os homens que conhecera. Sempre a tinham desejado, desfrutado dela, mas nenhum dissera com sinceridade que a amava. Claro que o mesmo acontecera com ele. E quase se enganara a si própria ao pensar que ele *talvez* tivesse sido sincero. Não importava que ela não o amasse. Teria sido fiel... ou tentado ser.

Quando se voltou tinha já o rosto composto e a voz controlada e frágil.

— Tudo bem. Está certo que consideres as tuas opções, mas lembra-te de que tens até ao fim da semana.

— Sei o que tenho a fazer. — Foi tudo o que ele disse.

— Então, pronto! — O belo rosto de Megan alegrou-se e ele apercebeu-se de que ela não se maquilhara tanto como era habitual. Olhando para ela nesse momento, viu que era muito bonita, como uma rara flor exótica.

— Então — disse ela, a pensar que estava na altura de amenizar o assunto. — Porque não continuamos a partir do momento em que tínhamos ficado? — Estendeu-se na cama e ergueu os braços sobre a cabeça.

Numa oferta.

— Não — disse ele em voz baixa, estendendo a mão para o saco que trouxera. — Esta noite vamos fazer um jogo diferente.

O Jolly Anchor estava decorado como uma árvore de Natal. Havia fileiras de luzes multicores colocadas em forma de arcos irregulares nos beirais do telhado. Luzes brancas enfeitavam cada uma das janelas e os vidros tinham sido pulverizados com neve artificial. A julgar pelo ar frio, não faltaria muito para que a verdadeira começasse a cair.

Um Pai Natal mecânico guardava a porta, mas encontrava-se lá dentro um de verdade.

— Bill? — Havia apenas um homem na ilha que conseguiria encher aquele fato vermelho berrante, sem precisar de chumaços.

— Ho! Ho! Ho! — exclamou a voz ribombante de Bill a cumprimentá-lo com o seu sotaque escocês.

Mesmo sem querer, Ryan esboçou um sorriso.

— Andas mascarado?

Bill puxou o elástico da barba branca para revelar o seu rosto vermelhusco.

— Faço o mesmo todos os anos — soprou, passando uma mão pela testa. — Durante o dia, trabalho na gruta junto ao porto para os miúdos e aqui até há quem consiga fazer sorrir as crianças grandes. — Apontou com a mão para um folião que Ryan reconheceu como sendo o dono da papelaria, que declarou que tudo

o que queria para esse Natal era um beijo de uma rapariga chamada Faye. A rapariga estava sentada do outro lado do balcão, mas tinha nos olhos uma expressão de quem queria namoriscar. Bill voltou-se com um sorriso.

— Pensei se não deveria moderar as coisas... sabe, depois do que aconteceu à Lucy. — Bill soltou um suspiro. — Que diabo, Ryan, a vida tem de continuar.

— Está a fazer um bom negócio esta noite. — Ryan olhou Bill nos olhos e o homem percebeu e teve a delicadeza de parecer levemente envergonhado.

Era sexta à noite e a zona do bar estava a abarrotar. Ao olhar para os sorrisos, para a alegria, dir-se-ia que nada mudara. Mas a maioria das pessoas na sala não havia visto o corpo sem vida de uma jovem às primeiras horas dessa manhã.

Ryan decidiu deixar passar. Não podia censurar o homem por ganhar a vida.

Várias mãos se ergueram para o cumprimentar e ele correspondeu com um aceno de cabeça.

— Parece um bom sítio para se conhecer gente. — Voltou-se para Bill.

— Claro que sim — concordou este. — Temos falta de restaurantes e bares elegantes em Lindisfarne.

— É bom para o negócio do Anchor. Há quanto tempo está aqui?

— Credo! — Bill coçou a cabeça por baixo da peruca branca enquanto pensava. — Há pelo menos quinze anos, os últimos oito como proprietário.

— Ah, sim? — O interesse de Ryan aumentou, embora soubesse que o facto não era especialmente relevante.

— O Andy Taylor era o dono disto. Comecei como *barman* e empregado para todo o serviço quando era rapaz. Quando ele morreu comprei isto muito barato.

*O nome «Taylor» de novo,* pensou Ryan.

— Seria o pai da Megan? — *E também da Anna*, disse para consigo.

Bill assentiu.

— Sim, exatamente.

Sendo um homem aberto e conversador, Bill pareceu de repente lacónico. Ryan gostaria de saber porquê.

— Disse que ele morreu? Deixou então o *pub* às filhas?

Bill soprou com força e lançou um olhar sub-reptício em volta da sala.

— Olhe, amigo, é um assunto delicado por aqui. Foi uma coisa má, mesmo má. — Ryan tentou concentrar-se nas palavras do homem e não no ridículo bigode branco que se movia para cima e para baixo.

— Sou a descrição em pessoa — murmurou.

Bill soltou uma gargalhada ao ouvir o comentário seco.

— Acredito que sim. — Acenou com a cabeça pensando que nunca conhecera um homem com um rosto tão inexpressivo. — Mesmo assim, há pessoas que preferiam esquecer tudo acerca do Andy.

— Você é um deles?

Bill escolheu as palavras com cuidado.

— Olhe, o Andy deu-me trabalho quando precisei, quando eu não tinha nada nem ninguém. Agora tenho uma boa casa, um bom negócio e amigos decentes. — Fez uma pausa antes de continuar. — Estou-lhe grato, mas, meu Deus, ele fez-se pagar bem. — As recordações passavam-lhe no olhar. — Não fui o único a pagar. Tinha uma mulher bonita e duas filhas encantadoras. Mas não lhe bastou desfrutar daquilo que tinha.

Não escapou a Ryan o uso do passado. Não encontrara por ali nenhuma Sra. Taylor.

— O que aconteceu?

— Dificultou a vida para si próprio e para os outros. Bebia demais — informou. — Gastava tudo nos cavalos e tinha mau feitio. Por amor de Deus, isso é dizer pouco. Vi mais do que uma vez uma das miúdas com nódoas negras e cortes aqui e ali. Dizia sempre que

tinha sido um acidente, mas eu sabia do que se tratava. Nunca me senti tão inútil na minha vida.

Arrependimentos e medos antigos perpassaram-lhe o rosto. Ryan não disse nada e esperou que ele terminasse. Conhecía o valor do silêncio.

— Encontraram a Sara Taylor ali ao fundo da escada. — Apontou com o ombro na direção de um lance de estreitas escadas de pedra, no pequeno pátio exterior que levava ao apartamento agora ocupado por Megan. — O apartamento devia estar vazio... nesse tempo já eu me tinha mudado para a minha casa em Saint Aindan's Road... mas houve falatório. — Baixou a voz, de modo que Ryan teve de fazer um esforço para o ouvir. — O apartamento estava todo arranjado, a cama fora ocupada, havia velas por todo o lado. Quando a Sara foi encontrada ao fundo dessas escadas com a cabeça esmagada e toda partida, houve quem dissesse que o Andy a tinha atirado pela escada abaixo porque a encontrara com outro homem.

— E o que pensa você?

— Depende. Por um lado, penso que se ela tivesse outro, eu não a censuraria. Era delicada, dedicada às filhas. A Anna é muito parecida com ela, transformou-se numa verdadeira beleza. — Bill sorriu com orgulho e Ryan deu por si a imaginar uma versão mais velha de Anna, uma mulher esguia, com belas feições e uma bonita cabeleira castanha.

— Por outro lado — continuou Bill franzindo a testa —, por muito que gostasse de dizer o contrário, creio que nesse tempo Andy Taylor pouco poderia fazer. Como disse, quando bebia já não queria saber de nada. Nem sabia o que fazia.

Ryan anuiu. Conhecía o tipo, encontrava homens assim quase todos os dias. Nem se preocupou em perguntar por que razão Sara Taylor ficara, porque não levava as filhas dali. Tivera medo.

— De qualquer forma — suspirou Bill —, o Andy atirou-se da falésia lá em cima no Forte. Encontraram-no no fundo uns dias



depois quando a maré já o tinha maltratado um pouco. Pessoas mais compassivas poderão dizer que ele ficou tão esmagado pelo desgosto que não conseguiu viver sem ela. Eu digo que ele se atirou ao mar porque não conseguia viver com o que tinha feito.

A raiva ardeu-lhe no rosto simpático, para logo se apagar quando outro cliente o chamou. Voltou a pôr a barba no lugar.

— Acontece que tinha hipotecado o *pub* até mais não. Havia dívidas enormes para pagar, por isso venderam a casa ao Mark Bowers, que agora a aluga a turistas. As miúdas ficaram satisfeitas por me venderem o *pub* com a condição de dar emprego à Megan e deixar que ela usasse o apartamento lá de cima enquanto quisesse. — Estremeceu. — Não sei como ela pode lá ficar depois do que aconteceu, mas parece que isso não a incomoda. Sempre foi um espírito livre. Espero que não vá contar nada disto a ninguém, Ryan — disse. — Não vale a pena desenterrar o passado.

E com isto foi conversar com grupos de pessoas reunidas em volta das mesas para lhes desejar Feliz Natal.

Ryan encontrou um lugar mais sossegado no bar e, como tecnicamente não estava de serviço, mandou vir um copo de Lindisfarne Mead, o vinho fortificado local, produzido na ilha. Geralmente, preferia um tinto suave, mas por vezes dava resultado misturar-se com a multidão.

— A Megan não está cá esta noite? — perguntou ao rapaz que estava a servir atrás do balcão. Acabou por se aperceber de que se tratava de Pete.

— Ná — respondeu Pete sem se voltar do que estava a fazer. — Ligou esta tarde e disse ao Bill que estava com gripe. Mas já cá deve estar amanhã.

Ryan bebeu um pouco com ar pensativo e apreciou o sabor. Podia acrescentar «pouco merecedora de confiança» à lista das características de Megan; gostaria de lhe fazer mais perguntas. Mais tarde talvez lhe batesse à porta. Olhou para o relógio.

Oito e meia.

— Não sabia que trabalhava aqui, Pete — disse com simpatia, pensando que o jovem parecia ter recuperado a cor depois do drama da manhã.

— Sou apenas voluntário na guarda costeira — respondeu também com um sorriso amigável. — Divido os turnos com a Megan quando não ajudo em casa.

— Então, ontem à noite estava na guarda costeira e não aqui no *pub*.

Peter concordou enquanto misturava um *whisky* com coca-cola.

— Acabei o turno por volta das onze, à mesma hora que o Alex.

Ryan já conhecia os movimentos de Pete na noite anterior. Era seu dever fazê-lo.

— Não lhe apetecia uma bebida? — Ryan sabia que Alex tinha ido até ao *pub* depois do turno, e namoriscara com algumas mulheres. Queria saber por que razão Pete não o fizera.

Pete fez uma careta.

— Para ser franco, estou aqui tempo suficiente. Não me importo de beber uma cerveja com amigos de vez em quando, mas prefiro ficar em casa.

— Calculo que estivesse bastante cansado depois de um turno longo — insistiu Ryan. — Aconteceu alguma coisa no alto-mar?

Pete lançou-lhe mais um sorriso rápido enquanto entregava as bebidas e metia gelo nos copos e, mais uma vez, Ryan pensou que ele parecia demasiado jovem para servir álcool. Porém, sabia por acaso que ele terminara a escola secundária no mesmo ano que Lucy, mas, enquanto ela partira para estudar História da Arte na universidade, ele ficara a trabalhar no *pub* e ser todos os dias um herói, já para não falar do tempo em que ajudava a mãe viúva a gerir a estalagem. Aquilo situava-o nuns jovens mas respeitáveis vinte e um anos.

— Ontem à noite não aconteceu nada de especial, mas por vezes isso é pior... sabe, muitas horas de serviço sem nada que fazer. —

Fez uma expressão desapontada. — Julgo que não deveria queixar-me, tendo em conta o que aconteceu esta manhã.

Ryan viu o choque esvoaçar pelo rosto de Pete. Sentiu algo parecido com pena estremecer dentro de si, recordando-o de quando era mais novo.

— Não se preocupe, Pete. Não vai mudar o que aconteceu à Lucy.

— Não, não vai mudar.

Ryan entrou de novo no ritmo.

— Deve ter sido difícil para si, esta manhã, visto que conhecia a Lucy tão bem.

Pete engoliu em seco.

— Conhecia a Lucy desde sempre, crescemos juntos. Éramos uns quantos e andávamos sempre juntos.

— Sim, bem sei. — Ryan recordou a sua própria infância com longos dias a brincar nos campos em redor da casa dos pais.

— Também foi difícil para o Alex. Namoravam, mais ou menos.

Depois de uma reação retardada, Ryan considerou um sucesso pessoal o não se ter engasgado com o gole de vinho que tinha na boca.

— O Alex Walker? — *Como lhe teria escapado aquilo*, perguntou Ryan a si próprio, sentindo-se nervoso. Mais importante, porque não teria Alex partilhado aquela preciosa informação quando prestara o seu depoimento?

— Claro. — Pete assentiu com alguma malícia. — Ela era um pouco mais nova, mas isso não parecia incomodar nenhum deles. Creio que a levou algumas vezes ao teatro a Newcastle, quando lá ia.

Ryan pensou no antigo Theatre Royal em Newcastle, a cidade mais importante a sul. Era lá que Lucy Mathieson frequentara a universidade, a uma distância de noventa minutos da ilha, para quem fosse de carro.

— Ela disse-lhe?

— Hã-hã — assentiu Pete, descansando os braços no balcão durante um momento mais sossegado. — Disse-nos a todos, não era exatamente um segredo. Todos percebiam que gostavam um do outro.

— Os pais da Lucy sabiam?

— Calculo que sim. — Fez uma careta. — Por outro lado, não sei o que o pai pensaria. O Alex é boa pessoa mas tem quase trinta anos e a Lucy fez vinte e um em setembro.

— Estou a ver. — Ryan não tinha ainda o panorama global mas contava tê-lo em breve. A primeira pergunta que tencionava fazer a Megan seria acerca da sua observação de Lucy e Alex. Agora passou a ser um assunto mais fácil.

— E o Pete? O que fez depois do seu turno? Foi para casa dormir?

— Sim. — Ryan já o sabia. Os interrogatórios porta-a-porta tinham confirmado o paradeiro de Pete entre as onze e meia da noite e as cinco e meia da manhã; dormira como um bebé no seu quarto da estalagem. Mas, mesmo assim, não fazia mal conseguir o quadro completo acerca de uma pessoa.

— A sua mãe é a dona daquela estalagem grande junto ao museu, não é verdade? — *O museu que ficava perto da entrada dos visitantes do mosteiro*, pensou Ryan.

— Exatamente — disse Pete alegremente. — Os meus pais geriam-na juntos e depois da morte do meu pai a minha mãe encarregou-se de tudo. Ao todo, há trinta anos que é da família. Era dos meus avós paternos.

— Um verdadeiro negócio familiar, então.

— Hã-hã! — concordou Pete com orgulho na voz. Era um hotel antigo encantador e ele trabalhava muito para o manter assim.

— Sabe? — Voltou-se para Ryan. — Se alguma vez lá quiser ir comer, a minha mãe contratou um *chef* mesmo muito bom. Está a tentar melhorar o restaurante — explicou. — Aposto que lhe fará um desconto como novo cliente.

— É muito simpático da parte dela — respondeu Ryan, pensando que não aceitaria ofertas interessantes. Baixou os olhos para os dedos de Pete enquanto ele tirava umas cervejas. Dedos longos e finos, mas o rapaz era franzino, quase efeminado. Duvidava que tivesse força física para transportar o corpo de Lucy. Por outro lado, era necessária bastante força e resistência para manobrar um barco salva-vidas.

Tomou outro gole, enquanto observava o jovem.

Pete, sentindo que a conversa terminara, sorriu de novo e foi servir outro cliente. Ryan voltou-se para examinar as pessoas de Lindisfarne do seu ponto de observação. Num canto, um grupo de adolescentes começava a fazer barulho antes de Bill lhe lançar um olhar do seu posto no outro extremo do *pub*. Ryan talvez duvidasse que a identificação deles não cumprisse os requisitos legais para o consumo de álcool, porém, tinha a sensação de que Bill tinha tudo em ordem.

Viu Alex e Rob sentados à mesa no centro da sala, com os casacos vermelhos nas costas das cadeiras e os rádios guardados dentro dos bolsos. Calculou que não estivessem de serviço, mas nunca se sabia num lugar como aquele, as regras normais não se aplicavam. Alex parecia estar rodeado por três mulheres. Os seus olhos verdes cintilavam enquanto lhes contava uma história qualquer, provavelmente acerca do seu heroísmo no mar. Gostaria de saber como podia o homem estar ali sentado a sorrir, a beber e a namoriscar quando a namorada tinha sido brutalmente assassinada nesse mesmo dia. Chegara o momento de descobrir.

## CAPÍTULO 7

Alex bebeu um gole da sua cerveja e, ao olhar em volta da sala, reparou que Ryan estava num canto. O homem observava tudo como um falcão, nada escapava aos seus olhos de polícia. Tinha de o admirar por isso. Ergueu a mão para o cumprimentar e fez-lhe sinal para que se aproximasse.

— Ryan!

Alex viu-o caminhar por entre as mesas com aquele seu andar vagaroso e atento. Reparou que as mulheres que estavam na sua mesa também olhavam para Ryan e sorriu tristemente, empurrando um banco com o pé para lhe arranjar lugar.

Ryan não aceitou a oferta da cadeira. Voltou-se para os outros.

— Minhas senhoras, Rob — cumprimentou, delicado, para logo pousar uma mão pesada no ombro de Alex e o apertar ligeiramente.

— Alex.

O elemento da guarda costeira ergueu as sobrancelhas. Não precisava de ser detetive para perceber que se passava alguma coisa. Tinha de admitir que ser o alvo da cólera daquele homem não era a primeira das suas prioridades.

— Tens um minuto? — A pergunta educada de Ryan conseguia conter o tom exato de ameaça.

Alex anuiu.

— Claro.

Saíram e, depois de Ryan verificar que estavam a sós, interrogou-o.

— Podes dizer-me porque ocultaste informação durante uma investigação de homicídio?

— Não sei do que te estás a referir. — A voz de Alex era calma, mas como Ryan tinha os olhos presos ao rosto dele, apercebeu-se de uma centelha momentânea de entendimento. Alex sabia exatamente do que se tratava.

— Vamos recomeçar, sim? — Ryan falava numa voz perigosamente baixa e aproximou-se mais um passo, para, pelo sim pelo não, lhe limitar os movimentos.

Uma veia latejou no pescoço musculoso de Alex que meteu as mãos nos bolsos para fazer tilintar os trocos.

— Não sei o que queres de mim — disse Alex em tom beligerante.

— Vamos começar pela verdade. Queres dizer-me por que não mencionaste a tua relação com a Lucy Mathieson?

Alex empalideceu.

— Nós nunca... Não diria que se tratava de uma relação.

— A sério?! Interessante, porque ela contou aos amigos uma história diferente, que tinha um namorado, Alex Walker.

— *Okay*, olha... — Alex passou os dedos pelo cabelo e Ryan observou-o. Era outro homem com mãos grandes. A ilha parecia estar cheia deles.

— Olha — recomeçou Alex. — A Kim e eu separámo-nos há seis meses.

— A Kim?

— A minha mulher.

— Oh, está a ficar cada vez melhor.

— Não me venhas com isso! — irritou-se Alex, fechando os punhos. — As coisas já estavam mal entre nós há uns tempos. Foi ela que terminou. Voltou para casa dos pais em Newcastle.

Ryan anotou mentalmente que, depois de observar aquela reação intempestiva, lhe parecia que o galã talvez tivesse tendências violentas.

— Foi quando aconteceu. Fui a Newcastle para ver a Kim e tentar reconciliar-me com ela. Mas mandou-me para o inferno.

— Pois, pois... — exclamou Ryan, sem querer ceder. — Apanhou-te nos braços de outra mulher?

Alex não respondeu, desviando o olhar em direção ao balcão.

— Tens andado por aí com umas miúdas, não é verdade? — resmungou Ryan.

— Queres saber o que se passou ou não? — perguntou Alex decidido.

— Podes crer que sim. — Ryan ergueu a mão num gesto para o incentivar a continuar.

— Então, saí e decidi a ir a uns quantos bares. Foi quando reconheci a Lucy. Mais ou menos... posso dizer que parecia muito mais velha daquilo que eu me lembrava. — Franziu os lábios ao recordar-se. — Quase me engasguei quando a vi de minissaia e saltos altos. — Inesperadamente, as lágrimas toldaram-lhe os olhos e foi-lhe difícil controlar-se para não as dar a perceber.

— O que aconteceu? — perguntou Ryan em voz baixa.

— Bebemos uns copos a mais; ela disse-me que há anos que tinha uma paixoneta por mim e eu fiquei lisonjeado. — Olhou para Ryan e disse: — Acabava de deixar uma mulher que pensava que eu era uma merda e um anticristo e, logo a seguir, apareceu esta miúda a dizer que eu era o homem dos seus sonhos. Sou humano... — Encolheu os ombros.

Ryan anuiu. Percebeu o que se seguiria.

— Calculo então que nunca tenhas falado com os pais dela.

Alex sentiu-se interiormente culpado e abanou a cabeça.

— Bem, quer dizer, conheço os Mathieson. Todos os conhecem por aqui... — Apercebeu-se do olhar de Ryan e continuou apressadamente. — Mas não, nunca nos encontramos. Ela... a Lucy... queria tratar das coisas, torná-las oficiais. Digo-te desde já, Ryan, tentei impedi-la uma e outra vez. Disse-lhe que esperasse e que não dissesse aos pais até termos passado mais algum tempo juntos. Iria



ter com ela a Newcastle, saíamos umas vezes por mês e isso. Não quer dizer que eu não gostava dela, Ryan. Gostava, gostava mesmo.

— Percebo, Ryan. Estavas a usá-la. — A voz do inspetor era implacável.

— Pois sim, porquê? Por acaso és um santo? — Alex voltou-se para ele. Consegues estar aí e dizer-me que nunca fizeste nada de que te tenhas envergonhado?

Ryan ficou em silêncio por um longo momento. Não. Não podia dizê-lo. Havia coisas que o assombravam, que o impediam de dormir noite após noite, mas desde que se esforçasse por encontrar o assassino daquela jovem, poderia deixar de pensar na mulher que não conseguira salvar por ter chegado tarde demais.

— Nada disto tem que ver comigo. Não respondo a perguntas, Alex. Sou eu que as faço — disse em voz calma. — Alex continuou a olhar para ele. — Tinhas então um caso com a Lucy — começou por dizer.

— Dizes isso como se fosse uma coisa suja — resmungou Alex.

— E não foi? Não estavas exatamente desesperado por ir tomar chá com os pais dela, pois não?

— Não queria fazer promessas que não poderia cumprir. Além do mais, ela sabia que eu ainda era casado.

— Aposto que lhe disseste que te ias divorciar — comentou Ryan. Sabia que nada daquilo seria admissível e que ele não fora citado, nem fora registado no seu depoimento. Mas só queria saber o que mexia com aquele homem.

— É verdade! A Kim entregou os papéis há três meses.

Ryan ergueu uma sobrancelha. Já era alguma coisa, mas insistiu para conseguir mais.

— Ontem à noite viste a Lucy no *pub*?

— Sabes que sim — respondeu Alex com ar cansado. Já dera o seu depoimento de manhã. Tal como toda a gente.

— O que tinhas vestido?

— O que tinha *vestido*? — Alex parecia perfeitamente confuso com a pergunta, mas Ryan não desviou o olhar, de modo que ele respondeu. — Ah, o casaco da guarda costeira, calças caqui, botas castanhas, uma *T-shirt* branca e... — Calou-se, pouco à vontade por uns momentos.

— E...?

— Uma camisola verde com um motivo de Natal. Tinha uma rena à frente com chifres cintilantes. Estás satisfeito? — Alex parecia incomodado.

Ryan disse a si próprio que não podia mostrar-se divertido.

— Encontraste-te então com a Lucy no *pub*. Estava combinado?

— Não, não estava. Já tinha falado com ela e disse-lhe que tínhamos de nos acalmar, para que a situação não interferisse com o meu divórcio. Dei de caras com ela no *pub* e trocámos umas palavras. De qualquer forma, ela estava com as amigas.

— Não combinaram encontrar-se depois de saírem do *pub* para matar saudades?

— Não. Não combinámos.

— Olha, tanto quanto sei, a Lucy estava muito bem-disposta ontem à noite, o que não é consistente com uma rapariga que acabou de levar com os pés.

— Não lhe dei exatamente com os pés.

— Então estou enganado. — Ryan ergueu a mão num gesto sarcástico. — Disseste-lhe que seria melhor que ela se acalmasse por causa das aparências, mas mantiveste a porta aberta para o caso de te apetecer dar mais uma voltinha.

— Não vale a pena seres grosseiro.

— Vale muito a pena — exclamou Ryan com um olhar furioso. — Passeaste-te por aí como o Casanova residente da ilha, a enganar a Lucy, enquanto tentavas entender-te com a tua mulher. Menos de vinte e quatro horas depois de a Lucy ter sido encontrada morta, namoriskas com o resto do rebanho. — Apontou com a cabeça para

o *pub* de onde tinham acabado de sair e para as mulheres sentadas na mesa. — Que se passou Alex? A Lucy ficou demasiado exigente?

— Que ridículo!

— Não penses nem por um segundo — continuou Ryan ameaçador — que não vou continuar a vigiar-te, Alex. E a vigiar-te bem. A tua casa não fica longe do mosteiro, pois não? — Mostrou os dentes. — Não seria difícil combinarem sair separados do *pub* e encontrarem-se mais tarde na tua casa. Também estás em boa forma. Já vi as tuas corridas pela praia e aposto que consegues levantar um peso considerável. Não te seria difícil arrastar a Lucy por aquelas ruínas depois de teres acabado com ela.

Alex ficou branco como a cal da parede.

— Tens álibi para ontem à noite, Alex? Onde estiveste entre a meia-noite e as cinco e meia da manhã?

— A dormir, na minha cama.

— Sozinho?

Alex engoliu em seco.

— Sim, sozinho.

— Azar o teu — comentou Ryan.

Alex engoliu mais uma vez em seco, movimentando a maçã-de-Adão.

— Nunca poderia... nunca poderia fazer o que fizeram à Lucy.

— Isso ainda está para ver — terminou Ryan em voz baixa. — Não te ausentes daqui, Alex. Combinado?

Ficou ali algum tempo enquanto o elemento da guarda costeira tropeçava para voltar para dentro. Viu-o caminhar em direção à mesa, com um andar significativamente menos confiante do que quando saíra, e pegar no casaco como se tencionasse ir-se embora. Rob Fowler levantou-se e pousou a mão no braço de Walker num gesto de solidariedade. Ryan vira o suficiente. Caminhou rapidamente pelo lado do *pub* planeando fazer uma visita a Megan para esclarecer umas coisas.

Ao dobrar a esquina do grande edifício de pedra, quase colidiu com Anna. Com um sentido de oportunidade instintivo, ambos pararam ao fundo da escada de pedra que levava ao apartamento por cima do *pub*. Uma luz fraca brilhava atrás do único vidro sujo por cima da porta.

Olharam um para o outro, avaliando-se.

Ela viu um homem sombrio e atraente, com o rosto irado, vestindo uma volumosa *parka* azul-escura e uns *jeans* velhos. Deixou que os seus olhos vagueassem por cima daquele rosto esculpido e deu por si a pensar como seria sentir-lhe a barba junto ao seu rosto. Horrorizada, ordenou a si mesma que controlasse as hormonas e ficou satisfeita por estar escuro e ele não poder ver o rubor que lhe subia do pescoço até ao rosto.

Ele viu uma mulher alta recortada pela luz da cozinha do *pub*, o cabelo escuro a espreitar de um gorro de lã verde emoldurando-lhe a pele pálida e os enormes olhos castanhos. Deu por si a sorrir, imaginando se ela saberia como o seu rosto expressivo denunciava as emoções.

— Doutora Taylor — disse. — Temos de deixar de nos encontrar assim.

Anna irritou-se. O homem parecia passar a vida a tentar enervá-la. E o pior é que conseguia.

Fungou.

— É uma aldeia pequena.

— De facto é — concordou ele. — Foi visitar a sua irmã? — Olhou lá para cima, para o apartamento.

— Não, ia agora lá. — A boca de Anna descaiu e a sua voz perdeu o calor natural. Ryan julgou que ela não se apercebera.

— Também ia visitá-la.

A boca de Anna pareceu esbater-se.

— Não deixe de o fazer por minha causa — replicou, voltando-se para se ir embora.

Ele pegou-lhe num braço e ela reagiu automaticamente. Ryan franziu a testa e retirou lentamente a mão, com a palma para cima. Bill tinha razão, pensou. Aquela mulher sabia o que era ser apertada por mãos fortes e ele censurou-se por lhe ter posto aquela expressão no olhar, obrigando-a a compará-lo com o que antes lhe acontecera.

— Desculpe — disse, e viu o seu ar confuso. Anna cruzou os braços como se quisesse defender-se. Não era a primeira vez que ele se sentia frustrado na presença daquela mulher. Apetecia-lhe agarrá-la, sacudi-la...

Queria fazer muito mais do que isso, admitiu, mas aquele não era exatamente o momento.

— Preciso de fazer umas perguntas à Megan — acrescentou.

Anna sentiu-se uma perfeita idiota. Não só se comportara como uma peixeira ciumenta, como saltara como um coelho assustado quando tudo o que ele fizera fora pôr a mão no seu braço. Devia considerá-la uma autêntica tolinha.

Deteve-se e reconsiderou imediatamente. Claro que não tivera *ciúmes*. Ficara surpreendida, nada mais.

Ora, ao diabo para aquilo tudo. Esperava que ele tivesse melhor gosto do que a irmã.

*Então, afinal, que tipo de pessoa era ela?*

— Porque não vamos os dois? — A voz dela, com o seu tom suave, penetrou-lhe os pensamentos e deu por si a anuir.

Tendo-o ali, talvez tornasse as coisas mais simples entre elas, pensou. Megan não poderia discutir e irritar-se enquanto um completo desconhecido, que por acaso era detetive de homicídios, se encontrava junto delas.

— Primeiro as senhoras. — Ryan fez um gesto em direção à escada.

Anna engoliu um súbito receio e o arrepio que lhe passou pela pele enquanto estava junto aos degraus de pedra. A mão tremeu-lhe levemente quando agarrou o corrimão, pois sabia que estava

exatamente no local em que haviam encontrado a mãe oito anos antes.

Ryan viu-a hesitar e quis dizer qualquer coisa, mas deu por si com falta de palavras, o que era pouco característico da sua pessoa. Preferiu pousar a mão lenta e delicadamente no braço dela.

— Isto aqui é escorregadio — disse em voz baixa, pontuando o silêncio da noite. — Cuidado com o degrau.

Anna lançou-lhe um olhar agradecido e descobriu que ele estava mais próximo do que esperara. Ficou com o rosto quase ao nível do dele quando subiu o primeiro degrau, agarrada ao velho corrimão de ferro. Sentiu-lhe no hálito um leve aroma a álcool e viu-lhe a forma dos lábios à luz que trespassava da janela solitária.

— Obrigada — disse por fim.

Ele não disse nada, nem se moveu, à espera que a tensão passasse.

Depois, ela voltou-se de novo e começou a subir com a cabeça numa confusão, Ryan respirou fundo e seguiu-a, tentando não reparar na forma das calças à sua frente na escada.

Ninguém atendeu quando Anna bateu à pequena porta de madeira, porém, sons abafados de um rádio ou da televisão passavam pelas fendas.

Anna encolheu os ombros e bateu de novo, pensando que Megan poderia estar na casa de banho.

Não houve resposta.

Tentou convencer-se de que Megan talvez não ouvisse a porta por causa do som da televisão, ou por qualquer outra razão plausível para que não aparecesse à porta no seu roupão transparente para lhe dizer que se pusesse a andar, como já fizera nesse dia.

Anna bateu com mais força, agora já em pânico.

Ryan tocou-lhe ao de leve no ombro para a afastar e bateu ele próprio.

— Megan? — chamou. — É o inspetor Ryan. Gostava de lhe fazer umas perguntas. Megan?

Ryan sentiu as entranhas apertadas numa sensação doentia; aquele sexto sentido com que todos os detetives de homicídios nasceram, ou trabalharam muito para desenvolver. Supunha que sempre o tivera e agora dizia-lhe que Megan não abriria a porta a ninguém.

— Anna, pelos vistos a sua irmã não está em casa. — Manteve o tom de voz deliberadamente natural. — Porque não se vai embora? Fico aqui, para o caso de ela voltar.

Anna voltou-se para olhar diretamente para ele.

— Agradeço o que está a tentar fazer. Pode crer que sim — acrescentou. — Mas não sou tola. Se alguma coisa aconteceu à Megan... — Engoliu em seco quando a voz lhe falhou — ... devo ficar aqui.

Ryan fez um esforço para não se mostrar aborrecido. Porque não aceitaria aquela mulher a ajuda que lhe ofereciam? Porque não se queria poupar, pelo menos por umas horas, à infelicidade? Mas não, quando viu o rosto sereno e obstinado que o olhava, viu nele determinação e algo a que chamaria garra.

— Se é assim que quer, vá lá abaixo pedir uma chave ao Bill. Se ele fizer perguntas, não lhe diga nada. Falo com ele depois. Ela deu meia-volta sem pronunciar palavra.

## CAPÍTULO 8

— Frank? Preciso que volte para a ilha.

Enquanto Frank instruía o sargento para regressar a Lindisfarne com a equipa, antes que a maré subisse à noite, Anna ficou sentada a tremer no último degrau da escada.

Havia muito sangue. Cobria a colcha e pingava para o tapete cinzento onde coagulara aqui e ali. Salpicara por cima da parede atrás e à esquerda da cama em arcos elevados e espalhara-se sobre o frágil toucador, os frascos de perfume e o guarda-joias.

Ninguém poderia ter sobrevivido àquela perda de sangue, pensou ela, porque era lógico, enquanto sentia o coração a despedaçar-se-lhe silenciosamente.

Quando Ryan abrira a porta, Anna tentara preparar-se e colocara-se junto dele, já mesmo dentro de casa. A devastação era patente para que todos vissem, mas a Megan não estava no compartimento cheio dos objetos de todos os dias que faziam parte da sua vida, cobertos pelo que tinha de ser o seu sangue.

— Onde está ela? — perguntou Ryan para consigo, com uma expressão remota naqueles olhos cinzentos que examinavam o quarto. Anna teve a sensação de que ele memorizava cada pormenor, do teto ao chão.

— Tem de a encontrar — disse ela sufocada, antes de ter fugido para a noite em busca de ar depois de sentir o fedor putrefacto de todo aquele sangue.

De facto, Ryan memorizara o local. Viu no chão as marcas de arrastamento desde a cama até à casa de banho, para onde



imaginava que o corpo de Megan tivesse sido levado, provavelmente para ser limpo. Os seus olhos observaram de forma lúgubre os salpicos do sangue e percebeu que uma artéria, ou até várias, tinham sido cortadas ali. Nada mais poderia ter causado aquela onda de sangue que banhava o quarto e que parecia ainda pior devido aos lençóis vermelhos de cetim barato. Até as cortinas, tudo era vermelho.

Exceto a casa de banho, reparou. Os salpicos tinham chegado à pequena porta da divisão principal que servia de sala e quarto, porém, não havia manchas no chão de mosaico branco. Observou tudo de novo, desta vez para além do sangue. O quarto estava totalmente em desordem e parecia sujo. Havia roupas por cima do cadeirão desbotado e amontoadas sobre o sofá de dois lugares que não condizia e que estava encostado a uma parede. Na mesinha havia um amontoado de revistas e outros objetos, tudo coberto de pó. A bancada da minúscula zona da cozinha e quase todas as outras superfícies estavam também cobertas de pó ou de sujidade. As poucas zonas do tapete que não estavam salpicadas de sangue encontravam-se manchadas ou sujas. Era evidente que Megan pouco cuidava da casa, o que o levou a concluir que a casa de banho estava impecável devido aos esforços do seu assassino.

Não valia a pena fingirem que a encontrariam ferida depois de um desagradável acidente. Voltou-se a partir da posição em que se encontrava junto à porta — sabia que não devia contaminar o local de um crime — e fechou a porta à chave atrás de si, deixando o rádio ligado. Precisava de equipamento forense e de reunir uma equipa de busca, assim que chegasse o seu pessoal. Se as circunstâncias fossem diferentes, teria chamado a guarda costeira, mas os recentes acontecimentos não o permitiam.

Passou a mão pelo cabelo e desejou poder tomar um café. Melhor, qualquer coisa mais forte. Fora um dia brutal e estava ainda longe de terminar. Depois viu-a, encolhida e a tremer ao fundo da escada. Silenciosamente, porque não queria assustá-la, foi sentar-se junto

dela. O facto de ela não ter estremecido quando lhe passou um braço pelos ombros, preocupou-o mais; a Dra. Taylor ficava habitualmente tensa na sua presença e ele costumava considerar o facto divertido.

— Anna?

Ela olhou-o vagamente com uma expressão assombrada e teve dificuldade em concentrar-se.

— Creio que é melhor ir lá para dentro. — Começou a andar.

— Não! — Ela apercebeu-se de que a sua voz era quase um grito e moderou o tom. — Não, não posso encarar... — Apontou com a mão na direção do *pub*. — ... ninguém.

Ele olhou para ela e viu medo, mas também cansaço.

— Vou levá-la a casa.

— Não quero que...

— Anna, tem de ir para casa — disse Ryan em voz firme e, mais por estar fatigada do que por outra coisa qualquer, acabou por anuir. Ele levantou-se e estendeu-lhe a mão. Anna nunca dera a mão a um homem na sua vida. Não era inexperiente, mas nunca ninguém lhe oferecera esse simples gesto. Talvez fosse mais justo dizer que nunca parecera querer recebê-lo.

Aceitou então a mão que lhe era agora oferecida e, juntos, caminharam em silêncio pela rua principal em direção ao forte.

Os minutos passaram enquanto andaram pelo único atalho que saía da aldeia e virava para a casa que Anna alugara. Durante esse caminho sentiu-se um pouco tonta, sonhadora. Ainda não se apercebera da realidade.

— Suponho que me queira fazer algumas perguntas? — indagou Anna quando se aproximaram da porta da sua casa.

Ryan não respondeu, mas continuou a observá-la com os seus olhos enigmáticos.

— Compreendo que a Megan está... isto é, pode estar... — dizendo as palavras ou tentando dizê-las, quebrou a membrana transparente que erguera para si própria. Lágrimas ardentes inundavam-lhe os

olhos e desviou o rosto, furiosa, para as limpar com uma mão. O som das ondas a baterem na areia era um rugido na sua cabeça e as acolhedoras luzes da aldeia uma névoa irritante atrás de si, enquanto caminhava sem ver pelo atalho do jardim, procurando as chaves na mala.

Ele amparou-a simplesmente sob a luz do alpendre, uma mão segurando-lhe a cabeça, a outra em redor da cintura enquanto ela deixava que a emoção do dia a abandonasse. Antigos arrependimentos e ressentimentos invadiam-na e os seus dedos agarravam e soltavam ritmadamente o casaco dele enquanto lutava contra a culpa que ameaçava vencê-la. O desgosto era amargo. Enganara-se, todos estes anos, ao pensar que chorava a perda de uma família que nunca, de facto, existiu. Aquilo, aquela aguda sensação de separação, é que era uma dor verdadeira.

Depois, já sem lágrimas, começou a sentir-se embaraçada. Apercebeu-se de que o seu rosto se aninhara confortavelmente no largo peito dele e que os seus braços o estreitavam. Os dedos dele massajavam-lhe suavemente a nuca e acalmavam a tensão. Sentiu o aroma a terra que emanava dele e desejou aproximar-se mais, mas sabia que aquele momento lhe era oferecido por pena.

— Obrigada — murmurou e tentou afastar-se. — Tenho a certeza de que não faz parte das suas atribuições consolar mulheres histéricas.

Ele olhou-a e pensou que o embaraço ainda a tornava mais atraente. Sabia que devia deixá-la ir nesse momento. Havia muito que ultrapassara a marca profissional. Que diabo, transpusera-a com um alegre abandono.

Porém...

Ergueu a mão para tentar acariciar-lhe o rosto, mas viu os olhos dela entristecerem. Com a outra mão ergueu o rosto dela para o seu.

Ela viu como os seus olhos pareciam prateados antes de ele a beijar na boca. Se esperara conquistá-la pela força, enganara-se.

Aquilo era um lento tomar das suas sensações, uma suave sedução que a deixava surpreendida.

Quando ergueu as mãos para lhe tocar no rosto, para percorrer com os dedos a sua barba, sentiu o choque momentâneo da parte dele, o que a tornou mais ousada. Levou-lhe os dedos ao cabelo negro para o puxar mais para si, incitando-o a continuar.

Dentro dele travava-se uma batalha. Ela era tão suave, tão ansiosa. Os lábios cheios tentavam-no enquanto as mãos dela o puxavam para mais perto. Envolveu os dedos na sua cabeleira sedosa e viu-a inclinar a cabeça para trás e a suave curva do seu pescoço. Tinha os olhos semicerrados, orlados pelas pestanas escuras pousadas na curva macia das suas faces. Incapaz de pensar, mergulhou a boca, provando, tocando, desesperado por conseguir aquilo que ela lhe podia dar. Algures no fundo da sua mente, sentiu o desespero no beijo e conseguiu provar as lágrimas salgadas na sua pele.

As lágrimas dela.

Subitamente, recuou e afastou-a de si.

— Peço desculpa — disse. — Isto nunca devia ter acontecido. Aproveitei-me de um momento vulnerável e tem todo o direito de se queixar de mim.

Anna ficou muda de espanto. Silenciosamente, acrescentou «puritano» e «oficioso» à lista de qualidades.

— Não se sinta lisonjeado — exclamou ela e ficou satisfeita ao ver como ele se mostrou surpreendido. — Posso estar perturbada, mas não sou uma vítima.

*Nunca mais seria uma vítima.* Era uma promessa que há muito fizera a si própria.

— Tenho consciência disso. A situação só torna os meus atos ainda menos apropriados. — Começou a afastar-se.

— Há um antigo ditado que diz que são precisos dois para dançar o tango. Eu também queria, nem que fosse para me dar consolo.

*Aquilo deu-lhe de novo volta à cabeça*, pensou ela, triunfante. Como a corda esticada de um arco, pareceu estremecer durante um momento antes de se afastar dela, de volta às sombras.

— Feche a porta à chave — disse de forma brusca, antes de dar meia-volta e partir em busca do cadáver.

— Com um caraças!

Phillips deixou-se ficar à porta do apartamento de Megan e cobriu o nariz com o lenço que outrora fora de um azul-elétrico, mas estava já acinzentado depois de numerosas lavagens.

— Exatamente. — Ryan manteve-se a seu lado, enquanto Faulkner e a equipa forense examinavam o quarto, envergando fatos-macaco brancos e redes de cabelo. — Há alguma notícia da MacKenzie?

Ryan enfrentara a raiva do seu sargento e pedira os serviços da inspetora MacKenzie e um grupo adicional de agentes que tinham chegado à ilha havia menos de uma hora, deixando as famílias e os companheiros, apesar da hora tardia. Pusera-os imediatamente em ação.

Phillips abanou a cabeça sentindo ao mesmo tempo irritação e admiração ao pensar na detetive com cabelo ruivo que instruía nesse momento uma equipa de agentes a vasculhar a ilha em busca da jovem desaparecida.

— Ainda nada chefe.

Ryan saiu do quarto e desceu a escada, esperando que Phillips o seguisse. O pequeno pátio fora isolado da rua principal e era vigiado por dois polícias que ladeavam a entrada como sentinelas. O pequeno grupo de gente da terra que se reunira no exterior fora dispersado.

— Quero o Bill Tilson, o Pete Rigby e o resto do pessoal no *pub* dentro de dez minutos — vociferou Ryan. — Mantenham-nos separados. Quero que registem *já* os depoimentos deles. — Não quero saber se estão a ter os melhores sonhos húmidos das suas vidas. Arrastem-nos para fora da cama e tragam-nos para aqui.

Phillips já antes ouvira aquele tom e nem se preocupou em retorquir que era muito pouco provável que qualquer um deles estivesse a dormir. Entretanto, olhou à sua volta. A escada e um perímetro em volta do pátio tinham sido isolados como fazendo parte do local do crime. Tinham sido colocados holofotes enormes a determinados intervalos, para fornecerem luz continua numa comparação discordante com o céu noturno.

— Alguém vá buscar o Alex Walker — dizia Ryan, olhando para as suas botas gastas enquanto refletia.

— Ah, tecnicamente não podemos declarar um crime... — Phillips fechou imediatamente a boca quando Ryan se voltou para ele.

— Porque ele nos pode acusar de assédio, não é verdade? — A voz de Ryan tinha um leve tom sarcástico.

Phillips apertou os lábios, agarrou-os entre o polegar e o dedo médio, mas nada disse.

— É um sacana arrogante — disse Ryan pensativo.

— O Walker?

— Está fora de questão — Ryan riu. — Mas estava a pensar de uma forma mais geral. Quem quer que ele seja, Frank, é um filho da mãe arrogante.

Phillips resmungou.

— Despacha duas mulheres em menos de vinte e quatro horas e com todo o estilo. Não se preocupa com o facto de a ilha estar cheia de polícias. Inacreditável.

— Não sabemos se a Megan está morta — disse Phillips com pouca convicção.

Ryan não se incomodou em olhar para ele.

— Sabe tão bem como eu que ninguém sobrevive a um banho de sangue como este.

Phillips sabia-o e perguntou a si próprio o que teria passado pela mente de Ryan ao entrar naquele pesadelo.

— É sempre um choque. — Foi o que disse.

Ryan endireitou-se e tentou concentrar-se no aqui e agora.

— Vai aparecer um cadáver, Frank. Ele gosta de os deixar para que os encontremos, gosta de mostrar o trabalho que fez.

— Pode ser mais do que um — resmungou Phillips.

— É possível — supôs Ryan. — Porém, pouco provável. Quais as possibilidades de andarem dois assassinos à solta? A ilha está cheia de pessoas bem-intencionadas.

— São sempre os mais caladinhos — alvitrou Phillips e Ryan não pôde deixar de sorrir.

— Pode ter razão, Frank. — Ryan meteu as mãos nos bolsos. — Vamos concentrar-nos em encontrar a Megan. Isso deve dar-nos respostas.

Ryan atravessou a barreira da polícia, deixando a Phillips o trabalho de dar palmadas nas costas e levantar o moral. Tinha na sua frente a praça principal com a estátua de um santo há muito desaparecido no seu centro. Havia ainda luzes nas casas de frente para a praça, embora já passasse da meia-noite e ele sabia que os habitantes estavam preocupados e deviam querer saber o que se passava. Aproximou-se de um banco de madeira no meio da praça e sentou-se para desfrutar de um momento de solidão, e tentar aclarar as ideias. Viu o manto de estrelas por cima de si, sentiu a sua própria insignificância e lançou o olhar para a igualmente insignificante linha do horizonte da ilha onde se recortavam as habitações.

O *pub* era um edifício comprido, baixo, tendo num extremo uma singular torre quadrada, na qual, num dos lados, havia um catavento colocado num ângulo pouco natural.

Levantou-se devagar, para logo atravessar rapidamente a praça.

— Phillips! — interrompeu a conversa do outro homem com um dos forenses.

— Ainda não há novidade, Ryan.

— Ela está no telhado.

— O quê...? — Phillips precisou de um momento para processar a ideia e a seguir levantou a cabeça para olhar. — Como sabe? Como

raio se chega lá acima?

— Da mesma maneira que ele conseguiu arrastar a Lucy Mathieson pela encosta íngreme de uma rocha a meio da noite. Poderes sobrenaturais, sem dúvida — declarou num tom seco e olhou de novo para cima. — Provavelmente com uma espécie de escada. Diga à MacKenzie que chame a equipa de buscas. A Megan está no telhado. Tenho a certeza.

Enquanto homens e mulheres com disfarces de animais executavam as suas danças em redor de fogueiras para celebrar o solstício, Ryan e Phillips guardavam a morta com expressões sinistras e olhares lúgubres.

Megan Taylor fora deixada por cima da sua própria casa, com os braços e as pernas a balançarem de um monte de velhos tijolos, telhas, bolas de futebol furadas e outro lixo que fora parar ao telhado. Tinha a perna esquerda pesadamente encostada à base do catavento de cobre e fora isso que o fizera pender para norte.

— Talvez encontremos aqui as nossas respostas. — Ryan interrompeu o pesado silêncio com uma voz deliberadamente desprovida de emoção.

— Parece que ele usou a colcha da cama para a enrolar e transportar para aqui sem deixar muitos vestígios de sangue — disse Phillips, olhando para as poucas gotas espalhadas que levavam ao local.

Ryan percebia agora. A maior parte do sangue ficara nos lençóis, por isso talvez tivessem retirado anteriormente a colcha de cima da cama. Matara-a na cama, deixara-a sangrar. O sangue fora absorvido pelo colchão. Depois, arrastara o corpo até à casa de banho, limpou-a um pouco, enrolou-a na colcha e içou-a pela saída de emergência. Provavelmente levava-a aos ombros, utilizando uma técnica de bombeiro.

Ryan fez uma pausa e olhou para a ferida do pescoço.



— Faça uma nota para o médico-legista — disse. — Quero saber quanto tempo levou ela a sangrar. Pode afetar o nosso *timing*.

Phillips escreveu a indicação.

— Enrolou-a na coberta da cama, transportou-a pela saída de emergência e deixou-a em cima de um monte de lixo. Talvez tenha parado primeiro para amontoar tudo numa paródia grotesca de um altar. Dispôs o corpo, dobrou-lhe a perna daquela maneira para que o catavento apontasse para norte, ou talvez tenha caído assim mesmo; depois desceu e limpou-se.

— Está a acontecer outra vez — terminou Ryan em voz baixa.

Phillips olhou para o inspetor preocupado.

— Não é o mesmo, Ryan.

— Bem sei que não é, Frank. Não se preocupe. — Ambos sabiam que estavam a comparar aquilo com outra morte longe dali, numa outra altura. — Vamos tentar fazer por ela tudo o que pudermos.

Phillips assentiu, com os olhos brilhantes ensombrados pela piedade.

— Divertiu-se mesmo — notou Ryan repugnado, desejando que as boas maneiras lhe permitissem cuspir o sabor amargo que sentia na boca.

— Sacana doentio. — Foi o que Phillips conseguiu dizer, mastigando.

O cadáver de Megan encontrava-se de braços abertos, com o cabelo escuro puxado para trás. Marcas vermelhas adornavam-lhe o corpo, que, como era óbvio, fora limpo anteriormente. A pele dela mostrou uma cor pouco natural no brilho falso dos holofotes, oferecendo-lhe na morte a atenção que tanto desejara em vida. A parte de baixo dos braços, pernas e costas tinha pintas vermelhas acastanhadas nos locais onde o sangue que ainda tinha dentro de si sucumbira à ação da gravidade. Uma linha dura e quebrada recortava-se na pele pálida do seu pescoço e pequenos fios de sangue seco colavam-se de cada lado, num padrão delicado de teia

de aranha. O tronco tinha marcas brutais e um dos olhos saía da órbita de forma pouco natural.

O outro fora presa dos pássaros.

# CAPÍTULO 9

22 DE DEZEMBRO

Quando por fim a equipa forense recuperou tudo o que podia do telhado onde Megan fora encontrada, Ryan disse à equipa que o trabalho daquele dia estava terminado. Ou, mais precisamente, o daquela madrugada, pois eram quase quatro horas. Não precisaram de outro incentivo e espalharam-se pelas várias estalagens da ilha. Com os olhos a arder e o coração pesado, ele e Phillips vigiaram a retirada do cadáver de Megan para o único armazém frigorífico seguro em Lindisfarne: ficava no porto e era onde os pescadores guardavam o produto da pesca antes de o venderem. Passaria a noite com o peixe antes de ser levada da ilha. Parecia mais um insulto.

Phillips sabia que nem deveria imaginar que Ryan lhe ofereceria dormida em sua casa. O inspetor era um homem intensamente discreto, desprovido de algumas boas maneiras sociais, de modo que Phillips já garantira para si próprio um quarto na estalagem da família de Pete.

— Mantenha olhos e ouvidos bem abertos — pediu Ryan e esfregou os seus próprios olhos, congestionados por demasiadas noites sem dormir. — Quero saber tudo; da Lucy, da Megan, tudo o que pense que possa ser de interesse.

— Enquanto lá estiver vou ser o melhor amigo de toda a gente. — Phillips mostrou um sorriso malicioso que quase conseguiu animá-los aos dois.

— Faz-me lembrar o *Bates Motel* — disse Ryan.

Phillips riu nervoso e desejou não encontrar animais de peluche no seu quarto.

As botas de ambos raspavam a estrada de asfalto quando, ao voltarem do porto, atravessavam a aldeia. Quando passaram pela casa de Anna, Ryan reparou que havia luz na janela e disse a si próprio que não devia preocupar-se. Continuou a andar e trocou um rápido aperto de mão com Frank quando passaram pela estalagem de Lindisfarne, onde Phillips se despediu. Num gesto protetor, antes de continuar, Ryan deu por si à espera de que Phillips estivesse em segurança do outro lado da sólida porta de carvalho.

Dirigiu-se então ao seu pequeno santuário que agora continha uma sala dedicada ao homicídio; um templo ao que de pior havia na humanidade. Caminhava lentamente pela aldeia silenciosa, passou pelo *pub* e pela fita da polícia e teve esperança de poder banir o que vira nesse dia para o recesso da sua mente, pelo menos o suficiente para conseguir dormir.

Não lhe foi fácil adormecer e, quando o conseguiu, o sono trouxe consigo pesadelos que foram mais recordações do que ficção. Repetiam-se na sua mente, atormentando-o até os primeiros insipientes raios de sol irromperem no céu.

Viu-se, tal como estivera naquela noite de junho, envergando *jeans* e uma camisa manchada de sangue da jovem que embalava no colo. Na sua cabeleira escura havia sangue que lhe escorria em fios quase secos para os dois lados da boca. Um grito alojou-se-lhe na garganta ao ver a cabeça sem vida voltar-se nas suas mãos e o terror invadiu-o quando ela voltou os olhos cinzentos, tão parecidos com os seus.

— Foste tu que me fizeste isto — disse ela através dos seus lábios exangues, antes que a cabeça lhe caísse do corpo. Ryan conseguiu sentir os salpicos quentes das artérias cortadas a encharcaram-lhe o rosto, as mãos e a roupa.

Afastou-se dela de gatas, a respirar com dificuldade. Viu o seu corpo ferido levantar-se do chão para rastejar até ele, as roupas rasgadas pendendo dela. Enquanto dormia, escapavam-lhe da boca pequenos sons animais, ao imaginar-se a correr até dar por si empurrado contra um muro de pedra e mergulhou na escuridão, sentiu o cheiro do musgo e da vegetação quando escalou o muro às cegas, em busca de uma saída. Sentiu algo húmido nas mãos e soube que se tratava de sangue. O cheiro metálico encheu-lhe as narinas, engasgando-o e empurrando-o de novo para a escuridão.

Sentiu braços a ampararem-no e viu uma jovem iluminada pelo luar, com o mosteiro atrás de si. Tentou perceber o que ela lhe dizia, mas o ruído do mar era ensurdecedor. As mãos dela transformaram-se em tornos nos seus braços, antes de lhe subirem ao pescoço. Sufocado, tentou respirar enquanto aqueles dedos o apertavam. Os olhos dela brilharam azuis, imóveis, e quando baixou os seus apercebeu-se de que eram agora as suas mãos que apertavam o pescoço dela e que já conseguia respirar e novo.

Baixou-as, repugnado e esfregou freneticamente os dedos nas calças.

— Tem cuidado comigo — disse ela em voz baixa, tentando apanhá-lo.

Mais uma vez começou a correr, tentando fugir, com os pés descalços a escorregarem no chão húmido. Caiu pesadamente na encosta íngreme que levava à aldeia e bateu com a cabeça no chão. Tentou levantar-se, mas deu por si preso por outro corpo macio, com membros musculosos a rodearem-no. Tinha as mãos enredadas em cabelo sedoso e escuro e lábios cheios procuravam os seus. Descontraiu-se, passou a mão pela pele suave da coxa dela e descobriu que estava nua. Respirou com dificuldade.

— Anna — murmurou, procurando o calor dela, mas encontrando-a gelada, abraçou-a para a aquecer, tentando acalmar os seus movimentos inquietos.

— Ama-me — pediu ela ofegante.

Imobilizou as mãos sobre a sua pele quando ela lançou a cabeça para trás e riu de modo que o luar brilhou sobre o corte que lhe serrara a garganta. O sangue do ferimento penetrava-lhe nos seios.

Ryan empurrou a mulher para se livrar dela e acordou coberto de suor, agarrado ao edredão. Com a respiração ofegante, levantou-se da cama e entrou na casa de banho, acendendo bruscamente a luz. Quando viu o homem de cabelo escuro que o olhava com olhos sombrios e congestionados, não se reconheceu. Tinha as faces cavadas, os ossos do rosto mais salientes que o habitual, a palidez da pele a denunciar a falta de sono e uma dieta deficiente. Levou a mão ao rosto para se assegurar de que estava de facto acordado e apercebeu-se de que os seus dedos tremiam descontroladamente. Aproximou-se do armário e procurou até encontrar o que queria.

*Diazepam*, estava claramente impresso no rótulo.

A tampa de segurança estava intacta na embalagem singela que segurava. Ryan olhou-a durante muito tempo. Percebia porque lhe tinham receitado benzodiazepinas. Logicamente, tinha conhecimento de que as cápsulas acentuariam o efeito do neurotransmissor GABA no seu cérebro, produzindo um efeito sedativo que ajudaria a reduzir os ataques de pânico e a ansiedade que o atormentavam havia meses.

Aquilo era ótimo. Uma coisa que podia ler e compreender.

Lentamente, guardou a embalagem intacta no armário e fechou a porta com mão firme.

Enquanto Ryan procurava alívio dos seus demónios, outro homem dormia a sono solto na sua cama. Completado o trabalho, a sua mente comprazia-se no recém-obtido contentamento e sentia-se satisfeito de uma forma que nunca sonhara possível.

Anteriormente, enquanto a disparatada polícia vasculhara a ilha em busca de Megan e os turistas dançavam num círculo em redor de uma fogueira na praia, os fiéis reuniram-se no local do costume. Fizera um frete, desenhara um círculo de fogo simbólico com a

pequena faca de cabo preto. Pronunciara as palavras rituais para consagrar esse mesmo círculo e erguera a faca para desenhar o pentagrama no ar, enquanto observara o rosto dos seus seguidores, ajoelhados junto si. Tinha os olhos invulgarmente brilhantes devido às drogas e as pessoas do círculo balançavam enquanto olhavam para a faca e repetiam as suas palavras. Mantinha a lâmina na mão e sentia-lhe o poder percorrer-lhe o braço e o resto do corpo, quase acreditando nas palavras que entoava. Recordou a potência da sua excitação, a força incrível quando vira os olhos dela a morrerem e como se sentira um dos deuses a quem agora rezavam.

Sentia-se o Deus supremo; aquele que dava e retirava a vida.

Apelou aos quatro elementos e a sua voz tornou-se mais forte. Houve um intervalo bem sincronizado nas nuvens e a lua brilhou como se ele a tivesse conjurado.

Os ocupantes do círculo observavam o seu sumo-sacerdote, nu, excetuando a pele do animal que lhe cobria os ombros. Porém, ignoravam que essa pele era falsa e fora comprada numa loja em segunda mão em Newcastle. Todos eles sentiam a sua supremacia e nenhum a questionava.

Exceto um, que estremecia no ar frio e estava com medo.

Enquanto a luz era ainda fraca e brilhava hesitante em Lindisfarne, descongelando a fina camada de geada que cobria as janelas, Ryan encontrava-se sentado à mesa daquela que anteriormente fora a sua sala de jantar, mas que agora se transformara decididamente no seu centro de coordenação. Havia uma chávena de café meio cheia sobre a mesa, perdida entre um monte de papéis que cobriam a superfície desarrumada. Tinha na frente a parede com a negra cronologia do homicídio e fotografias coladas, com setas a indicar, aqui e ali, potenciais ligações. À sua direita, a enorme janela oferecia-lhe a vista total do mar até ao continente e Ryan conseguia ver uma família de lontras em busca de pequeno-almoço nas águas que baixavam à medida que a maré vazava.

Tinha diante de si cópias dos depoimentos dos habitantes da ilha, juntamente com o resumo de Lowerson, contendo factos muito apimentados com mexericos e insinuações acerca da falecida. Fez uma meticolosa revisão do resumo e depois a cada depoimento, anotando horas, intervalos, possibilidades. Estava pronto quando os primeiros elementos da sua equipa começaram a chegar-lhe à porta, ainda antes das sete, e até se dera ao trabalho de se barbear.

— Então — começou Phillips sem se demorar com gracejos, deixando-se cair, cansado, em cima de uma das frágeis cadeiras de madeira. — Temos nas mãos um assassino em série?

— Ainda não chegámos a três — firmou MacKenzie desnecessariamente, despindo o casaco e sacudindo a chuva leve que lhe molhara o cabelo acobreado. Todos os homens e mulheres que se encontravam na sala conheciam a definição oficial de assassino em série, mas o instinto ia mais longe naquela profissão.

— Creio que podemos concluir que os dois assassinatos estão ligados e, nessa base, o departamento de Investigação Criminal confirmou que a morte da Megan Taylor deveria também ficar sob a alçada da «Operação Lindisfarne». — Ryan fez uma pausa e bebeu um gole de café. — Partindo do princípio de que estamos à procura da mesma pessoa, o que neste momento parece provável, chamarmos-lhe «assassino em série» é irrelevante atendendo ao facto de ele estar, sem dúvida, a intensificar os seus atos.

E a conversa desvaneceu-se.

Ryan apontou para uma fotografia ampliada de Lucy tirada pela equipa forense depois de ter sido encontrada. Era uma imagem frontal e completa, tirada de um pouco acima do chão para se obter uma fotografia quase aérea.

— Aqui ela foi disposta com cuidado. Tem os braços e as pernas colocados num altar. E o corpo foi meticolosamente lavado.

Tocou com o dedo numa imagem semelhante de Megan tirada do mesmo ângulo.



— Aqui não houve tanto cuidado — comentou. — Não foi tão bem arranjada quando a depositaram no telhado do *pub* e os seus braços e pernas foram dispostos em ângulos pouco naturais. O que sugere uma das várias possibilidades: ou ele estava com falta de tempo, ou se descurou, ou se entusiasmou com o ato. Talvez a Lucy fosse a primeira e o apanhasse de surpresa, mas que tivesse sentido remorsos e daí o tratamento cuidadoso. Com a Megan começou a ficar mais arrogante.

A afirmação teve o apoio de todos.

— É uma estranha mistura de planeado e não planeado — comentou Phillips, bebendo uma golada de café sem açúcar. — O estrangulamento é uma ação próxima e pessoal, geralmente levada a cabo no calor do momento.

— Concordo — anuiu Ryan, interessado.

— E ter-se dado a todo esse trabalho de a transportar lá para cima correndo riscos é um pouco amador. — Phillips encolheu os ombros. — Por outro lado, a limpeza é minuciosa. O ritual, os óleos essenciais e as coisas que usou... parece ter sido um pouco mais planeado.

Houve um silêncio momentâneo para reflexão de todos os que se encontravam na sala. Ryan estava de acordo. Era uma mistura que lhe causava perplexidade.

— Repararam em algo invulgar? — Fez um gesto para abranger a sala, interessado em saber se as observações dos outros coincidiam com as suas.

— Ambas foram limpas. — Phillips continuava a olhar para as imagens com os olhos semicerrados. — Mas seria por fazer parte de um ritual ou para cobrir as pistas?

— Ainda estamos à espera da análise química do desinfetante, inspetor — informou Faulkner. — Mas o Phillips tem razão. Tanto quanto sabemos, as duas mulheres sofreram uma limpeza extensiva em todos os orifícios. Bocas, ouvidos; ontem à noite encontrámos até vestígios de desinfetante na vagina da Megan.

Ryan voltou a cabeça como um cão pisteiro.

— Mas não na da Lucy?

— Não, inspetor.

— Apeteceu-lhe uma cambalhota com a Megan, mas não com a Lucy? — sugeriu Phillips na sua habitual maneira direta de falar.

— Por amor de Deus, Phillips — queixou-se Faulkner.

— Olhem... — Frank abriu as mãos num gesto conciliatório. — Estou a dizer as coisas como são. Por aquilo que ouvi, a Megan gostava de se divertir e de variar. Talvez fosse amiga do fulano antes de ele a ter matado.

— Não está fora dos limites das possibilidades que Megan conhecesse o assassino, já que todos conhecem todos em Lindisfarne — respondeu Ryan.

— Bom, e agora chefe... — Phillips fez uma careta.

— O que o leva a pensar que ela gostasse de se «divertir e variar»? — interrompeu-o Ryan.

Phillips inclinou-se e abriu o bloco de notas.

— Esta manhã estive a conversar com alguns hóspedes ao pequeno-almoço. Por acaso uma refeição bastante boa — acrescentou num aparte e Ryan fechou a boca para evitar dizer algo expletivo. — Nenhum deles tinha a dizer o que quer que fosse de desagradável acerca de Lucy Mathieson. A Alison e o Pete Rigby, que são os donos da estalagem, estavam bastante impressionados. O Pete e a Lucy costumavam brincar juntos quando eram miúdos, andavam na mesma escola, as mães eram amigas, esse tipo de coisas. Creio que já o sabíamos — acrescentou numa reflexão posterior.

— Não faz mal confirmar as informações. Continue.

— Bem, nem foi preciso perguntar antes de ter ouvido o primeiro mexerico acerca da Megan. Estava sentado à mesa do pequeno-almoço e ouvi a Alison... a mãe do Pete... a falar com uma das clientes habituais, uma velha que ajuda no centro paroquial — consultou as notas. — A senhora Ivy Felton.

— O que tinham a dizer?

— Bom, a senhora Rigby começa por dizer que foi uma tragédia horrível e que era uma desgraça haver dois assassínios no mesmo dia. Conversaram um bocado e, para ser franco, ambas me pareceram um pouco assustadas com tudo isto. Não posso censurá-las. A velha... a senhora Felton disse que tinha vivido toda a vida em Lindisfarne e nunca houvera sequer um assalto grave, quanto mais um homicídio. Pareceu-me também ter mais de setenta anos.

Ryan resmungou qualquer coisa ininteligível.

— Falaram durante algum tempo acerca da Lucy, de como ela era uma boa menina e choraram as duas um pouco. O tom pareceu mais conspirativo quando a conversa passou a ser sobre a Megan, chefe. Inclinaram-se mais, baixaram a voz como fazem as mulheres quando querem dizer qualquer coisa desagradável... — Calou-se quando viu a expressão de uma das agentes que se encontrava na sala e pigarreou. — Concluindo, as duas pareciam pensar que a Megan sempre estivera metida em confusões. Se não era com um homem era com outro e, da maneira como se comportava, estava mesmo a pedi-las. Calculam que tenha sido um maníaco sexual vindo do continente que ela tivesse rejeitado, ou qualquer coisa assim.

— De tudo isso que ouviu, conseguiu passar alguma coisa ao papel? — perguntou Ryan em tom seco.

— Tenho tudo assinado e reconhecido — respondeu Phillips a sorrir.

— *Okay.*

Ryan agarrou no espaldar da cadeira para a empurrar e começou a andar de um lado para o outro. Era concebível que o assassino de Megan tivesse vindo do continente, pois ela fora morta enquanto o passadiço estivera aberto. Por outro lado, havia muitas semelhanças entre os homicídios que estavam demasiado próximos para serem uma coincidência.

Não disse nada daquilo, mas fez um gesto para que Phillips continuasse.

— Ainda há melhor. — Phillips encheu um pouco o peito e brincou com a última da sua coleção de gravatas ridículas que gostava de usar. Esta era azul com coraçõezinhos vermelhos.

— Meu Deus, Frank, não brinque comigo. Despeje logo tudo.

— Ela estava noiva do Alex Walker — exclamou Frank. — Diz-se que o roubou à irmã.

— À irmã? — Ryan baixou perigosamente a voz.

Phillips não se apercebeu da mudança de tom.

— Pois! — confirmou alegremente, satisfeito com o seu trabalho dessa manhã. — A Anna Taylor e o Alex namoravam desde os dezasseis anos. Acontece que ele preferiu a irmã mais velha pois resolveu subir a fasquia trocando a Anna pela Megan, logo a seguir de a Anna os ter encontrado deitados na palha, por assim dizer.

Ryan baixou a cabeça e deu a si próprio trinta segundos completos até a névoa vermelha da raiva aclarar e lhe permitir ver de novo. Com força bruta afastou o inesperado ciúme que lhe apertou as entranhas e tentou concentrar-se no que era importante. Não tinha nada que ver com quem a Dra. Taylor escolhera para viver.

Mas passaria a ter que ver.

Ryan tratou de folhear de forma ostensiva os depoimentos datilografados que recebera dos agentes na noite anterior, para ter tempo de se acalmar. Puxou o de Alex Walker e leu-o mais uma vez por alto, antes de erguer os seus tempestuosos olhos cinzentos.

— Pois é interessante que, quando o interrogámos diretamente acerca da sua relação com a Megan Taylor, o nosso conquistador também não tenha mencionado o seu anterior envolvimento. Um pouco estranho, não é verdade?

A equipa refletia e parecia ver já alguma luz.

— Diz que passou a manhã de ontem a ajudar na investigação policial e que depois foi para casa dos pais para estar algum tempo com a família. Que comovente — rosnou Ryan. — Depois decidiu

aparecer no *pub* cerca das sete e meia e eu posso pessoalmente garantir o facto de às oito e meia ele lá estar sentado a entreter várias mulheres.

— Coloca-o nas proximidades — disse Phillips em tom ansioso.

— O médico-legista confirmou a hora da morte entre as quatro e as sete da tarde de ontem — acrescentou Faulkner. — Amanhã, depois da autópsia, já terá algo mais concreto.

— Os Walker confirmaram que o Alex esteve com eles? — Ryan voltou-se para um dos agentes que parecia desanimado.

— Ainda não conseguimos completar o interrogatório porta-a-porta, inspetor. Alex Walker foi interrogado ontem à noite, já tarde e não houve tempo de levar a cabo as outras averiguações. Vamos levar a manhã inteira, se não todo o dia, assim que tomemos em linha de conta os visitantes transitórios que ontem estiveram presentes na ilha.

— Merda! — Ryan tamborilou com os dedos nas costas da cadeira. — Tratem disso o mais depressa possível. É uma prioridade.

— Sim, inspetor.

Ryan voltou-se de novo para as duas fotografias que se encontravam na parede atrás de si.

— Que mais notam acerca daquelas duas fotos?

— As marcas — disse Lowerson, que não tencionava ser analista durante toda a sua carreira.

— Continue — disse Ryan.

— Parecem as mesmas, inspetor — continuou Lowerson. — Parece-me que as linhas estão no mesmo lugar em ambos os corpos.

— Também me parece — concordou Ryan. Um triângulo grande, invertido fora desenhado no tronco de Lucy com o seu próprio sangue, atravessado por uma longa linha vertical. Uma marca semelhante fora gravada no corpo de Megan, mas, dessa vez, fora-lhe cortado na carne. Era mais agressivo.

— Há novidades acerca da arma do crime?

Faulkner respondeu.

— Provavelmente procuramos uma pequena faca de lâmina dupla com um cabo curto, penso eu; foi preciso um grande esforço para serrar a garganta da Megan e a linha não é regular, mas sim serrada. Ainda não foi localizada, inspetor.

— O mesmo instrumento serviu para marcar o corpo?

— O médico-legista afirma que as incisões são consistentes com esse tipo de lâmina. As marcas foram feitas *post mortem*, inspetor.

Ryan refletiu sobre as informações e descobriu que estava um pouco surpreendido. O tipo de pessoa capaz de infligir uma dor tal, sentiria certamente prazer em desenhar a morte final enquanto Megan ainda estivesse viva para sentir, para ver.

— O médico-legista diz que pode dar-nos o relatório sobre a Lucy no final do dia de hoje, mas o da Megan só poderá entregar amanhã — prosseguiu Faulkner. — Dito isto, tenho a informar da minha parte que há vários conjuntos de boas impressões digitais no apartamento da Megan e, pelo sim, pelo não, vamos passá-las pela base de dados.

Aquilo recordou a Ryan que devia confirmar se já chegara a verificação dos antecedentes criminais da população local.

— Partindo do princípio de que os habitantes da ilha estão limpos e não temos registos de impressões digitais, isso deixa-nos muita coisa em aberto, não é verdade?

— Precisaríamos de autorização para recolher impressões digitais para uma busca especulativa, inspetor — comentou Faulkner. — Temos algumas pegadas mais ou menos aceitáveis, borradas, mas sugerindo um homem com o calçado entre o quarenta e dois e o quarenta e quatro. Mesmo assim, mesmo que nos limitemos a recolher as impressões digitais aos homens residentes na ilha, não ganhamos grande coisa.

Ryan pensou no alarido que causaria entre a população se fosse pedir as impressões digitais de todos os homens com um tamanho de sapato médio. Tinha a certeza de que pelo menos um deles seria

suficientemente esperto para apresentar uma queixa. Violação dos direitos humanos ou uma bosta qualquer.

Estava mais inclinado a pensar que os direitos humanos de Megan ultrapassavam tudo isso.

— Esperemos até ter algo mais concreto da parte do médico-legista e podemos sempre voltar a isso. — Faulkner concordou com um aceno. — Frank, e a busca pelo terreno? Os edifícios próximos do mosteiro?

Phillips sorriu e os olhos cintilaram-lhe no rosto largo.

— Acontece que os edifícios mais próximos são o vicariato e a Igreja de São Pedro, que fica mesmo ao lado do mosteiro. O jardim fica encostado ao cemitério do mosteiro.

Ryan pensou mais uma vez nos depoimentos prestados pelo vigário e pela mulher. Estavam os dois em casa, deitados na cama à hora do assassinato de Lucy. Corroboraram o paradeiro um do outro.

— Depois — continuou Phillips —, temos o extremo de Church Lane e as casas aí localizadas; o Alex Walker e os Mathieson vivem aí. Ao lado fica Saint Aidan's Road e o Bill Tilson tem lá casa. Um pouco mais adiante, junto da praça principal fica o museu, o consultório do médico e a estalagem de Lindisfarne. Tudo isto no caminho para a praia que passa pelo mosteiro.

Enquanto Phillips apresentava todas as possibilidades, Ryan recordava o depoimento das testemunhas que recebera. Os Mathieson estavam em casa, na cama, e Bill Tilson a fechar o *pub* com Megan. O museu também já estaria fechado, tal como o consultório médico. O museu fazia parte da enorme casa dos Walker, mas quer Yvonne, quer Steve Walker tinham jantado já tarde e tomado umas bebidas com Alison Rigby na estalagem de Lindisfarne, e isso nas primeiras horas. Estava tudo verificado, exceto da parte de Alex Walker que afirmara estar em casa, na cama e sozinho, à hora a morte de Lucy.

— Em relação ao outro lado do mosteiro — prosseguiu Phillips —, há apenas uma praia e o caminho leva ao forte e ao posto da guarda

costeira, mesmo no fim do porto. Há uns chalés de férias aqui e ali. Anna Taylor está hospedada num e, neste momento os outros estão vagos. Porém — disse em tom triunfante —, há um monte de velhos barcos de pesca na praia, voltados ao contrário, praticamente junto ao mosteiro. Usam-nos como armazém ou para guardar o material de pesca.

Os dois homens entreolharam-se.

— Donos?

— Principalmente pescadores aqui da terra, mas o Alex Walker também tem um. É o proprietário do azul, o que fica mais perto do mosteiro.

— MacKenzie. — Ryan voltou-se para a detetive de cabelo flamejante e sorriso encantador. — Arranje-me um mandado, por favor.



## CAPÍTULO 10

Enquanto MacKenzie organizava a papelada para pedir o mandado e procurava o magistrado local para o obter, Ryan mandou dois homens atrás de Walker. Vigiarão os seus movimentos, porque a última coisa de que Ryan precisava era de que o único verdadeiro suspeito se escapasse da ilha para se esconder algures. Seria, no mínimo, inconveniente.

Pediu a Faulkner para apressar o médico-legista, de modo a que pudessem consultar as análises de sangue e toxicológicas das duas mulheres. Phillips superintendia os interrogatórios porta-a-porta e os depoimentos do grupo de estudantes que se tinham embebedado na praia na noite anterior, em nome da Mãe Terra, ou do Homem de Palha ou do que raio fosse. Por muito que a Phillips desagradasse fazer aquilo, as pessoas gostavam de falar com ele, o que o transformava no melhor elemento para ir em busca de mexericos.

Talvez fosse por causa das gravatas que usava.

Ryan olhou mais uma vez para as fotografias das duas mulheres e praguejou. Sabia o que tinha a fazer e que precisava de ajuda.

Anna estava a pé há muitas horas, incapaz de dormir, a pensar em tudo e em nada. Chorara a irmã que quisera amar, mas, para Megan, o amor fora algo esquivo, ao mesmo tempo receado e cobiçado. Agora, já sem lágrimas, sentia-se vazia.

Não sendo especialmente religiosa, Anna surpreendeu-se a si própria ao atravessar a aldeia silenciosa, até à pequena igreja da ilha. As portas abriam cedo e fechavam tarde, por isso sabia que

teria aí abrigo, mesmo antes das seis horas da manhã. Certamente que as enormes portas abobadadas estariam abertas e lá dentro haveria fileiras de velas brancas já acesas.

Encontrou a pequena igreja vazia de pecadores — evidentemente que era muito cedo — mas não silenciosa. Os acordes de um *requiem* entoavam pelas paredes de pedra, vindos do órgão colocado num recanto ao lado da sacristia, de modo que resolveu seguir o som. Sentou-se num dos bancos da igreja e escutou a música que a invadia.

— Olá, Anna.

Ergueu os olhos do seu devaneio e gostou de encontrar o olhar de um velho amigo.

— Reverendo Ingles! — Conseguiu esboçar um meio sorriso ao vigário anglicano de Lindisfarne. Mike Ingles estava bem adaptado à sua profissão, quer em temperamento, quer em aparência. Era razoavelmente alto, estava em forma, mas tinha um ventre um pouco saliente, próprio de um homem que se sentia à vontade com a meia-idade. Usava o cabelo grisalho bem penteado e uns suaves olhos castanhos espreitavam-lhe por detrás dos óculos de aros vermelhos. Uma cedência à moda, a contrastar com a camisola verde-azeitona com borbotos que usava por cima do colarinho e das calças castanhas.

— Posso fazer-te companhia? — Sorriu com simpatia e ela afastou-se no banco para lhe dar lugar junto de si.

O reverendo não disse nada, mas juntos desfrutaram o sol da manhã a entrar pelos vitrais da janela que dominava a parede do pórtico e iluminava a igreja. Depois soltou um longo suspiro e pegou uma mão dela.

— Foi um dia difícil para ti, não é verdade, minha querida?

Anna apercebeu-se de que fora até ali por ter uma necessidade subconsciente de falar com alguém. Toda a vida conhecera aquele homem; fora ele que a batizara quando era muito mais novo.

Recordava-se de ir à igreja com a mãe, todos os domingos de manhã, para ouvir a sua voz melodiosa que falava de perdão e amor.

Nunca concordara com aqueles sermões. Recordava-se de estar sentada ao lado da mãe enquanto as pessoas da terra falavam e apontavam para as nódoas negras que marcavam a pele pálida de Sara Taylor e que, por causa disso, ela tentava esconder com maquilhagem. Anna recordava-se da raiva, da vergonha e da frustração de uma criança que desejava poder reagir. Mesmo assim, ia todos os domingos porque era o único local para onde Andy Taylor nunca a seguiria.

— A perda de um ente querido é um dos fardos mais pesados que temos de suportar — disse Ingles franzindo os olhos de compaixão.

Anna levou algum tempo a encontrar as palavras.

— A Megan e eu tínhamos uma relação difícil.

Ingles gostava de pensar que sabia tudo acerca da vida da ilha e dos membros do seu rebanho. Sabia tudo e mais alguma coisa acerca da jovem sentada ao lado dele. Casara os pais e lembrava-se de Sara Taylor na sua frente, uma noiva radiante ao lado do belo demónio com quem casara diante de Deus. Recordava-se dos votos que ambos tinham pronunciado e que ambos tinham quebrado. Sentia o coração pesado pelas vidas perdidas e danificadas através daquela união, mas retirou força da sua fé e tentou consolá-la.

— A tua irmã era uma alma perturbada, Anna. «Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.»

— Estou a tentar, padre.

— A tua irmã gostava muito de ti, tenho a certeza, Anna.

Anna pensara que não tinha mais lágrimas para chorar, mas ali, no silêncio da igreja, descobriu que sim.

— Ela odiava-me — murmurou Anna.

— «Muitas vezes odiamos aquilo que mais tememos» — disse Ingles em voz baixa. Anna franziu a testa tentando lembrar-se qual a parte da Bíblia que ele citara e depois percebeu.

— Shakespeare — murmurou com apreço.

Ingles deu-lhe uma palmadinha na mão.

— A Megan foi uma criança infeliz que se transformou numa mulher infeliz. Não tinha as ferramentas para se encontrar, para sair e conseguir o que queria da vida, porque nunca se apercebeu de que somos nós que temos de criar os nossos próprios instrumentos. Infelizmente, a tua irmã invejava a capacidade de prosseguires a tua vida em direção à felicidade, ou, dizendo isto de um modo diferente, da escuridão para a luz.

Anna refletiu sobre aquelas palavras e tentou ser franca.

— De certa maneira, não sinto que tenha verdadeiramente prosseguido com a minha vida. O trabalho que faço tem que ver com o passado, com a vida de outras pessoas, nunca com a minha. Nunca mais tive uma relação depois do Alex. — Fez uma careta.

— Todos precisamos de tempo para sarar as feridas, Anna. Talvez precises de aprender a perdoar-te, bem como aos outros.

Havia verdade naquilo. Como poderia continuar a lutar contra a terrível raiva que sentia dentro de si, a fúria que a consumia contra o pai, contra a mãe, e até contra a irmã?

— Tentei falar com ela ontem — disse a pensar no dia anterior. — Vi-a de manhã. — Recordou a cena do *pub* onde vira Ryan pela primeira vez. — Esperei um pouco para me acalmar. — *E depois fui discutir com o Ryan*, acrescentou para consigo. — Decidi tentar de novo mais tarde. Voltei lá por volta das quatro. Não sei, mas posso ter sido a última pessoa a tê-la visto com vida.

Ingles não se incomodou em fingir que não sabia já o que se passara com Megan. A mulher, Jennifer, já soubera de tudo por Alison Rigby, que soubera por Pete, que trabalhara no *pub* na noite anterior. Para uma ilha sagrada pouco coisa era sagrada nela.

— Como correu a vossa conversa? — perguntou ele.

— Foi um autêntico desastre. — Pensou no dia anterior e tentou visualizar a cena.

— Creio que a apanhei em má altura — recordou. — Quando abri a porta, estava ainda em roupão de banho depois de tomar duche e tinha sobre a cama uma roupa interior muito bonita. Parecia estar a preparar-se para sair. Não me convidou a entrar e deixou-me ficar ao frio. — Anna fez uma pausa, lembrando-se de como se sentira magoada. — Sabia que as coisas não tinham corrido bem com o Alex — comentou Anna lentamente. — Soube que romperam pouco tempo depois de eu ter saído da ilha, mas fiquei surpreendida por ela continuar a viver no apartamento por cima do *pub*, depois de tanto tempo. Tinha tantos planos.

O vigário assentiu, compreendendo-a perfeitamente.

— Encontramos consolo nas paisagens familiares — disse ele em voz baixa.

— Não havia grande consolo naquele apartamento — comentou Anna. — Aquilo parecia uma pocilga, com a tinta das paredes a cair e tudo. Depois até falei com o Bill acerca disso; ele disse-me que ela não o deixava tocar na casa.

Ingles refletiu naquelas palavras por um momento.

— Talvez ela quisesse controlar o seu próprio ambiente. — Pensou na mulher e no seu hábito obsessivo de espalhar almofadas pelo vicariato. — Talvez ela fosse uma mulher meticulosa à sua maneira.

— Talvez — concordou Anna e depois recompôs-se. — De qualquer forma, disse-lhe que estava na ilha apenas em passagem e que seria bom passarmos algum tempo juntas. A minha intenção foi estender-lhe um ramo de oliveira.

— Ela aceitou?

— Não sei por que lho estendi, reverendo. Em toda a minha vida não me lembro de uma única vez que tivesse enganado a minha irmã, contudo dou por mim a ir ter com ela. Porque será? — Anna olhou-o com olhos de espanto e ele esboçou de novo o mesmo sorriso.

— Porque gostavas muito dela e não querias que as antigas ofensas vos separassem. Recorrias à tua força e Megan não podia

fazer o mesmo porque simplesmente não a tinha.

Anna anuiu.

— Perdoei-lhe sinceramente a traição com o Alex — disse com toda a franqueza. — Deixei de o amar há muito tempo se é que alguma vez o amei. Foi apenas um porto na tempestade. Talvez também o tenha sido para ela. Foi isto que lhe disse — recordou. — Disse-lhe para pôr isso tudo para trás das costas, porque já não importava. Ela riu-se de mim.

Ingles franziu a testa.

— Sim — Anna acenou com a cabeça. — Disse-me que nunca fora importante para ela e que apenas o usara para me magoar.

Megan disse-o com palavras muito diferentes que a Anna não se atreveu a repetir ao vigário. Via ainda a irmã à porta, com as curvas a saírem do velho roupão que usava. Mesmo sem maquilhagem tinha um rosto fantástico, e ainda mais enquanto expelia veneno.

*Pensas que me importo com o Alex?*, perguntara a rir. *Para mim foi só uma rapidinha. Uma diversão entre os lençóis que ainda foi mais agradável para ele porque depois podia dizer que tinha comido as duas irmãs.*

*Não te preocupaste com os meus sentimentos?*, perguntara Ana, patética.

*Porque haveria de me importar?*, perguntou Megan com mau modo. *Não havia nada que tivesses que eu não te pudesse tirar.*

Aquelas palavras pareciam transmitir uma riqueza de emoções e, ali na soleira da porta, com frio e molhada da chuva, Anna percebera que não poderia haver qualquer relação próxima entre elas. Recordava-se de todos os anos em que fora atormentada por aquela mulher, todas as pequenas ofensas e mentiras que Megan dissera.

*Gosto mais de ti do que a Anna, paizinho*, dizia ela trepando para o colo de Andy Taylor, procurando desesperadamente o seu afeto embriagado, pensando que aquilo a poderia salvar das pancadas que mais tarde se seguiriam.

Perturbada, Anna retirou a mão da do vigário.

— Obrigada por me ter escutado, reverendo. Tenho de voltar.

Ingles ficou a vê-la sair do espaço santo e voltar para o mundo.

Quando saiu da igreja, a manhã tinha já nascido e a aldeia começara a ganhar vida. Ao atravessar a praça principal em direção ao forte e à sua casa, Anna reparou nos olhares de pena e ouviu os murmúrios ao passar por um grupo de mulheres da terra. Seguiu adiante com as costas rígidas e nem uma vez olhou quando passou pelo *pub* e pela fita da polícia. Como tal, não reparou no homem encostado preguiçosamente à parede de pedra, uma figura vulgar na comunidade. Ele viu-a seguir e ficou a pensar.

# CAPÍTULO 11

Ele estava à espera quando Anna chegou à pequena casa caiada ainda antes das oito e meia, tal como ela esperava. Viu Ryan desencostar-se do alpendre e esperou um pouco para o apreciar. Tinha o cabelo castanho, despenteado pela brisa da manhã, a emoldurar-lhe o rosto e a tocar-lhe a gola do seu casaco azul-escuro. Ali estava, alto e sombrio, com uma pasta de cartão metida debaixo do braço, a recordar-lhe a razão para ali estar.

Aqueles olhos vigilantes seguiam-na, vendo-a caminhar pelo atalho, e ela ficou aborrecida ao sentir que se detinha, abrandando os passos para prolongar o momento antes que ele a informasse formalmente de que a irmã estava morta.

— Doutora Taylor. — Ryan apercebeu-se das olheiras e das faces pálidas de Anna, um sinal inegável de uma noite de insónias.

— Bom dia, inspetor — respondeu ela, com delicadeza. Se ele queria mostrar-se distante, tudo bem. Ergueu a cabeça e passou por ele para abrir a porta da rua. Os dedos dela procuraram as chaves.

Seguiu pelo corredor estreito em direção à cozinha no outro extremo da casa e nem esperou para ver se ele a seguia. Conseguia ouvir passos silenciosos atrás dela.

— Quer café?

Ele queria sempre café.

— Obrigado, aceito se for fazer também para si. — Esperaram uns momentos num silêncio desagradável enquanto ele andava em volta da sala e ela moía os grãos de café. Por fim, serviu o líquido perfumado em canecas com estampas alegres.



Anna sentou-se numa das confortáveis cadeiras de verga colocadas junto às portas envidraçadas que davam diretamente para a praia. Havia uma mesinha e outra cadeira e ela fez um gesto para que ele se sentasse.

Ryan assim fez, ocupando a cadeira com o seu corpo longo, bebeu um pouco de café, deixando que este lhe queimasse a boca antes de olhar mais uma vez para ela.

— Lamento informá-la de que a sua irmã, Megan Taylor, foi encontrada morta ontem à noite, já de madrugada. — Voltara à sua rigidez formal.

Anna pensou que sempre o soubera. Vira ela própria o sangue, a fita da polícia quando atravessara a aldeia. Lera-o nessa manhã nos olhos penalizados do vigário, chorara durante as longas horas da noite e no banco vazio da igreja. Mesmo assim, as palavras atravessaram as suas defesas e teve de afastar os olhos para fixar a solitária faixa de areia.

— Os meus sentidos pêsames — continuou ele, de forma pouco adequada. Nunca fora muito bom naquelas coisas. Queria levantar-se da cadeira e andar para cá e para lá durante algum tempo. Em vez disso, manteve-se sentado a ver como ela lutava contra os seus sentimentos mudos.

Anna quase sorriu.

— Tem mais clichés que queira usar, Ryan?

Ryan sentiu-se satisfeito por ela ter encontrado humor até no desespero. Sentiu-se invadido pela ternura e deu por si a estender-lhe a mão e a passar o seu polegar na pele macia da palma da mão dela.

*Deveria retirar a mão,* pensou Anna. Um minuto depois fá-lo-ia ao lembrar-se de que ele era um filho da mãe mal-humorado e arrogante que a deixara sem olhar para trás na noite anterior. Porém, deixou ficar a mão onde estava e desfrutou da sensação de conforto que lhe era oferecida por outra pessoa.

— Desculpe, Anna. A equipa forense precisa de recolher as suas impressões digitais, por ser a familiar mais próxima. E também um esfregaço.

Anna ficou surpreendida, mas nem conseguia dar-se ao trabalho de se sentir incomodada pela perspetiva.

— Tudo bem — disse, para depois fazer a pergunta que a incomodava. — Onde a encontraram?

Ryan suspirou.

— Estava no telhado do *pub*, junto ao catavento.

Anna ficou em silêncio durante longos minutos.

— Porquê lá? — acabou por perguntar.

Ele não tinha qualquer resposta para lhe dar, mas tencionava tê-la em breve.

— Nunca a compreendi — disse, quebrando o silêncio, olhando para o mar ao longe. — Tínhamos apenas treze meses de diferença, mas mais parecia o tempo de uma vida. Durante anos, esforcei-me por encontrar coisas em que pudéssemos concordar, mas nunca consegui.

— Os irmãos discutem sempre — disse ele em voz baixa, a pensar sem querer, mas com afeto, na sua própria irmã. Sentiu inesperadamente outra pontada de emoção que reconheceu como sendo saudades de casa. Afastou-a da mente e concentrou-se na mulher diante dele, aconchegada numa grossa camisola de malha creme que a fazia parecer ainda mais pequena do que era.

— Não desta maneira — respondeu em voz baixa. — Nunca a compreendi, nunca gostei dela. — Engoliu em seco a dolorosa verdade. — E vou viver com remorsos o resto da minha vida.

— Não é culpa sua que ela tenha morrido, Anna. — As palavras eram fáceis, mas ele sabia que era muito mais difícil acreditar nelas.

— Depende daquilo de que esteja a falar — respondeu ela. — Não a matei, mas creio que a Megan que foi, ou que poderia ter sido, morreu há muito. E eu não o impedi.

Ficou por momentos perdida em pensamentos, lembrando-se de quando era muito jovem. Tinham escapado ambas da casa que pertencia à família. O pai estivera fora toda a noite, tendo-a provavelmente passado com outra mulher, sabia-o agora. Os pais tinham discutido e a violência começara. O instinto de autoconservação obrigara as meninas a fugir para a praia, descalças, pela porta das traseiras. As pernas de Megan tinham nódoas negras já esbatidas, visíveis por baixo da bainha do vestido de alças e as costas de Anna eram um entrelaçado de marcas do cinto de cabedal castanho que o pai usara nela no dia anterior. Escondia-as por baixo de uma *T-shirt* fina que usava com uns calções velhos. Para escaparem tinham ficado a brincar na areia e Megan dava-lhe instruções para construir um castelo de areia como devia ser. A irmã gostava sempre de dar ordens.

Anna afastara-se para brincar na rebentação das ondas, agitando os dedos dos pés dentro da água fria e apanhando conchas para fazer um colar. Lembrava-se de que se afastara muito. Sem saber, caminhara ao longo daquilo a que chamavam o Caminho dos Peregrinos, uma faixa de areia paralela à estrada asfaltada do passadiço e visível apenas na maré vazia. Os peregrinos cristãos tinham percorrido aquela estrada de areia durante séculos.

Porém, a maré subira de forma enganadora, a princípio apenas em poças de água baixas, depois uns centímetros por cima dos seus tornozelos. A menina de sete anos sentiu-se verdadeiramente em pânico quando olhou em volta e viu a irmã a acenar freneticamente para que ela voltasse à segurança da praia. Invasa pelo medo, deixou cair as conchas e tentou avançar pela água que subia rapidamente. A uma centena de metros da praia tentou nadar o resto do caminho, os seus magros braços e pernas exaustos e a lutarem contra o tecido das suas roupas. A água cobriu-lhe a boca e recordou-se de sentir um certo fatalismo que a impedia de continuar e quase permitia que se afogasse.

Fora então que vira Megan, ela própria cansada e desesperada, a nadar com braçadas irregulares. Arrastara-a o resto do caminho para a praia e fizera-a sair da água. Até àquele dia, Anna não sabia como tinham sobrevivido à corrente; só se recordava das palavras de Megan quando ambas chegaram à praia.

— Não te atrevas a assustar-me outra vez desta maneira, Anna! Somos irmãs, temos de ficar juntas.

Ao recordar aquelas palavras, descobriu que discordava do reverendo Ingles. A irmã tivera força. E mais, usara-a para salvar Anna, mas não conseguiu fazer o mesmo a si própria.

— Anna?

Ryan assistiu ao jogo de emoções e perguntou a si próprio que recordações lhe percorreriam a mente.

— Como foi que ela morreu, Ryan? — Anna fixou de novo o olhar nele. Ryan apercebeu-se de que ela não queria banalidades nem meias-respostas.

— Mal — respondeu com a verdade. — Cortaram-lhe a garganta, Anna.

O rosto dela empalideceu ainda mais, mas o seu olhar não vacilou.

— Nua, lavada, o corpo marcado?

Ryan franziu a testa, juntando as sobrancelhas escuras. Não tinham tornado públicos aqueles pormenores.

— Sim. Como sabe?

— Recordei-me da imagem da Lucy. Presumo que quem matou essa jovem, tenha também matado a minha irmã.

— Ainda não o determinámos — disse. — Já falou desse assunto com alguém?

— Claro que não — respondeu ela em tom cansado.

— Será melhor manter tudo assim. Tenho de a interrogar. É preciso um depoimento formal. — Aguardou que ela fizesse um leve gesto de anuência e seguiu as regras protocolares antes e começar. — Quando foi a última vez que viu a sua irmã, Anna?

Ela já o esperava e agradecia até as perguntas de rotina como diversão de uma culpa inexorável.

— Cerca das quatro horas, ontem à tarde. — Forneceu a mesma informação que dera ao vigário e viu-o tomar notas com todo o cuidado.

— Diz então que parecia que ela ia sair?

— Sim, estava ainda de roupão, com o cabelo lavado e seco. Havia uma roupa interior bonita sobre a cama e creio que me lembro de ter visto sapatos de salto alto junto dela. Pareceu-me uma hora estranha para alguém mudar de roupa, a menos que pensasse sair.

Ryan assentiu. Megan fora encontrada nua tal como Lucy, mas desta vez havia roupa amarrotada atirada por todo o apartamento. Tinha a certeza de que se lembrava de ver um roupão no inventário dos investigadores forenses, mas iria confirmar. Pensou nos depoimentos que recebera de Bill e Pete. Megan avisara que estava doente, de cama, um pouco engripada e tanto quanto sabiam não tinha saído do apartamento nesse dia. Não fazia sentido.

— Reparou em mais alguma coisa de anormal?

Anna refletiu.

— A princípio achei estranho que ela não me convidasse a entrar, mas depois apercebi-me de que poderia ser mais uma maneira de me manter no meu lugar, por assim dizer.

Ryan sabia que as perguntas seguintes seriam difíceis, talvez para ambos.

— A sua relação com a Megan era tensa — começou. — Pode dizer-me porquê?

— Vai precisar de tempo. — Encolheu os ombros e os dedos brincaram com a caneca de café que segurava entre as duas mãos. — Conforme lhe disse, nunca fomos muito próximas. Pode pensar que o facto de termos crescido juntas na nossa casa nos aproximaria. Mas não foi o caso.

Fez uma pausa, pela expressão dele viu que o inspetor entendera e sorriu. Claro que ele conheceria a história da família, era detetive.

Mesmo assim, custou-lhe aquela invasão da sua privacidade. Fora da ilha era apenas Anna Taylor e era livre de contar ou não o seu passado a quem quisesse. Geralmente, tratava de o esquecer. Na ilha não existia essa possibilidade.

— O meu pai não era um cidadão exemplar — confirmou. — Pode dizer-se que Megan e eu nos revoltámos, cada uma à sua maneira.

— E de que forma? — Falava em tom profissional o que, até certo ponto, a ajudava a falar.

— Ela partiu em busca de admiração e o mesmo fiz eu, mas de diferentes maneiras. Não havia uma sexta-feira à noite em que ela não tivesse um encontro — recordou-se Anna, mas sem rancor. — Porém, ser popular entre os rapazes pode traduzir-se por ser fácil, numa ilha deste tamanho. Não levou muito tempo até que aos dezasseis anos já ela conhecesse toda a população masculina abaixo dos trinta anos.

Ryan assentiu, compreendendo.

— E a Anna? — A voz queria sair-lhe num tom rígido, mas manteve-a deliberadamente solta e vagarosa.

— Limitava-me a olhar de fora. Passei quase toda a adolescência a trabalhar ao fim de semana no museu, ajudando nas escavações ou nas visitas turísticas. — Fez uma pausa, compreendendo onde aquilo levava. — Já sabe do Alex — disse com um leve sorriso que parecia troçar dele.

Ele tentou controlar a raiva que subia despropositadamente dentro de si.

— Sim, gostava que me falasse da relação da sua irmã com o Alex Walker.

Anna olhou para o seu rosto impassível, treinado para mostrar uma expressão indiferente e poderia perdoar a si própria pensar que ele estava completamente desinteressado, se não se tivesse apercebido de uma centelha nos seus olhos ardentes.

Respirou fundo.

— O Alex é... era — emendou lentamente — da mesma idade da Megan. Estávamos todos na mesma turma na escola, porque numa ilha destas dimensões a escola é muito pequena. Colocam as crianças com capacidades semelhantes na mesma turma, de modo que passámos muito tempo juntos enquanto fomos crescendo. Durante muitos anos, o Alex foi apenas um amigo para ambas. Era o nosso confidente; deve ter visto quantas vezes fomos ao consultório do pai dele depois de «termos caído da escada» e «batido nas portas».

Ryan endureceu o queixo, ao pensar na jovem que Anna fora. Esta bebeu um pequeno gole de café e humedeceu os lábios secos antes de continuar.

— De qualquer forma, não sei. Acontecia muita coisa quando eu tinha dezasseis anos. A Megan não parava — recordou tristemente, pensando nas noites em que se tinha preocupado por ela. — Eu era o oposto. Passava todos os momentos do meu dia a esconder-me do meu pai, a ler acerca da Idade das Trevas ou a aborrecer o Mike no museu.

— Disse que trabalhou lá?

— Começou por ser uma colaboração aos sábados, mas quando fui para a universidade, também já fazia turnos durante a semana. Passava os domingos a ajudar nas escavações ou no trabalho de conservação.

Ele assentiu e tomou nota.

— Então — retomou a história. — Quando eu tinha mais ou menos dezasseis anos, as coisas estavam a ficar muito mal lá em casa. O Alex sempre me compreendera, ou pelo menos era o que eu pensava. Começámos por passar algum tempo juntos, primeiro como amigos, mas depois, suponho que tenha acordado algo dentro de mim, que eu nem quis ver. É um homem atraente.

Ryan tentou não soltar uma exclamação de desprezo. Era o que podia fazer para não a arrancar daquela cadeira confortável e a

tomar nos braços; se havia alguma coisa para acordar nela, queria ser ele o homem a fazê-lo.

No entanto, nada disse.

— Tem o tipo de confiança que vem do facto de ter sido criado numa família amada e segura. Os pais dele são maravilhosos. — Anna falava com afeto de Yvonne e Steve Walker. — Durante algum tempo praticamente adotaram-me. — Pensou com nostalgia nos tempos em que era convidada para jantares de família em casa dos Walker, nas noites passadas a rir no calor daquele lar confortável. — Passámos a ser um «casal». Muito jovens, muito amorosos. Foi o meu primeiro — disse abertamente, porque sentiu que ele precisava de saber. — Era simpático e tinha mais experiência. Oh — disse a rir. — Você sabe como ele é com as mulheres. Nesses tempos, estava apenas a começar a polir o seu considerável *charme*.

Ryan estava espantado por ela conseguir sorrir com afeto ao pensar no homem que a usara e descartara. Esperou que ela continuasse.

Anna apercebeu-se da expressão assassina dos olhos dele.

— Tem de entender, Ryan — disse calmamente. — Eu era jovem e emocionalmente carente. Ele ofereceu-me a primeira sensação de amor e estabilidade e eu desejei aquilo de tal forma que creio que o confundi. Amava-me a seu modo, mas era um rapaz de dezoito anos. Não estava preparado para esse tipo de compromissos.

— Mas estava pronto para se comprometer com a sua irmã. — As palavras escaparam-lhe antes que ele conseguisse tapar a sua boca indiscreta. Viu-a engolir outro gole de café.

Ele levantou-se abruptamente.

— Vamos apanhar ar. — Abriu as janelas envidraçadas sem esperar resposta, mas pegou-lhe no braço e saíram para o pequeno pátio sobranceiro à praia.

Anna consentiu em ser conduzida até lá fora e ficou ao lado dele, enquanto a brisa fria lhe tocava no rosto. Esperou até se sentir mais calma antes de continuar.



— A Megan ofuscou-o, como ofusca muitos homens. O Alex era um rapaz e, nesses tempos, acredite ou não, a Megan era muito mais experiente do que ele. Não creio que houvesse sequer um processo mental; ela ofereceu-lhe uma fuga o mais agradável possível, sem compromissos. Consequentemente, porque não havia pressão, ele ofereceu-lhe de bom grado uma espécie de compromisso.

Ryan pesou aquele raciocínio e compreendeu-o até certo ponto.

— Não ficou zangada?

— Fiquei imensamente magoada na altura. Senti-me traída, pouco atraente, tudo o que uma mulher costuma sentir nessas circunstâncias. Depois de ter dado tempo ao tempo, descobri que podia perdoar ao Alex por ele ser um rapaz, ainda não era um homem maduro. Nunca consegui perdoar à Megan, por ela ser minha irmã.

— Ela amava-o?

— Não. De maneira nenhuma. Só mo disse ontem. — Voltou à conversa que tivera antes da morte de Megan. — Disse-me que o Alex fora apenas um exercício para provar a sua superioridade como mulher. E fez um bom trabalho... saí da ilha duas semanas mais tarde e nunca mais voltei.

Anna olhou para a areia que se alojara nas fendas do pátio, enquanto Ryan perguntava a si próprio que tipo de mulher se dispunha a magoar a irmã de forma tão calculista.

— Sabe se mantinham algum tipo de relacionamento, mais recentemente?

Anna ergueu os olhos perturbados.

— Não faço a mínima ideia — disse com franqueza. — Mas se me está a perguntar se o Alex era capaz de matar a Megan, a Lucy ou qualquer outra pessoa, então a resposta é não. Pode ser um mulherengo, mas não é mau. Não há nele esse tipo de crueldade.

Ryan reservou a sua opinião.

— Sabe de alguma razão para que ele possa não desejar que se saiba que tinha uma relação com a sua irmã?

Anna ergueu as sobrancelhas, mas pensou cuidadosamente antes de responder.

— Suponho que, se não contou à mulher, pode ter sido um pouco desagradável para ele. Pode ter-se sentido envergonhado — ponderou ela.

Ryan sentiu-se apaziguado ao aperceber-se de que Anna não se mantivera ao corrente da vida de Alex. Por exemplo, parecia ignorar que a mulher o deixara.

— Quando foi a última vez que viu ou falou com o Alex?

— Ontem à tarde, no *pub*. Trocámos uns gracejos, quando fui ao apartamento da Megan.

Ryan espevitou as orelhas.

— Conte-me.

— Deve ter sido cerca das quatro e vinte. — Tentou recordar-se. — Quando eu saí ele estava a fumar no pátio. Eu parei, disse-lhe «olá». Ele disse «olá», perguntou-me quanto tempo ficaria, coisas assim.

Ryan podia imaginar. Pensou num homem mais novo deslizando por ali como um jovem Robert Redford, seduzindo Anna com o seu sorriso cheio de dentes brancos.

Ordenou a si próprio que se controlasse.

— Não pode suspeitar do Alex — repetiu ela. — Só a ideia de ele cometer um assassinio é ridícula. Ele adora as mulheres.

Ryan ficou em silêncio durante muito tempo. Tanto, que ela se sentiu inquieta. Inclinou-se para ele e estava prestes a pôr-lhe uma mão no braço para o acordar do devaneio, quando ele falou num tom inesperadamente áspero.

— Não tem que ver com o facto de se gostar ou não de mulheres ou, pelo menos, nem sempre. Por vezes, é apenas pelo maldito gozo, pelo poder que advém de acabar com uma vida.

Anna ficou em silêncio, à espera de que ele continuasse.

Tendo começado a falar, não conseguiu impedir que as palavras lhe saíssem da boca.

— Persegui assassinos que diziam ter matado e maltratado mulheres e homens porque as vozes lho tinham ordenado; vi outros que diziam que era por terem tido uma infância de merda. São tudo tretas, Anna. — Voltou-se para ela por um momento e pensou noutra mulher de cabelo escuro. — Há quem mate sem outra razão que não o maldito gozo que sente.

Anna viu surgirem-lhe no olhar emoções demasiado profundas e impossíveis de sondar. Nem conseguia compreender os horrores que ele devia ter visto, ou a dor que sentia, mas sentia-se atraída para ele. Hesitou, mas depois passou-lhe um braço pela cintura. Ele endireitou-se, mas pareceu descontraiu-se e puxou-a mais para si.

— Desculpe — disse Ryan em voz baixa.

Ela abanou a cabeça.

— Não se desculpe. Compreendo o que é uma pessoa sentir-se impotente.

Ele olhou para o mar e para as nuvens que se formavam sobre a ilha fazendo com que o céu azul passasse a cinzento. Era estranho que ela entendesse como ele se sentia impotente, quando ele próprio não compreendia.

## CAPÍTULO 12

— Preciso da sua ajuda, Anna!

Ryan pronunciou aquelas palavras e descobriu que eram mais fáceis de dizer do que imaginara. Afastou-se dela e regressou a casa, consciente de que as coisas já tinham ido longe demais. Sabia como terminariam entre ambos.

Anna pensou que ele precisava da sua ajuda de várias maneiras. Era uma novidade sentir que outra pessoa necessitava dela, mesmo que essa pessoa fosse um homem complexo, insondável com os seus demónios, que muitas vezes a irritava. Por outro lado, vira sinais de sensibilidade e uma inteligência profunda.

E também não deixava de ser agradável à vista.

Indignada consigo própria, seguiu-o para dentro de casa. Como poderia pensar em dormir com o detetive principal que investigava o assassinato da irmã? Estaria louca? Nervosa, retirou as chávenas e a loiça tilintou no espaço silencioso.

— Ajudá-lo como? Já lhe disse tudo aquilo de que me lembro que se tenha passado ontem. — Falava bruscamente, enquanto esfregava a loiça com mais força que a necessária.

— Pode vir a lembrar-se de mais — disse ele, observando-lhe os movimentos tensos.

O seu sentido de oportunidade fora completamente incorreto. Precisava de passar mais tempo concentrado nas duas mulheres que se encontravam na morgue e menos a pensar na mulher que, nesse momento, estava de costas voltadas para ele, atentar lavar os seus remorsos.

Embora dissesse a si próprio que se mantivesse profissional, encaminhava-se para o pequeno lava-loiça, junto ao qual ela se encontrava.

Ana sentiu o corpo tenso ao aperceber-se de que ele se aproximava dela. Arrepiaram-se-lhe os cabelos da nuca quando ele lhe acariciou os braços com a mão extraordinariamente suave. Tentou combater a intensa atração que sentia por ele, mas ao mesmo tempo, com aquele gesto simples, Ryan proporcionara-lhe conforto. Quando sentiu o hálito morno junto ao pescoço, tudo dentro dela estremeceu e desejou voltar-se para ele e perder-se durante umas horas.

Mas não podia. Seria bom; não precisava que lho dissessem, mas e depois? A irmã continuaria morta e não estariam mais próximos de encontrar o homem que a matara.

— Eu digo-lhe se me lembrar de mais alguma coisa, Ryan. — Afastou-se intencionalmente dele e esfregou os braços para afastar um súbito arrepio.

Ele não a seguiu. A parte lógica da sua mente concordava com aquela decisão muda, apenas desejava que as suas hormonas lhe acompanhassem o cérebro.

— Disse-me que a contactasse se o departamento precisasse da sua ajuda profissional — começou, vendo os olhos dela abrirem-se mais, surpreendidos. — O normal seria que a sua nomeação como consultora terminasse automaticamente devido ao facto de ser uma testemunha material e também parente da... da Megan.

— Continue. — Anna encostou-se à bancada e cruzou os tornozelos. O movimento atraiu os olhos dele para o chão para se aperceber de que ela estivera sempre descalça. Os seus pés esguios estavam levemente bronzeados, com as unhas pintadas de vermelho. Fez um esforço para erguer os olhos.

— Vou cancelar oficialmente a sua nomeação; não será necessária muita papelada, pois não prestou qualquer consultoria formal.

A raiva surgiu nela, equilibrada por um forte peso de impotência, mas Anna manteve-se em silêncio.

Ele soprou com força e preparou-se para ignorar as regras.

— Oficiosamente, quero que nos aconselhe nisto, se for capaz.

Ela inclinou a cabeça para o lado e observou-o. Era evidente que Ryan não fazia ideia de que ela o teria importunado até que ele concordasse em deixá-la ajudar. Não tinha a mínima intenção de continuar a ficar de fora. Se pudesse ajudar a encontrar o monstro que matara Megan, era o que faria.

Contudo, não faria mal brincar um pouco com ele.

— Está a pedir-me para quebrar as regras? — perguntou-lhe com uma nota de indignação na voz.

Ele pareceu pouco à vontade e Anna viu que os pés dele davam sinais de impaciência bem como o tamborilar dos seus dedos na bancada.

— Percebo que seja pouco ortodoxo — começou em tom burocrático e ela tentou não soltar uma gargalhada. Mais um minuto e acabaria com o incómodo que ele sentia.

— Ortodoxo?! — repetiu ela em tom de espanto. — Está a pedir-me que ignore os procedimentos policiais, que lhe dê conselhos sem a aprovação da polícia? Que pensariam os professores da Universidade de Durham? Isto vindo de si, um homem da lei; um xerife do povo. — Bateu com a mão no coração e ficou a pensar se teria sido convincente.

Ryan abriu a boca para falar de novo, mas a seguir semicerrou os olhos. Ela parecia-lhe demasiado inocente.

— Está a trocar de mim! — Cruzou os braços e soprou com força.

Ela riu-se então, um som alegre que Ryan nunca a vira soltar. Iluminou-lhe o rosto, que pareceu cintilar. Aquele momento em que ele a viu, a viu verdadeiramente, ficou-lhe gravado na memória.

— Oh, Ryan — disse ela, quando o riso se apagou. — Pensou que alguma vez me poderia impedir? — O sorriso desapareceu também

com o regresso à realidade. — Quero fazer tudo o que estiver nas minhas mãos para encontrar o homem que fez isto.

— Obrigado — disse ele, profundamente grato por ela estar disposta a arriscar a sua reputação profissional. — Estou a pedir-lhe muito, Anna. Ninguém a censuraria se recusasse; os pormenores e as circunstâncias são-lhe muito próximos.

Ela deu a volta à bancada para olhar uma vez mais para o mar e viu duas meninas a construírem castelos de areia. Voltou-se resoluta.

— Chorei pela minha irmã durante toda a noite e esta manhã. Ela nunca foi minha inimiga, mas eu fui dela, creio... não tenho a certeza. — Abanou a cabeça para aclarar as ideias. — Só sei que tenho para com ela uma dívida impossível de pagar. Esperei demasiado para lhe agradecer e agora alguém ma roubou. Se tudo o que lhe puder dar for justiça, então tudo farei para a conseguir obter.

Ryan pegou na pasta castanha que deixara sobre a bancada.

— Preciso que veja umas fotografias e que me diga o que eu não estou a ver.

Anna engoliu em seco e esfregou as palmas das mãos húmidas nas calças, mas pegou na pasta e levou-a para a mesa.

Antes de a abrir ele bateu sobre ela.

— Tem a certeza?

Ela assentiu e ele retirou a mão, depois ficou em silêncio junto à janela.

A pasta continha imagens aumentadas das marcas encontradas nos corpos das duas mulheres. Anna fechou automaticamente os olhos para se defender da grotesca aberração que era um cadáver de mulher, mas recordou-se das palavras que acabara de pronunciar e abriu-os imediatamente para olhar.

O tronco de Lucy continha os restos do que fora um triângulo invertido atravessado por uma linha vertical. Concluiu corretamente que fora desenhado com o sangue de Lucy. Tirando isso, o corpo

estava escrupulosamente limpo, o cabelo arranjado. Evitou olhar para o rosto da jovem. Não havia segredos ali.

Com a respiração entrecortada, colocou cuidadosamente a imagem de lado e preparou-se para a seguinte. Com vontade férrea, afastou da mente os pensamentos, usando todas as técnicas de meditação que aprendera ao longo dos anos. Por fim, olhou para a imagem e sentiu um aperto no estômago.

Ali havia mais brutalidade. O assassino não mergulhara o dedo para desenhar a imagem no corpo; gravara as marcas na pele. Os cortes não eram regulares, pensou Anna distraidamente. As linhas estavam torcidas, com um rebordo irregular e mal feito. O símbolo era semelhante e o cadáver estava também limpo.

Apercebeu-se de que havia uma terceira imagem e pôs de lado a fotografia forense do que fora a irmã. A terceira fotografia mostrava as costas dela, salpicadas de vermelho-escuro. Anna sentiu a visão turva, mas respirou fundo através dessa névoa.

No ombro esquerdo da irmã estava gravado um pequeno pentagrama.

Pôs a fotografia de lado e Ryan foi ter com ela. Observou-lhe o rosto e encontrou-o pálido, mas firme.

— Este — disse, apontando para a primeira imagem de Lucy — é um antigo símbolo, normalmente associado à feminilidade e fertilidade.

Ryan pegou no bloco.

— Um símbolo pagão?

Anna mexeu-se na cadeira e falou em tom profissional.

— Depende do que se entende por «pagão». Na Idade Média, os «pagãos» eram simplesmente pessoas que acreditavam que as preces cerimoniais aos elementos garantiam uma boa colheita.

— E agora...? — insistiu.

Anna riu.

— Está a pedir-me que condense numa frase apenas todo um campo de estudo? — Abanou a cabeça. — Não posso fazê-lo, mas



posso dar-lhe uma panorâmica geral. Quando surgiu o Cristianismo, a palavra «pagão» passou a ser ofensiva e usada quando as pessoas se referiam aos camponeses e às classes mais baixas em geral. Por fim, passou a ser usada para referir os descrentes, as pessoas cujas crenças eram vistas como ímpias e talvez cruéis.

— Olhe, creio que provavelmente haverá aqui muito em que pensar — disse Ryan com uma expressão resoluta.

— Oh, a sério? — Anna abriu muito os olhos.

Ryan apertou os lábios, mas continuou.

— De momento, preciso apenas dos princípios básicos. Mais tarde podemos analisar os pormenores.

Ela esfregou os olhos.

— Muito bem, já percebi. Vamos recomeçar. Durante o período paleolítico...

Ela apercebeu-se da expressão conflagrada no olhar dele.

— Desculpe. Os primeiros registos de arte rupestre datam de doze ou treze mil anos antes de Cristo. Desenhos de figuras masculinas a dançar, por vezes vestidas de animais e assim. — Fez uma pausa para se assegurar de que ele a seguia. — Imagens como esta — tinha o dedo sobre a fotografia de Lucy, mas não lhe tocava — eram muito comuns em toda a Europa. É geralmente aceite que o triângulo invertido seja uma representação pictórica do útero feminino, particularmente quando atravessado por uma linha.

— Tem qualquer outro significado?

— Há historiadores que sugerem que se pode tratar da garra de um animal — admitiu, mas não pareceu convencida. — Juntamente com o facto de a imagem estar desenhada com sangue, inclinar-me-ia para a ideia de feminilidade.

— Qual será a relevância do sangue? — Ryan pensava em voz alta.

— Representa a força da vida, particularmente a menstruação feminina. Nesses tempos, a cor vermelha era geralmente importante.

— Como assim?

— O vermelho era uma cor cerimonial de várias maneiras — explicou ela. — As pessoas eram enterradas com roupas tingidas de vermelho, os corpos eram salpicados com ocre vermelho.

— Mas não com sangue?

Ela ergueu os ombros para logo os baixar.

— Hoje me dia o ocre vermelho não é fácil de arranjar e ele tinha um bom fornecimento de sangue mesmo à mão, não é verdade?

Ficaram ambos em silêncio.

— Aqui — Anna apontou para a fotografia de Megan. — Esta imagem é ligeiramente diferente. O triângulo está voltado para cima, com a linha a atravessá-lo.

Franziu a testa e descansou a cabeça na mão, com os dedos a massajá-la para aliviar a tensão.

— Estou confusa com o significado — confessou. — Normalmente, o triângulo voltado para cima é reconhecido como símbolo da masculinidade, mas se fosse esse o caso, porquê desenhar uma linha vertical a atravessá-lo? É contraditório.

Ryan absorveu a informação.

— Então? Ele enganou-se na segunda marcação?

— Talvez — murmurou ela.

— Muito bem. Mais alguma coisa?

— Oh, sim! — Ela olhou-o nos olhos e havia medo na sua expressão. — Há muito mais a dizer.

## CAPÍTULO 13

Alex estava à entrada da sua cabana na praia, ladeado por dois agentes da polícia. Phillips encontrava-se recostado à pequena porta que fora cortada no barco virado ao contrário, enquanto a equipa forense investigava o interior. Meteu uma pastilha elástica na boca, desejando que fosse um cigarro. Decidira deixar de fumar vinte anos depois de ter começado e, certamente, nada tinha que ver com o facto de a inspetora MacKenzie ter dado a conhecer na esquadra que detestava o cheiro a tabaco.

De maneira nenhuma...

Mastigando ressentidamente, Phillips olhou para o belo elemento da guarda costeira que se encontrava na areia com as pernas pouco firmes.

— Tem a certeza de que não tem nada a dizer-nos, meu filho?

Alex pareceu estremecer e avançou para Phillips.

— Têm de me ouvir — disse rapidamente. — Não matei ninguém. Não tenho nada que ver com isto.

Phillips suspirou.

— Olhe — disse Alex, já num tom mais firme. — Não estou detido, pois não?

— De modo algum — concordou Phillips em tom razoável. — Está simplesmente a exercer o seu direito de estar presente enquanto revistamos a sua cabana.

*E nós estamos a exercer o nosso direito de te enervarmos, rapaz,* pensou Phillips com um sorriso feroz, enquanto olhava para os dois

agentes que colocara de ambos os lados de Alex para deliberadamente fazer com que o jovem ficasse pouco à vontade.

— Não vão encontrar nada — disse Alex em voz clara e, nesse instante, Phillips acreditou ao observar-lhe os límpidos olhos verdes.

— Teremos a certeza dentro em pouco, não é verdade?

Alex pareceu descontrair-se.

— Exatamente — anuiu, já mais calmo. — Assim que terminarem a busca, verão que não há nada aqui.

Phillips já sabia que nada de inconveniente fora encontrado na casa de Alex — exceto um interessante monte de pornografia e outra parafernália sexual que fora confiscada — mas tal não excluía a possibilidade de haver algo no pequeno esconderijo por trás dele.

Phillips não disse nada e continuou a observar os procedimentos, até ouvir sons abafados à porta. Faulkner apareceu com o fato-macaco e os óculos. Trazia consigo um saco de provas.

— Phillips, creio que vais querer ver isto! — Tinha a voz abafada pela máscara e o cabelo castanho-claro saía-lhe em vários ângulos por baixo da touca de plástico.

Phillips pegou no saco e abriu-o. Lá dentro havia uma trouxa de roupa de mulher, um par de botas pretas, de salto alto e um telemóvel com uma capa cor-de-rosa. Ergueu os olhos e encontrou os do homem que tremia dentro do seu casaco da guarda costeira e em quem as pessoas da ilha confiavam por ser um símbolo de proteção. A expressão de Phillips deve ter transmitido algo, porque o sargento viu todos os vestígios de cor desaparecerem do rosto de Alex Walker.

Phillips cuspiu a pastilha elástica.

— Pode explicar-me de onde vieram estas roupas, senhor Walker?  
— Phillips acrescentou as habituais advertências acautelando quem prestava depoimentos à polícia.

Alex começou a tremer.

— Não faço ideia.

Phillips avançou um passo, tencionando repetir a pergunta mas, nesse momento, Walker entrou em pânico e empurrou um dos agentes que se encontrava a seu lado, voltando-se como se quisesse fugir.

— É lá, rapaz. Vamos lá acalmar!

Walker foi impedido pelos agentes, enquanto parecia tornar-se cada vez mais agressivo, gritando furioso que a polícia plantara provas falsas. Phillips fez o aviso regulamentar.

— Alexander Walker, está preso por suspeita de ter assassinado Lucy Mathieson e Megan Taylor. Tem o direito de se manter em silêncio, mas a sua defesa poderá ser prejudicada se ao ser interrogado não mencionar algo que mais tarde declare em tribunal. Tudo o que disser será considerado como prova. — Phillips abanou a cabeça quando um dos agentes pegou nas algemas. Frank pensou que não seria necessário manietá-lo, pois Walker acalmara-se visivelmente depois daquela explosão. Parecia que até uma pena o poderia derrubar.

— Filho, vais ter de vir comigo.

Enquanto Alex Walker tremia de frio numa praia de Northumbria, Anna deliciava-se com o calor da lareira de um amigo.

— Que bom ver-te outra vez! — O Dr. Mark Bowers instalou-se em frente de Anna num cadeirão de cabedal gasto a beber um chá de ervas.

Anna sentia-se tão à-vontade na sala atravancada com as estantes do chão ao teto repletas de livros. O Dr. Bowers era um historiador importante no seu campo e ensinara durante anos na Universidade de Durham, antes de resolver instalar-se em Lindisfarne para completar o trabalho da sua vida: a história da Ilha Sagrada desde a Idade Média até ao presente. Fora ele quem lhe escrevera a recomendação para a sua entrada no programa de História da universidade e pela qual ela lhe estaria eternamente grata. Quando Mark não estava a escrever o seu livro ou a investigar, encarregava-

se do museu e da loja de recordações a ele ligada, junto aos portões do mosteiro. Quando não o fazia era voluntário na guarda costeira supervisionando as escavações arqueológicas ou encorajando os jovens a interessarem-se pela História, enquanto acompanhava um dos muitos circuitos turísticos.

Anna não fazia ideia de como o professor conseguia arranjar tempo.

— É bom estar aqui — disse ela, encantada com a companhia. — Mais uma vez, muito obrigada por me ter deixado usar a sua casa. Peço desculpa por ter estado tanto tempo sem contactar consigo.

Bowers desvalorizou aquilo com um gesto da mão.

— Não tem qualquer importância.

— A sério. Mas não sei... suponho que tenha sido mais fácil esquecer tudo acerca desta ilha.

Ele bebeu outro gole de chá.

— Lamento muito o que aconteceu à tua irmã.

Anna agradeceu o tom direto e acenou para agradecer. Não queria falar sobre isso. Pelo menos por enquanto.

— Que tal está Durham? O mesmo de sempre?

Anna sorriu e aconchegou os pés no conforto do cabedal.

— Provavelmente não mudou — concordou. — Para mim, as coisas vão bem por lá, gosto de dar aulas e este período há alunos bastante bons.

— Mas...?

Ela sorriu, olhando-o nos seus olhos inteligentes e pensou que ele a conhecia demasiado bem.

— Creio que me sinto inquieta. Ultimamente até um pouco distraída. Depois veio o telefonema do departamento de Investigação Criminal.

— Telefonaram-te? — perguntou ele com vivacidade.

— Sim, para me pedirem que os ajudasse a compreender umas práticas cerimoniais pagãs. Creio que queriam alguém que não vivesse na ilha, de contrário tê-lo-iam contactado a si. — Bebeu um

gole de chá. — De qualquer forma, quando recebi o telefonema, creio que já estava à procura de uma desculpa para regressar a casa. — Fez uma careta e olhou para o lume. — Sinto-me muito mal por dizer isto — confessou. — A morte é uma razão horrorosa para voltar.

— Acabarias por vir — afirmou ele com firmeza. Sentia-se satisfeito por ela se ter posto à vontade, como costumava fazer dantes. Recordava-se da menina com uma inteligência viva e um potencial ilimitado. Fora-lhe imensamente agradável ajudá-la a descobrir os seus talentos e a revelar a ambição sob a sua aparente timidez. Agora, tinha diante de si uma mulher culta e muito bela.

Anna recostou a cabeça na cadeira e olhou em redor do escritório acolhedor. Era uma mistura eclética de recordações que Mark recolhera nas suas viagens ao estrangeiro. Máscaras africanas e venezianas competiam pelo espaço das paredes com litografias dos monumentos egípcios. Numa pequena vitrina encontravam-se reproduções de barro das deusas romanas da fertilidade e um armário de madeira envernizada guardava vários objetos, incluindo colheres e pulseiras. Por entre a enorme seleção de livros encontrava-se uma espada do século XVIII que lhe fora oferecida pela English Heritage, representando um agradecimento pelos anos de serviço leal.

Anna recordava-se das horas que passara sentada naquele aposento, ou no escritório do museu, debruçada sobre livros e manuscritos para saciar a sua sede de conhecimento do passado.

— Sempre gostaste desta sala — disse ele em tom afetoso, ao ver como ela passava os olhos por todas as superfícies.

— Quem não gostaria? É maravilhosamente eclética. Uma homenagem ao conhecimento.

Bowers ponderou aquelas palavras e descobriu que concordava com elas.

— O que tens em mente, Anna?

— Para além do homicídio? — Anna olhou-o com uma expressão triste e Mark gostaria de saber o que ela teria visto. Um velho, envergando um par de calças de bombazina desbotadas e uma camisola amarrotada, com cabelo mais grisalho que castanho. Desviou o olhar para as chamas.

— Conheci um homem — murmurou Anna, olhando para a chávena de chá, sentindo-se de novo adolescente. — É uma pessoa difícil, complicada e perfeitamente irresistível. Não quero gostar dele, mas gosto. A altura não podia ser pior.

Em todos os seus anos de solteirão, Mark nunca sentira aquele tipo de mágoa, nem quisera saber como seria. Ficou encantado com a sua própria ingenuidade. Porque não se teria apercebido de que a dor seria subtil, uma farpa no coração até aí fechado e aconchegado?

O seu rosto banal manteve a expressão afetuosa enquanto mexia o chá antes de o beber de um só gole.

— O inspetor Ryan — disse.

— Como sabia? — Anna parecia genuinamente surpreendida e o seu sorriso alargou-se. Ah, ainda tão jovem.

— Tenho olhos na cara — declarou lacónico.

— Não sei o que fazer a esse respeito... ou a respeito dele — admitiu.

Bowers levantou-se diante do lume, e passou um dedo pela aresta da prateleira por cima da lareira sobre a qual havia velas aromáticas. Pensou em acender algumas, mas decidiu que o faria noutra altura.

— Deves fazer o que o teu coração te ordenar — disse em voz baixa. Parte do seu perfil cobriu-se de sombras, enquanto o resto ficava iluminado pela luz tremeluzente das chamas. — Passaste tempo a mais a usar a cabeça.

Depois perguntou a si próprio se estaria a falar com Anna ou consigo próprio.



## CAPÍTULO 14

Viver em Lindisfarne era um pesadelo logístico, pensou Ryan. Não havia esquadra de polícia e como a maré já subira era impossível transportar o suspeito para o continente. Assim, em vez de passar uma bela noite sem dormir, a suar e a chamar pela mãe num dos melhores estabelecimentos prisionais de Sua Majestade, Alex Walker descansava nesse momento do stresse do dia lá em cima no quarto de hóspedes de Ryan. Pelo menos a porta e a janela tinham trancas, mas não era de longe o ideal. A sua equipa reunia-se na área de refeições tagarelando acerca daquele sucesso, mas Ryan não estava convencido. A detenção, embora justificada, não passava de uma farsa. Quem é que já ouvira falar de um suspeito passar a noite em casa de um inspetor?

O telefone tocou mais uma vez e Ryan soltou um impropério.

— Sem comentários — vociferou pela linha depois de ter ouvido uns segundos. Os repórteres tinham-nos perseguido o dia inteiro, tendo por fim farejado dois suculentos crimes rituais numa ilha resguardada. Aqueles abutres começariam a circular assim que o passadiço abrisse.

Phillips pigarreou intencionalmente.

— Que foi? — Ryan mudou o rumo da sua raiva.

— O Gregson ligou há bocado — informou Phillips. — Disse que deveríamos cooperar com a comunicação social, de contrário teríamos um circo entre mãos.

Ryan recostou-se na cadeira com o rosto empedernido.

— Estou-me completamente a lixar com o que o Gregson quer. Recusou o nosso pedido de fundos para requisitarmos um helicóptero de modo a levarmos o senhor Pinga Amor da ilha para ser formalmente interrogado, o que potencialmente nos comprometerá se e quando a coisa for a tribunal.

Phillips abriu a boca para falar, quando se ouviu uma forte pancada na porta.

Ryan revirou os olhos, incrédulo. Um dos guardas abriu a porta e conduziu a visita até à sala de Ryan. Não seria conveniente que civis vissem a parede com as informações do crime.

Depois de confiscar o café de Phillips, acenou ao outro para que o seguisse. Juntos foram ter com o Dr. Walker que andava de um lado para o outro na sala com as botas enlameadas. Parecia furioso.

— Doutor Walker, o que deseja?

O homem avançou para ele e, embora Walker fosse uns centímetros mais baixo, Ryan quase sentiu que tinha de erguer a cabeça para o olhar.

— Detiveram o meu filho. Gostaria de falar com ele.

— Lamento, mas não o posso permitir antes de o interrogar.

Um músculo estremeceu no rosto do médico.

— Pode precisar de assistência médica.

O homem era persistente, admitiu Ryan.

— Phillips, por favor peça a um dos agentes que vá verificar se o senhor Walker precisa de assistência médica neste momento.

— Com certeza. — Phillips assentiu e saiu para o corredor.

— O Alex tem direito a um advogado — avisou Walker por entre os dentes cerrados e Ryan admirou por momentos a lealdade familiar e o apoio automático de um pai a um filho.

A situação era, sem dúvida, complicada.

— De facto tem, doutor. Como não podemos sair da ilha neste momento e, do mesmo modo, seria extremamente difícil alguém poder atravessar, não interrogaremos o seu filho senão de manhã. Nessa altura, poderá então exercer todos os seus direitos legais.

O médico anuiu, mas não se mostrou de forma alguma aplacado.

— Vou contactar o nosso advogado logo de manhã. Entretanto, falo em nome de toda a família quando afirmo que esta detenção é completamente desprovida de fundamento. — Baixou a voz num apelo. — Conheço o meu filho, inspetor. Não tem coragem para matar uma mosca, quanto mais cometer as atrocidades que vimos nos últimos dois dias.

Ryan observou o rosto de Walker e percebeu que ele acreditava no que dizia. Porém, o facto de a família ter uma fé cega nele não significava que Walker Júnior não se tivesse levantado e decidido desatar a matar.

— Compreendo que esteja numa posição difícil, doutor Walker. Quero que saiba que agradecemos a sua cooperação com a nossa investigação e seguiremos à risca o código de conduta do departamento em relação ao seu filho.

O rosto de Walker tinha uma expressão triste, as rugas em redor dos olhos já não pareciam acentuar-lhe as feições.

— Nunca esperei o contrário — disse em voz baixa. Depois de uma pausa, em que passou a mão pelo rosto e pelo cabelo louro já grisalho, voltou-se mais uma vez para Ryan. — Não compreendo o que vos levou a deterem-no. Soube que fizeram uma busca à casa do Alex e à cabana da praia que lhe serve de armazém.

Ryan não tinha intenções de discutir quaisquer detalhes pertinentes para a investigação, mas compreendia a necessidade de saber como acontecera aquilo que era um pesadelo para qualquer pai.

— Cremos que surgiram provas e informações que nos deram razões para suspeitarmos que o seu filho tenha praticado esses crimes e também o facto de ele estar prestes a fugir quando interrogado informalmente. Não tenho autorização para comentar o que quer que seja com o senhor, doutor Walker, mas tenho a certeza de que as coisas se esclarecerão à luz do dia.

Steve Walker ficou em silêncio por momentos, receando voltar a casa para dizer à mulher que o filho não regressaria nessa noite. Já para não falar nos mexericos da aldeia quando aquilo se soubesse. Pensou que nada podia fazer. Entregou um pequeno saco com roupa limpa que Yvonne enviara para o filho.

— Entro em contacto de manhã. Por favor, diga ao Alex que a família acredita nele. — Dizendo isto, puxou o capuz do anoraque para a cabeça e saiu para a chuva.

Phillips ficou na entrada atrás de Ryan e, como o seu superior, sentiu-se impressionado com a solidariedade da família Walker.

Mais uma vez, era já tarde, perto das nove e meia, quando Ryan chamou a equipa para a última reunião do dia. Olhando em redor da sala, viu sinais evidentes de fadiga, mas também de renovada energia proveniente do facto de acreditarem que tinham detido o culpado.

— Bom, acalmem-se. — Não precisou de erguer a voz; o tom de comando foi suficiente para aquietar o ruído das conversas dos agentes. — Em primeiro lugar, vamos atar as pontas soltas. Os registos do vigilante do porto e da guarda costeira confirmam que nenhuma embarcação entrou ou saiu às primeiras horas do dia vinte e um de dezembro, o que nos diz uma de duas coisas: ou não entraram nem saíram barcos, ou houve um barco, mas não foi registado. Nenhuma das opções me surpreenderia. Não foi avistado qualquer carro e, de qualquer forma, as testemunhas julgam não ter ouvido o ruído do motor de um carro. Voltámos a interrogar os habitantes para ver se alguém tinha ouvido o som de um motor e um casal acrescentou recordar-se de um ruído surdo, mas não tem a certeza da hora. Vamos manter os ouvidos apurados, pois não há muito que agora possamos fazer. — Ryan pegou na caneca de café, segurou-a mas não bebeu. — Os forenses examinaram a casa e o carro dos Mathieson ontem à noite e não encontraram nada de suspeito, não é verdade? — Ryan apontou para Faulkner.

— Exatamente, inspetor. Claro que havia impressões digitais e ADN por toda a casa e impressões digitais no interior do carro, mas nada que nos desse razão para nos preocuparmos. Não havia sangue nem fluidos corporais, nada no porta-bagagens. As casas de banho estavam limpas, mas não impecáveis e continham amostras de ADN dos três habitantes. Obtivemos as amostras dos pais e conservámo-las, mas, resumindo, inspetor, tudo parecia normal.

— Acerca disso... — Ryan apontou de novo para Faulkner que corou notoriamente ao sentir-se sob escrutínio. — Tom, quero um resumo para saber as conclusões dos forenses e da patologia.

Faulkner folheou os papéis e enfrentou o seu superior.

— O Pinter já comunicou connosco, inspetor. — Referia-se a Jeffrey Pinter, o principal médico-legista da polícia.

— Pois sim — resmungou Ryan. — Afinal, pagam-lhe o dobro por trabalhar de noite.

— Claro, o incentivo parece ter dado resultado. Os relatórios da Lucy e da Megan chegaram antes do previsto. Começando com Lucy Mathieson, confirma que a causa de morte foi estrangulamento. O relatório toxicológico mostrou-se negativo em relação a narcóticos, mas o nível de álcool no sangue era de 0,19, o que é bastante alto.

Ryan lembrou-se do testemunho de Megan e também do de Bill Tilson.

— O pessoal do *pub* não se lembrava de ela estar embriagada ou desinquieta — observou.

— Não. Provavelmente estaria alegre. Com esse nível, o álcool tê-la-ia feito parecer emotiva, talvez com a fala arrastada, com algumas dificuldades das funções motoras, etc.

— Podemos então concluir que ela não estaria no pleno uso das suas capacidades mentais, o que lhe afetaria a capacidade de se defender de um agressor.

— É verdade, inspetor, mas, mesmo assim, não há marcas defensivas no corpo da vítima; não há pele ou fibras por baixo das unhas da vítima, nem nada disso.

— Já estamos a trabalhar no pressuposto de que ela conhecesse o assassino.

— Será a aposta mais segura — comentou Faulkner e voltou a consultar a sua papelada. — Conforme suspeitávamos, não havia ADN desconhecido no corpo da Lucy e nada de interesse nas suas análises ao sangue.

— Que raio — resmungou Ryan.

— Pelo contrário, apesar de termos encontrado níveis mínimos de álcool, encontrámos uma quantidade razoável de ácido lisérgico no sangue da Megan Taylor.

Phillips gemeu no fundo da sala.

— Tom, explica-me lá isso bem.

Faulkner soltou um abreve risada.

— Trata-se de uma droga alucinogénia conhecida como LSA. Está intimamente ligada com o LSD, que é mais conhecido, porém, é cinquenta ou cem vezes menos potente.

— Efeitos? — perguntou Ryan.

Faulkner assoprou.

— Ora bem, embora tenha semelhanças com o LSD, é muito menos estimulante, conforme já disse. Se a dose for demasiado alta, o mais provável será que atue como sedativo. Por outro lado, a quantidade certa provoca um estado psicadélico e ela ter-se-á sentido a flutuar.

— Teremos então de considerar uma espécie de composto? — perguntou de novo Phillips do fundo da sala.

— Não. — Faulkner abanou a cabeça. — A LSA aparece naturalmente, podemos encontrá-la nas sementes de certas plantas. É muito mais fácil e barato esmagar as sementes e comê-las ou bebê-las do que tentar extrair os alcaloides ativos.

Para bem da sua sanidade, Phillips decidiu ignorar a parte final da frase e concentrar-se na primeira.

— A LSA não se vende por aí na rua, de contrário já teríamos mais informações acerca dela — comentou Ryan, revendo os seus

conhecimentos acerca dos narcóticos. — Onde poderia a Megan encontrar as sementes de LSA?

— Bom, pode encontra-se na *ipomea violácea*, por exemplo — declarou Faulkner com ar entendido. Seguiu-se um silêncio coletivo. — É a glória-da-manhã — esclareceu e viu que algumas testas deixavam de estar franzidas.

— Teremos de isolar o fornecimento potencial — disse Ryan. — Pode haver uma produção caseira de drogas aqui na ilha, mas, francamente, não acredito. Será mais provável que ela a tenha trazido do continente. Lowerson?

O jovem agente endireitou-se imediatamente na cadeira.

— Inspetor?

— Quer um papel mais ativo nesta investigação? — A Ryan não passara despercebido o entusiasmo, as horas diligentes e os relatórios detalhados.

— Sim, inspetor.

— Quero que investigue todas as fontes da zona. Comece por contactar a equipa dos narcóticos de Newcastle. Vai ser o nosso objetivo principal. — Queria esclarecer aquilo desde o início. — Pode ser que lhe indiquem a direção correta.

— Compreendido, inspetor. — Lowerson desejava entrar em ação.

— Preciso da informação o mais rapidamente possível — acrescentou Ryan e ficou satisfeito ao ver a cabeça do jovem detetive subir e descer como um ioiô. Mesmo assim, pediria discretamente a Phillips que vigiasse os progressos do rapaz. Era totalmente a favor dos incentivos, mas nesse momento não se podia dar ao luxo de cometer erros.

Voltou-se para Faulkner.

— Continue, Tom.

— Voltamos então à Megan. O Pinter confirma que a causa da morte foi a asfixia seguida do corte na artéria jugular. Segundo o padrão dos ferimentos, concluiu que a garganta foi cortada

primeiramente da esquerda para a direita. Faulkner fez o gesto no ar com um rápido movimento das mãos.

— Será provavelmente destro?

Faulkner confirmou.

— Ao corte inicial seguiu-se um outro mais profundo que lhe penetrou até meio da garganta. — Faulkner fez nova pausa, e engoliu em seco. — O Pinter expôs os pormenores técnicos no relatório para quem estiver interessado.

Houve acenos de cabeça. A menos que fosse relevante para o caso, nenhum deles sentia um desejo ardente de saber quantos tendões e veias haviam sido cortados.

— O médico-legista calcula que o corpo da Megan tenha levado pelo menos uma hora a sangrar, o que seria consistente com o volume do sangue encontrado no apartamento dela, particularmente em cima e à volta da cama — prosseguiu Faulkner.

— Temos o depoimento da irmã, a doutora Taylor, confirmando que Megan estava viva e de saúde às quatro e vinte da tarde de ontem — declarou Ryan. — O médico-legista calculou a hora da morte entre essa hora e as seis e meia. Dá-nos uma janela de tempo para nos concentrarmos. — Houve mais acenos de cabeça pela sala.

— De momento, esta é toda a informação útil da parte do médico-legista, inspetor — concluiu Faulkner.

— Muito bem! — Ryan concentrou-se noutra coisa. — Qual foi a análise do resíduo de areia encontrado no corpo da Lucy?

Faulkner ergueu a mão para um dos seus subordinados para que lhe trouxessem o relatório químico.

— Os resultados são interessantes — começou. — Em primeiro lugar, a areia encontrada na cabeça da Lucy Mathieson foi isolada como areia de construção e não um derivado marítimo, conforme esperávamos.

— Continue — insistiu Ryan.

— A areia de construção vem das pedreiras e é geralmente macia, ao contrário, por exemplo, da areia de quartzo marítimo, mais



áspera, que se encontra na praia junto ao mosteiro. — Faulkner fez uma pausa para confirmar que o estavam a seguir. — Neste caso, a amostra tinha uma cor avermelhada, consistente com esta zona do país. Não seria encontrada na ilha senão nas profundezas da pedreira.

— Disse areia de construção — Phillips falou de novo, inclinándose na cadeira. — Que tipo de construção?

— Boa pergunta. — Faulkner anuiu com um gesto de aprovação. — Este tipo de areia é geralmente usado com argamassa, por exemplo, para pavimentar um caminho de acesso a uma casa, ou algo semelhante.

— Bom, a próxima questão é saber se há areia desse tipo, ou obras recentes nas, ou perto, das propriedades de Walker. — Ryan tratou imediatamente de usar a informação e voltou-se para Denise MacKenzie com ar expectante.

MacKenzie percorreu a lista do inventário e da descrição das propriedades de Walker.

— Nada, inspetor — disse por fim, desapontada.

— Verifiquem mais uma vez amanhã — ordenou Ryan. — Percorram a estrada de acesso da cabana dele até ao mosteiro para termos a certeza.

Mackenzie anuiu.

— Entretanto, procuramos todas as obras recentes — disse para a sala em geral. — Sejam observadores. A Lucy pode ter sido morta noutro lugar ou ter caído algures a caminho da cabana de pesca.

Houve acenos de cabeça, menos entusiasmados do que antes. Não podia censurá-los: se a areia da ferida de Lucy não viera da praia e não havia obras nem materiais junto das propriedades de Walker, então onde diabo teria ela ferido a cabeça e subsequentemente sido morta? Haveria outro local ou outra pessoa que servisse de cúmplice a Walker?

— E o óleo e o sabão encontrados na Lucy?

— Mais uma vez, é interessante — declarou Faulkner, encantado com a sua importância. — Hoje, a maioria das pessoas prefere o gel de banho em vez do antigo sabonete, mas aqui não foi o caso, de contrário, nunca teríamos percebido a diferença. O gel de banho contém petróleo em vez de uma base gorda, o que significa que não deixa muito resíduo mineral na pele depois do uso — informou.

Ryan assentiu.

— O perpetrador usou o velho sabonete.

— Sim — concordou Tom. — Havia uma camada mineral na pele da vítima, consistente com um produto saponificado...

Ryan olhou-o de lado.

— Bem... resumindo, foi usado o sabonete tradicional com manteiga de carité, cujas propriedades químicas estão de acordo com as marcas conhecidas, mas que podem também ter sido reproduzidas noutro lado. — Pegou numa lista de fabricantes de sabonete e entregou-a a Ryan.

Este olhou para a lista de marcas conhecidas. Pelo menos só havia cinco, mas essas cinco poderiam ser encontradas em quase todas as casas da Grã-Bretanha.

— Há uma última questão em relação ao sabonete — acrescentou Faulkner. — O interessante é que a composição da fragrância acrescentada ao sabonete coincide com a do sândalo.

— Sândalo?

— Sim, inspetor. O que sugere que esse sabonete é destinado aos homens.

*Mais uma coisa a acrescentar*, pensou Ryan.

— Para começar, quero uma lista dos armazenistas da ilha. E o resíduo do óleo?

— Bom, esse é mais invulgar. — Os olhos de Faulkner iluminaram-se de novo. — Não há qualquer coincidência com óleo corporal fabricado industrialmente. Pelo contrário, encontramos vestígios de cânfora misturados com a terebentina que se usa em casa.

— Cânfora?

— Trata-se de uma espécie de substância cerosa e aromática encontrada na casca de certas árvores de folha persistente.

— Usada para quê, precisamente?

— Cerimónias religiosas e espirituais, principalmente; por vezes na cozinha indiana, devido ao aroma.

Aquilo explicava o estranho cheiro a cozinhados que ele sentira quando vira o corpo de Lucy pela primeira vez.

— Alguns efeitos fisiológicos?

— De facto, como pode ser facilmente absorvida pela pele, a cânfora pode ser potencialmente perigosa, mas, neste caso, o óleo foi aplicado depois da morte. Não há vestígios dele na corrente sanguínea da Lucy Mathieson, inspetor.

— Então, o mais provável é que tenha sido usada com uma intenção ritual ou religiosa? — A pergunta era retórica. — Quero saber se há alguma loja na ilha ou no continente num raio de cinquenta quilómetros, que venda cânfora. Phillips?

— Vou já tratar do assunto. — E escrevia no seu bloco com um lápis mordido.

— Havia algum sabonete ou óleo na Megan?

— Embora o corpo dela estivesse limpo, não encontrámos resíduos de sabonete ou de óleo suficientes para poderem ser analisados, inspetor.

Aquilo surpreendeu Ryan.

— E desinfetante?

— Sim, disso havia muito, mas ele não se incomodou em tratar a pele dela com sabonete ou óleo, depois de ter removido os vestígios da sua própria pessoa — afirmou Faulkner. — Porém, temos esperança de recuperar amostras de ADN dos ralos da casa de banho dela. Talvez amostras de cabelo ou de pele no resto do apartamento.

— Já será alguma coisa — reconheceu Ryan.

— É um trabalho meticuloso — acrescentou Tom com uma nota de desculpas. — Estamos a trabalhar o mais depressa possível, mas vou

precisar de mais técnicos forenses.

— Certo — disse Ryan. — Vou tratar de conseguir esses recursos.

— Conforme disse ontem, conseguimos várias impressões digitais. Infelizmente, nenhuma delas coincide com a da nossa base de dados. Conseguimos eliminar as impressões da irmã, um conjunto foi encontrado na moldura da porta do apartamento e temos ainda outra. As impressões do Alex Walker, quando o detivemos, coincidem com vários conjuntos na moldura da porta, no corrimão que leva ao apartamento dela e na mesinha. Porém, não posso indicar a data dessas impressões.

Ryan pensou no homem que se encontrava lá em cima no quarto e pesou as suas opções.

— Temos de eliminar mais pessoas. — Ryan voltou-se para Mackenzie. — Preciso de impressões de Bill Tilson e Pete Rigby, pois ambos trabalham na vizinhança. Podem fornecê-las sem grandes dramas. Para falar verdade, são os únicos dois a quem podemos pedir neste momento.

— Vou tratar disso — declarou MacKenzie.

— A casa de banho estava impecável — declarou Faulkner. — Não havia impressões digitais ou outras amostras, embora só amanhã de manhã iremos examinar os ralos e o sistema de esgotos, pois é provável que o perpetrador se tenha limpado aí. Todo o sistema foi encharcado em lixívia, inspetor.

— Ela não me pareceu ser uma dona de casa meticulosa, como tal, podemos concluir que foi ele que trouxe a lixívia — comentou Ryan.

— Não foram encontradas embalagens por ali — confirmou Faulkner.

— Muito bem — anuiu Ryan imaginando o cenário. Ele deve ter trazido também uma muda de roupa. Nem pensar que tenha saído dali coberto de sangue.

— Podia estar nu — declarou Phillips fazendo com que várias cabeças se voltassem. — Isto sou eu a pensar — resmungou

cruzando os braços num gesto defensivo.

— O Frank tem razão — concordou Ryan. — Esperemos que ele tenha deixado algo de si próprio, já que não deixou outras pistas onde quer que seja.

Mais tarde, depois de ter mandado a sua equipa embora, Ryan sentou-se na cozinha silenciosa e sentiu a dúvida nublar-lhe a mente. Havia ali demasiadas inconsistências, pensou. Os assassinos rituais seguiam exatamente isso: o ritual. Geralmente não se desviavam de um padrão e preferiam seguir o seu próprio código interno. Com Megan tinha havido uma escalada, brutalidade e o que parecia ritual, mas sem os mesmos instrumentos ou metodologia que foram utilizados com Lucy. À parte isso, o cenário estava todo errado. Com Lucy, o homem quisera dar cabo das costas, transportando-a até ao mosteiro, arriscando-se a ser exposto, provavelmente para que ela fosse encontrada em solo sagrado.

Com Megan, o assassino fora mais desleixado. Podia tê-la transportado, mas apenas através das estreitas escadas da saída de emergência que, conforme haviam descoberto, levavam do apartamento dela ao telhado. Deixara-a aí, sobre um monte de lixo que dificilmente poderia ser considerado um altar. Não tinham encontrado nada, exceto algumas beatas de cigarro cobertas de batom, que tinham sido o prazer secreto de Megan. O local nada tinha de sagrado, pensou Ryan, porém, mesmo assim, dava uma certa ideia. Talvez fosse essa a intenção: conseguir a atenção e o receio das pessoas.

Uma rapariga encontrada em solo sagrado, outra sobre um monte de lixo. Seria simbólico?

Ou talvez que a sua vítima tivesse decidido desviar-se do trajeto escolhido, o que o tornara infinitamente mais imprevisível e perigoso.

Ryan levantou-se e olhou para a escuridão da janela. O céu estava negro, excetuando algumas luzes tremeluzentes do outro lado do

canal e a luz de uma fogueira algures na praia.

Ryan ergueu os olhos para o teto, interrogando-se, a pensar que ali dormia Alex Walker.

Enquanto Ryan se preparara para reunir com a sua equipa, dois homens sentaram-se na praça principal, separados por uma certa distância, enquanto a noite caía. Eram apenas dois membros da comunidade da ilha, a passarem o tempo naquele dia.

— Padre — disse um com um tom reverente. — Preciso de falar acerca de coisas que se passam na minha mente.

— Estás à vontade — disse o outro, com voz de barítono, acenando alegremente com a mão a um dos do seu grupo que passou por eles vindo da loja do canto em direção à Igreja de São Pedro para o serviço religioso dessa noite. Iriam lá mais tarde, pelas aparências, mas, em primeiro lugar tinham assuntos a discutir.

O outro homem sentia a garganta seca.

— Diz-me o que te incomoda — pediu o sumo-sacerdote, abrindo uma embalagem de pastilhas de mentol e reclinando-se mais no banco por baixo da estátua de São Cutedberto. Na noite anterior, Ryan sentara-se ali mesmo a contemplar as estrelas.

— Não me sinto à vontade com o que vi, padre. Sinto... sinto que as coisas mudaram...

— Questionas a minha autoridade, ou o curso natural dos acontecimentos estabelecido pelos deuses da natureza?

O outro sentiu o peito apertado.

— Não, padre. Nunca. É só que... as nossas cerimónias estão a mudar.

— Tudo muda na natureza — disse o outro em voz baixa, mas o seu tom não tolerava discussões.

— Mas dantes reuníamo-nos para rezar. Agora foi a Lucy... e a Megan...

— Se um dos nossos achou por bem fazer sacrifícios ao mestre, que por sua vez fará com que a fortuna nos sorria a todos, devias

agradecer-lhe — replicou o sumo-sacerdote irritado, para logo controlar o tom de voz. Não seria bom que os transeuntes notassem alguma coisa.

O tom desagradou ao outro homem. Tudo nele desejava obedecer, não questionar.

Porém, a consciência exigia-lhe que falasse.

— Padre, creio que vi quem matou a Lucy — murmurou.

— Matou? — perguntou o outro com desprezo. — Blasfemas. Certamente «ofereceu» seria uma maneira melhor de o descrever.

— Muito bem. Creio que vi quem... quem *ofereceu* a Lucy ao mestre.

— Ah sim? — O sumo-sacerdote tinha curiosidade em saber.

— Foi um dos nossos — disse o outro e descreveu como vira uma figura sombria transportar Lucy por cima da vedação e subir com ela a encosta do mosteiro, como ouvira os improperios abafados e a respiração ofegante enquanto o homem se esforçava por aguentar o peso dela.

— Se tudo foi como dizes, então ele realizou o derradeiro sacrifício; ofereceu-se para que todos possamos obter as recompensas.

Fizeram ambos uma pausa quando um dos habitantes foi ter com eles para trocar umas palavras. Concordavam que as mortes de Lucy e Megan tinham sido uma tragédia e despediram-se do vizinho.

Momentos depois retomaram a conversa em surdina.

— O Alex foi preso por suspeita do assa... das mortes delas — insistiu o homem.

— Naturalmente que estou a par disso — respondeu o sumo-sacerdote.

— C... claro que sim, mas ele não deveria ter de pagar pelas ações de outro homem — disse o primeiro com veemência.

— Baixa a voz — ordenou o sumo-sacerdote e agradeu-lhe ver que o outro se encolhia como um cão maltratado.

Pensou por um momento nos apuros em que estavam metidos. Pesou os prós e os contras e tomou uma decisão.

— Rob — murmurou, sem levantar a voz. — Há uma maneira para que se faça justiça. Vai ser precisa a tua ajuda.

— O que for preciso, padre — concordou o outro imediatamente, satisfeito por não ter enfurecido o seu sumo-sacerdote.

Combinaram uma hora e um local para se encontrarem, confirmaram o plano e despediram-se amigavelmente para serem ouvidos pelos que estavam perto.

O sumo-sacerdote viu o jovem elemento da guarda costeira caminhar rapidamente em direção à igreja, encontrando-se com outros pelo caminho. A fúria invadiu-o e fez com que as suas mãos tremessem violentamente.

Atrevera-se a questionar o culto? A sua *autoridade*?

Porém, o rapaz tinha razão. Alex não merecia apodrecer na prisão pelos crimes de outro homem. Apesar de tudo o que dissera, por baixo da pompa e circunstância, estava perfeitamente consciente de que se tratavam de crimes e não de sacrifícios. Divertia-o de facto pensar como era fácil fazer com que os seus seguidores pensassem que a sua sorte podia mudar só por pronunciarem umas rezas à natureza e cantarem em volta de uma fogueira.

Fez uma pausa, a reconsiderar.

Talvez afinal houvesse alguma coisa. Pensara que tivera muita sorte por não ter sido visto a entrar e a sair do miserável apartamento de Megan, mas teria sido sorte? Talvez estivesse destinado.

O poder dominava-o, essa sensação embriagadora de o possuir, e ficou um pouco mais sentado na praça silenciosa a saboreá-la. Não tencionara que Megan fosse um sacrifício, ou, pelo menos, não num sentido religioso, mas talvez não tivesse apreciado o significado total das suas ações.

Só então lhe ocorreu que Megan fora a sua oferenda e a beleza daquilo quase lhe fez chegar as lágrimas aos olhos, que brilhavam



de loucura e com uma intenção renovada.  
O mestre pedia sempre mais.

# CAPÍTULO 15

23 DE DEZEMBRO

O sargento Frank Phillips levantou-se com a maré. O seu fato cinzento-escuro tinha acabado de ser limpo a seco, cortesia da viúva alegre que era a sua atual senhoria, a Sra. Rigby. Cantarolou e bocejou por um momento enquanto escolhia a gravata e acabou por optar por uma enfeitada com vários tons de néon. Comprara-a num museu de arte moderna e, por isso, gostava de pensar que lhe emprestava um ar culto e sofisticado.

Pensou que aquele dia seria interessante enquanto acenava alegremente para se despedir de Pete, que se dera ao trabalho de sair da cama a uma hora tão pouco social de modo a oferecer a um afincado trabalhador policial uma sanduíche de *bacon* e uma chávena de chá com muito açúcar. Não vira MacKenzie, o que significava que ela ou estava atrasada ou — e suspeitava que fosse esse o caso — estava *adiantada* em relação ao horário e já se encontrava sentada à mesa de Ryan a beber o seu questionável café.

Tentou não se aborrecer com isso, ou com ela.

Enquanto vestia o sobretudo comprido para se dirigir ao centro da aldeia, pensava que a ilha parecia maravilhosa com os seus tons azuis acinzentados de uma manhã de inverno. Numa alteração espontânea ao seu caminho habitual, Frank deu por si a saltitar pelo lanço escadas de madeira que levavam ao areal na base do rochedo sobre o qual se encontrava o mosteiro. Virava para leste, em direção

ao porto e ao forte, e para oeste em direção ao passadiço e à casa de Ryan.

Dirigiu-se para oeste, sem se preocupar com a areia que se agarrava aos seus sapatos engraxados, nem com o facto de que aquele caminho pitoresco lhe levasse duas vezes mais tempo a percorrer.

Assobiava uma melodia do musical *Oklahoma* que proclamava o início de uma bela manhã — embora o negasse com toda a energia — quando viu o vigário a correr na sua direção. Phillips invejava a disciplina daquele homem; tinham praticamente a mesma idade, mas por não fazer umas corridas para se desfazer do ventre próprio da meia-idade, como o bom do vigário, já lamentava a bela sanduíche que lhe pesava no estômago.

Ergueu a mão para o cumprimentar e depois baixou-a ao aperceber-se de que Ingles não cumpria a sua prática de *jogging*, mas que corria a toda a velocidade. Olhando mais de perto, apercebeu-se de que a expressão do homem era de uma profunda consternação.

— Detetive, graças a Deus — ofegou o homem ao aproximar-se. O seu rosto era um misto de pele pálida do choque e de manchas rosadas do esforço.

— Reverendo Ingles, o que lhe aconteceu, homem? — Phillips quis detê-lo com uma palmada no ombro, mas pensou que seria impróprio.

— A... a... ali atrás... — Ingles começou a tremer e parecia ter dificuldade em pronunciar as palavras.

— Que se passa ali atrás?

Phillips espreitou por cima do ombro do homem, mais alto do que ele, e apenas viu areia e dunas.

— Dois, três metros ali atrás. — Ingles estremeceu. — Estava a fazer *jogging*.

Phillips contou mentalmente até dez.

— Controle-se, Ingles. O que viu ali atrás?

— Desculpe — disse o reverendo. — Há uma pequena enseada ali nas dunas. Tem uma pilha de madeira que sobrou da fogueira da outra noite e no meio... no meio... — Dobrou o corpo e pousou as mãos nos joelhos antes de respirar fundo duas ou três vezes. — Está um cadáver.

Phillips ficou de boca aberta. Se havia outro corpo, Alex Walker teria de ser Houdini para ter sido ele.

— Quem é?

O rosto do vigário contorceu-se.

— Mal consegui olhar. — Respirou fundo novamente. — Não tinha cara. Não consegui perceber quem era.

Phillips olhou para o céu e sempre bateu no ombro do outro homem.

— Volte para o vicariato. Não fale disto a ninguém e dê à senhora Ingles o mínimo possível de pormenores. Em breve irá um agente registar o seu depoimento.

Phillips viu o vigário correr pela praia como que perseguido pelos cães do inferno. Numa outra altura teria soltado uma gargalhada. Mas avançou lentamente, procurando pegadas na areia. Minutos depois de percorrer as dunas descreveu uma curva e, pela primeira vez em mais de vinte anos na polícia, vomitou o pequeno-almoço.

Quando o telefonema de Phillips chegou, Ryan ordenou à equipa já reunida na sua casa que ficasse alerta. O passadiço abriria dentro de trinta minutos; o principal suspeito comia *cornflakes* no quarto dos hóspedes e uma multidão de repórteres preparava-se para o atacar.

A vida poderia ficar mais complicada?

De facto, sim. Poderia.

Tinha Gregson a insistir num relatório atualizado e tinha fortes suspeitas de que estava a criar *sentimentos* — franziu a testa ao lembrar-se da palavra — pela consultora independente que não só

ultrapassavam as fronteiras profissionais como também as suas pessoais.

Já para não falar na história de um maníaco homicida que andava à solta.

Oh, sim, pensou irritado. Seria mais fácil nascerem-lhe asas e começar a voar do que Alex Walker ter conseguido escapar e voltar a entrar em casa durante a noite com a única intenção de cometer mais um homicídio sangrento para acrescentar ao seu registo.

— Faulkner, traga a sua equipa. Venham comigo.

Quando saíram, o vento agrediu-os no rosto como uma bofetada. Ryan levou um momento a acalmar-se e a refletir antes de partir para as dunas.

Quando Ryan olhou para os restos macabros de mais uma pobre alma, lembrou-se de que já antes vira crueldade. Exatamente no dia anterior vira a destruição de duas mulheres que mal tinham, afinal, começado a viver. Mas, nesse dia, o perpetrador excedera-se a si próprio.

Os restos do que devia ter sido uma pira funerária formavam um monte de madeira queimada numa enseada protegida pelas dunas, sobranceira ao passadiço. Sobre a pira, encontrava-se o corpo irreconhecível do que fora um homem, queimado e maltratado, com a pele esfolada e enegrecida. Aproximando-se mais, Ryan franziu o nariz devido ao cheiro intenso de carne queimada e fez um esforço para olhar mais de perto. Os braços e as pernas tinham sido atados com arame nos tornozelos e pulsos a uma enorme estrutura de madeira, agora já muito reduzida. Tinha o queixo apertado, o que indicava uma espécie de mordaca na boca.

De contrário, certamente teriam ouvido os seus gritos.

Ryan apercebeu-se de que aquela fora a fogueira que vira na praia na noite anterior. Com os olhos escurecidos pela fúria recuou de novo e reconheceu a forma da madeira como algo que já vira num dos livros que Anna lhe mostrara.

Era um pentagrama.

— Quem é? — perguntou Ryan a Phillips, que se mantinha uns metros afastado, ainda perturbado pela sua anterior falta de controlo.

Phillips tinha a certeza absoluta de que Ryan se referia à vítima. Avançou com um saco de plástico para as provas.

— Encontrei isto dobrado ali. — Apontou para um local uns metros por detrás da pira, agora assinalado com um marcador amarelo deixado pela equipa forense. — Repare no casaco.

Ryan trocou um olhar com Phillips e abriu o saco com as mãos cobertas por luvas de latex. Lá dentro encontrava-se um casaco vermelho da guarda costeira, sobre o qual estavam bordadas umas letras douradas que diziam «Rob Fowler». Ryan devolveu o saco a Phillips e afastou-se para olhar para o continente, com os punhos fechados dentro dos bolsos. *Mais uma vida perdida inutilmente, pensou zangado. Mais uma família arrasada.*

*Porquê? Haveria um padrão?*

Quando se voltou, todos os vestígios da fúria tinham desaparecido. Tinha um olhar duro e falou num tom firme.

— Faulkner. — Viu a cabeça do outro homem erguer-se imediatamente. — O relatório?

Tom coçou o queixo por baixo do fato-macaco apertado e passou o seu olhar sofredor pelos restos mortais.

— As observações preliminares indicam um indivíduo do sexo masculino com cerca de um metro e oitenta. O pobre homem teve uma morte demorada e dolorosa. Desta vez, não chamámos o doutor Walker para declarar o óbito, dada a sua relação com o Alex.

— Bem pensado. O médico-legista pode assinar as formalidades quando transportarmos o corpo para Alnwick. Calcula que a causa da morte foram as queimaduras?

— Teriam contribuído, mas aqui o fogo parece ter sido muito grande. Pode ter morrido da inalação do monóxido de carbono gerado pelas chamas. De contrário, seria um caso de acabar por morrer de golpe de calor, decomposição térmica dos órgãos internos,

ou de simples perda de sangue. Só teremos a certeza depois do resultado nas análises ao sangue e toxicológicas e da autópsia. — Faulkner ergueu um ombro e lançou de novo um olhar penalizado aos restos esfarelados. — Mesmo assim, depende de conseguirmos amostras suficientes. Vamos levá-lo ao médico-legista dentro de uma hora.

Ryan anuiu, com os lábios apertados.

— Quero que montem aqui uma tenda. A comunicação social vai hoje invadir a ilha e os fotógrafos têm lentes de longo alcance. Quero o local protegido. — Fez uma pausa e olhou para um dos elementos mais jovens da equipa forense. — Você! — Apontou com o dedo. — Se encontro alguma fotografia deste pobre fulano no jornal da tarde, saberei onde procurar o responsável. Entendido?

O homem sacudiu a cabeça. Gostaria de saber como conseguira o inspetor ler-lhe o pensamento.

Ryan olhou-o mais um instante para se assegurar de que a mensagem fora claramente recebida e depois falou para o grupo mais alargado.

— Esperem que a comunicação social seja criativa — disse. — Não está fora de questão que aluguem um barco para conseguirem um *close-up* da água. Phillips, antes que a maré vaze, quero uma barreira para proteger as dunas a partir daqui — apontou para um local afastado várias centenas de metros até junto do passadiço —, chegando até ali — indicou com o dedo o mar onde a cabeça cor de laranja de uma boia subia e descia no que restava de água — e ali. — Terminou o círculo com o dedo apontando os degraus de madeira usados para o acesso à praia.

Phillips assentiu.

— Vou já tratar disso.

— Quero sempre dois homens na tenda. — Ryan não podia dispensar mais elementos e a falta de recursos enfurecia-o.

— Entendido. — Phillips assentiu mais uma vez.

— Não, Frank, arranje alguém para tratar disso. Quero-o comigo no interrogatório.

Ryan olhou para o relógio e praguejou em surdina. A água já descera e viu os primeiros carros ansiosos a percorrerem velozmente o acesso do continente, prontos a tentar saber o que se passava. Entre eles encontrar-se-ia o advogado de Alex Walker.

— Vamo-nos despachar — disse.

— Não pode estar agora a pensar que foi o Walker, pois não? — perguntou Phillips quando voltaram a toda a pressa para a casa que era para eles a base temporária.

Ryan deteve-se, voltou-se para ele e o vento fez esvoaçar o seu cabelo negro em redor do rosto.

— O Walker não tem álibi, mentiu nas suas declarações à polícia e encontrámos provas materiais na propriedade dele. Suspeito de todas essas merdas, Frank. E vou examinar tudo uma e outra vez até encontrarmos a pessoa responsável. — Tinha um olhar feroz. — Não pense que pelo facto de o Walker ter estado fechado à chave ontem à noite não possa ter matado aquelas mulheres.

Quando Ryan e Phillips voltaram à casa, encontraram dois carros desconhecidos no caminho de acesso. Eram ambos alemães, caros e extremamente polidos. Ao entrar, Ryan, sentiu a atmosfera pesada e preparou-se para mais dramas.

— Vai fazer aquilo que lhe ordenou o seu superior! — A voz de Gregson ribombava, enchendo as quatro paredes da casa.

— Superintendente — replicava MacKenzie. — Tenho ordens rigorosas de não comentar mais nada antes do regresso do inspetor Ryan.

Ryan deteve-se um pouco a apreciar a lealdade do seu pessoal e depois entrou na sala.

— Superintendente. — Acenou respeitosamente a Gregson. — Há algum problema?

Gregson lançou um olhar fulminante à detetive MacKenzie.



— Apenas insubordinação.

Ryan tentou não sorrir. Olhando para Denise MacKenzie, quase podia ver as pragas irlandesas pairando por cima da sua cabeça.

— A inspetora MacKenzie está a trabalhar sob as minhas ordens e, como tal, quaisquer queixas devem ser feitas à minha pessoa.

Gregson revirou os olhos, mas aprovou secretamente a calma abordagem do inspetor debaixo de fogo. Mackenzie aproveitou a deixa e desapareceu.

— Por amor de Deus — rosnou Gregson. — Quero apenas o relatório do que se passa.

— Agradeço, superintendente, e terei todo o gosto em entregá-lo. Infelizmente, outro incidente, provavelmente um homicídio, foi-nos informado há quarenta minutos. Anteriormente...

— A advogada do Walker está a conferenciar com o cliente lá em cima — interrompeu Gregson. — Vai dizer-me que ele foi detido sem razão?

— Não, superintendente, não é isso que lhe vou dizer. — Ryan respirou fundo e adiantou-se. — Ontem à noite, no momento da sua detenção, Alex Walker prestou depoimentos falsos à polícia e encontrámos provas na sua propriedade depois de uma busca que foi autorizada pelos devidos canais. Não foi capaz de fornecer um alibi para os homicídios das duas mulheres, nem uma explicação para os objetos que encontrámos... as roupas de Lucy Mathieson e o seu telemóvel — acrescentou.

Gregson assentiu.

— Foi tudo feito segundo as regras?

— Tudo seguindo os protocolos relevantes, superintendente. O suspeito recebeu alimentação e água, um alojamento confortável e acesso a cuidados médicos. A invulgar geografia da ilha impediu-nos de questionar o Walker antes, mas se a sua advogada já chegou, podemos prosseguir com o interrogatório.

— Muito bem. — Gregson bebeu um gole do café e franziu a testa. — Este café é uma merda. Arranje uma máquina.

— Sim, superintendente.

— Tem antecedentes?

— Não, superintendente. Não tem qualquer registo criminal.

— O Walker sénior telefonou-me ontem à noite — afirmou Gregson irritado. — Queixou-se de que lhe tinha sido negado o acesso ao filho.

Ryan ergueu uma sobrancelha.

— Recusámos o acesso ao doutor Walker e, na minha opinião, com toda a razão, devido ao anterior envolvimento dele na nossa investigação. Além do mais, pensei que era do interesse da investigação acerca do Alex Walker que a sua história fosse apenas comentada entre nós, superintendente.

Gregson sorriu com um ar algo paternalista.

— Fez muito bem. — Entregou a Ryan a caneca do café. — Eu trato da comunicação social e não lhes dou mais nada senão a informação básica. Combinámos uma conferência de imprensa para as onze e meia na praça principal.

Ryan sentiu um alívio cobarde. Detestava falar com repórteres.

Gregson observou-o de perto. Havia uma expressão atordoada nos seus olhos e a pele dele parecia estar húmida e fria.

— Ryan! — Chamou-o firmemente e esperou que ele saísse por fim do seu devaneio.

— Superintendente?

— Nunca cheguei a receber o relatório do médico de clínica geral, pois não?

Ryan cerrou os dentes com força. No espaço de quarenta e oito horas havia um cadáver na praia, dois na morgue e Gregson estava preocupado com um pedaço de papel?

Gregson leu-lhe os pensamentos sem qualquer esforço.

— Posso esperar — decidiu. — Mas resolva isto, Ryan, e depressa.

## CAPÍTULO 16

Ryan e Phillips arrumaram o centro de coordenação e colocaram uma mesa desdobrável com quatro cadeiras e um gravador no meio junto a um jarro com água. Walker e a advogada sentaram-se de um lado da mesa, Phillips do outro.

Ryan preferiu ficar de pé.

Olhou para Walker que se sentava de braços cruzados e o cabelo penteado com gel. O inspetor apercebeu-se de que deveria ser o seu próprio gel que se encontrava na casa de banho do primeiro andar, que embelezava o cabelo louro do suspeito. A advogada de Walker era uma mulher em forma, de quarenta e alguns anos com o cabelo castanho bem arranjado e um elegante fato azul-escuro. Tinha as mãos pequenas calmamente dispostas. Tudo aquilo revelava que nem o homem nem a sua consultora estavam especialmente preocupados com a situação de Walker.

Ryan podia mudar aquilo.

Voltou-se para o pequeno gravador e anunciou a data e a hora, bem como os nomes dos presentes. Repetiu a advertência legal.

— Está consciente dos seus direitos?

Walker olhou para a advogada.

— Sim — respondeu com um sorriso alegre.

— Muito bem, vamos então começar.

— Inspetor, o meu cliente deseja fazer uma declaração oficial, pois o modo como foi detido não foi consistente com as exigências estabelecidas na Lei de Polícia e Obtenção de Provas Criminais.

*Então queriam ganhar tempo. Tudo bem, pensou Ryan.*

— De que forma?

— Não foi detido num local apropriado.

— Este edifício foi devidamente autorizado como local de detenção.

— Por quem?

— Pelo comandante do departamento de Investigação Criminal, o superintendente Arthur Gregson. — Recitou o número da referência departamental e entregou uma cópia do papel assinado que o gabinete de Gregson enviara na noite anterior.

— Isto devia ter sido incluído antes da marcação do interrogatório.

— Não — declarou calmamente Ryan. — Somos obrigados a informá-la das linhas de interrogatório que estamos a pensar seguir, juntamente com as provas que temos contra o seu cliente e que levaram à sua detenção. Nunca tencionámos discutir o modo da sua detenção; essa decisão foi sua.

A advogada meteu o papel no dossiê.

— Tenciona perder mais tempo, ou podemos ir ao que interessa?

— Ryan pousou as mãos nas costas da cadeira e inclinou-se levemente para a frente. Olhou-a intensamente e viu o rubor invadir-lhe a pele.

— O agente responsável pela detenção deveria ter tomado anteriormente a decisão de acusar o meu cliente. Como não o fez, ele devia ter sido libertado sob fiança.

— Havia razões para acreditar que era necessário deter o seu cliente. — Olhou para o homem sentado ao lado dela com um ar significativamente menos confiante à medida que os minutos passavam. — Sem fiança ou acusação para resguardar as provas ou obtê-las durante o interrogatório. A nossa argumentação foi detalhada no impresso necessário, cuja cópia a senhora recebeu quando aqui chegou esta manhã.

— Bem...

— Deixe de nos fazer perder tempo — pediu Ryan em voz baixa.

— Quanto mais depressa fizermos as nossas perguntas, melhor para

o seu cliente.

Ela cruzou os braços com uma expressão revoltada.

— Bom, recomeçemos. — Ryan instalou o seu longo corpo numa cadeira. Pousou uma mão no dossiê que tinha diante de si e fixou os audaciosos olhos verdes de Alex Walker.

— Nas suas declarações do dia vinte e um de dezembro — Ryan retirou uma cópia, embora soubesse de cor todas as palavras —, o senhor declarou conhecer Lucy Mathieson apenas como membro da comunidade da ilha. Mais precisamente como «uma rapariga que já tinha visto aqui na ilha» e «que mal a conhecia». Correto?

Walker engoliu em seco e anuiu.

— Por favor, fale para que fique gravado — disse Ryan.

— Sim, correto — disse Walker em tom cortante.

— Bom, mais tarde, nesse mesmo dia, cerca das oito e trinta, à porta do Jolly Anchor o senhor teve uma discussão comigo, como agente responsável pela investigação, em que retratou essas afirmações. Correto?

— O meu cliente não foi informado dos seus direitos e obrigações antes de ter feito essas declarações — atacou a advogada.

Ryan manteve-se imperturbável. Recostou-se na cadeira e continuou a olhar para Walker.

— Está agora avisado dos seus direitos, conforme já estabelecemos. Vamos então rever tudo, desta vez oficialmente. Nega ter tido uma relação pessoal e íntima com a Lucy Mathieson.

Walker foi o primeiro a desviar o olhar.

— Não.

— Então, muito bem. — Ryan mostrou o seu sorriso alegre. — Pode explicar porque não referiu o facto no seu depoimento original?

— Esqueci-me.

Ryan teve de rir, mas pegou noutra monte de documentos.

— Olhe, tenho aqui as cópias de depoimentos fornecidos pelos membros do pessoal do Theatre Royal de Newcastle, do Union Bar da Universidade de Newcastle, do restaurante Golden Dragon... —

Folheou os papéis enviados por fax pelos agentes do departamento de Investigação Criminal de Newcastle. — Todos confirmam que o viram com a Lucy Mathieson em várias datas durante o verão. Esqueceu-se?

— Deve-me ter passado da ideia.

Ryan retirou um dos depoimentos.

— Este depoimento foi-nos dado por um elemento bem conhecido da comunidade de Lindisfarne. Declara que o observaram num contacto íntimo com a falecida aqui na ilha, em data muito recente. Refresquei-lhe a memória?

Walter teve dificuldade em engolir em seco.

— Tenho uma vida muito ocupada, encontro-me com muita gente. Não me lembro de ter estado recentemente com a Lucy.

— Há quanto tempo vive em Lindisfarne, Alex?

— Qual a relevância dessa pergunta, inspetor? — chilreou a advogada.

Ryan nem se preocupou em olhar para ela.

— Está de acordo com a linha de interrogatório. Responda Alex.

Alex olhou nervosamente para a advogada e o queixo dele oscilou.

— Toda a vida vivi aqui.

— Desculpe, não percebi bem.

— Toda a vida! — gritou e fechou rapidamente a boca.

— Obrigado. A menina Mathieson também nasceu e foi criada em Lindisfarne. Tem consciência do número dos habitantes da ilha?

— Não. — *Tinha* consciência.

— Pouco mais de duzentos — ajudou-o Ryan. — Concorda que a sua posição na guarda costeira da ilha faz de si uma figura reconhecível, mesmo entre uma população tão pouco numerosa?

— Como hei de saber?

Ryan deixou que se fizesse silêncio.

— Pronto... Sim!

Ryan sorriu interiormente. O menino de ouro estava macio como veludo.

— Concorda também que sendo uma figura tão reconhecível, dentro de uma população pouco numerosa e tão coesa, seria pouco provável que um habitante o confundisse por outro?

— Podiam ter visto o casaco encarnado noutra pessoa e pensassem que era eu — declarou Alex numa centelha de inspiração.

— De facto, podiam — concordou Ryan. — Só que, neste caso, viram-no sem casaco. De facto... — Procurou a passagem relevante e citou: — A nossa testemunha declara que o viu «em pelo atrás do farol, a fazer aquilo como coelhos».

Ryan pensou momentaneamente no seu amor pela gente do norte e pela sua formulação especial das frases, mas o seu rosto manteve-se imperscrutável. Walker parecia agora preocupado e voltou-se para a advogada.

— O meu cliente gostaria de um momento para conferenciar.

— Sem problema — disse Ryan e parou o gravador depois de declarar a hora. — Cinco minutos — disse a ambos, antes que ele e Phillips saíssem da sala.

Lá fora, Phillips voltou-se para ele.

— Não entendo porque está a levar tanto tempo. — Phillips puxou a gravata para a alargar. — Porque não admite que comeu a miúda antes de ela ter morrido e vai em frente?

— Está assustado.

Cinco minutos depois entraram de novo no compartimento que servia de casa de jantar e cozinha e sentaram-se.

— Pronto para prosseguir? — perguntou Ryan com delicadeza.

— O meu cliente gostaria de prestar uma declaração acerca da sua relação com Lucy Mathieson — disse a advogada em tom formal.

— Sou todo ouvidos — disse Ryan antes de ligar o gravador e de se voltar para Walker com uma expressão de expectativa.

O outro homem arrastou a cadeira antes de acabar por reiterar o que dissera a Ryan na noite anterior.

— Obrigado — Ryan assentiu. — Pode dizer-me porque não quis cooperar confirmando esses factos? Saiba, por favor, que podem ser tiradas conclusões de uma recusa a responder num interrogatório.

Walker empalideceu de novo.

— Tinha as minhas razões — murmurou.

— Vai ter de as partilhar connosco — interrompeu Phillips no seu tom coloquial. — Até aqui, o senhor disse-nos que fora diretamente para casa, sozinho, depois de ter saído do *pub* no dia vinte e que ninguém o tinha visto depois, até ter regressado à guarda costeira com o Pete às cinco horas da manhã de dia vinte e um, quando foi guardar o local no mosteiro. Também não pode dizer-nos onde se encontrava entre as quatro e meia e as sete da tarde do dia vinte e um, período que coincide com aquele em que Megan Taylor perdeu a vida. As coisas não parecem estar lá muito bem, não é verdade?

Ryan não podia ter dito melhor, de modo que se limitou a inclinar a cabeça na direção de Alex e a esperar pela resposta. Walker parecia decididamente pouco à vontade e o seu penteado elegante estava já desmanchado.

— Como vos disse, estava em casa a... a... dormir quando a Lucy foi morta — disse em tom vacilante. — Só soube disso quando me ligou de manhã. — Voltou um olhar suplicante para Ryan.

— O meu cliente já confirmou o seu paradeiro nessa noite, mais insistência nesse tema será classificado como assédio — avisou a dedicada advogada.

— Obrigado pela informação — agradeceu Ryan com suavidade, pensando que ambos estavam cientes de que não havia a mínima causa para assédio. Voltou-se para Alex.

— Estava no *pub* ontem à tarde — afirmou Alex. — Lembra-se? Viu-me lá. — Os olhos dele apelavam de novo para que Ryan o confirmasse.

— Claro — Ryan encolheu os ombros. — Vi-o às oito e meia. Temos a confirmação de que estava lá desde as sete. Só não sabemos onde esteve antes, Alex.



— Fui visitar a minha família — disse, desesperado.

— Sei que é isso que afirma, porém, quando um dos nossos agentes interrogou a sua mãe... — Olhou rapidamente para os papéis — ... Yvonne Walker, esta não confirmou. Disse mesmo que não o vira durante todo o dia.

Walker engoliu em seco e ficou em silêncio.

— Devia mesmo falar com os seus pais antes de os tentar incriminar por falsas declarações prestadas à polícia — impacientou-se Phillips.

Walker agarrou-se à mesa.

— O meu pai... foi ele que vi. Queria dizer que o tinha visto.

Ryan abanou a cabeça.

— O doutor Walker esteve toda a tarde a ver doentes, conforme foi confirmado por vários membros da comunidade da ilha.

— Não matei ninguém, sabe? — A voz de Walker começou a acusar o pânico.

— Onde estava, Alex?

Walker deixou cair a cabeça nas mãos.

— Não posso... não posso dizer. Nunca acreditariam em mim.

— Experimente — sugeriu Ryan, inclinando-se para dar uma sensação de confiança.

Quando Alex ergueu de novo a cabeça, tinha uma expressão lastimosa.

— Por favor... não podem dizer a ninguém. Por favor.

— Não posso fazer-lhe essa promessa, Alex, mas tratarei com respeito a informação que me prestar.

— Estava com o Rob — murmurou numa voz quase inaudível.

Phillips e Ryan trocaram um rápido olhar e um aceno de cabeça confirmou que o homem ignorava ainda a morte de Robert Fowler. Ryan falou com cautela, interessado em ouvir o que Alex teria para dizer.

— Quando diz «Rob», refere-se a Robert Fowler, o voluntário da guarda costeira?

— Sim.

— Estava então com o Rob. A fazer o quê? — perguntou Phillips inocentemente.

Três cabeças olharam para ele com incredulidade. Um momento depois a expressão admirada de Phillips transformou-se em embaraço.

— Ah... — Folheou os papéis, desejando que o chão o engolisse. A pornografia *gay*, que tinham encontrado em casa de Walker, fazia agora mais sentido.

Ryan tomou de novo as rédeas.

— Estava então com Rob Fowler numa situação de intimidade, nas datas e horas em questão? — Walker parecia abatido e Ryan começou a sentir pena dele, antes de se lembrar que tinha um trabalho a fazer. — Há quanto tempo o senhor e o senhor Fowler tinham uma relação? — Ryan ficou a pensar se o outro homem se teria apercebido da utilização do passado.

— Há seis anos, de forma intermitente. — Walker não reparou nas subtilezas.

Ryan ergueu as sobrancelhas.

— Durante o seu casamento, enquanto «saía» com a Lucy Mathieson?

— Sim — admitiu Walker no mesmo tom monótono.

— Considera-se bissexual?

— Sim — Alex anuiu, cansado.

— O senhor Fowler concordava? — De novo o passado.

Alex arrastou os pés.

— Não, de forma alguma. Tolera-o porque sabe que não me dou bem com compromissos. Sabe, o Rob nunca esteve com uma mulher. Beijou algumas, mas em breve se apercebeu de que não estava interessado. Eu sou diferente, creio. Nunca tive preferência. Ele acha isso difícil de aceitar.

Ryan folheou o dossiê e retirou a declaração de Rob Fowler sobre os acontecimentos da noite de 20 de dezembro e madrugada de 21.

Leu por alto e ergueu de novo os seus calmos olhos cinzentos.

— O senhor Fowler afirma que, às primeiras horas do dia vinte e um, estava de serviço durante todo esse tempo.

— Tecnicamente estava. Começou o turno quando o meu terminou, cerca das onze horas. Esteve mais ou menos uma hora no posto. Eu bebi umas cervejas no *pub* e depois fui ter com ele. Tínhamos o posto por nossa conta.

— A que horas foi para casa?

— Deve ter sido depois da uma — disse Alex vagamente.

— O caminho para sua casa obrigá-lo-ia a passar pelo mosteiro — comentou Phillips, adiantando-se a Ryan.

— Sim.

— Não viu ninguém no caminho? — Ryan escutou a resposta com atenção. Por volta da uma da manhã, o assassino deveria provavelmente estar a matar ou a transportar o corpo de Lucy.

Alex franziu o rosto para se concentrar, o que fez com que a sua cabeleira loura subisse e descesse como uma peruca de comédia. Ryan tentou não reparar.

— Não me lembro de ter visto quem quer que fosse, mas, para ser completamente franco, Ryan, estava cansado e ainda um pouco embriagado. Estava muito escuro, também. Aqui não gastam dinheiro em candeeiros de iluminação pública. — Fez uma pausa. — Creio que me recordo de ouvir um barco, ou um carro algures do outro lado do mosteiro... o lado mais acidentado... mas mais nada.

— O que o leva a pensar que fosse um barco?

— Parecia o ruído de um motor — respondeu Walker.

Eram já três pessoas que falavam do motor de um barco, ou de um carro, por volta dessa hora e perto do ponto de acesso que os forenses tinham localizado. Ryan anotou aquilo.

— Porque omitiria o senhor Fowler que passara parte da noite consigo?

— Porque lhe pedi que mantivesse a nossa relação privada e suponho porque era uma violação dos seus deveres. — Walker

respirou fundo antes de falar. — Nunca me senti à-vontade com esse lado da minha sexualidade.

Ryan suspirou. Aquilo não era um programa de televisão nem ele era a Oprah.

— E ontem à tarde?

— Estive a ajudar na entrada do mosteiro durante a manhã. De facto, até à hora do almoço. O Rob esteve a trabalhar no bloqueio do trânsito com o Mark. Sabem tudo isso. Encontrei-me com o Rob cerca de um quarto para as cinco e voltámos para minha casa. Por volta das sete fomos os dois para o *pub* para tomar uma bebida.

— A sua família sabe da sua relação com o senhor Fowler?

— Não. Nunca compreenderiam. São muito conservadores — explicou. — Os meus pais são boa gente, Ryan, mas a razão para viverem tão bem em Lindisfarne é o facto de estarem de acordo com os valores antiquados. Sou tudo o que eles têm e já os desiludi por não querer ser médico. — Passou a mão pelo cabelo. — Nunca fui bom em ciências e sinto-me mal quando vejo sangue.

Walker ergueu os olhos e quase riu.

— Não precisam de acreditar. — Encolheu os ombros, de repente muito cansado. — A única coisa que os meus pais sempre quiseram, para além de estudar medicina, foi que eu arranjasse uma rapariga simpática e assentasse. Adoravam a Anna, por isso, naturalmente, afastei-a. Detestavam a Megan, o que foi fácil para mim assentar — disse com um sorriso levemente assimétrico. — Por fim, acabei por detestá-la. Ela sabia do Rob — acrescentou.

A advogada, que o estava a ouvir com uma expressão tão ávida como se estivesse a ver a sua novela da noite, acabou por acautelar o seu cliente, pousando-lhe a mão no braço.

— Não — disse ele, afastando-a. — Quero contar-lhes. — Voltou-se. — São as únicas pessoas a quem já disse.

— Acaba de nos dizer que a Megan Taylor sabia da sua relação com o Rob — incitou Phillips.

— Apanhou-nos uma noite — admitiu. — Chamou-nos nomes terríveis e disse que eu a enojava. — Walker deteve-se para beber um gole de água com mão trémula. — Não estávamos preparados... isto é, eu não estava preparado para que as pessoas soubessem. Tinha de lhe pagar para que ela não falasse.

— A menina Taylor chantageava-o?

— Sangrava-me — resmungou Alex, erguendo logo a seguir os olhos horrorizados pela sua infeliz escolha de palavra. — Isto é...

Ryan limitou-se a olhar para ele.

— Foi ao apartamento da Megan no dia vinte e dois? — Já tinha o depoimento de Anna dos acontecimentos desse dia, que o haviam informado de que Walker estivera ali às quatro e meia, mas queria ouvi-lo do próprio homem.

Alex respirou fundo.

— Fui. Cerca das quatro e um quarto, talvez um pouco mais tarde, para ver se me entendia com ela, como fazia sempre que tinha de lhe pagar — disse num tom amargo.

— Que disse ela?

— O mesmo do costume. — Alex ergueu um ombro e deixou-o cair. — Gostava de dizer que o dinheiro que eu lhe dava era uma espécie de compensação pela dor e sofrimento que eu lhe causara. Só merdas — acrescentou com convicção.

— Reparou em algo invulgar?

— Nem por isso. Pensei que ela deveria estar a trabalhar, mas afinal estava em casa sem fazer nada. Não me pareceu doente, nem pouco mais ou menos. Antes pelo contrário, estava a arranjar-se.

— A arranjar-se? — inquiriu Phillips.

— Sim. Estava toda perfumada e havia roupa interior vermelha em cima da cama, esse tipo de coisas — prosseguiu Alex.

— Pensa que ela ia sair?

Alex apertou os lábios.

— Nem sempre era preciso que a Megan fosse sair para se arranjar dessa maneira.

Phillips e Ryan assentiram.

— Cruzou-se com mais alguém a essa hora? — perguntou Ryan, naturalmente.

Alex pareceu confundido por momentos, mas logo o seu rosto pareceu aclarar-se.

— Sim, de facto. O Bill estava a mudar os barris, por isso andava para cá e para lá no pátio. Cumprimentámo-nos. — Bebeu mais um gole de água. — Dei de caras com a Anna. Vi-a no cimo da escada a conversar com a irmã, mais ou menos às quatro e meia, por isso pensei que seria melhor esperar até que tivessem terminado. Não queria que ela soubesse que eu ia lá a cima.

Ryan anuiu e sentiu-se aliviado. Pelo menos Megan estava viva quando Anna a deixara. Não queria acrescentar o nome de Anna à sua lista de suspeitos.

— Lembra-se do que disseram?

— Claro — assentiu Alex. — A Anna encontrou-me a fumar no pátio. Bem me apetecia agora um cigarro — acrescentou esperançosamente, mas o seu pedido caiu em orelhas moucas. — Foi um pouco embaraçoso, para ser franco.

— Então, porquê? — Tratava-se de pura curiosidade, admitiu Ryan.

— Ela e eu tínhamos namorado, há muito tempo, quando éramos miúdos.

— Pois sim — anuiu Ryan. — Até ter dormido com a irmã dela.

Alex foi suficientemente delicado para se mostrar envergonhado.

— Vai ter de me fornecer um pouco do seu *aftershave*, meu filho — declarou Phillips com um sorriso que rapidamente apagou.

— Foi para bem dela — disse Alex, defendendo-se. — Nunca faria a Anna feliz.

Estava na ponta da língua de Ryan concordar, mas conseguiu controlar-se.

— Não tinha muitas razões para gostar da Megan Taylor — disse então Ryan, a pensar que na primeira oportunidade trataria de observar os dados financeiros de Megan Taylor. Se tinha andado a

esfolar Walker, quem a impediria que andar a chantagear outras pessoas?

Alex entendeu imediatamente.

— Esperem, ela era vingativa — disse, inclinando-se de novo para a frente. — Disse-vos que acabei por detestá-la, mas não a matei. O Rob pode dizer-vos que eu estava com ele desde as quatro e quarenta e cinco até perto das sete, quando fomos outra vez para o *pub*.

Ryan pensou que Alex poderia, mesmo assim, ter matado Megan Taylor cerca das quatro e meia, logo a seguir a Anna ter deixado a irmã, mas seria muito difícil. Acabou por ter pena dele. Chegara o momento de pôr as cartas na mesa.

— Receio que o senhor Fowler não possa confirmar o seu paradeiro em nenhuma das ocasiões, Alex. Lamento informá-lo de que ele foi encontrado morto hoje de manhã cedo.

O sangue desapareceu do rosto do outro homem.

— Está... estão a mentir! — Levantou-se da mesa para agarrar a camisa de Ryan. Este impediu-o, colocando as mãos nos braços de Alex, mas nada mais. Vira-lhe no rosto o desgosto, o terror e a incredulidade.

— Lamento.

Alex deixou-se cair na cadeira e Ryan viu-o desmoronar-se. Desaparecera-lhe o ar arrogante naqueles brilhantes olhos de gato, substituído por um profundo desgosto que apenas começava. Walker cruzou os braços como se se quisesse proteger do gelo que invadira o compartimento aquecido. E as lágrimas caíam-lhe livremente pelo rosto.

Tinham passado vários minutos durante os quais o gravador fora desligado e tinha sido permitido um descanso e uns momentos de privacidade.

Durante esse tempo, Ryan decidira também que Alex Walker não era o seu homem. As provas que haviam encontrado tinham de certeza sido plantadas.

— Mais alguém sabia da sua relação com o senhor Fowler?

— Não... isto é, a Kim sabe. É essa a razão do nosso divórcio. — Ryan conteve-se para não dizer que, dado os registos de infidelidade do homem, Rob Fowler seria provavelmente a última das preocupações da mulher dele. Preferiu tomar nota para contactar Kim Walker de modo a confirmar a relação de Alex e Rob. Acrescentava ainda mais peso para a sua crença de que Walker não era o homem que procuravam.

— A Megan sabe... sabia de nós — continuou Walker, passando a mão pelos olhos vermelhos e inchados.

— Teria dito a alguém?

— Pagava-lhe para que não o fizesse. Não sei se teria mantido a palavra, mas como nunca ouvi mexericos a nosso respeito, creio que foi discreta.

— E os seus pais, Alex? — A voz de Ryan era quase suave. Sabia quando um homem estava derrotado.

— Não. Nunca lhes disse.

— Porquê?

— Já vos disse. São pessoas conservadoras. Têm certas ideias a meu respeito, acerca do casamento e de terem netos um dia, creio eu. — Voltou a esfregar os olhos. — Creio que me casei com a Kim para os calar. Nunca vi a minha mãe tão feliz. O Rob foi o meu padrinho. — As lágrimas começaram a cair e o seu corpo estremeceu.

— Sabe se alguém desejava fazer mal ao senhor Fowler?

Alex abanou a cabeça.

— Não, nunca. Era tão bom. Nunca ninguém lhe quereria fazer mal. — Walker sorriu ao recordar-se, olhando ao longe.

— Haverá indivíduos na ilha que se tenham manifestado contra a homossexualidade?

Walker começou a abanar a cabeça, mas reconsiderou.

— Há sempre comentários dos putos, sabe? «Maricas», «mariconço». — Alex encolheu os ombros, desvalorizando. — A



maior parte vem de uns putos que não viveram o suficiente para saber como são as coisas. — Fez uma pausa, a recordar-se. — Há uma coisa e lembro-me de que o Rob estava perturbado com isso. — As lágrimas ameaçavam surgir de novo, mas conteve-as pela força de vontade. — Foi há cerca de dois meses. Fomos à missa... separados... com as nossas famílias. O reverendo Ingles disse umas coisas que não caíram bem.

— O que disse ele?

— Conseguiu incluir umas citações palavrosas acerca de um homem que se deitava com outro homem. Creio que do Levítico. Disse mais ou menos que estava satisfeito por a ilha não estar «infestada» pelos que tinham caído em pecado mortal, e os poucos que havia seriam perdoados por Deus.

— Sabe se se referia a alguém em particular?

— Não faço ideia. Só esperávamos que não fôssemos nós. — Walker desviou os olhos para a janela para poder ver o mar, antes de se voltar de novo para ele.

Ryan mudou de assunto.

— Quem mais tem acesso à sua cabana de pesca, Alex?

Alex pareceu pensar uns minutos e Ryan estava prestes a repetir a pergunta quando Walker falou por fim.

— Não compreende o modo como esta ilha funciona, Ryan. Toda a gente conhece toda a gente; as pessoas sabem onde estamos, o que é nosso e onde vivemos. — Voltou-se para eles. — Praticamente toda a gente sabe qual é a minha cabana e nunca a fecho com o cadeado. Um miúdo de doze anos conseguiria abri-la.

Ryan não disse nada. Limitou-se a inclinar a cabeça.

— Só mais uma coisa, Alex. — Olhou fixamente o homem e ficou à espera de qualquer sinal. — O que tinha a Lucy vestido na noite em que morreu?

Alex franziu o rosto para se concentrar.

— Qual a relevância, inspetor? — A advogada pareceu acordar de um breve sono.

Ryan limitou-se a erguer um dedo, pedindo-lhe que esperasse. Ela irritou-se.

— Meu Deus, eu... — Walker esfregou os olhos. — Não me lembro. Talvez calças de ganga e um *top* de cor viva? — Ergueu os olhos esperançoso.

— De que cor?

Alex abanou desesperadamente a cabeça.

— De facto, não me lembro.

Ryan assentiu e olhou para os papéis.

— Diga-me como ele morreu — pediu Alex em voz baixa.

Ryan desligou o gravador, levantou-se e pôs a mão no ombro do homem como que para o apoiar.

— Não me perguntes isso, Walker. Faz um favor a ti próprio e vai descansar. Vamos libertar-te sem qualquer acusação.

Depois de Walker ter partido com os pais e quando a papelada ficou pronta, Phillips voltou-se para o seu superior com alguma surpresa.

— Bem sei que é assim uma história de amor como a do *Brokeback Mountain*, mas lá porque ele deitou umas lágrimas quando soube da morte do Fowler não quer dizer que não tenha matado as mulheres. Admitiu que a Megan Taylor o chantageava e pode ter querido despachar a Lucy por ela se estar a tornar demasiado insistente.

Ryan esboçou um sorriso amargo.

— Foi por isso que mandei dois homens vigiarem-no. Agora está descansado. Pensa que o pior já passou.

Phillips abanou a cabeça, em parte por admirar aquele homem alto que tinha a seu lado, em parte por temer o fragmento de gelo alojado algures no coração dele.

— Mas não explica o Fowler.

— Não, Frank, não explica.

## CAPÍTULO 17

Às onze e trinta, Anna encontrava-se entre a multidão que se reunira na praça principal para ouvir o superintendente Gregson emitir um comunicado à imprensa. Tinha sido erguido um pequeno estrado à frente da estátua de São Cutedberto e uma multidão de repórteres locais e nacionais disparava perguntas enquanto as câmaras rolavam. Desde a aldeia até ao passadiço, as estradas estavam bloqueadas por carros e carrinhas. Os hotéis da terra que ainda não tinham completado a sua capacidade com hóspedes da polícia estavam agora a abarrotar de operadores de câmara e repórteres. Pela primeira vez, os turistas tinham dificuldade em entrar.

Por entre todo aquele espetáculo, o mosteiro mantinha-se imutável e imóvel como sempre.

— A polícia de Northumbria trabalha afincadamente para levar justiça às famílias daqueles que perderam os seus entes queridos nestes crimes trágicos e absurdos. Queremos garantir a essas famílias que temos os nossos melhores homens e mulheres a investigar. Não poupamos recursos na nossa caça à pessoa ou pessoas responsáveis. — Gregson era autoritário, um homem do povo que tinha o hábito de comandar. Toda a entoação da sua voz destinava-se a fazer nascer a confiança naqueles que o escutavam.

— É verdade que são homicídios rituais? — gritou um repórter.

— Não podemos confirmar nem desmentir nada que possa prejudicar a investigação. — Gregson lançou um olhar severo à mulher baixa da estação local de televisão.

— Confirma que houve um terceiro homicídio? — A repórter não desistia.

— Posso confirmar que uma terceira pessoa, identificada como Robert Fowler, um homem daqui, voluntário da guarda costeira e pescador, foi encontrado morto esta manhã. Estamos a investigar e aproveitamos para apresentar as nossas condolências à família.

Várias vozes gritaram ao mesmo tempo.

— Confirma que foi libertado um suspeito sem qualquer acusação? Têm outros suspeitos?

— A equipa de investigação pode interrogar, e interrogará, indivíduos quando for apropriado.

— É verdade que a polícia não tem outras pistas?

— A equipa do departamento de Investigação Criminal segue todas as pistas e continuará a trabalhar o mais depressa possível para levar perante a justiça a pessoa ou pessoas responsáveis — reiterou Gregson com firmeza.

— Os três homicídios estão ligados?

— O departamento de Investigação Criminal está a tratá-los como estando ligados — confirmou Gregson imediatamente. Afinal, já o saberiam.

— É o inspetor Ryan quem dirige a investigação? — gritou um patifório espertinho que ficou satisfeito ao ver a consternação no rosto de Gregson. — Julga-o competente para chefiar, dado os acontecimentos que se seguiram ao *Hacker*?

Fora do estrado, Ryan sentiu o estômago apertado. Gregson voltou-se para ele com uma pergunta no olhar e Ryan assentiu. Tinha as mãos suadas e os joelhos trémulos, porém, quando subiu ao estrado para enfrentar as câmaras e os jornalistas, mostrava-se confiante e capaz para se encarregar de si próprio e da sua equipa.

Gregson afastou-se lentamente do microfone quando Ryan avançou.

Houve um burburinho invulgar. Muitos repórteres reconheceram imediatamente o detetive alto e bem-parecido que se encarregara

do caso do *Hacker* no princípio do verão. O criminoso a quem chamavam *Hacker* tinha o hábito de cortar as vítimas com precisão cirúrgica. No princípio da investigação, a imprensa vira Ryan no seu melhor, aparecendo com fatos bem-feitos, falando-lhes no seu habitual modo articulado, mas conciso. Trouxera nova energia e confiança a uma investigação que se arrastara durante meses, sem quaisquer pistas aparentes.

No final, tinham-no visto, desgastado, abatido e ensanguentado. Entregara o *Hacker* à justiça, mas apenas depois de ele ter perseguido e matado a sua própria irmã. Embora os *paparazzi* tivessem oferecido aos jornais nacionais fotografias de Ryan a ser levado da casa em que Nathalie fora encontrada juntamente com o seu assassino, tinham preferido não as publicar.

Até os jornais mais sensacionalistas tinham coração.

Agora viam um homem mais duro, talvez mais frio, mas o brilho voltara-lhe ao olhar. Se tivessem perguntas, respondê-las-ia.

— Boa tarde — começou Ryan na sua voz aveludada. — Posso confirmar que regresssei ao serviço depois de um período de licença sabática voluntária.

Sentia-se irritado interiormente e os rostos da multidão esbateram-se por momentos, depois o seu olhar prendeu-se no de Anna. Estava atrás, mas destacava-se. Nesse instante, reparou bem nela: o cabelo ondulado sobre um ombro a aparecer por baixo do gorro de lã, a frescura das suas faces e o rosado do nariz que reagira ao tempo frio. O seu olhar firme e direto que parecia exigir que ele dissesse o que tinha a dizer.

— Como muitos de vós estão cientes, a investigação do *Hacker* foi encerrada há seis meses — disse com toda a franqueza, sentindo essa verdade invadir-lhe o organismo. — Porém, a vida tem de continuar. Sendo esse o caso, gostaria de vos recordar que estou há mais de quinze anos nesta profissão, que trabalhei em primeiro lugar com a Polícia Metropolitana e, nos últimos doze anos, em Newcastle e Northumbria. Participei nas investigações de numerosos crimes

graves e fui nomeado inspetor-chefe há dois anos. Nesse curto espaço de tempo, e com a ajuda de uma excelente equipa, encerrámos cinquenta e sete casos com condenações bem-sucedidas.

Era uma estatística excelente e ele sabia-o. Se a imprensa queria questionar a sua competência, então deveria sabê-lo.

— Com esta folha de serviços, estou confiante de que a nossa equipa de investigadores, formada pelos mais competentes homens e mulheres, vai agir com toda a prontidão para que seja feita justiça às famílias a quem foram roubados os entes queridos.

Desviou o olhar de Anna e observou a multidão entre a qual se encontravam várias pessoas que reconhecia. Passou-lhe pela mente que o perpetrador deveria estar ali.

Olhou diretamente para a multidão, como se falasse com o assassino.

— Digo isto ao responsável: podemos e vamos encontrá-lo. Não há lugar em que possa ficar em segurança. Vamos continuar a persegui-lo até que não haja um canto desta ilha ou deste país que o possa albergar. Caçá-lo-emos... É só isto.

Ryan deixou as palavras a pairar e desceu. Os repórteres e os operadores de câmara avançaram para conseguir uma fotografia dele a apertar a mão a Gregson, e a ter mais umas frases-chave para os noticiários da noite. Anna deu meia-volta e começou a caminhar por entre a multidão. O seu caminho foi seguido por vários pares de olhos.

Por entre a multidão, um homem estremeceu e aconchegou-se mais no seu casaco.

*Sabiam*, pensou freneticamente, olhando aflito de um lado para outro.

*Vigiavam-no.*

A sua mente febril via agentes da polícia a cada esquina. Percebeu que alguns o observavam.

*Sabemos que foste tu, pareciam dizer.*

Sentia as mãos a tremer. Porque não teriam acusado Walker? Já deveriam ter encontrado a roupa de Lucy. Porque não o teriam acusado?

O seu olhar pousou por breves instantes sobre a figura alta do inspetor Ryan, que se encontrava no estrado como um anjo vingador com o cabelo negro que o vento lhe soprava junto ao rosto. Estremeceu de novo ao ouvir as palavras de Ryan ecoarem na multidão.

*Caçar-te-emos... não terás abrigo em parte alguma...*

A mulher que lhe dava o braço começou a esfregar os dedos, tomando o medo por frio. Ele sorriu para aquele rosto expectante, mas o suor corria-lhe frio e pegajoso pelas costas.

Havia outro homem a observar de longe o que se passava, com o rosto cuidadosamente disfarçado numa máscara de seriedade. Acenou delicadamente a amigos e vizinhos. Havia pouco, abraçara com sinceridade a mulher que nessa manhã perdera o seu filho único e estivera a consolar outra família que acabara de perder a única filha.

Sentia-se invencível, divino.

Escutou as palavras do superintendente e quase sorriu. Tinha de se recordar de que deveria manter um rosto inexpressivo, mas como lhe apetecia soltar uma gargalhada... Queria subir acima das pessoas insignificantes que o rodeavam tagarelando como idiotas que eram.

Pensavam que o podiam caçar.

Mas não sabiam nada.

Olhou brevemente para o inspetor Ryan e sentiu a raiva ferver dentro de si, pronta a transbordar.

*Louco ignorante e arrogante,* pensou enquanto fechava os punhos.

Tentou controlar-se e afastou o olhar, sentindo o sangue acalmar. Sorriu ao olhar então para a mulher muito bonita que tinha a seu

lado, envergando um casaco de inverno azul-escuro.

Continuava a sorrir quando se voltou para olhar nos olhos o caçador.

— Ryan? Venha comigo! — Arthur Gregson vociferou a ordem e passou rapidamente por entre a multidão para se dirigir ao seu automóvel. Obrigou Ryan a entrar, antes que as câmaras o seguissem.

O carro avançou lentamente, mas o departamento tinha pedido vidros fumados, de modo que Ryan se sentia razoavelmente à vontade já que os flashes das câmaras não teriam grande efeito. Ofendia-se com o facto de ter de se esconder em carros blindados, enquanto o assassino andava em liberdade.

— Deixe de amuar — disse Gregson energicamente e, sem se lembrar de delicadezas sociais, acendeu um charuto. Puxou uma ou duas fumaças para acalmar os nervos. Nem ele era imune à pressão da comunicação social. — Esteve muito bem. Saiu-se bem, enfrentou as críticas de cabeça erguida. Gostei principalmente do seu aviso ao assassino. — Gregson lançou uma baforada e arquejou.

— Obrigado, superintendente. — Fora pressionado, pensou. Não tivera tempo de falar pessoalmente com Anna, mas ela agora sabia.

— Ele anda a fugir-nos — continuou Gregson de olhos semicerrados. — Isso tem de mudar.

— Estamos a fazer todos os possíveis, superintendente.

Gregson acenou com a mão.

— Acha que sou cego? Não é a mim que tem de convencer. É a eles. — Apontou zangado com o polegar para os repórteres que tinham ficado para trás.

— Quase não há provas materiais, o que é o obstáculo principal — admitiu Ryan. — Os técnicos forenses devem voltar hoje com relatórios mais detalhados. Havia impressões digitais e potencial ADN no local do crime da Megan. Enviei o relatório para a sua



secretária, superintendente. Quanto ao elemento ritual, estamos a tentar descobrir.

— Sabe que já não pode usar a doutora Taylor — interrompeu Gregson.

— Claro — concordou Ryan melífluo, com uma expressão neutra.

Gregson observou o inspetor através da nuvem de fumo do charuto e os seus olhos brilharam.

— Ainda bem que nos entendemos — disse, igualmente melífluo.

— Uma das poucas coisas a nosso favor é o facto de todas as três vítimas serem jovens e bonitas. Bem ou mal, isso vai captar a imaginação do público muito mais do que se fosse de outra maneira. As pessoas simpatizam sempre mais quando se tratam de beldades.

Ryan podia não gostar, mas não podia negar a verdade. Quantas vezes a imprensa acompanhava uma investigação se os perpetradores ou as vítimas eram velhos, feios ou de qualquer forma desagradáveis?

Raramente.

— Quero entender isto o mais depressa possível. O nosso perpetrador tem andado a brincar, mas chegou o momento de darmos conta dele.

— Diz muito bem.

— Obrigado, superintendente.

Na sua pressa de escapar à multidão que enchia a praça principal, Anna dirigiu-se para uma das ruazinhas empedradas. Sentindo a liberdade próxima, o coração saltou-lhe na garganta quando uma mão forte lhe agarrou o braço e a puxou para trás.

— *Psst* — disse uma voz feminina sua conhecida. — Vamos fugir por aqui.

Anna olhou para trás e viu o rosto de Yvonne Walker. Tinha cinquenta e alguns anos, mas o corpo esguio e bem constituído de uma mulher mais jovem. O cabelo, que fora castanho-claro uns anos

antes, estava agora mais escuro e cortado de forma elegante. O seu rosto tinha poucas rugas e uma luz que indicava saúde.

— Senhora Walker? Está fantástica.

A outra mulher corou de prazer e levou instintivamente a mão ao cabelo.

— Gostas? Creio que estava aborrecida com a minha aparência. — Soltou uma gargalhada.

Anna sentiu lágrimas inesperadas queimarem-lhe a garganta. Yvonne Walker fora uma amiga de longa data da sua mãe e, até naquele momento, a nova cor de cabelo de Yvonne foi uma recordação da mulher havia muito desaparecida.

— Minha querida, perturbei-te? — Imediatamente preocupada, Yvonne pegou na mão de Anna num gesto maternal e apertou-a contra si.

— Não, não é nada.

— Então, vamos. — Yvonne puxou-a pela mão e dirigiram-se a uma das ruas laterais. Anna conhecia tão bem o caminho, que poderia tê-lo percorrido vendada.

Por fim, chegaram à grande casa de pedra que albergava o consultório do médico e a família Walker.

— Bom, senhora Walker, não sei se o Alex me quer ver neste momento — começou Anna, hesitante.

Yvonne lançou-lhe um olhar entendido.

— Ele gosta sempre de te ver, Anna. Pode ter cometido os seus erros no passado. — *Era sempre difícil para uma mãe admiti-lo*, pensou Yvonne. — Mas cresceu muito desde aí. Esta experiência recente terá sido também um choque para ele.

— Mesmo assim, não sei...

— Não precisas de te preocupar. O Alex tem já casa própria.

Anna descontraíu-se um pouco e entrou na velha casa. Era ainda muito bonita, pensou com uma onda de nostalgia. Construída em estilo georgiano, tinha soalho de madeira que brilhava encerado. Tapetes caros e gastos estavam espalhados pelo chão. As fotografias

de família cobriam as superfícies e pinturas de bom gosto adornavam as paredes que eram em tons esbatidos e repousantes. As plantas de interior acrescentavam aos compartimentos frescura, cor e também uma sensação de quietude.

Anna sempre tivera ali uma sensação de paz.

— Está exatamente como me lembrava — murmurou.

— Claro que sim — disse Yvonne com vivacidade, despindo o casaco. — Vamos beber uma chávena de chá e pôr a conversa em dia.

Cinco minutos depois, Anna dava por si sentada no sofá confortável que se encontrava numa das salas mais pequenas. Viam-se as chamas na lareira. Equilibrava numa mão um pequeno prato com uma enorme fatia de bolo, que tentava salvar de *Tennyson*, o gato da família, afastando-o com a outra mão.

Apercebendo-se de que não tinha sorte, o gato acabou por abandonar as esperanças de um lanche e foi enrolar-se no extremo oposto do sofá, oferecendo-lhe a vista do seu traseiro amarelo.

O animal não precisava de falar para que Anna compreendesse o que ele desejava dizer-lhe.

— Estás maravilhosa — comentou Yvonne, depois de ter descalçado as botas castanhas e agitado os dedos. — O que tens feito durante todo este tempo?

— Ah! — exclamou Anna, sem saber por onde começar. — Terminei o meu doutoramento e consegui um lugar para lecionar na universidade.

— Oh, que maravilha! — Yvonne sorriu afetuosa. — Mas também nunca tivemos dúvidas de que te saírias muito bem.

Anna nem sabia o que dizer. Nunca se apercebera de que tanta gente acreditava nela.

— E como está o doutor Walker? — Cortou um bocado do bolo e saboreou-o.

Yvonne sorriu.

— Minha querida, não precisas de lhe chamar «Doutor Walker». Agora és uma pessoa crescida. Para ti somos apenas Steve e Yvonne.

Anna abanou a cabeça.

— Parece-me tão estranho, por vezes esqueço-me de que cresci. Talvez seja por estar muito atrasada em relação às outras mulheres da minha idade, de muitas e variadas maneiras.

— Que disparate! — Yvonne defendeu imediatamente a jovem que considerava um dos seus pintainhos. — Tiveste mais calma, fizeste as tuas escolhas, mais nada.

Anna sorriu baixando os olhos para o seu chá.

— Ah! — Yvonne espetou um dedo com a unha bem arranjada na direção de Anna. — Conheço esse olhar. Também o tinha quando conheci um certo médico louro há muitos anos. Desembucha!

Anna ergueu um ombro e tentou não parecer presunçosa.

— Não há nada de que falar, a sério. Só uma espécie de... ligação, creio. — Franziu a testa de súbito, ao aperceber-se de que simplesmente tinha concluído que ele sentira o mesmo.

*E se assim não fosse?*

— É sempre um bom começo — comentou Yvonne. — Posso perguntar quem é o felizardo?

— O inspetor Ryan. — Anna quase tinha medo de dizer o nome dele em voz alta.

— O Maxwell? — Yvonne sorriu e o seu belo rosto iluminou-se com uma expressão aprovadora.

Anna quase se engasgou com o bolo. Estariam a falar da mesma pessoa?

— Estou a falar do inspetor que está na ilha a tratar da investigação — acrescentou e ficou a pensar se Yvonne estaria ofendida por ela estar a ter em consideração um caso amoroso com o homem que detivera o filho e o encarcerara na sua própria casa.

— Sei em quem estás a pensar, minha querida — disse Yvonne. — Não sabias que ele se chamava Maxwell? Consegui que ele me

dissesse quando se mudou para cá.

Anna abriu a boca e voltou a fechá-la. Lembrou-se de que nunca tinha perguntado e o nome ficou a rolar-lhe na mente.

*Maxwell.*

*Max?*

— Gosto — concluiu um momento depois. — Mas creio que «Ryan» lhe fica melhor.

Yvonne lambeu a cobertura açucarada do bolo que tinha nos lábios e adotou uma expressão maternal.

— Quero que saibas três coisas, Anna — começou em tom sério, fixando os olhos na jovem. Anna endireitou-se para a ouvir. — A primeira é que amo o meu marido.

— Claro...

— A segunda — Yvonne interrompeu-a em tom suave —, é que fiquei extremamente desiludida quando o teu rapaz deteve o meu filho. — Anna engoliu em seco, mas gostou do modo como ela se referiu a Ryan como sendo o «seu rapaz». — E a terceira — prosseguiu Yvonne em tom afetado —, é que ainda não estou velha. E, como tal, tenho a dizer que o Maxwell Ryan é um dos homens mais fabulosamente bonitos que já vi na vida e se não te atirares a ele, atiro-me eu.

Tendo completado o seu discurso, Yvonne deu uma dentada no bolo e sorriu. Anna teve de rir.

— Não me deixes chegar ao pé dele — pensou ter ouvido Yvonne resmungar enquanto sacudia as migalhas. Anna riu mais uma vez e olhou para aquela mulher que tinha muitas vezes sido como que uma mãe para ela quando a sua lhe faltara.

— Tive saudades suas, Yvonne. Mais do que me tinha apercebido — admitiu.

— Também eu — respondeu Yvonne com ternura. — Ficámos todos orgulhosos do que conseguiste fazer. E a tua mãe também teria ficado.

Anna engoliu o nó que sentia na garganta e voltou-se para a lareira com os olhos vítreos.

— Pronto, pronto, não precisas de ficar perturbada.

— Não estou. — Anna fungou. — Estou apenas exausta, mais nada.

— Têm sido uns dias terríveis para ti. — Yvonne abanou a cabeça com tristeza e pensou que tinham sido antes uns anos terríveis. Tivera a sorte de a sua pequena família nunca ter conhecido uma tragédia como a dos Taylor. Agora restava apenas Anna, pensou cheia de pena.

Anna recompôs-se.

— Só queria que eu e a Megan nos tivéssemos separado como amigas.

Yvonne suspirou.

— Vocês sempre foram muito diferentes — disse com cautela. A família era sempre mais importante e não queria ofender. — As coisas que deveriam ter-vos unido acabaram por vos separar.

Anna concordou. Era verdade.

— Sempre te portaste muito bem com ela — acrescentou Yvonne. — Mesmo depois de ela te ter magoado tanto.

Anna baixou os olhos e pousou de novo o bolo na mesinha. Sabia que deveria ter feito mais por Megan.

— Perdoei-lhe o que me fez — disse em voz baixa. — E nunca censurei o Alex, nem pensar.

— Pois eu sim! — declarou Yvonne surpreendendo Anna. — Sou mãe dele e só Deus sabe que o adoro até mais não, mas nunca foi muito bom a julgar o carácter de outras pessoas.

— Ele era tão novo. E eu também — acrescentou Anna.

— Bem sei — Yvonne acalmou-se e esboçou um sorriso à jovem sentada diante de si. — Mas uma mãe tem os seus sonhos, sabes. Eras... e ainda és, tudo o que uma mãe desejaria para o seu único filho.

Anna engoliu mais uma vez as lágrimas que lhe sufocavam a garganta.

— Obrigada — disse.

— Ficámos muito contentes quando o Alex conheceu a Kim, embora tivesse sido um pouco inesperadamente. — Foi uma pena não ter corrido bem, mas, para ser franca, nunca foram muito felizes. Apressaram-se e arrependeram-se quase imediatamente. Pelo menos não tiveram filhos que sofressem com o divórcio. — Yvonne apertou os lábios depois daquela última palavra e pareceu perturbada. — O Alex ainda não me disse onde estava quando aconteceram essas mortes. — Olhou para o lume e torceu com os dedos a bainha da saia. Fitou Anna e continuou, falando rapidamente: — Oh, nunca pensei que ele tivesse algo a ver com o que aconteceu à Lucy ou à Megan. Sempre foi muito delicado. Só não posso entender porque se tornou de repente tão reservado. Pensei que éramos muito próximos.

Anna não sabia o que dizer.

— É óbvio que a polícia não está preocupada — disse por fim em voz fraca. — De contrário não o teriam, bem...

— Libertado? Sim, creio que tens razão. — Yvonne fez uma pausa antes de continuar. — A polícia veio cá, sabes, para me interrogar. Perguntou-me o que eu tinha feito e quem tinha visto no outro dia. Disse-lhes a verdade; que tinha estado em casa grande parte do dia e que o Steve estivera de manhã a ajudar a polícia e que à tarde fora visitar os doentes. Não fazia ideia de que o Alex lhes dissera que tinha estado aqui comigo quando não era verdade.

— Porque o teria feito? — perguntou Anna.

— É isso que me preocupa — afirmou Yvonne com franqueza. — Porque haveria de mentir à polícia? Nem parece dele.

*Era verdade*, pensou Anna. Sempre o conhecera sendo franco acerca de si próprio, mesmo quando o seu comportamento não era exatamente perfeito.

— Porque não experimenta perguntar-lhe? — perguntou ela, pensando em voz alta.

— Fechou-se em casa — queixou-se Yvonne com tristeza. — Não consigo falar com ele. Sei que a experiência com a polícia deve ter sido um choque, mas tenho a certeza de que sabe que o apoiáremos. — Fitou Anna com uma expressão perplexa.

— Quer que eu fale com ele? — ofereceu-se Anna com pouca convicção.

— Fazias isso? Sei que não estão muito à-vontade um com o outro, mas tenho a certeza de que se voltarem a falar, acabarão por ser bons amigos.

Anna olhou para a expressão esperançosa de Yvonne e percebeu que ela a convencera.



## CAPÍTULO 18

Anna hesitou à porta da pequena casa onde Alex vivia. Apesar de haver sol, as cortinas estavam corridas. *Nunca deveria ter concordado em vir*, pensou ardentemente. Nunca aprenderia?

Ergueu a mão fechada para bater à porta. Se não houvesse resposta, teria de desistir e ir para casa. Ou antes, para a sua casa temporária, se é que assim lhe podia chamar.

Não houve resposta, de modo que foi espreitar pela janela. A sala estava às escuras, revistas e papéis espalhados por cima da mesinha juntamente com os restos de uma piza.

Bateu de novo e gritou o nome de Alex, mas mesmo assim não houve resposta. Deu meia-volta para se ir embora e depois praguejou em surdina. Se não tentasse uma última vez, ficaria preocupada com ele.

Caminhou até ao final da rua, de onde saía um beco que dava para os jardins das traseiras daquela fileira de casas. Experimentou o portão e encontrou-o aberto — as pessoas não fechavam as portas em Lindisfarne — de modo que o empurrou. Depois de alguns puxões conseguiu abrir a porta que dava para o jardim de Alex e nem se incomodou a pensar que poderia não ser bem recebida. Afinal, chegara até ali.

A relva precisava de ser cortada, pensou enquanto seguia em direção à porta das traseiras e as suas botas pisavam a vegetação já alta. Chegou à porta e espreitou pelo único vidro. Viu-o curvado sobre a mesa da cozinha.

Sentiu medo por um instante até que viu que os ombros dele subiam e desciam.

*Graças a Deus*, pensou, e depois de outro momento passado a perguntar a si própria se o deveria deixar com a sua solidão, bateu na janela.

Alex ergueu a cabeça e olhou em volta, confuso, antes que os seus olhos injetados de sangue dessem com os dela. Tinha uma expressão triste nos lábios e Anna viu o seu desejo de ficar só lutar contra as suas boas maneiras. Por fim, as boas maneiras venceram e, fatigado, levantou-se da cadeira para lhe abrir a porta.

— Anna — disse numa voz cansada. — Não estou com grande disposição para visitas.

Ela olhou-o de perto. O cabelo, sempre perfeitamente penteado, estava emaranhado e sujo. Não fizera a barba e tinha profundas olheiras. Parecia não ter mudado de camisa havia vários dias.

Ao entrar, Anna estendeu-lhe um braço num gesto de amizade.

— Alex, a tua mãe pediu-me que passasse por cá.

Ele soltou um riso rouco.

— Claro que sim — disse em voz baixa. — Mas não precisavas.

— Ainda bem que vim — disse lentamente, observando-o. Esperara talvez encontrá-lo chocado depois da sua experiência com a polícia. Perturbado, como todos estavam, com a perda de um dos seus amigos, mas nunca esperara ver a negra depressão que parecia envolvê-lo.

Parecia desfeito.

— A polícia estava apenas a fazer o seu trabalho — começou ela a dizer.

— Bem sei — concordou Alex. — Não quero saber da polícia, Anna.

— Os teus pais gostam tanto de ti. — Tentou ela mais uma vez. — Não querem saber o que aconteceu, embora pense que a tua mãe esteja um pouco preocupada por teres mentido sobre o teu paradeiro na outra noite.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e Alex afastou-se dela para apoiar ambas as mãos na borda do lava-loiça.

— Não tenho nada para lhe dizer.

— Alex! — Anna aproximou-se dele e pousou-lhe gentilmente a sua mão no braço. — É óbvio que há qualquer coisa que te perturba. Sei que deves ter pena... todos lamentamos a morte do Rob. Foi uma coisa terrível. — Engoliu em seco.

O corpo dele estremeceu e Anna apercebeu-se de que Alex estava a chorar. Nunca, em vinte e oito anos, o vira chorar. Passou-lhe a mão pelas costas, em movimentos lentos e circulares de modo a acalmá-lo e, a soluçar, ele voltou-se e abraçou-a com força.

— Não posso... não posso mesmo... — murmurou junto ao ombro dela.

— Não podes o quê? — perguntou Anna, consolando-o.

— Odiar-me-ias se te contasse — sussurrou, com as lágrimas a apertarem-lhe a garganta.

Anna sentiu de novo o medo a invadi-la, mas quando o afastou e olhou para os seus olhos cheios de lágrimas, recordou-se do homem junto do qual crescera.

— Nunca te odiaria — disse, convencida.

Ele olhou-lhe a face pálida e desejou tê-la amado mais, ter sido mais para ela. Era mais uma coisa a acrescentar à sua lista de remorsos. Porém, quando olhou, viu perdão e compreensão, e isso deu-lhe força.

— Eu amava-o.

Depois de pronunciar aquelas palavras sentiu uma espécie de liberdade, como um pássaro a quem tivessem permitido voar.

— Quem? O Rob? — Anna ficou surpreendida, mas não tanto como esperaria.

— Sim — anuiu, desejando esconder-se, porém, manteve-se firme, dizendo para consigo que enfrentaria todas as palavras que ela quisesse dizer-lhe. Anna tinha esse direito.

— Há quanto tempo?

— Há anos — respondeu. — Começámos a relação pouco tempo depois de tu e eu termos rompido. Eu estava com a Megan, mas... — Encolheu os ombros a pensar que não valia a pena explicar.

Anna assentiu lentamente, tentando encontrar as palavras certas. Compreendia agora porque ele sempre parecera inquieto e insatisfeito. Compreendia agora porque estava de rastos e derrotado; era um homem que lutava com o desgosto de ter perdido a pessoa que amava.

— Lamento muito, Alex. Gostaria de ter sabido antes. — A compaixão na voz dela quase o arrasou mais uma vez.

Alex ficou imóvel por momentos, até ter a certeza de que as pernas o aguentavam. Nunca pensara que ela fosse imediatamente tão compreensiva e preocupada, mas talvez o devesse ter esperado.

— Obrigado — disse com a voz embargada pela emoção. — Não podes saber o que significa para mim ouvir-te dizer isso.

Anna estava perplexa.

— Que outra coisa haveria eu de dizer, Alex? Não há maior tragédia do que um ente querido nos ser arrancado dessa maneira. Só desejava teres podido... que ambos tivessem podido... ter vivido juntos abertamente.

— Também eu — concordou Alex. — E a culpa de não o termos feito foi minha. Preocupei-me demasiado com o que as pessoas podiam pensar. — Sempre se culparia por isso.

— Lindisfarne é uma terra pequena, por vezes pequena demais — concordou Anna, pensando que não valia a pena oferecer-lhe banalidades vazias ou fingir que não teria sido muito difícil. Havia pessoas na ilha que prefeririam ter continuado a viver na Idade Média.

Ele olhou-a mais uma vez. Ela merecia o que ele tinha para lhe dizer.

— Anna, quero que saibas que o que sentia por ti não era mentira. Para mim não é simples, para o Rob era-o — acrescentou. — Sempre me senti confuso. Sempre pensei... e ainda penso... que és

uma das mulheres mais bonitas que já conheci. O teu perdão só torna isto ainda mais verdadeiro. — Desviou o olhar por uns instantes. — Pensei que deverias sabê-lo. Menti a algumas pessoas, enganei-as, mas o que mais lamentei foram os erros que cometi contigo. Sempre te amarei.

Anna teve vontade de chorar, mas disse para consigo que não o faria. Fora muito bom da parte dele ter-lhe dito aquilo.

— Compreendo, Alex, não te preocupes. Também te amarei sempre. Senti a falta da tua amizade e, de facto, nunca deveríamos ter sido mais do que amigos.

Um fantasma do que fora passou pelos belos olhos de Alex, emprestando-lhe um ar jovial.

— Não me arrependo do que tivemos — murmurou. — Para mim será sempre especial.

— Para mim também, Alex — concordou ela em voz baixa, fechando suavemente a porta do passado.

Deram as mãos, lado a lado na cozinha, e ele apoiou-se na sua velha amiga, que nunca o julgaria incapaz, nem faria qualquer outro julgamento. Sabê-lo tornava-o mais forte.

Humedeceu os lábios muito secos.

— Aquilo que disseste, Anna, sobre as pessoas viverem no passado.

— Hum? — Anna olhou pela janela da cozinha e viu um pisco pousado no pequeno ninho de madeira que Alex construía.

— É ainda mais verdade do que pensas — acrescentou em voz baixa.

Ela voltou-se de novo para ele e Alex quase perdeu a coragem sob a força daqueles serenos olhos castanhos.

— Que queres dizer com isso?

— Há pessoas que vemos — disse ele lentamente, a pensar em homens e mulheres da aldeia. — E há pessoas que não vemos. — Continuava a pensar nas mesmas pessoas, mas desta vez, usando

máscaras e a dançar nus ao luar, os seus rostos vivos e uma alegria falsa.

— Estás a falar por enigmas, Alex — queixou-se ela.

— Estou muito assustado, Anna — confessou em voz baixa a pensar em Rob e no castigo que ele sofrera. — Há pessoas que acreditam numa espécie de código. Se nos desviarmos desse código ou nos revoltamos contra ele, sofreremos consequências. Por vezes, essas consequências são terríveis, demasiado terríveis para as imaginarmos.

Anna esforçava-se por entendê-lo.

— Código? Estas a falar do elemento religioso da ilha? Há alguma homofobia por aqui...

— Há — concordou ele a pensar no vigário da ilha. Voltou-se para ela com um olhar lúgubre. — Mas há mais, Anna, muito mais.

Voltou-se de novo para o jardim e pensou ver olhos nos arbustos a observarem-nos, a observarem-no.

— Tens de te ir embora — disse abruptamente.

— Embora? Mas Alex...

— Por favor, Anna — conseguiu esboçar um sorriso simpático. — Obrigado por tudo o que fizeste hoje. Significou muito para mim, juro. E vou em breve falar com a minha mãe. Estou a preparar-me para isso.

Anna assentiu lentamente.

— Está bem — acabou por dizer e, depois de lhe ter dado um casto beijo na face, saiu pelo mesmo caminho por onde entrara.

Quando olhou para trás, Alex estava a vê-la da janela da cozinha e erguia uma mão em sinal de despedida.

Horas depois, já com o sol alto no céu, Ryan percorreu o pequeno atalho que levava a casa de Anna. Ao aproximar-se, ouviu a música que se esgueirava pelas frinchas das portas e janelas. Não sabia o que esperar do gosto dela, pensou com algum desconforto. Talvez música clássica, Puccini ou algo do mesmo género.

Nunca esperara o *skate punk* dos anos 1990.

*Não que houvesse algo de errado com isso*, emendou rapidamente, nem com as baladas dos anos 1980, e estremeceu um pouco ao lembrar-se de como a música mudava.

Depois de bater várias vezes à porta sem ninguém atender, o medo apertou-lhe a garganta como um punho de ferro. Tentou o puxador, mas a porta estava trancada.

— Meu Deus! — murmurou, empurrando-a com o ombro.

Não se deteve para se preocupar ou interrogar acerca das suas ações. Sem pensar mais, abriu a porta com um pontapé e entrou.

Embora Anna não o tivesse ouvido bater, tinha a certeza de que ouvira a porta estilhaçar-se e assustou-se ao sair da cabine do duche. Agarrou na primeira coisa que encontrou e que era por acaso uma estatueta de porcelana de grandes dimensões que se encontrava sobre a lareira do seu quarto, e percorreu o patamar.

— Já chamei a polícia! — gritou pelas escadas.

Ao ouvir o som da voz dela, Ryan soltou a respiração. Tentou dizer a si próprio que estava apenas satisfeito por não se tratar de outra fatalidade, porém, sabia que era algo mais profundo. Deliberou esperar um pouco para se acalmar.

— Não é preciso — exclamou secamente. — A polícia está aqui.

Viu a cabeça dela surgir no patamar superior com uma expressão assustada no olhar.

— Oh, é você! — Anna respirou fundo e o seu rosto pareceu mais calmo. Depois olhou para a porta e desceu a escada a correr. — Mas o que é que fez?

Ryan olhou para os danos e sentiu-se completamente idiota.

— Bati, mas ninguém atendeu — disse em tom defensivo.

— Não ouviu a música? — perguntou ela.

— *Ouvi* a música — respondeu ele sarcástico, enquanto Bonnie Taylor gritava que estava a pensar esperar por um herói.

Os lábios dele estremeeceram quando Anna voou praticamente pelo corredor para desligar a música.

— Pois sim — disse ela quando regressou.

— Pois sim — concordou ele e foi levantar a porta partida e encostá-la ao buraco que ficara na parede.

— Uma chávena de chá? — perguntou Anna quando ele se voltou. Tentou adivinhar a disposição de Ryan e se desejaria falar acerca do que acontecera na conferência de imprensa.

Ele abanou a cabeça a ambas as ofertas e olhou-a com atenção. Anna era adorável, pensou, com o rosto sem qualquer maquilhagem, ruborizada do calor do duche e a sua pele enrolada numa toalha verde-esmeralda.

Apercebeu-se de que desejava desenrolar a toalha e sentiu o seu corpo responder. Disse para consigo que deveria pensar noutras coisas, mas como poderia?

Anna tinha o cabelo molhado do duche e levemente encaracolado nas têmporas. A seguir, Ryan reparou que ela continuava a segurar a estatueta do par a dançar e sorriu.

— Estava a pensar atacar-me com isso? — perguntou.

Ela baixou os olhos para a estatueta que tinha na mão.

— Eu... bem, ou era isto ou a minha escova de cabelo. Pensei que isto fizesse mais estragos.

Ryan teve vontade de rir, mas os instintos dela tinham sido bons.

— É boa ideia manter-se em guarda, Anna — disse ele em voz baixa. — Ficaria mais descansado sabendo que ficava na vila, talvez numa das estalagens.

— Estão cheias — disse ela, sem pensar. Já se informara. — De qualquer forma, prefiro ter privacidade.

O assunto não estava fechado, pensou Ryan, de forma alguma.

Olhando para ela, esqueceu-se das razões por que ali fora, da aflição e da carnificina que deixara atrás de si, e aproximou-se dela. Os olhos de Anna abriram-se mais por um momento, quando ele lhe acariciou o rosto, mas enfiou os dedos nos cabelos dele para o puxar para si.



— Parece-me que não consigo parar — murmurou Ryan junto ao pescoço dela.

— Não quero que pares — respondeu Anna e sentiu os braços dele erguerem-na, mais apertados.

Os olhos cinzentos encontraram os castanhos durante muito tempo.

— Para onde? — perguntou ele.

— No cimo da escada à esquerda — respondeu Anna.

Ele queria tomar e tomar, mas deu por si a oferecer. Anna tinha uma pele tão macia, um corpo tão esguio, mas surpreendentemente forte. Passou a ponta dos dedos por declives e curvas e viu-a inclinar a cabeça para trás. Encostou a sua ao pescoço dela para lhe ouvir a pulsação acelerada.

Inspirou quando as mãos dela se ergueram para lhe retirar dos ombros a grossa camisa de inverno, desabotoando-a lentamente com os olhos nos seus. Depois da camisa e do fecho das calças, Ryan puxou-a para si.

— Provocadora — disse antes de a beijar na boca.

Anna abriu os olhos quando ele a fez deitar na cama. Mal teve tempo de afastar o cabelo da cara e já ele estava de novo a seu lado a fitá-la com olhos escuros, cor dos céus.

Tudo naquele homem era intenso, pensou Anna delirante enquanto ele lhe beijava a pele. O seu corpo longo, endurecido por uma camada de músculo, encostava-a ao algodão macio dos lençóis. As mãos dele tocavam-lhe as ancas e os dentes mordiam-lhe a pele em redor do umbigo obrigando o seu corpo a arquear-se e a implorar-lhe que continuasse. Agarrou-lhe os braços e sentiu uma longa cicatriz que ia do ombro ao cotovelo. As mãos dele acariciavam-lhe a pele e Ryan viu-a abrir os olhos quando um raio de sol lhe iluminou o cabelo espalhado sobre a almofada a rodear-lhe o rosto.

E sorriu quando, por fim, os olhos dela mais uma vez se abriram.

Ryan estava deitado de bruços na cama, com um braço sobre o ventre de Anna e uma perna comprida entrelaçada na dela.

— Preciso de água — disse ela em voz rouca e feliz, com os olhos fechados.

Ele resmungou.

— Creio que estou a morrer — acrescentou, pelo sim, pelo não.

Ele resmungou mais uma vez, mas conseguiu voltar a cabeça, para a olhar através do cabelo que lhe caía para os olhos.

Anna era muito bela, toda ela curvas esguias e pele suave. O seu rosto era um misto curioso de ângulos harmoniosos, mas eram os olhos que o atraíam e prendiam.

Ergueu-se e beijou-a. Quando por fim lhe soltou a boca, afastou-lhe o cabelo da testa e viu uma leve confusão na expressão dela.

— Estás bem? — perguntou ela em voz baixa, levando-lhe uma mão ao rosto.

— Nunca estive melhor — respondeu ele com toda a franqueza. Não se lembrava de se sentir tão feliz em toda a sua vida, o que era totalmente oposto à realidade que o esperava fora do quarto dela.

Ao pensar nisso, saiu da cama, afastou-se e começou à procura da roupa. Quando ela o viu gloriosamente nu, ao sol da tarde, pensou mais uma vez que era um magnífico espécimen masculino.

Corou intensamente, satisfeita por ele não estar a olhá-la.

— Temos de falar — disse ele e Anna percebeu que se tratava de novo da investigação.

— Dá-me dez minutos — concordou. — *Okay, Maxwell?*

Sorriu quando ele se voltou.

— Onde ouviste isso?

Ela soltou uma gargalhada.

— Devo chamar-te «Maxwell»? Ou que tal «Max»?

Ele viu-a sentada no meio da cama grande, com as pernas compridas puxadas para o peito e esboçou um sorriso devorador. Aproximou-se e viu-a abrir um pouco mais os olhos quando o seu rosto pairou a poucos centímetros do dela.

— Ryan — murmurou. — Ryan serve perfeitamente.

Lá em baixo, no pequeno café sobranceiro ao mar, olharam-se mais uma vez. Havia um novo conhecimento, uma nova compreensão entre eles, mas a cautela mantinha-se. Anna supunha que, no seu caso, viesse do facto de nunca ter confiado nos homens, ou de nunca ter encontrado um homem em quem pudesse confiar.

Para ele, era mais complicado.

— Queres...? — começou ela

— Agora não, Anna — disse ele, respondendo à pergunta por fazer. Não poderia pensar em Nathalie naquele momento.

— Muito bem — disse ela em voz baixa.

Outra vez, pensou ele. Aquela compreensão calma. O entendimento imediato dos sentimentos dele, sem ter de lhos explicar. Seria esse um dos seus muitos talentos?

— Tenho de encontrar um padrão — disse sem rodeios. — Havia pentagramas no corpo da Megan e o Rob foi atado a bocados de madeira que formavam um pentagrama grosseiro. Porque não encontrámos um na Lucy? O corpo das mulheres foi lavado, cuidado até certo ponto, enquanto o do Rob foi queimado.

Ryan soprou o ar por entre os dentes e ela percebeu que se tratava de frustração.

— Mandei a equipa forense de volta para os locais, o que representa um grande esforço. Pedi ao médico-legista que revisse todas as suas conclusões e voltasse a examinar os cadáveres, não lhe tivesse escapado qualquer coisa da primeira vez. Mandei vir outro médico-legista de Teesside — falava de um condado mais a sul — para ter outra opinião. Os relatórios devem chegar esta noite. Creio que ninguém me vai mandar cartões de Boas Festas, mas terá de se fazer.

Anna deixou-o falar por saber que ele precisava.

— Lamento — acrescentou ele a seguir. — A demora significa que terás de adiar o funeral por mais uns dias.

Ela anuiu. Seria melhor que a irmã descansasse em paz sabendo que o seu assassino fora encontrado.

— Em relação à Megan — começou ele, observando a expressão dela e considerando-a capaz de ser interrogada.

— O que queres saber? — Anna sentia esgotar por completo a sua breve euforia pós-sexo.

— Sabes se ela andava com alguém em particular? — Lembrou-se do que Alex Walker lhe dissera e acrescentou: — Alguém que pudesse querer manter em segredo essa relação?

Anna respirou fundo e fez uma careta.

— Ryan, é difícil falar mal dos mortos, principalmente da minha própria irmã. — Esfregou os braços frios e apertou os lábios. — Tens de entender que a Megan precisava quase desesperadamente de amor e admiração.

Ryan entendeu que seria difícil para ela. A culpa, o desgosto, pesavam muito. Mas precisava de saber.

— Não estou aqui para a julgar, Anna. Pode ajudar a encontrar o assassino se conseguirmos elaborar uma lista de pessoas que ela conhecia. Principalmente de forma íntima — acrescentou. — Pessoas que ela pudesse deixar entrar à vontade no seu apartamento.

Anna assentiu.

— Já sabes do Alex — disse calmamente. — É apenas a ponta do icebergue. — Anna massajou as têmporas onde sentia já uma dor de cabeça da tensão. — Havia sempre um caso ou outro com um qualquer turista. Rapazes em férias com os pais e por vezes também os pais. — Anna baixou a voz com tristeza, enquanto elaborava a lista. — Não me surpreenderia que o mesmo se aplicasse às pessoas que vivem na ilha. Costumava manter um diário com as suas conquistas.

— Sabes se ainda o tem?

— Ryan! — Voltou-se para ele com ar penalizado. — Há oito anos que não falava com a minha irmã. Não faço ideia se ela guardou esse velho diário. Só posso dizer-te que era verde, debruado com

um fio dourado. Poupou dinheiro e comprou-o numa loja de prendas quando tinha dezasseis anos.

— Está bem — disse ele a pensar que nada correspondente àquela descrição fora encontrado ou adicionado ao inventário dos pertences de Megan.

— Sei que andou com homens mais velhos — disse Anna, retomando a conversa. — Era uma espécie de orgulho para ela, outra maneira de me fazer sentir desajeitada e inexperiente.

— Não era mais do que uma maneira de muito mau gosto de estimular a sua autoestima — resumiu ele, aborrecido por ver mais uma vez a lembrança daquele desgosto refletir-se nos olhos dela.

— Bem sei — assentiu ela. — Como adulta, compreendo o que ela fez e porque o fez. Não a invejava nessa altura nem a invejo agora. A questão é que ela se vangloriava de saber o que excitava um homem e gostava de exhibir as bugigangas que eles lhe compravam, mas nunca me disse quem eram esses homens. Sempre pensei que ou eram casados ou resultassem da imaginação dela.

— Onde guardava ela essas bugigangas? — perguntou ele.

Anna encolheu os ombros.

— Tinha todo o tipo de esconderijos. O nosso pai gostava de partir as coisas de que nós gostávamos, por isso aprendemos a nunca as termos à vista. Quando ainda vivíamos em casa — recordou —, ela abriu um buraco no colchão e costumava meter as coisas aí, entre as molas.

Ryan já sabia qual o primeiro sítio onde procurar.

— Não te sei dizer mais — concluiu Anna, desgostosa.

— Deste-me uma boa ajuda. — Ryan pegou-lhe na mão e apertou-lha para a consolar. — A sério.

O rosto dela alegrou-se ligeiramente e apertou-lhe os dedos.

— O problema é que será difícil encontrar vestígios de ADN — disse ele, soltando-lhe a mão. — Ele fez um trabalho profissional e está a troçar de nós.

*Está a troçar de mim.*

Ryan não estava habituado a perder, sempre tivera sorte na vida e uma combinação de talento e sorte garantira que as coisas lhe corresse quase sempre bem. Recentemente os acontecimentos tinham-no feito pagar essa certeza de uma infindável boa sorte. Perdera demasiadas pessoas em muito pouco tempo. Tinha de perguntar a si próprio se seria por ter perdido o seu vigor.

Observou os olhos pacientes de Anna e sentiu paixão e paz. Queria pedir-lhe se podia confessar-lhe os demónios que o assaltavam de noite, mas não tinha coragem para o fazer.

— Preciso de saber o que me está a escapar — acabou por dizer. — Tenho um psicólogo a tratar do perfil deste louco, mas posso dizer-te que andamos à procura de um homem, branco, de idade compreendida entre os dezoito e os quarenta, com tendências megalomaniacas e relações difíceis com mulheres. É sempre a mesma coisa.

— Porém, não são só mulheres, pois não? E o Rob? — perguntou Anna em voz baixa, lembrando-se do rapaz que tinha sido seu amigo de infância. Era horrível aperceber-se de que quanto mais pessoas morriam, mais incapaz de reagir ficava.

— Exatamente. — Ryan estendeu a mão para lhe captar o pensamento. — Este fulano não é especial. Mata duas mulheres jovens de maneira semelhante, por isso começamos a pensar que tem problemas com o sexo oposto. Depois surpreende-nos com o Rob Fowler.

Ryan tamborilou com os dedos na mesa.

— Tem de ser apenas uma pessoa? — Anna pensava em voz alta.

Ryan observou-lhe o rosto, calmo e inteligente.

— Não, não tem.

Ficaram ambos em silêncio, refletindo sobre as considerações de tudo aquilo.

— Não têm dúvidas de que seja um homem? — perguntou ela.

Ele assentiu.

— A força física sugere que o assassino seja um homem. As duas primeiras vítimas foram retiradas do local onde morreram, embora ainda andemos à procura do local em que a Lucy foi assassinada. Quanto ao Rob, supomos que ele tenha ido à praia de moto e que tenha sido dominado quando aí se encontrava. O modo como as três vítimas foram mortas sugere um criminoso do sexo masculino, as mulheres costumam usar métodos diferentes.

— Quais? — perguntou ela, intrigada.

— Veneno, por exemplo, porque requer menos força física.

— Vou ter isso em conta — disse ela com um sorriso a que ele correspondeu. Mais um momento partilhado.

— Estas mortes têm sequências semelhantes — disse ele pensativo. — Porém, são ao mesmo tempo diferentes.

— O Rob foi estrangulado ou cortaram-lhe a garganta? — perguntou Anna com alguma dificuldade, tentando apagar Megan da mente.

Ryan viu-a como um elemento da equipa. Como tal, não hesitava em dizer-lhe o que acontecera, mas lamentava causar-lhe desgosto.

— Foi queimado, não exatamente atado a um poste, mas de modo semelhante. Estava ligado a um pentagrama de madeira e colocado sobre uma pira.

Anna fechou os olhos por momentos, tentando afastar a imagem da mente.

— O fogo ter-lhe-ia queimado completamente a pele — disse ela.

— Sim — assentiu ele, franzindo um pouco a testa.

— O modo como o Rob foi morto poderia ter sido inspirado por várias práticas rituais — declarou ela, preferindo falar em modo profissional. — Os druidas celtas construíam figuras de palha para meter pessoas lá dentro e depois queimá-las vivas.

— Como no *Sacrifício*<sup>1</sup> — comentou Ryan.

— Sim, como nesse filme — concordou ela. — Era uma forma de pena capital para todos os pecadores, desde os que eram considerados como tendo desvios sexuais, aos traidores e rebeldes,

embora, em termos arqueológicos, as fontes romanas tenham sido largamente desacreditadas.

Ryan teve de sorrir. Anna era extremamente minuciosa no que dizia respeito ao seu trabalho, mas, afinal, o mesmo poderia ser dito acerca dele. Apurou os ouvidos ao escutar a ideia de que o fogo era uma espécie de punição. Qual fora o crime de Rob Fowler? A sua sexualidade?

— Depois, houve os cartagineses — prosseguiu Anna.

— Os cartagineses? — Ryan ergueu uma sobrancelha.

— Cartago era uma cidade onde é hoje a Tunísia — informou. — Na antiguidade, parece que os seus habitantes praticavam sacrifícios com crianças. Obviamente, aqui não se trata disso, mas diz-se que foram sacrificadas crianças em Tofete, que significa «lugar de chama».

— Uma fogueira? — perguntou ele.

— Sim, pode dizer-se que sim. A remoção da pele pode também ser significativa — acrescentou em voz baixa, encostando a cabeça à mão. — Os sacrifícios rituais astecas eram realizados em honra de Xipe Totec, também conhecido como o «Senhor Esfolado», uma espécie de divindade da vida, morte e renascimento, responsável pelas estações e pelas colheitas.

— As vítimas eram esfoladas?

— Sim — disse ela. — A pele era tirada e depois o sacerdote encarregado do ritual usava-a para os seus próprios fins.

Ryan observou a pele das suas mãos e lembrou-se do aspeto do corpo de Rob Fowler ali na praia.

— Qual a finalidade de tudo isso?

— Depende do que me estás a perguntar, Ryan. — Anna ergueu um ombro. — Deixo nas tuas mãos as motivações do assassino ou assassinos. Quanto à intenção do sacrifício ritual, é uma prática antiga que reporta ao Neolítico. Acreditava-se que trazia boa sorte ou que apaziguava os deuses.

— Boa sorte?



— Principalmente para as colheitas e para a caça. Nesses tempos, as pessoas eram nômadas, na sua maioria. Seguiam a migração de enormes rebanhos. Pode ser que haja alguém a fazer sacrifícios para ter boa sorte. — Fez uma pausa a pensar no mosteiro. — Por vezes, os sacrifícios eram feitos para consagrar um templo acabado de construir. Corre o rumor de que há milhares de pessoas sepultadas na Grande Muralha da China — devaneou. — Pode ser que ande por aí um fanático religioso que acredite nos sacrifícios dedicados aos seus templos.

Ryan já o tinha ouvido. Quando uns anos antes percorrera uma parte da Muralha da China, sentira-se misteriosamente a caminhar sobre a sepultura de alguém.

Fez um esforço para voltar ao presente.

— Mas e a Lucy e a Megan? O ritual é diferente.

— O ritual da limpeza é um antigo ritual fúnebre — esclareceu Anna. — Atualmente, ainda existe entre neopagãos. Consagram uma zona e limpam completamente o corpo usando sabonetes e óleos especiais...

— Óleos? — interrompeu Ryan.

— Sim. Podem ser muito específicos. Geralmente, o óleo contém um elemento de cânfora, que é...

— Sei o que é a cânfora — interrompeu Ryan. — Encontrámo-la no corpo da Lucy.

— Mas não no da Megan? — inquiriu ela, com uma pequena ruga a marcar-lhe o rosto.

Ele abanou a cabeça, lamentando magoá-la.

— Muito bem — disse ela com ar absorto, engolindo o nó que sentia na garganta. — Talvez não tenha tido tempo de fazer o mesmo com a Megan. De qualquer forma, a limpeza significa, de uma maneira geral, uma espécie de respeito, habitualmente por um ente querido ou um antepassado. — Apontou para o dossiê que se encontrava sobre a mesa. — Mas isto não significa respeito.

Ryan ficou calado mais uns momentos.

— O corpo da Lucy foi tratado com mais cuidado. Tinha o cabelo penteado em redor do rosto e cada centímetro do corpo dela foi cuidado. Pode dizer-se que se tratou da ação de um homem culpado que quis remover todos os vestígios — disse amargamente. — Porém, intriga-me que ele não se tenha dado a esse trabalho com a Megan. Apenas o fez com a intenção de remover as provas.

— Percebo o que queres dizer — concordou Anna. — É pouco vulgar que uma pessoa que acredita no ritual e o queira praticar, não seja consistente.

Ryan assentiu.

— Exatamente. Porque foi o corpo da Megan deixado num monte de lixo, enquanto o da Lucy foi transportado para solo sagrado? O que preciso de saber é o que fez com que a Megan e a Lucy fossem tão diferentes, tirando o óbvio. Foram escolhidas por uma determinada razão.

O rosto de Ryan parecia de pedra enquanto refletia sobre as motivações de um assassino e Anna sentiu o mesmo tipo de confiança nele que Helen Mathieson dois dias antes. Era um homem que nunca deixaria de procurar, nem de perseguir enquanto não tivesse as suas respostas.

— Estamos então à procura de alguém que acredita estar a fazer sacrifícios aos deuses, para obter boa sorte.

— Embora os rituais sejam confusos nas três vítimas, creio que é seguro afirmarmos que procuramos alguém que esteja a dedicar um sacrifício a um deus, ou pelo menos não a um nosso conhecido. — Anna pensou no pentagrama sobre os corpos e voltou-se para ele. — Os pentagramas estavam invertidos.

Ryan pensou no que ela lhe dissera no dia anterior.

— O sinal de Satanás?

— Sim. — Anna acenou com a cabeça e procurou uma caneta. Voltou para a mesa e desenhou uma estrela de cinco pontas. — Um pentagrama vulgar desenhado como uma estrela de cinco pontas

como esta é um antigo símbolo cristão dos cinco sentidos ou das cinco chagas de Cristo.

— E o pentagrama invertido?

Anna desenhou uma estrela com duas pontas a apontar para cima rodeada duas vezes por um círculo.

— Este é o famoso símbolo da adoração satânica. Creio que até tem patente — acrescentou com tristeza. — Simboliza um bode... Baphomet... com chifres em cima, orelhas de ambos os lados e barbicha por baixo.

Os lábios de Ryan transformaram-se numa linha apertada.

— Havia muitas coisas dessas por aí há vinte anos, principalmente na América — disse ele, pensando em voz alta.

— Sim. Creio que lhe chamavam pânico moral.

— Pensava-se que havia cultos satânicos por toda a parte, desde a classe mais alta à mais baixa da sociedade.

Anna esfregou as mãos nos joelhos e levantou-se mais uma vez.

— Não creio que seja tão simples como um culto satânico — afirmou.

— Porquê?

Ela não lhe respondeu, mas foi à cozinha e abriu uma gaveta de onde retirou um pequeno objeto envolvido em papel.

— Esta manhã encontrei isto à minha porta — disse entregando-lhe o embrulho.

Ele fitou-a, viu um ligeiro temor refletido nos olhos dela, e retirou do bolso um par de luvas.

Dentro do papel de jornal encontrava-se uma pequena pedra polida com o desenho complicado de um homem sentado diante de um simples edifício de madeira com uma palavra gravada: «JOHN».

— O que significa? — Olhou para ela e tentou recordar-se se havia homens com o nome de John residentes na ilha.

— Creio que o edifício é o mosteiro e o homem sentado diante dele é São João.

Ryan nunca se tinha sentido especialmente estúpido em toda a sua vida, mas na companhia de Anna teve de se recordar que havia sempre mais para aprender.

— Explica-me, por favor — pediu simplesmente.

Ela pegou na pedra e tomou-lhe o peso. Não reparou que ele franzia a testa por ela não ter luvas.

— Tradicionalmente, pequenas cópias do Evangelho de São João eram usadas como amuletos protetores, para afastar o mal.

— Dos Evangelhos de Lindisfarne?

Anna assentiu, satisfeita por ele saber a história dos evangelhos que tornara a ilha tão famosa. O manuscrito dos evangelhos, produzido pelos monges da ilha há centenas de anos, era um dos mais belos exemplos de caligrafia artística do mundo.

— O evangelho original foi colocado dentro do túmulo de São Cuthberto, prior de Lindisfarne cerca de 664 da era cristã. Foi santificado depois da sua morte — acrescentou. — De qualquer forma, dizia-se que o evangelho podia curar os doentes. As pessoas reuniam-se à volta do seu túmulo e rezavam pela cura, porque o livro fora enterrado com ele. — Anna olhou de novo para a pedra e depois para os profundos olhos azuis de Ryan. — Creio que a pessoa que procuras está muito confusa. Usa símbolos cristãos misturados com os pagãos e depois acrescenta um pouco do culto satânico servindo-se do pentagrama invertido.

Ryan concordou.

— De qualquer forma, há alguém que acredita que precisas de proteção — apontou para a pedra.

— Aparentemente, assim é — concordou ela, sentindo o estômago apertado.

— Isso resolve tudo — afirmou ele.

— Resolve o quê?

— Vais ficar comigo — disse abruptamente, pensando nas complicações que se levantariam por querer levá-la para uma casa que fora autorizada como zona policial.

Iria falar com o Gregson.

*The Wicker Man*, filme inglês (1973) do realizador Robin Hardy, cuja história se passa numa ilha ao largo da costa noroeste da Escócia. (*N. da T.*)

## CAPÍTULO 19

Ela discutira até ficar sem fôlego. Soltara exclamações irritadas enquanto ele a arrastava lá acima para fazer a mala. Houvera um pequeno alívio enquanto se enrolaram na roupa da cama e, entretanto, Anna pensou que ele se tivesse esquecido da ideia ridícula de ela se mudar para casa dele.

Mas Ryan não se esquecera.

De facto, o exercício emprestara-lhe uma certa presunção ao seu belo rosto, tornando-o ainda mais determinado.

Como discutir e gritar com ele não dera qualquer resultado, Anna remetera-se ao silêncio enquanto ele lhe roubava as chaves do carro para os conduzir a ambos para sua casa.

Vira os olhares curiosos da mulher do vigário e da Sra. Rigby, que os tinham observado do passeio da rua principal. Imaginava os mexericos que se seguiriam.

— Para todos os efeitos, estou a levar-te para prisão preventiva — disse ele no meio do silêncio.

Ela ficou ainda mais zangada, se possível.

— Isto é ridículo! — gritou, batendo com o punho no *tablier* de plástico, para logo se arrepender, assim que sentiu a dor no pulso.

— O que é ridículo é o teu comportamento infantil — ripostou ele em tom mordaz.

— O meu... — Teve de respirar fundo várias vezes, enquanto a sua pele tomava um tom vermelho-escuro. — Como te atreves a falar assim comigo?

— Atrevo-me porque é verdade.

— Só porque fomos para a cama, não te dá o direito de me maltratar ou intimidar — exclamou, irritada.

Ele voltou-se para ela com uma expressão gelada.

— Isto não tem nada que ver com o que fizemos antes e, se pensas que sim, é mais um reflexo da tua atitude, não achas? — Dizendo isto retirou o seu corpo comprido dos assentos do *Mini* e bateu com a porta atrás de si.

As suas boas maneiras obrigaram-no a dar a volta ao carro para abrir a porta a Anna. Ficou em silêncio, a vibrar de raiva, enquanto esperava que ela saísse.

Anna apercebeu-se de que o enfurecera imensamente. Olhando-o mais de perto viu que o magoara e ficou envergonhada. Zangara-se com ele porque não confiava... *não conseguia confiar num homem, qualquer homem que fosse.*

Mas queria fazê-lo. Desesperadamente.

— Desculpa — murmurou

— Como? — perguntou ele no mesmo tom frio e educado.

— Ouviste o que eu disse. Peço desculpa por te ter acusado de fazeres mau uso da nossa anterior intimidade. Disse que me tinhas intimidado para que eu viesse para cá — acrescentou com veemência.

Ele inclinou a cabeça. E aceitou, porque de facto a intimidara. Também era verdade que a relação tinha tudo que ver com aquilo. Ele queria protegê-la com todas as fibras do seu ser.

Não queria que outra mulher de quem gostava acabasse morta nos seus braços.

Conseguiu esboçar um sorriso.

— Esquece! — Pegou-lhe na mão para a ajudar a sair do carro. Quando se dirigiam à porta, fez uma pausa. — Para a próxima trazemos o meu carro. Esse *Mini* quase me deu cabo das costas.

Quando entraram, Anna já sorria.



— Olhe, chefe, não o censuro por querer proteger essa rapariga. Que, já agora, é bem bonita — acrescentou Phillips.

Ryan sorria enquanto se dirigiam ao centro da aldeia.

— Não vou mentir, Frank, as coisas estão um pouco turvas, mas o que para mim é claro como a água é que alguém a marcou.

— Sim, isso é verdade.

— A pedra parece significar proteção, mas o fulano é louco. Pode ser alguém com múltipla personalidade; ou um imitador... — Ryan abanou a cabeça. — De qualquer forma, não lhe vou entregar de bandeja.

— Bom, o inspetor sabe o está a fazer. — Phillips meteu as mãos nos bolsos. — Pus a equipa do Faulkner à procura da pedra. Deve poder dizer-nos se há alguma novidade.

— Sim — concordou Ryan. — Teremos sorte se houver impressões digitais. A Anna mexeu-lhe antes de me mostrar. Um erro fácil de se cometer.

Phillips fez estalar a língua.

— Mesmo assim... — Ryan abrandou quando passaram pela loja do museu. Depois deteve-se a olhar para a montra onde, aconchegadas entre velas, cruces e imagens de São Cutedberto, havia pedras de todas as formas e feitios gravadas com símbolos cristãos.

— Bingo! — disse Frank, lendo o pensamento do inspetor.

Entraram e o espanta-espíritos por cima da porta tilintou. Ryan reconheceu Liz Morgan a trabalhar atrás do balcão. Parecia mais recomposta, mas o susto mantinha-se no seu olhar enquanto fazia as encomendas pelo telefone.

— Liz! — Ryan avançou depois do último cliente ter saído.

— Inspetor Ryan — disse ela, enquanto saía de trás do balcão. Ele tentou não se sentir pouco à vontade quando ela lhe agarrou as mãos. — Quero agradecer-lhe o modo como me ajudou no outro dia. Fiquei tão aflita.

— Qualquer um teria feito o mesmo — disse ele a pensar como fora estupidamente frio ao interrogá-la acerca de factos e motivos,

minutos após ela ter visto a cena provavelmente mais traumatizante em toda a sua vida.

Liz deu umas palmadinhas na mão dele e recuou. Os tons garridos da gravata de Phillips atraíram-lhe o olhar, mas lembrou-se de que seria má educação não desviar os olhos.

— Então, o que deseja?

— Vimos na montra umas pedras pouco vulgares — começou Ryan apontando para o local onde estavam expostas. — Procuro uma em particular; polida, negra e com uma gravação a branco do Evangelho de São João na parte da frente.

— Bem, deixe-me ver. — Liz passou para trás do balcão e retirou um catálogo enorme com fotografias. Folheou-o e depois pediu a Ryan que se aproximasse.

— Como esta?

Ryan passou para o lado dela e olhou para a imagem de uma pedra, uma cópia idêntica da que tinha visto nessa manhã.

— Exatamente.

— A pedra é ónix — informou Liz. — Os artistas daqui gravam-na com um cinzel especial e depois pintam a gravação com tinta branca de esmalte.

Phillips tentava olhar por cima do ombro de Ryan mas o inspetor tinha uns bons cinco centímetros mais, por isso preferiu resmungar como se concordasse.

— Quantas vendeu recentemente?

Liz assoprou.

— Terei de ver os registos. Vendemos muitas pedrinhas destas.

— Pois sim. — Ryan assentiu e lançou-lhe um dos seus melhores sorrisos.

Liz podia ter o dobro da idade dele, mas ainda sabia reconhecer um belo homem. Soltou uma pequena gargalhada e retribuiu-lhe com um sorriso de matrona.

— Agradecia que o fizesse o mais depressa possível — pediu Ryan. — Pode ser muito útil para a nossa investigação.

Phillips terminou a sua inspeção aos lenços decorados com símbolos celtas.

— Mais alguém por aqui vende pedras como essas?

— A loja de artesanato na praça talvez venda — respondeu Liz. — Mas não tenho a certeza.

— E os artistas? Trabalham na ilha?

— Não. Por acaso fazemos um pouco de batota e compramos as pedras a um artista de Morpeth — confessou.

— Só mais uma coisa. — Ryan sorriu de novo. — Vende algum sabonete com extrato de sândalo?

— Sim, vendemos! — Liz entrou em modo profissional, pois não o entendera. Deu a volta ao balcão e foi buscar um sabonete elegantemente embrulhado com uma fita azul escura e um autocolante que explicava as suas origens artesanais. — Este é uma maravilha e é feito cá.

— A sério? — Pegou no sabonete e observou a lista de ingredientes, descrita na parte de trás com uma elegante caligrafia azul-escura. Da lista faziam parte o sândalo e a manteiga de carité.

— Há gel de banho e *aftershave* da mesma gama — explicou.

— Vou levar o conjunto — disse Ryan sem querer desiludi-la. Esperou até que ela fizesse o embrulho.

— Onde disse que eram fabricados?

— Oh, vamos buscá-los a um armazenista em Berwick. — Ryan pensou na antiga cidade na fronteira entre Inglaterra e a Escócia, na costa mais a norte do local onde presentemente se encontravam. Apontou o nome do fabricante.

— Obrigado, Liz. Passe um bom dia.

Os dois homens acenaram educadamente e partiram, não sem que antes Phillips lançasse um olhar interessado a um lenço de seda cor-de-rosa fúcsia.

Deram-se ao trabalho de confirmar na loja de artesanato, mas o trabalho foi-lhes facilitado, dado que não tinham nada que se parecesse com a pedra que Anna recebera.

— E agora? — perguntou Phillips e quase pegara no cigarro de emergência que guardava no bolso do peito.

Ryan pensou na reunião que tinham feito ao princípio do dia.

— O Faulkner fez o trabalho bem feito, mas vai passar todas as provas forenses a pente fino. Diz que esta noite terá outro relatório acerca da Lucy e da Megan. Teremos de nos contentar com o preliminar do Rob. Não creio que o Faulkner descubra o que quer que seja de novo, pois costuma ser muito bom naquilo que faz.

— A equipa da MacKenzie já andou por toda a ilha, contactou os comerciantes de material de construção e conseguiu uma lista de pessoas que fizeram recentemente esse tipo de *bricolage* — acrescentou Phillips.

— Ainda bem. — Ryan assentiu satisfeito. — Diz-lhe que cruze esses dados com os indivíduos a quem já recolhemos depoimentos e que tenha a lista pronta quando voltarmos. — Parou para ver as horas. — Digamos que por volta das seis.

Phillips assentiu, pegou no telemóvel e convocou todos para uma reunião às seis.

Ryan olhou para o pequeno saco que transportava e Phillips reparou no gesto.

— Vi miniaturas desses sabonetes no meu quarto da estalagem. Nunca pensei. Devia ter feito a ligação.

— Não necessariamente. — Ryan abanou a cabeça. — O problema é que alarga ainda mais o campo. Não sabemos se isto coincide com o produto usado na Lucy, mas se for, qualquer um poderia ter acesso a ele.

Ryan mudou o saco para a outra mão enquanto pensava.

— Volte à loja do museu — disse ele. — Diga à Liz que, juntamente com a lista das vendas das pedras, quero, para começar, uma lista das pessoas que compraram estes produtos lá na loja no último mês. Depois preciso que contacte com o fabricante de Berwick para conseguir uma lista dos estabelecimentos que lhos compram. Depois, vou ter consigo ao *pub*.

O rosto de Phillips alegrou-se e Ryan quase soltou uma gargalhada.

— Quero ter uma conversa com o Bill — acrescentou outra vez e viu apagar-se a expressão do outro.

— Não podemos parar para comer qualquer coisa? — perguntou Phillips esperançoso.

— Não se queixe — disse Ryan calmamente, mas depois transigiu, pois também o seu estômago começava a rugir. — Uma sanduíche rápida.

— Boa!

Ryan ficou a ver Phillips caminhar com o passo mais elástico. Manter o moral da sua equipa era importante, numa altura como aquela.

Afinal, uma sanduíche não era pedir demasiado.

Enquanto Phillips regressava à loja, Ryan foi sentar-se no seu banco preferido da praça principal. As luzes de Natal iam da cabeça de São Cutedberto, ao centro, até aos quatro cantos da praça, num arranjo delicado. Ainda não estavam acesas, mas Ryan sabia que, assim que o crepúsculo caísse, seriam ligadas para trazer uma leveza muito natalícia.

Pegou no telemóvel e ligou a Gregson.

— Ryan?

— Sim, superintendente. Tenho um assunto importante para lhe comunicar — continuou, explicando a sua preocupação com a segurança de Anna no seguimento do amuleto que ela recebera.

— Um bom observador perguntar-lhe-ia por que razão estava você a ter uma conversa tão simpática em casa da doutora Taylor. E eu sou um bom observador — acrescentou Gregson com um toque de ameaça.

— Estava lá para informar a doutora Taylor de que, dada a sua ligação com uma das vítimas, seria pouco ético o departamento usar neste momento os serviços dela como consultora civil.

— Suponho que tenha ficado muito feliz por isso — criticou Gregson.

Ryan torceu os lábios. Pela primeira vez o superintendente não entendera a situação. Não havia nada de que Ryan mais gostasse do que estar com a Dra. Taylor, a título profissional, ou não.

*Talvez tivesse piado cedo demais*, pensou Ryan quando a pergunta seguinte lhe chegou pela linha.

— Como é a doutora Taylor, Ryan?

— Não creio que seja relevante, superintendente — disse, evasivo.

— Pelo contrário, creio que pode ser muito relevante — respondeu Gregson.

— A doutora Taylor tem vinte e oito anos, creio. Tem aproximadamente um metro e setenta e dois, cabelo e olhos castanhos.

— Ouvi dizer que é um espanto.

Ryan jurou atar a língua indiscreta de Phillips ao pescoço do sargento, assim que o visse.

— É atraente, sim.

— Estou a ver — disse Gregson. — Trate apenas de manter o sangue a irrigar-lhe o cérebro, Ryan. Não nos podemos dar ao luxo de erros grosseiros numa altura destas.

— Compreendi, superintendente.

— Vou a caminho de Newcastle, tenho aí uma conferência de imprensa. Não quero que os *media* se descontrolem mais do que já estão. Viu os jornais da tarde?

Ryan vira-os.

— Arranjaram mais umas alcunhas.

— Podem chamar o que quiserem a esse canalha — exclamou Gregson irritado, mas pensou que apelidarem o assassino «O Carniceiro de Lindisfarne» ou «O Louco de Lindisfarne», dependendo do tipo de jornal que as pessoas lessem, era previsível, mas pouco ajudava.

— Só lhe vai alimentar o ego — declarou Ryan.

— Pois sim — concordou Gregson. — Outra coisa que ele vai adorar é o trabalho lento desta investigação. Já viu os títulos?

Ryan apertou os lábios.

— Sim, superintendente. — Não poderia ter evitado ver os jornais de escândalos cheios de teorias sobre os homicídios e o maldito relatório da investigação policial até ali, para além do facto de terem mencionado o assunto relacionado com a morte de Nathalie e o seu envolvimento.

— O meu preferido é «A POLÍCIA ASSOBIÁ ENQUANTO O ASSASSINO PASSEIA PELA ILHA SAGRADA» — disse Gregson.

Ryan sabia que não valia a pena falar nas horas de trabalho ou na dedicação da sua equipa. Gregson estava a desabafar: era a cadeia de comando em ação. Ainda com o telefone no ouvido, avistou Phillips, que regressava e sorriu ao de leve.

## CAPÍTULO 20

Bill Tilson pareceu nitidamente perturbado quando Phillips e Ryan entraram no Jolly Anchor. O movimento do *pub* à hora de almoço aumentara muito para além dos pedidos dos clientes habituais da ilha. Esquivara-se a dezenas de perguntas acerca de Lucy, Megan e Rob da parte de repórteres ansiosos por conseguirem uma notícia sensacionalista.

Limpava agora os estragos de uma forma mecânica, movimentando suavemente o corpo enorme por entre as mesas para recolher a loiça suja. O disfarce de Pai Natal estava pendurado num cabide, atrás do balcão.

— Boa tarde, Bill.

Ryan viu o homem voltar a cabeça, com um olhar já beligerante, à espera que mais repórteres lhe tivessem aparecido à porta. A expressão alterou-se e foi substituída por um misto de curiosidade e cautela quando viu quem eram as visitas.

— Cavalheiros. — Acenou com a cabeça para ambos. — O que desejam tomar? — Apontou com o ombro na direção do bar, pois tinha as mãos cheias de pratos sujos.

— Ainda serve comida? — perguntou Phillips pousando os olhos ávidos na ementa do *pub*.

— Sim. Não há problema. Digam-me o que desejam.

Depois de feitos os pedidos, Ryan apontou para uma mesa sossegada num canto onde se via perfeitamente a sala. Depois de uma rápida olhadela, viu que o local estava vazio, excetuando uns clientes habituais que ainda por ali se mantinham.



— Coisa feia — disse Bill, convicto, quando se instalaram.

— Concordo — disse Ryan, bebendo um gole de limonada, desejando que fosse algo mais forte. — Precisamos de lhe fazer mais perguntas, Bill.

— Pode ser já — concordou Bill, apesar de sentir o estômago apertado.

Ryan fez uma pausa, para recordar a informação de que precisava. Na ocasião da morte de Lucy e Megan, Bill Tilson estivera à vista de toda a comunidade, a servir cerveja. Do mesmo modo, aceitara os últimos pedidos na noite anterior enquanto Rob Fowler morria na praia. Mesmo assim, aquilo não impedia que ele se esgueirasse do *pub* durante uns minutos para ir a algum lado.

Principalmente, se quisesse ir lá a cima para visitar uma mulher bonita.

— Já me disse que conhece a Megan e a Anna desde pequenas — começou Ryan.

— Sim, é verdade.

— Diga-me então mais uma vez como foi que a Megan ficou no apartamento lá em cima. — Ryan viu a surpresa chegar ao rosto do outro homem.

— Bom, não vejo como isso possa ser importante, mas se precisam de saber...

— Precisamos — confirmou Ryan calmamente.

— Bom, é como já vos disse. O Andy Taylor tinha o *pub* empenhado até mais não. Eu consegui poupar uns tostões aqui e ali para poder comprar isto às miúdas. — Mudou de posição. — Perderam a casa porque foi penhorada pelo banco. A Anna não quis ficar; saiu da ilha assim que lhe foi possível. A Megan perguntou se podia ficar com o apartamento lá em cima.

— Quanto era a renda? — Ryan pegou no lápis, como se estivesse disposto a tomar nota da resposta. O rubor começou a invadir a pele de Bill.

— Ela não pagava renda.

— Oh! — Ryan sorriu aparentando compreender. — Suponho que trabalhasse algumas horas para isso.

— Não — disse Bill com um toque de irritação a manchar-lhe a expressão geralmente jovial.

Ryan pousou o lápis e juntou as pontas dos dedos.

— Porque é que não lhe cobrava renda?

Phillips sorriu para a sua sanduíche. Não havia nada como ver o inspetor espremer a informação de uma testemunha.

Bill mudou mais uma vez de posição na cadeira, claramente pouco à vontade.

— Oiça, eu tinha pena das miúdas. A Megan precisava de começar a vida e eu disse que ela podia ficar aqui de graça até se orientar. Era a minha maneira de agradecer aos pais dela pela ajuda que me deram.

— Foi muito generoso da sua parte — comentou Ryan, sem de forma alguma acreditar. — Oito anos é um começo muito generoso, não é verdade? Creio que também não se importava que ela recebesse a visita de clientes do sexo masculino.

Ao olhar para a expressão de Bill Tilson, Ryan apercebeu-se do ciúme a brilhar nos seus suaves olhos castanhos e pensou, *lá está*.

— Ela não recebia clientes — disse Bill com o maxilar tenso.

— Claro que recebia — contrariou Ryan afavelmente, desvalorizando a resposta do outro. — Toda a aldeia lhe conhecia a reputação. Não me leve a mal. Tenho a certeza de que ela era boa rapariga, mas ela recebia homens em casa, não é verdade?

O inspetor viu Tilson tentar controlar a raiva. Ryan quase sorriu, pensando que aquele homem enorme parecia ter vontade de lhe dar um murro na cara. Desaparecera o alegre Pai Natal.

— Isso foi no passado — resmungou Bill, respirando com mais força.

— Não foi isso que ouvi — comentou Phillips, limpando a boca com um guardanapo.

— Quem andou a falar dela? — Bill voltou-se para o sargento. — São uns mentirosos nojentos, sejam eles quem forem.

— Porque não nos disse que gostava dela, Bill? — perguntou Ryan em voz baixa, observando de perto os olhos do outro homem.

— Só me preocupava com ela, mais nada.

— Mais nada?

Bill hesitou antes de falar.

— Mais nada.

— Não creio que nos esteja a dizer toda a verdade, Bill — disse Ryan desapontado. — Encontrámos as suas impressões digitais por todo o apartamento — acrescentou.

— Bem, e então? — perguntou Bill um pouco exaltado. — Aquilo é meu, vou lá de vez em quando ver o que se passa com a casa.

— O apartamento não era a única coisa que lá ia «ver», pois não? — perguntou Phillips com um sorriso afetado, que fez com que Ryan lhe abrisse os olhos.

— Cale a boca — exclamou Bill, de novo irritado.

— Bill, vamos acabar por descobrir, sabe que sim. Facilite as coisas para si próprio — aconselhou Ryan.

Tilson apertou as mãos trémulas sobre a mesa.

— Nós nunca... — respirou fundo. — Ela não queria que as pessoas soubessem de nós. Dizia que era como se eu fosse o seu irmão mais velho ou um tio e que não era certo eu gostar dela.

— Continue — pediu Ryan, acenando com a cabeça.

— Francamente, nunca esperei nada dela — disse Tilson. — Mas as coisas aconteceram mais ou menos uma noite.

— Dormiram juntos.

— Sim — anuiu. — Foi há dois anos. Ela disse-me que podíamos continuar assim, mas que queria manter a sua independência porque não desejava sentir-se comprometida.

— E, em troca, o senhor nunca lhe cobrou a renda — concluiu Ryan em tom neutro.

Os lábios de Bill estremeeceram.

— Sei o que parece...

— A sério? Porque parece que lhe estava a pagar os serviços prestados.

Bill parecia furioso.

— Não têm o direito de falar dela nesses termos — afirmou.

— Ofereceu-lhe presentes caros? Dinheiro? — perguntou Phillips.  
— Podemos verificar — acrescentou.

Bill lutava contra si próprio.

— Dei-lhe umas coisas. — Fez uma lista da bijuteria e da roupa que lhe oferecera durante aqueles anos. — Ela... creio que, de vez em quando, tirava dinheiro da caixa.

Ryan e Phillips abstiveram-se de fazer os comentários mais óbvios. O isco que haviam lançado resultara.

— É grave prestar declarações falsas à polícia — disse Ryan calmamente, fitando Tilson. — Gostava de saber porque o fez.

— Tive vergonha — murmurou Bill. — Sentia-me um idiota de cada vez que estava com ela. Pensam que eu não via como ela se comportava com os outros homens? — Lançou-lhes um olhar ardente. — Eu via.

— E isso enfurecia-o, não é verdade? — Ryan continuava a falar em voz calma.

— Que raio, claro que sim! — exclamou Bill, sem pensar. — Ela sabia o que eu sentia por ela.

— Enfurecia-o o suficiente para a matar?

O choque puro invadiu o rosto de Bill. Um misto de choque com algo mais, reparou Ryan.

— Nunca poderia ter feito tal coisa. Eu amava-a.

Ryan manteve-se em silêncio. Por vezes era o melhor.

— A Megan passou anos em busca de alguém que a amasse, que a mimasse. Passei todo esse tempo a tentar fazer isso mesmo e o que recebi em troca foram umas cambalhotas na palha e uma ou outra palavra simpática. — Bill falava em tom neutro. — Mesmo assim, ter-me-ia contentado com isso, era melhor que nada. —

Voltou-se para eles e disse com simplicidade: — Daria tudo para a ter de volta.

Precisamente quando Ryan e Phillips encontraram o diário verde e dourado, manchado de sangue, escondido no colchão do apartamento de Megan, Anna esgueirava-se da casa de Ryan como um ladrão em plena noite.

Estava farta de estar presa e queria provar a liberdade. Não lhe parecia que viesse grande mal se desse um passeio a meio da tarde numa aldeia cheia de gente.

Seguiu disfarçadamente pela estrada, esperando dar de caras com Ryan a qualquer momento. Com remorsos, escolheu as ruas secundárias para atravessar a aldeia, dando a volta pela periferia em vez de usar o caminho mais direto através do centro. Nem viu o jovem agente da polícia que a seguia uns metros atrás, tentando acompanhá-la.

Avistou o museu e correu a enfiar-se pelas portas automáticas. Soltou um suspiro de culpa quando deu por si a sorrir para o que lhe era familiar. Quantas vezes conduzira visitantes àquele museu? Perdera-lhes a conta.

— O mosteiro de Lindisfarne foi o primeiro convento cristão anglo-saxónico. Os monges irlandeses estabeleceram-se aqui no ano seiscentos e trinta e cinco da nossa era, após um convite de Oswald, o rei de Northumbria, que inspirou personagens tais como Aragorn em *O Senhor dos Anéis*. — A voz de Bower soava clara para dar vida à história perante um grupo de crianças da escola local. — Northumbria era o maior reino da Grã-Bretanha nessa época, por isso era muito poderoso.

Mark viu-a por cima das cabeças das crianças, sorriu e fez-lhe um gesto, indicando que estaria livre dentro de cinco minutos.

Anna sorriu e encostou-se a uma parede do centro de visitantes a ouvi-lo. Já conhecia toda a história, mas nunca se cansava de ouvir falar do passado da ilha.

— Um monge chamado Cuteberto chegou à ilha cerca do ano seiscentos e setenta da era cristã. Tornou-se prior de Lindisfarne e acabou por ser nomeado bispo. Onze anos depois da sua morte, o seu corpo foi exumado e descobriram que estava intacto. — Mark fez uma pausa intencional, para observar os rostos ávidos dos jovens adolescentes que escutavam a história. — O facto foi considerado um milagre e um sinal fidedigno da sua santidade.

Apontou para um quadro que mostrava o corpo a ser exumado do caixão e sorriu quando os rapazes fizeram os ruídos caraterísticos de quem vai vomitar, para chamarem a atenção.

— Surgiram relatos de milagres no santuário de São Cuteberto — continuou. — As pessoas começaram a fazer peregrinações a Lindisfarne, o que significou uma riqueza e um poder cada vez maiores para o mosteiro, pois as pessoas importantes da terra faziam doações e ofertas.

Passou para uma outra imagem, onde uma parte dos Evangelhos de Lindisfarne estava em exposição num armário hermeticamente fechado.

— Outra coisa de que se devem lembrar é que Lindisfarne era um importante centro de conhecimento e de aprendizagem. Mais importante era a existência dos Evangelhos de Lindisfarne, um belo exemplo da antiga arte medieval de cerca do ano setecentos e dez da nossa era. Estão aqui parte deles. — Apontou para a vitrina e vários rostos ansiosos encostaram o nariz ao vidro polido.

Anna sorriu enquanto o via encantar a geração seguinte de mentes jovens. Recordava-se de ali ter ido em criança, desejando saber mais acerca do passado. Lembrou-se de que ele fora tão paciente então como era agora.

— E os *vikings* não vieram? — perguntou uma das crianças, a pensar em navios compridos e capacetes com chifres.

— Vieram, rapaz — concordou Mark. — Invadiram Lindisfarne em setecentos e trinta e nove da era cristã. Os pagãos dessacralizaram o mosteiro.

— O que é um pagão? — perguntou o mesmo rapazinho.

— É uma palavra usada, principalmente pelos cristãos, para descreverem os descrentes de qualquer tipo. Neste caso os *vikings*.

Anna ergueu as sobrancelhas ao ouvir a resposta, mas nada disse. Não se apercebera de que Mark tivesse uma abordagem tão liberal à interpretação.

— O que aconteceu aos milagres? — perguntou outra criança.

— Bom, diz-se que ainda acontecem — respondeu Mark. — Mas tiveram de levar as relíquias de São Cutederto para a catedral de Durham, por motivos de segurança.

— E ele não tinha saudades de estar em Lindisfarne?

— Tenho a certeza de que sim — respondeu Mark, olhando para Anna. — Mas trouxeram-no de volta, anos mais tarde, durante a Conquista Normanda.

Aquilo terminava a palestra do dia e Anna viu os jovens saírem em fila. Era estranho, mas Mark tinha razão, pensou. Tal como Cutederto, também ela voltara a casa após um período de agitação.

Mark despediu-se das crianças com um aceno e voltou-se para onde Anna se encontrava, alta e serena, na sala sombria equilibrada pela iluminação subtil dos expositores.

— Estavas com saudades minhas? — disse ele, meio a brincar.

— Sempre — concordou com um sorriso, mas já se voltava para olhar as moedas antigas e as relíquias que descansavam cuidadosamente protegidas nas suas almofadas.

Mark aproximou-se.

— Como vai a investigação? — perguntou depois de uns momentos de silêncio.

Ela encolheu os ombros.

— É difícil dizer. São incansáveis e dedicados, mas creio que estão frustrados por não conseguirem encontrar provas de ADN. — Aquilo era apenas o que os habitantes da ilha já tinham conhecimento.

— Soube que estavas na ilha para ajudar a polícia — disse ele em voz baixa, e logo acrescentou: — Que coisa horrível, aquilo do Rob.

— Sim — concordou ela tranquilamente, pensando no seu amigo de infância, mas consciente do acordo que fizera com Ryan. — Não os posso ajudar oficialmente por causa da minha relação com uma das vítimas.

Mark olhou-a com um dos seus sorrisos enigmáticos.

— Oficialmente.

— Exatamente — respondeu ela.

Ficaram ambos em silêncio por mais um momento.

— Mas no início pediram a tua presença. — Mark rodeava a questão. — Suponho que isso signifique que possuis uma especialização relevante em rituais pagãos.

Anna suspirou. Nunca conseguira esconder a verdade do seu mentor e, além do mais, ele tinha uma mente subtil.

— Sim, calculavam que eu pudesse informar a polícia em assuntos históricos e de rituais pagãos.

— É disso que se trata?

— É difícil dizer — murmurou ela, sem querer revelar grande coisa, mas sentindo-se em conflito. — Há conotações distintas.

— Tais como?

— Olhe, Mark eu...

— Não importa. Esquece que perguntei. — Ergueu ambas as mãos.

— Não é que não queira discutir o assunto consigo. Quem me dera poder — afirmou com emoção. — Só que não posso quebrar as regras.

— Queres dizer «mais» regras? — perguntou ele com suavidade.

Anna não respondeu.

— Falemos de outras coisas — murmurou ele, levando-a dali.

Ryan e Phillips encontraram o vigário de Lindisfarne equipado com a sua roupa de passeio, a lutar com a porta da estufa.

— Reverendo Ingles, gostaríamos que nos dispensasse um momento do seu tempo, por favor. — Os dois homens atravessaram



o relvado e viram o vigário a tentar fechar a porta com um esforço sobre-humano.

— Parece que os gonzos precisam de ser oleados — comentou Phillips.

— Oh, é este tempo — disse Ingles. — Congela-os sempre.

Ryan seguiu com os olhos um cabo de eletricidade que ia do vicariato até à estufa.

— Para que serve o cabo? — perguntou.

— É o aquecedor — respondeu Ingles. — Por causa dos tomateiros.

Ryan olhou para os tomates vermelhos e carnudos dentro da estufa e lembrou-se do jardim florido da sua mãe.

— Muito requintado — disse com admiração. — Deve ser precisa muita dedicação e uma bela conta de eletricidade para manter o tomate maduro nesta época do ano.

— Isso é um toque de loucura para tentar plantar tomates no inverno — concordou Ingles com um sorriso. — Vamos? — Conduziu-os pela relva até ao vicariato.

A casa estava confortavelmente mobilada com antiguidades de qualidade e tecidos caros. Obviamente, pensou Ryan, a Igreja Anglicana não passava dificuldades em Lindisfarne. Sentaram-se num confortável sofá cor-de-rosa cheio de almofadas de vários tons da mesma cor.

A Sra. Ingles, baixa e com ar de pássaro, envergando um simples vestido azul-escuro de lã apressou-se a entrar na sala com um tabuleiro com chá e bolachas, o que recordou a Ryan os lanches que tomava à tarde em casa da avó.

Phillips examinou cuidadosamente as chávenas de porcelana fina, mas aceitou o chá. Ryan viu-o beber delicadamente.

— Obrigado, senhora Ingles — disse Ryan educadamente, com um sorriso encantador. Porém, o sorriso não foi correspondido e recebeu apenas um aceno do rosto franzido da mulher que era

evidentemente velha demais para a sua idade e que saiu da sala sem pronunciar palavra.

Interessante.

— Então, detetives — Ingles instalou-se num cadeirão diante deles e pegou na sua chávena. — O que desejam? Calculo que não preciso da presença de um advogado.

Ryan observou a sala agradável com a sua decoração rebuscada e feminina que não coincidia com a dona da casa nem, afinal, com o dono. Mesmo assim, o inspetor reparou que Ingles parecia bastante à vontade sentado num dos cadeirões de flores com uma perna cruzada sobre a outra. Phillips relatara-lhe o que se passara quando Ingles encontrara o corpo na praia. O trabalho tornava-o cético, mas o reverendo podia facilmente ter revisitado o local do seu crime quando Phillips esbarrara com ele.

Passara também algum tempo a refletir sobre a forma como o corpo de Rob fora colocado. Não seria possível que o pentagrama sobre o qual o jovem descansava tivesse sido facilmente deslocado, o que significava que poderia ter estado sempre na posição correta e não invertido.

Afinal, isso seria um símbolo cristão.

Também não esquecera o que Alex Walker lhe dissera, pensou enquanto observava o homem de aspeto inofensivo calmamente sentado na sua frente.

— Não precisa de advogado, reverendo Ingles. Estamos apenas a verificar os pormenores que o senhor nos facultou no seu depoimento. Tem uma bela casa — declarou jovial.

— Obrigado, inspetor. — Intimamente pensava que parecia uma casa-museu.

— Espero que já esteja recuperado da provação por que passou esta manhã — continuou Ryan, voltando-se para o vigário com uma expressão de solidariedade no olhar. Parecia-lhe que o homem era a verdadeira imagem da satisfação.

— Sim, de facto — respondeu Ingles com gravidade, alterando um pouco o rosto para mostrar tristeza. — Foi um grande choque que tão cedo não esquecerei, mas o Senhor age de maneiras que por vezes temos dificuldade em entender.

— Isso é dizer pouco — ripostou Phillips em voz baixa.

— Exatamente — prosseguiu Ryan. — Não sou religioso — confessou e viu um ar reprovador perpassar o rosto de Ingles. — De modo que tenho dificuldade em entender a razão pela qual alguém quisesse magoar o Rob Fowler daquela maneira.

— De facto, porque terá sido? — Ingles soltou um profundo suspiro e abanou a cabeça. — Um rapaz tão simpático.

— Já o conhecia há muito tempo?

— Ele e a família são membros da minha congregação. Conhecia-o desde que nasceu — respondeu Ingles.

— Diria que o conhecia bem?

— Agrada-me pensar que conheço bem toda a minha congregação, detetive — declarou. — Um pastor deve conhecer o seu rebanho.

Aquela conversa piedosa começava a irritar Ryan, porém, manteve uma expressão plácida enquanto falou.

— As pessoas vêm confessar-se a si, reverendo?

— Bom, a confissão formal é uma característica da Igreja Católica — disse Ingles, a rir. — Porém, claro que as pessoas sabem que podem falar comigo.

— O Rob veio falar-lhe de alguma coisa que o preocupasse?

Ryan apercebeu-se de que um leve desconforto perpassava o rosto de Ingles.

— Nem por isso — respondeu.

— Tem a certeza? — perguntou Ryan intrigado. — Disseram-me que o Rob tinha os seus conselhos em grande conta.

Ryan não compreendia aquilo, mas sabia que Mike Ingles era um homem que reagia bem à lisonja. Era evidente.

E claro que o reverendo pareceu encher levemente o peito.

— Tranquiliza-me sabê-lo. Costumo dizer que faço os possíveis para receber todos na casa de Deus.

— Sim — concordou Ryan, depois inclinou-se para a frente como se quisesse conspirar. — Claro que deve ser difícil quando se tem de confrontar com pessoas *indesejáveis*. — Ryan disse-o com um tom de desagrado na voz.

— Indesejáveis? — inquiriu Ingles.

— Sabe — Ryan ergueu uma mão —, pessoas que, digamos, não seguem a palavra de Deus — disse em tom significativo.

O rosto de Ingles pareceu desanuviar-se e o reverendo inclinou-se para olhar Ryan nos olhos.

— Creio que o compreendo, inspetor. — Suspirou como se estivesse atormentado. — Por vezes, os indivíduos vêm ter comigo para confessar que tiveram... digamos que, pensamentos *impróprios*.

— Hum — murmurou Ryan, em tom entendido.

— Faço os possíveis por aconselhá-los a seguirem o caminho da retidão — continuou Ingles enquanto mexia o chá com ar pensativo.

— O Rob era uma dessas pessoas? — interrompeu Phillips.

Ingles lançou-lhe um olhar sofrido.

— Cavalheiros, tenho um sentimento de dever em relação a esse rapaz. Se ele me disse algo, se confessou o que quer que fosse, foi confidencialmente.

— Claro — concordaram Ryan e Phillips em uníssono.

Ingles olhou para eles.

— *Talvez* tenha vindo ter comigo há uns meses — confirmou lentamente. — Creio que me recordo de que, em determinada altura, lutava contra os seus próprios impulsos.

— Impulsos?! — perguntou Ryan com uma expressão deliberadamente confusa.

— Em relação a membros do mesmo sexo — disse Ingles num tom discreto, como se se falasse em voz mais alta a raiva e Deus caísse sobre ele.

A boca de Ryan formou um «o» de surpresa e Phillips quase cuspiu para dentro da chávena.

— Deve ter sido muito difícil para si — afirmou Ryan.

— De facto, foi — recordou Ingles. — Claro que lhe recordei imediatamente as palavras da Bíblia. «Com homem não te deitarás como se fosse mulher, é uma abominação.» *Levítico*, capítulo 18, verso 22.

— Hum... — refletiu Ryan, pousando a chávena de chá. — Claro que outras passagens da Bíblia proíbem muitas práticas que hoje são aceitáveis. Poder-se-ia dizer que esses versículos refletiam valores culturais antiquados, reverendo.

A voz plácida de Ryan caiu como um martelo na silenciosa sala de estar. Ingles observou-o por uns segundos, antes de voltar ao movimento rítmico de mexer mais uma vez o seu chá.

— Aprecio sempre o debate com pessoas inteligentes como o senhor, inspetor. Porém, neste caso, creio que as palavras do Senhor não são ambíguas.

— E como abordou o assunto quando o Rob lhe disse que era homossexual?

Ingles torceu os lábios.

— Disse-lhe o mesmo que acabo de lhe dizer, inspetor. Aconselhei-o a estudar as palavras da Bíblia e a encontrar nelas a cura.

— A cura? — perguntou Ryan, incrédulo.

— Exatamente, inspetor.

Ryan olhou para o homem responsável pela orientação espiritual da ilha.

— Acredita que a sua morte tenha sido motivada pela intolerância em relação à sua sexualidade?

— Não faço ideia — garantiu Ingles.

— Sabe se na ilha há algum movimento antigay?

Ingles pareceu chocado.

— A nossa pequena ilha é habitada por pessoas caridosas que seguem a palavra de Deus e o Seu perdão. Como tal, é provável que

a nossa congregação adira às palavras de Nosso Senhor em todas as coisas, incluindo o assunto da homossexualidade. Porém, isso não significa que haja uma caça às bruxas, inspetor.

— Como se sentiu quando encontrou o Bob Fowler, Mike? — Ryan desistiu deliberadamente de qualquer respeito pelo que seria formal. E o gesto não passou despercebido.

— Horrorizado, claro.

— Pensou que o trabalho de Deus tinha sido levado a cabo?

Ingles ficou em silêncio e o seu rosto era uma máscara de raiva.

— Gostaria que saíssem da minha casa — acabou por dizer pousando ruidosamente a chávena no pires.

Ryan e Phillips levantaram-se, olhando para o homem afundado no cadeirão antes de saírem para o exterior. Pelos vistos, tinham abusado da hospitalidade daquele pastor.

Quando Ryan se voltou para olhar para a casa de onde acabavam de sair, viu Jennifer Ingles a espreitar da janela de um dos quartos e sentiu um arrepio. Se um homem devia casar com uma mulher, lamentava a escolha do reverendo.

— O que acha? — perguntou a Phillips, enquanto atravessavam a aldeia.

— Um velho pateta e tacanho — respondeu Phillips com um alegre sorriso.

— O suficiente para se ver livre de um elemento da sua congregação?

— Não sei se teria tomates para tanto — comentou Frank. — Não viu o estado em que ele estava esta manhã.

— Também vi o seu estado esta manhã. — Ryan não conseguiu resistir a dizê-lo.

Phillips limitou-se a resmungar.

— Vamos voltar para a esquadra para ver se chegamos a alguma conclusão.

## CAPÍTULO 21

A casa de Ryan era um enxame de atividade. As lareiras que convidavam um homem a sentar-se com um copo de bom vinho Bordeaux e um livro, estavam frias e não eram usadas. A entrada estava cheia de botas de todas os tamanho e feitios, cobertas de lama. A equipa de Faulkner tinha-se apropriado da sala mais pequena, onde ele e os seus subordinados examinavam dados químicos e fotografias sinistras dos locais dos crimes numa tentativa de visitar as suas descobertas iniciais.

Mackenzie e a sua equipa espalhavam-se pelo centro de coordenação, convenientemente localizado junto ao frigorífico. Alguém providente, que não ele, tinha-o abastecido de bebidas açucaradas e *snacks*.

Enquanto Ryan e Phillips despiam os casacos, o nível de ruído informou-os de que Gregson não estava presente. Se estivesse, certamente não ouviriam o som de mulheres e homens adultos a discutir acerca da existência do Pai Natal.

Ryan ficou satisfeito ao ver como o seu pessoal se aquietava à medida que ele atravessava a sala, mas não viu Anna.

— Lowerson. — Apontou um dedo para o jovem detetive que de momento engolia um enorme bocado de chocolate com a forma de uma rena. — Estava uma mulher em prisão preventiva lá em cima. Ainda lá está?

Um estranho rubor cobriu a pele do jovem e Ryan olhou-o, furioso.

— Por favor, diga-me que se subir encontro a doutora Taylor comodamente instalada à secretária no meu quarto de hóspedes.

— Ah... — O queixo de Lowerson estremeceu perigosamente. — Acontece, inspetor, que não conseguimos impedi-la contra a sua vontade.

Ryan respirou fundo várias vezes.

— Onde está ela?

— Na aldeia, inspetor.

— Mande um dos agentes atrás dela.

— Já o fiz. Tenho um homem a segui-la toda a tarde.

Extremamente irritado, Ryan mandou-o embora e atravessou o centro de coordenação. Era de facto uma maravilha a facilidade que Anna tinha em irritá-lo. Pensaria que tinham recurso infinitos para poderem mandar um agente correr atrás dela, enquanto ia passear à tarde pela ilha?

Aquela mulher faria ideia do tipo de perigo que poderia correr?

Dez minutos depois, a equipa reuniu, ocupando todo o espaço possível.

Ryan separara a parede onde registara os homicídios em três secções com três cronologias diferentes para indicar os últimos movimentos conhecidos de cada vítima. Se houvesse mais uma morte ficariam sem espaço.

— Quero rever tudo o que temos sobre cada vítima, uma por uma — declarou. Seria melhor manter as coisas lógicas, uma vez que a quantidade de informações aumentava rapidamente e ameaçava assoberbá-los.

— Então, começando com a Lucy Mathieson. — Apontou para uma imagem de Lucy como ela fora em vida, a sorrir-lhes da sua fotografia de fim de curso. — Já sabemos que um determinado tipo de sabonete foi usado para lavar o corpo, contendo entre outras coisas, sândalo e manteiga de carité. — Ryan pegou no saco da loja de recordações e entregou-o a Faulkner. — Preciso de uma análise urgente. Tenho a sensação de que vai coincidir com o que encontrámos no corpo da Lucy, mas quero ter a certeza. Amanhã, logo de manhã, o Phillips vai pedir ao fabricante uma lista de todos



os estabelecimentos a quem fornecem o sabonete, para o caso de ter sido comprado fora da ilha. Entretanto, tenho aqui uma lista da venda do sabonete na loja de recordações do museu e o número dos cartões bancários dos compradores. — Liz acabara de lhos trazer, pensou com um sorriso. — É uma grande incerteza, mas pode ser que tenhamos sorte e que ele tenha comprado o sabonete na ilha. Pode ter pago em dinheiro, o que significa que é um beco sem saída. Por outro lado — alisou a lista de Liz —, pode ter sido descuidado. Phillips, arranje-me os nomes que correspondem a estes cartões.

Phillips pegou na lista com os dedos grossos.

— Enquanto faz isso, quero saber onde foi comprada a cânfora.

— Já tratei disso. — Phillips abriu um caderno dobrado nas pontas. — Há apenas dois lugares onde se pode comprar, num raio de cento e cinquenta quilómetros. Um deles é uma loja de produtos naturais em Newcastle — disse com ar prático. — O outro é a loja que vende produtos naturais, sininhos e artesanato na praça principal.

Ryan esboçou um lento sorriso.

— Naturalmente que foi primeiro verificar a loja de Newcastle — disse sarcástico.

— Naturalmente, chefe, mas acontece que a cânfora não é o produto mais comercializado. Há meses que não vendem. — Abanou a cabeça, com pena. — Por outro lado, a loja de artesanato da ilha, declarou ter feito uma venda apenas há duas semanas.

— A quem?

— À Lucy Mathieson — disse Phillips simplesmente.

Fez-se silêncio na sala por um minuto, enquanto várias possibilidades passavam pela mente coletiva.

— Não a tinha consigo quando foi encontrada — disse Ryan em voz alta e recebeu um sinal de assentimento da parte de Faulkner. — De qualquer forma, estava misturada com terebentina, não é verdade?

— Sim — confirmou Faulkner.

— Que razão teria ela para comprar cânfora? — perguntou Ryan a pensar alto.

— Posso perguntar ao Pete ou a uma das amigas, amanhã — sugeriu MacKenzie.

— Boa ideia — assentiu Ryan e foi até à janela para olhar para o mar. O vento começava a soprar, pensou ao ver as ondas a rolar e a quebrarem-se na praia.

— MacKenzie! — Voltou-se para ela. — E o que me diz das obras na ilha?

— Inspetor... — Ela acenou e abriu o bloco. Phillips tentou não reparar como o cabelo ruivo da colega cintilava na luz quente da sala. — Cobrimos um raio de quinze quilómetros no quadrante de busca. Algumas propriedades estão desocupadas... a maior parte são casas de férias... e não podemos aceder a algumas sem um mandado. Organizei uma lista. — Inclinou-se e entregou-lha.

— E as restantes?

— A maioria das pessoas não pôs qualquer obstáculo a autorizar-nos a dar uma vista de olhos. — Encontrámos várias coisas, caminhos de acesso recentemente pavimentados, asfalto novo, casas acrescentadas. Fiz uma lista de todos os pormenores. — Entregou outro bocado de papel. — Posso dizer que nada salta à primeira vista.

— E as compras?

Mackenzie voltou a página do caderno.

— Há quatro comerciantes de materiais na vizinhança, inspetor. Contactámos todos para que nos dessem pormenores acerca das compras da areia para construção do tipo e peso relevante. Estamos a examinar as compras com cartão e pedimos as cópias das imagens das câmaras de segurança do último mês em cada estabelecimento. Vão enviar tudo na primeira maré de amanhã.

Ryan anuiu. Bom trabalho, mas não suficientemente rápido.

— E o telemóvel da Lucy? — Voltou-se para Tom Faulkner e viu o seu rosto vulgar animar-se sob o escrutínio.

— As mensagens recentes foram apagadas, tal como as chamadas feitas, mas contactámos a operadora e enviaram-nos a transcrição das chamadas e das mensagens recentes. Parece que tinha seis chamadas não atendidas do pai entre as dez e a meia-noite do dia vinte — afirmou Faulkner. — Havia ainda mais quatro mensagens a perguntar quando voltaria para casa.

— Um pai preocupado?

— Assim parece — concordou Faulkner. — Uma das mensagens foi respondida às onze e trinta e dois a dizer que ia a caminho de casa.

Ryan não se lembrava de Daniel Mathieson ter mencionado no seu depoimento que recebera uma mensagem da filha.

— Mais alguma coisa?

— Há umas mensagens enviadas a Alex Walker — disse Faulkner. Tudo coisas mais íntimas. — Corou um pouco enquanto verificava as transcrições. — São um pouco sugestivas, inspetor.

Ryan decidiu não atormentar mais o homem, de modo que estendeu a mão para os papéis. Observou as transcrições encostando-se entretanto à beira da mesa.

— Ela não era tímida — comentou, mas pensou que as mensagens pareciam muito... jovens. — Há apenas uma resposta de Walker a dizer que estava ocupado mas que podiam encontrar-se no *pub*.

— Muito inofensivo — disse Phillips.

Ryan concordou, já que, para ele, Phillips era como um livro fácil de ler. Porque teriam as mensagens sido apagadas se não continham nada de suspeito?

— Nada mais aparece aqui — disse ele, colocando o papel no dossiê. Mas uma sensação apertava-lhe as entranhas. Disse para consigo que verificariam as coisas minuciosamente, em primeiro lugar porque sem o resto dos dados nada mais tinham para construir um caso.

Talvez houvesse outra maneira, pensou um momento depois.

— Phillips — murmurou. — Preciso que contactes os Mathieson. Diz-lhes que preciso que um deles faça uma declaração à imprensa

amanhã de manhã, um apelo ao assassino da Lucy.

— Só um deles? — perguntou Frank. — E não será preciso contactar primeiro Gregson para que ele aprove?

— Não será preciso — respondeu Ryan muito sério. Phillips recostou-se na cadeira e cruzou os dedos sobre o estômago, refletindo.

— Passemos à Megan Taylor — disse Ryan apontando de novo para a imagem de Megan colada na parede. Estava encostada ao lado do *pub*, elegante, curvilínea e muito bonita, soprando um beijo para a câmara. Bill cedera aquela fotografia da sua coleção pessoal.

— Lowerson — voltou-se para o jovem, ainda receoso devido à censura do inspetor.

— Inspetor.

— Quero o seu relatório acerca das drogas. — Ryan recostou-se e ficou à espera.

Lowerson pigarreou e conseguiu vencer o nervosismo.

— Contactei a equipa dos narcóticos de Newcastle e de Morpeth, inspetor. As duas unidades relataram que os incidentes de abuso de LSA foram de um modo geral muito baixos nos últimos dez anos. Porém, houve um pico em junho e outro em dezembro.

— Porquê?

— Estão confusos, inspetor, dizem apenas que as drogas recreativas atingem picos nos meses de verão com o tempo bom e as atividades ao ar livre ou como acompanhamento das festividades do Natal. — Lowerson ergueu os olhos e engoliu em seco. — Porém, seguindo o curso da nossa investigação, tive em conta qualquer elemento ritualista que pudesse ser relevante. Como sabe, a Lucy foi assassinada às primeiras horas do solstício de inverno. O solstício de verão é em junho, inspetor.

— Pensa que os picos das drogas coincidem com essas festas?

— Sim, inspetor. A droga é especialmente usada pelas suas propriedades alucinogénias, o que parece adequar-se a isto.

— O raciocínio é bom, detetive — concordou Ryan. — Só que não temos provas. Não faz mal termos uma teoria para trabalhar, mas preciso de factos.

— Bem... — Lowerson consultou as suas notas, embora soubesse de cor as informações. — Há cerca de quinze anos, a única operação conhecida localmente foi fechada em Morpeth, onde grandes quantidades de glória-da-manhã foram colhidas para serem vendidas.

— Quem foi o responsável?

— Bom, aí é que está a estranheza, inspetor. A casa e o jardim eram propriedade de uma mulher que vivia sozinha e que parecia gerir ela própria tudo aquilo. A casa estava no nome dela. Passou cinco anos na cadeia, depois da acusação, em noventa e nove.

— Onde está ela agora?

— Parece ter desaparecido da face da terra — queixou-se Lowerson. — Mudou de nome. A casa ainda lá está sem ser utilizada. Não vive lá ninguém.

— Descrição física?

— Nessa altura tinha um metro e sessenta e cinco, cerca de cinquenta e cinco quilos, cabelo castanho-claro e olhos castanhos. Perfeitamente banal. Deve ter agora cinquenta e dois anos. Pedi ao departamento que procurasse uma fotografia dela, inspetor.

— Bom trabalho, Lowerson. Diga-me assim que a fotografia chegar.

Lowerson mal conseguiu esconder um sorriso.

— Alguma ideia de onde vem agora o abastecimento?

— Não são conhecidas operações que indiquem um abastecimento privado, inspetor.

— Na ilha ou aqui por perto — resmungou Ryan.

— Parece provável — concordou Lowerson.

Ryan pensou nos belos jardins e na enorme reserva natural com os seus hectares de flores silvestres. Ficou a pensar se a mulher

misteriosa não se teria mudado para Lindisfarne para estabelecer de novo o seu negócio.

— Temos de levar a cabo uma busca — decidiu. — Arranje-me uma fotografia do que procuramos e faremos uma busca porta-a-porta, pelo menos nas casas em que os donos nos deem permissão. É insuficiente para pedir um mandado para todas as residências da ilha, mas poderemos investigar uns quantos sítios. Fez uma pausa e voltou-se com um sorriso feroz. — Comecem pelo vicariato.

Lowerson ergueu imediatamente as sobrancelhas, mas não tinha o hábito de questionar um superior.

— Sim, senhor!

— Como estamos em relação às finanças da Megan?

Mackenzie sentou-se mais uma vez e entregou-lhe uma pasta.

— O banco mandou uma cópia por fax esta tarde, inspetor, mas apagaram os nomes das contas, exceto o da Megan. Proteção de dados — explicou ela torcendo os lábios. — À primeira vista, parece haver vários pagamentos regulares na conta dela por transferência direta, bem como vários depósitos regulares de dinheiro.

Ryan murmurou e olhou para os números.

— O primeiro do mês indica o vencimento do *pub*, mas os outros depósitos noutros dias do mês não estão justificados — acrescentou Mackenzie.

— Uma dessas transferências deve ser a do Walker — disse Ryan. — Provavelmente, alguns desses pagamentos em dinheiro são também do Bill Tilson. Quero saber de onde vêm os restantes.

— Estamos a tratar disso, inspetor — disse Mackenzie com um ar levemente atormentado. — O banco não está a cooperar.

— Diga-lhes que lhos arranco do cu se for preciso — resmungou.

— Posso usar uma terminologia diferente — disse Denise muito formal, mas divertida e com olhos a brilhar.

Phillips cruzou os braços e tentou não se ofender com a camaradagem fácil ou com o facto de o inspetor ter sempre um jeito especial de tratar as mulheres.

— Ao princípio desta tarde, o sargento Phillips e eu encontrámos uma espécie de diário no apartamento da Megan — prosseguiu Ryan a pensar no caderno verde e dourado que se encontrava num saco de provas. — O Faulkner já lhe deu uma olhadela mas há apenas um conjunto de impressões digitais... as dela. Se houvesse algo de interessante nele, o assassino tê-lo-ia destruído, pois é um homem meticoloso. Mas acredito que nem fizesse ideia de que ela o tinha.

Pensou em Anna e na ajuda que ela lhe dera nessa tarde, sem a qual nunca teriam encontrado o diário. Como se a tivesse feito aparecer só por pensar nela, viu, algo divertido, como ela se esgueirava pelas traseiras da casa como uma adolescente com um peso na consciência. Ryan torceu os lábios ao vê-la pela janela, enfrentado o vento e a chuva para encontrar o puxador da porta das traseiras. Era evidente que não vira que havia uma sala cheia de polícias atrás dessa porta.

O inspetor dirigiu-se para lá e abriu-a para a ver tropeçar e cair-lhe praticamente nos braços.

— Muito bem — ronronou, vendo-lhe as faces rosadas e os olhos rebeldes. — Vejam só quem encontrei.

Anna olhou-o humilhada. Acreditara estupidamente que a porta das traseiras seria uma melhor aposta do que a da frente, se quisesse fazer uma entrada discreta. Agora, olhava para uma sala cheia de polícias com ar expectante.

— Ah... — exclamou, torcendo as mãos.

Antes de ter tempo de dizer o que quer que fosse, um jovem cheio de frio e com ar perturbado entrou atrás dela e acenou com a cabeça ao seu superior.

— Boa noite, inspetor — resmungou sacudindo a chuva e passando para junto dos colegas.

Anna não escondeu a irritação e depois voltou-se para Ryan, sem pensar no público que assistia.

— Mandaste que me *seguissem*?

Ryan apertou os lábios. Não era o momento para cenas.

— De facto, foi o pessoal que me é leal que tratou de arranjar maneira de te seguir, para que estivesse protegida. É evidente que não tens qualquer sentido de autoproteção, de contrário, considerar-te-ias uma mulher de sorte por haver gente disposta e capaz de salvaguardar o teu bem-estar.

Anna vibrava de fúria.

— Se por salvaguarda entendes prisão domiciliária no teu quarto de hóspedes — rosnou —, então desculpa-me por ser difícil eu ficar agradecida. Conheço a ilha, conheço as pessoas que aqui vivem. Estava em perfeita segurança.

Ryan irritou-se e agarrou-lhe firmemente o braço para a obrigar a sair da sala para longe dos olhos curiosos da equipa. Assim que se viu no corredor virou-se contra ela.

— Para uma mulher inteligente, doutora, está a ser incrivelmente estúpida! — Os olhos dele eram um turbilhão de emoções e ela quase se afastou, mas o orgulho manteve-a onde estava. Já lhe haviam chamado muitas coisas, mas nunca «estúpida».

— Escuta — disse ela. — Não te pedi que brincasses aos heróis e me raptasses para que tomassem conta de mim na tua casa.

— Não percebes, pois não? — perguntou ele, incrédulo. — Estás em perigo, Anna. Escuta-me — disse severamente quando ela começou a falar. — Anda por aí alguém seriamente perturbado, que nos diz que precisas de proteção. Não sabemos quem é, ou se pensa que precisas de proteção dele próprio ou de outra pessoa, mas o que sei é que não vou permitir que ninguém te ponha as patas em cima. Compreendes?

Anna engoliu em seco e percebeu que não havia apenas fúria naquelas palavras duras, mas também uma verdadeira preocupação.

— Desculpa — disse ela em voz baixa. — Estava a sentir-me claustrofóbica.

— Compreendo — disse ele em tom mais calmo. — Mas ajuda-me nisto, por favor. Não posso trabalhar bem se estiver constantemente preocupado contigo.



— Preocupas-te comigo? — perguntou ela com os lábios trémulos. Os olhos dele tinham já uma expressão suave.

— Sim, Anna, preocupo-me.

Baixou a boca para a dela, para a beijar muito ao de leve antes de a soltar.

— Fico aqui até que apanhes o teu assassino — acabou Anna por dizer.

— Obrigado — respondeu Ryan e ficou a olhar enquanto ela subia a escada. Lá em cima, Anna parou para olhar para baixo.

— Vou mandar vir comida — disse bruscamente. — A tua hospitalidade é uma porcaria, Ryan.

Ele já sorria quando voltou para o centro de coordenação.

— Muito bem, acabou o espetáculo — declarou ao ver que vários membros da equipa estavam a sorrir com ar entendido.

— Em relação a Megan, não temos a arma do crime — começou Phillips.

— Tem toda a razão — concordou Ryan, grato por Frank ter passado imediatamente ao assunto. — O Faulkner já nos deu uma ideia do tipo de instrumento que devemos procurar. — Acenou com a cabeça a Tom e depois pegou numa gravura que Anna tinha imprimido para ele. — Isto também nos pode ajudar. — Voltou-se e fixou a imagem na parede atrás de si. Era um diagrama de vários tipos de facas cerimoniais. — O diagrama foi encontrado num *grimoire* chamado *A Chave de Salomão* — continuou.

— Que raio é um *grimoire*? — queixou-se Phillips. — Porque será que as pessoas não se limitam a usar palavras normais para as coisas?

— É uma espécie de livro de magia — explicou Ryan. — Assim como um manual de instruções para cerimónias de algumas religiões ou assembleias de bruxas.

Phillips nem se incomodou em querer saber onde o inspetor descobrira aquilo.

— Há uns pagãos modernos que usam um *grimoire* conhecido como *Livro de Sombras* — continuou Ryan. — Não sabemos se o nosso perpetrador segue alguma coisa destas, mas já que andamos às apalpadelas, por que não investigar?

Houve alguns risinhos.

— Como veem, estão aqui desenhados vários tipos de facas. — Olhou para o conjunto. Neste caso, o mais apropriado é o «atame». — Indicou com o dedo um punhal cerimonial com uma lâmina de dois gumes e um punho negro e enfeitado.

— A lâmina seria consistente com a ferida — concordou Faulkner.

— Há muito simbolismo ligado a isto — disse Ryan, encolhendo os ombros, a pensar que estava cansado de tentar compreender o que se passava na mente de um deficiente mental. — Supõe-se que represente o fogo.

— Quatro armas com significado celta — disse Phillips com ar conhecedor e encolheu os ombros ao ver que o inspetor o fitava. — O que foi? Sei ler — acrescentou na defensiva, olhando para a Mackenzie.

— Diga-me mais — convidou Ryan.

— Terra, ar, fogo e água — vociferou Phillips. — Quando as pessoas querem andar aí pelos bosques a chamar os espíritos e sabe Deus o quê, usam quatro coisas para representar cada elemento. Uma espada ou um punhal significa fogo, uma varinha representa o ar, uma chávena é para a água e um pentagrama é para a terra. — Phillips não admitiria que não fazia ideia do que era um pentagrama. — Podem poupar tempo e ir ver *Anjos e Demónios*. O Tom Hanks leva o tempo todo a perseguir um homicida católico e descobre as vítimas por meio das referências aos quatro elementos primordiais que compreendem a forma geográfica de uma cruz em Roma. — Phillips gostaria de saber se por ventura haveria alguma semelhança entre si e Tom Hanks, mas foi forçado a admitir que parecia muito mais jovem do que Hanks. — De qualquer forma — puxou uma orelha — purificam depois o círculo com os restantes elementos.

Usam incenso para o ar, água salgada para a água, e para a terra usam o bom e antigo sal. O atame é mais um instrumento individual enquanto a espada seria usada num encontro por um sumo-sacerdote, ou quem quer que por ali andasse usando uma capa de morcego. Desenham um círculo com a espada e supõe-se que seja um anel de fogo — acrescentou Phillips. — Faz-me lembrar o Johnny Cash.

— Onde foste buscar isso tudo? — perguntou MacKenzie.

— Estive a conversar com a Liz na loja de recordações — respondeu Phillips com naturalidade, inspecionando as unhas.

MacKenzie apertou os lábios e desviou o olhar com uma fungadela. Ryan sorriu.

— Nota máxima pela pesquisa — disse secamente. — Podemos tê-la em conta, mas a disposição do corpo de Megan parece demasiado oportunista para concluirmos que o perpetrador se tenha preocupado muito com isso.

— O Rob apareceu queimado — insistiu Phillips.

— Mas nem a Megan nem a Lucy foram encontradas mergulhadas em água salgada ou sequer com sal. Nenhuma deles foi afogada, pois não? A Lucy estava coberta de óleo, mas dificilmente lhe poderíamos chamar «incenso».

Frank sentiu-se em apuros.

— Por outro lado, o nosso perpetrador parece entrar e sair nos rituais existentes — prosseguiu Ryan. — Assim, podemos andar de facto à procura de uma faca cerimonial como este atame. Quero uma lista de locais onde se pode comprar um. Lowerson, é essa a sua próxima missão, juntamente com os narcóticos.

— Sim, inspetor. — O agente curvou a cabeça e começou a escrever rapidamente.

Ryan tentou lembrar-se de uma ocasião da sua vida em que se tivesse sentido tão entusiasmado, mas não conseguiu.

— Faulkner, em que ponto estamos em relação à investigação forense?

— Encontrámos vestígios de sangue nos canos que partem do ralo do duche da casa de banho da Megan e estamos neste momento a analisá-los. Tenho esperança de que os resultados cheguem amanhã ao meio-dia.

— Bom — anuiu Ryan.

— Recuperámos vários cabelos e fibras, que estão também a ser analisados. Vamos descobrir que muitos deles pertencem a Megan, pois são compridos, escuros e parecem ser porosos o que é consistente com o cabelo pintado — acrescentou Faulkner. — Mesmo assim, pode ser que encontremos alguns que não lhe pertençam.

— Mais alguma coisa que possamos usar?

— Mais nada, inspetor. Temos impressões digitais que correspondem às de Bill Tilson, mas nenhuma aos outros conjuntos que tomámos aos habitantes da ilha. Quer que procure mais?

Ryan refletiu. Já tinham em arquivo impressões digitais dos Mathieson, Bill Tilson, Pete Rigby (depois de uma enorme discussão com a sua preocupadíssima mãe, Alison), Alex Walker e Anna. As únicas coincidências tinham sido as de Anna, Alex e Bill, nenhuma das quais em número suficiente de colocações para geral preocupação.

— Vale a pena tentar, Tom. Trate de pedir aos homens da ilha que cedam voluntariamente as suas impressões digitais. Qual a pior coisa que pode acontecer?

— Vão queixar-se ao Gregson? Alegam vitimização? — sugeriu Phillips, prestável.

— Obrigado, Frank.

— De nada — respondeu este, satisfeito.

— Voltando ao assunto — disse Faulkner com um sorriso solene. Temos algumas impressões digitais; as marcas das botas e as amostras estão a ser analisadas.

— Avisem-me quando chegarem os resultados — disse Ryan e depois pensou nas pontas soltas. — Soubemos alguma coisa acerca das câmaras de vigilância do exterior do museu?

— Sim — confirmou Phillips. — Zero atividade fora do museu e da loja de recordações à hora do assassinato da Lucy.

— Bem... — Ryan soprou. — Valeu a pena tentar. Frank, quando isolarmos os nomes das vendas do sabonete da loja de recordações, volte e peça ao técnico que cruze com eles as horas e os dias. Vai levar mais tempo e estamos a partir do princípio de que guardaram as gravações de há semanas, mas faz tudo sentido.

— Certo. — Foi tudo o que Phillips disse.

— Esta noite vou ler o diário da Megan — continuou Ryan. — Esperamos pelos resultados das finanças dela para ver se os podemos cruzar com nomes que encontre nele. Entretanto, quero descobrir o carregamento de glória-da-manhã que anda aí pela ilha. A primeira coisa a fazer amanhã. — Acenou para Lowerson que correspondeu com o mesmo gesto.

— Considere-o feito — murmurou o agente.

— Então... — Ryan serviu-se de uma chávena de café morno e tentou não vomitar. — Robert Fowler.

Uma hora mais tarde, havia caixas de piza por toda a cozinha, já que a equipa de Ryan as atacara como uma matilha de jovens leões. Ele mal conseguira deitar a mão a uma fatia de uma piza de chourição mas sentia-se agradecido por Anna ter pensado em alimentar a equipa.

Os resultados da toxicologia tinham confirmado a utilização da mesma LSA em Rob Fowler, mas numa dose extremamente intensificada, indicando que ele teria sido induzido num coma suave, enquanto manietado e atirado para o fogo. Havia algum alívio em saber que ele não tivera consciência do que lhe estava a acontecer, pelo menos durante algum tempo. O fio de pesca cortara-lhe os pulsos e os tornozelos e mantivera-o imóvel enquanto o fogo fora ateado. Andavam à procura do tipo de fio e onde poderia ter sido comprado.

Do que restara de Rob, a equipa forense conseguira aperceber-se de que ele tinha leves abrasões dentro da boca, o que indicava que fora obrigado a abri-la. Provavelmente, para que as sementes pudessem ter sido metidas na sua garganta. Ryan pensou em Rob Fowler, um rapaz bem constituído, no apogeu da vida, e duvidou que apenas uma pessoa tivesse conseguido dominá-lo. O médico-legista comentara que, como o corpo fora tão queimado era quase impossível discernir se Bob sofrera qualquer traumatismo na cabeça ou outras feridas, antes de ter sido amarrado. Portanto, seria possível que uma pessoa o tivesse imobilizado, apanhando-o de surpresa com uma pancada na cabeça.

Era algo em que pensar.

O fogo queimara-lhe quase toda a pele, retirando a necessidade de uma limpeza ritual do corpo, como acontecera com os dois cadáveres anteriores. Ryan gostaria de saber se a pira funerária fora um ato deliberado ou então um expediente.

Os interrogatórios porta-a-porta tinham revelado que muitos dos habitantes da ilha estavam nas suas casas, sozinhos ou com os seus companheiros ou cônjuges, à hora em que Rob morrera. Sem ligações aos outros crimes, ninguém em particular seria perseguido.

Solicitara os registos da guarda costeira onde Rob estivera de serviço na noite anterior. Nada havia de interessante no telemóvel dele, que fora encontrado no bolso do seu casaco encarnado, portanto talvez houvesse algo na rede fixa.

Uns quilómetros mais a sul da casa de Ryan, num bar da bela cidade costeira de Alnwick estavam sentados quatro homens bem vestidos e de aspeto abastado.

— Parece que a Megan tinha um diário — murmurou um, enquanto degustava um belo *Merlot* com um bocado de queijo *gourmet*. — Encontraram-no.

Outro aproximou mais a cadeira e encheu o copo de vinho.

— *Como?* E o que escreveu ela. Nomeou alguém?

— Calma — disse o terceiro homem em tom brando, lançando um olhar subtil em volta da sala.

— Não sei o que diz, o Ryan guarda-o a sete chaves enquanto o lê, mas tenham a certeza de que se surgir alguma coisa, tomaremos as necessárias providências.

— Foi oportunista da parte dele ter apresentado a Megan como oferenda, sem antes nos ter consultado — disse o homem mais calado.

— Não te cabe questionar o sumo-sacerdote — disse o outro irritado e a defender-se, enquanto o primeiro metia mais queijo na boca. — O Mestre ordenou que ela lhe fosse oferecida.

Dando o assunto por terminado, voltou-se para o quarto homem, sentado em silêncio e incapaz de comer.

— As tuas ações puseram-nos a todos em perigo — disse num tom agressivo que fez com que o outro estremecesse. — A oferenda da Lucy foi egoísta e desnecessária. Além de que não tinhas o direito de decidir só por ti e implicar a guarda costeira.

— Lamento, eu... nem pensei...

— Não tens de tomar essas decisões — declarou o sumo-sacerdote.

Os outros três observaram o quarto, condenando-o.

— Foi uma sorte para ti que conseguíssemos beneficiar das tuas ações — prosseguiu o sumo-sacerdote, após uma pausa significativa.

O quarto homem olhou à sua volta.

— O que... o que queres dizer?

— Apesar da tua desobediência, o círculo está em dívida para contigo. — O primeiro homem bebeu mais um pouco de vinho. — Há uma maneira de te redimires.

O quarto homem engoliu lágrimas de alívio. Sabia o que costumava acontecer aos desobedientes.

— C... como?

O sumo-sacerdote sentou-se na sua cadeira, satisfeito. Os pensamentos de todos voltavam-se para o futuro.



## CAPÍTULO 22

Os psicopatas são orientados para um objetivo. O treino básico de criminologia apresenta os factos em papel, escritos em grossos manuais claramente impressos a preto e branco. A experiência ensinava que isto era verdade.

Ryan instalou-se para ler. Não estava a lidar com um indivíduo desequilibrado, pouco estruturado, que reagia sem pensar ou planear. Aqueles crimes eram premeditados com algum ritual acrescentado para lhes dar sabor. Atrás de tudo aquilo havia alguém a quem faltava orientação moral, capaz de destruir a vida sem problemas de consciência. Era interessante, pensou Ryan, que o homem tivesse tentado criar um código moral para si próprio, sem que ele existisse, rodeando-se de cerimonial.

Não sabia o que era pior, se caçar um assassino que agia sem fronteiras morais, quase por capricho, ou um que agisse sob falsas pretensões.

Digerindo tudo isso, Ryan pegou no dossiê azul que continha um monte de papéis com a lista do passado criminoso de muitos habitantes da ilha, homens, mulheres e jovens. A maioria proporcionava uma leitura pouco interessante.

Alex Walker tinha algumas multas por excesso de velocidade e quase perdera a carta de condução uns anos antes. Ryan calculou que se tratava de um clássico amante da velocidade. O pai, Walker sénior, tinha a folha limpa, tal como a mãe, Yvonne.

Achou graça quando leu que Liz Morgan fora acusada de perturbação da ordem pública trinta anos antes, por se manifestar

contra a crueldade para com os animais. Passou-a à categoria de «ativista inofensiva».

Foi igualmente um choque aperceber-se de que Megan Taylor tinha uma folha impecável, enquanto a sua erudita irmã recebera uma reprimenda por atentado ao pudor.

*Atentado ao pudor?*

O inspetor hesitou e ficou a pensar se não teria havido alguma troca nos registos criminais. Verificou o nome e claro que lá estava escrito «Anna Marie Taylor».

A descrição pormenorizava que a jovem fora encontrada embriagada e parcialmente nua, a passear pela praia que, segundo o registo, não estava designada como praia de nudismo. Sorriu ao imaginar Anna, talvez com aqueles óculos de secretária que vira sobre o portátil dela lá em cima. Quase cedeu ao desejo de pôr de lado os papéis e de subir lá a cima para ir ter com ela à cama.

Pegou na folha seguinte e bebeu um longo gole de vinho.

Anna passou umas horas a trabalhar no computador até não suportar mais a solidão. Seguindo o som suave de música *blues* desceu a escada e encontrou Ryan sentado junto a um lume crepitante, rodeado de papéis. Envergava calças de ganga e uma camisola preta, fina, da cor do seu cabelo. Estava descalço e ela jurava não saber porque o achava tão atraente.

— Porque não foste ter comigo? — perguntou ao entrar na sala.

Ele ergueu os olhos, com o rosto na sombra, mas o cabelo a brilhar à luz da lareira.

— Desculpa, nem me apercebi das horas — disse ele, levantando-se para ir ter com ela e endireitando-se para aliviar as costas.

— Posso ajudar-te em alguma coisa? — Apontou para os papéis e tentou nem olhar para a fotografia que mal se via por baixo.

— Não, agora não — disse ele em voz baixa, puxando-a para si e embalando-a ao ritmo da música.

Passando-lhe uma mão pela cintura apertou-a mais até os corpos de ambos ficarem unidos; ela aninhou a cabeça por baixo do queixo dele e conseguia ouvir-lhe o bater forte do coração de encontro à sólida parede do seu peito, coberta pelo tecido macio; admirou-se por tudo aquilo refletir o homem que ele era: educado, bem-falante, com um âmago de puro-sangue.

— Não me disseste que tinhas um passado criminoso — disse ele com suavidade, sorrindo por cima da cabeça Anna, ao sentir que ela ficara tensa.

— O que queres dizer com isso? — perguntou na defensiva, tentando afastar-se.

— Só que nunca soube que eras tão... liberal, até ter lido acerca dos teus disparates na praia há uns anos.

Anna não sabia o que dizer.

— Lamento, tinha-me esquecido de tudo isso — começou, rígida. — Nessa altura estava a atravessar uma fase estranha...

— Anna — interrompeu-a ele —, isso só te torna mais humana e, se possível, mais atraente.

— A sério? — Aquele homem era um mistério, pensou.

— Claro que sim. Não quero uma imagem, Anna, uma boneca de porcelana com ar angélico. Prefiro conhecer uma mulher verdadeira. — Baixou os lábios para a orelha dela e acrescentou: — Talvez um dia possamos reviver juntos esse momento.

— Oh, bem, então... — hesitou ela, pensando que ele tinha uma habilidade especial para não a deixar pensar claramente. Mesmo assim teria preferido que ele continuasse a ignorar o facto de ela ter dançado nua na praia. — Não me tinha apercebido de que andavas a espiar o meu passado.

Ryan detetou uma certa arrogância no tom dela e ficou ainda mais divertido.

— É o meu trabalho, Anna.

Ela não disse nada durante algum tempo, mas não se afastou.

— Quem te denunciou, Anna?

— Como assim? — Anna franziu a testa.

— Não há polícia na ilha. Alguém deve ter feito uma denúncia para a esquadra de Beal ou para outra mais próxima. Quem passou a informação?

Espantada, Anna apercebeu-se de que nunca pensara no assunto, nem tratara de perguntar.

— Não faço ideia — confessou com toda a franqueza. — Deitando-me a adivinhar... e lamento muito ter de o dizer... parece exatamente uma coisa que a Megan poderia ter feito. Principalmente nessa altura, teria feito tudo para me arranjar sarilhos. Se estava já interessada no Alex, saberia que se eu tivesse problemas com a polícia, a família dele ficaria aborrecida. E não há nada mais importante para ele do que a família — acrescentou.

— E o teu lugar na universidade?

— O Mark ligou ao reitor — recordou-se. — Explicou que tudo aquilo fora empolado e deu ótimas referências a meu respeito.

— Foi muito simpático da parte dele — disse Ryan.

— Foi como um pai para mim — disse ela com afeto.

Ryan sorriu, mas pensou que, sendo uma mulher inteligente, Anna não fazia ideia do efeito que causava no sexo oposto. Talvez fosse essa a origem do seu encanto. De qualquer forma, acrescentaria Mark Bowers à sua lista mental de pessoas que devia investigar. Não seria a primeira vez que um homem maduro se apaixonava por uma mulher muito mais nova.

— Em que estás a pensar? — murmurou ele com a boca encostada ao cabelo dela.

— Que tu és muito mais do que aparentas. — Foi a resposta abafada.

— Isso não parece incomodar-te — comentou ele, ordenando ao seu corpo que não ficasse tenso.

— Porque haveria de me incomodar? Não tenho medo de ti, Ryan. Todos temos segredos. — Porém, Anna ficou a pensar se deveria

sentir-se preocupada pelo facto de já se sentir tão segura nos braços dele. Mal o conhecia.

— Não tenho segredos — afirmou ele com simplicidade.

— Escondes grande parte do que és — contrapôs ela.

Talvez fosse verdade, reconheceu. Nesse momento, na casa vazia, onde apenas ele e a mulher que tinha nos braços se encontravam, o passado não lhe parecia tão terrível como nos dias anteriores.

— Houve uma mulher... — Deu por si a dizer em voz baixa.

— Há sempre — disse ela em tom baixo, preparando-se para ouvir falar de uma fila de corações partidos que ele deixara para trás. Sabia que teria de haver outras mulheres; era adulto, por isso seria natural. Era infantil esperar o contrário, mas, mesmo assim, sentiu uma incómoda pontada de ciúme, ao pensar nas outras mulheres que ele deveria ter tido nos braços, tal como a tinha agora.

Ryan sorriu e puxou-a suavemente para si. Conhecia-a tão bem, e afinal tinham passado apenas algumas horas juntos.

*Aquilo deveria assustá-lo?*, perguntou a si próprio.

— Não é o que estás a pensar — disse ele, um momento depois. Anna afastou a cabeça do peito dele e olhou-lhe o rosto nas sombras. Quando ele baixou os olhos para ela, viu tristeza escondida neles.

— Conta-me — pediu e levou-o para o sofá, atraindo-o para o círculo dos seus braços.

Ryan apercebeu-se de que nunca o fizera. Nunca se purgara da tristeza que o invadira e da culpa que o consumira. Afastara-se da família e dos amigos. Embora tentasse dizer que o trabalho o abandonara, agora percebia que fora exactamente o contrário.

— Há seis meses estava a trabalhar num caso muito complexo. Ouviste-me falar dele no outro dia... o *Hacker*.

— Sim, os jornais cobriram-no no verão — assentiu ela, tentando recordar os pormenores.

— Bem, o *Hacker* não era um fanático dos computadores. Cortava as vítimas em bocados dia após dia. Mantinha-as vivas ministrando-

lhes uma mistura de adrenalina e antibiótico. Tinha um fornecimento, pois era médico e trabalhava nas urgências do RVI. — Referia-se ao maior hospital da região.

— Recordo-me — comentou Anna, a pensar nas histórias horríveis relatadas nos jornais locais e nacionais. — Houve cinco vítimas.

— A culpa foi minha que tivessem sido cinco.

— Como podia ter sido culpa tua? — Cobriu as mãos dele com as suas.

— Oh, bem sei que, logicamente, não poderia ter impedido as primeiras. O caso tinha sido entregue a outro inspetor em Newcastle. O departamento criminal transferiu o caso para mim após a terceira. Mesmo assim... — Respirou fundo e lembrou o passado. — O homem foi cuidadoso e não havia um padrão. Raptava mulheres de toda a parte. O trabalho espalhou-se por três departamentos criminais e incluiu uma tonelada de papelada e burocracia.

— Compreendo melhor do que muita gente a porcaria administrativa, pois trabalho numa universidade — disse Anna a sorrir.

— Aposto que sim. Bem, a princípio, o fator comum era o tipo físico. Eram todas jovens, morenas e bonitas. — Olhou-a com um sorriso triste. — Sim, bem sei, como a Lucy, como a Megan. Como tu — acrescentou em voz baixa.

— Deve ter sido muito difícil para ti ver tudo a acontecer mais uma vez — disse ela sentindo frio na sala aquecida.

Ele viu-a estremecer e puxou-a para si. Ficou satisfeito por ela não se afastar nem ficar tensa nos seus braços. Talvez lhe conseguisse contar o resto.

— Os corpos... — Engoliu em seco. — Nunca tinha visto aquela destruição, Anna. Nunca pensei que alguém conseguisse fazer aquilo a outro ser humano, mas estava enganado. Ele não era uma pessoa, era um animal.

Anna fechou os olhos por um instante, sentindo a dor dele.

— As famílias ficaram de rastos; a imprensa estava sequiosa de uma história. Espalharam o pânico como fogo de palha, deram cabo do departamento e de todas as horas que tínhamos trabalhado. Só te digo, vi todos os homens e mulheres do departamento criminal a trabalhar turnos duplos, consecutivamente, nesses meses, para tentar fechar o caso. Aquilo com que eu não contava era o facto de ele me perseguir. — Fez nova pausa antes de conseguir contar o resto. — Nessa ocasião, a minha irmã estava em minha casa.

Anna sentiu a respiração dele no seu peito e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, pois já sabia o que acontecera.

— Matou-a e eu não consegui impedi-lo — disse Ryan simplesmente. — A Nathalie tinha menos cinco anos do que eu. Era muito bonita.

Ficou em silêncio durante vários minutos e Anna não o interrompeu. Pensou numa jovem de cabelos negros e olhos cor de prata.

— Estava lá em casa apenas há uns dias. Pensava ficar comigo cerca de duas semanas, porque, vê lá, a minha mãe estava preocupada por eu estar a trabalhar demais e precisava de companhia. — Falava em voz entrecortada. — Se ela tivesse ficado em casa dos nossos pais, nada daquilo teria acontecido.

— Não podias saber — disse Anna em voz baixa.

— Ele escolhia as vítimas ao acaso — disse Ryan. — Não as perseguia, mas abriu uma exceção em relação à Nathalie. Eu deveria ter considerado essa possibilidade.

Anna abriu a boca para argumentar, mas Ryan continuou.

— Vim para casa depois de um dia muito longo — recordou Ryan. — Devia ser uma ou duas da manhã. Ele tinha deixado bocados dela para eu encontrar: dois dedos em cima da mesa, com instruções para o apanhar se conseguisse.

— E apanhaste.

— Cheguei tarde demais. — Toda a raiva e desgosto estavam nessas três palavras. — Deixou impressões digitais por toda a parte,

por isso queria ser descoberto. Creio que ele queria acabar com tudo; talvez esperasse que eu o matasse para acabar com a sua maldita desgraça.

— Mas não o fizeste — disse ela em voz baixa.

— Tê-lo-ia matado — corrigiu-a. — O Phillips arrastou-me, mas só depois de lhe ter partido a cara e três costelas. Tinha as mãos em volta do pescoço dele quando o Frank abriu a porta.

— Legítima defesa — disse Anna com desespero.

— Foi o que o departamento alegou — concordou ele. — Mas ele tinha pousado as armas. Matou-a na minha frente e depois disse-me que me vingasse. Vi tudo vermelho, uma névoa vermelha diante dos olhos, Anna. E tê-lo-ia matado.

— Ele assassinou a tua irmã. — Anna não fingiu compreender o que ele devia ter sentido. Perdera a sua própria irmã num assassinato brutal, mas não diante dos seus olhos. Não podia dizer o que teria feito se tivesse sido assim.

— Sim, tentei impedi-lo de usar a faca — recordou, tocando na longa cicatriz que lhe percorria a parte superior do braço. — Borrifou-me com uma espécie de produto químico, cegou-me o tempo suficiente para me bater com um martelo num joelho. Caí e não consegui levantar-me. Entretanto, ele cortou-lhe a garganta.

Recordou-se do jato quente de sangue que o atingira.

Anna esperara que Ryan lhe falasse daquilo, mas nada a preparara verdadeiramente. Agarrou-lhe a mão, entrelaçou os seus dedos nos dele.

— A culpa não foi tua — repetiu ela, com a voz cheia de emoção. O corpo dele estremeceu.

— Tanta gente que me disse isso — declarou ele já mais calmo. — Mas nunca acreditei.

— Onde estão os teus pais? — Anna perguntava a si própria por que não estariam ali para o ajudar.

— Não os quero — respondeu terminantemente, desencorajando qualquer discussão acerca do assunto.



— É Natal — disse ela.

— Julgas que a minha mãe quer visitar uma ilha onde raparigas como a minha irmã morrem como moscas? Julgas que ela quer ver o filho que não a salvou? — Levantou-se do sofá e ficou em frente da lareira, apoiando-se na prateleira.

*Um poço de dor*, pensou Anna, com o coração triste por ele. Não fazia ideia de como conseguiria ele enfrentar todos os dias a investigação. O custo emocional deveria ser enorme.

Foi ter com ele e passou-lhe os braços pela cintura para apoiar o rosto nas suas costas.

— Obrigada por me contares. — Foi tudo o que disse.

— Precisavas de saber — replicou ele, olhando para as chamas. — Precisava que tu soubesses.

Houve uma longa pausa, enquanto ambos se perdiam nos seus pensamentos.

— Creio que deverias sair da ilha, Anna — acabou ele por dizer.

— Não me vou embora.

Ele voltou-se para ela com uma expressão dura.

— Corres perigo. Vou pedir que saias da ilha amanhã, logo de manhã.

Os olhos dela faiscaram.

— Não te pertença, por isso não podes dar-me ordens. Se te digo que fico, é exatamente isso que vou fazer.

Ele voltou-a rapidamente nos seus braços e puxou-a para si.

— Pertences-me, Anna, e quero-te em segurança.

Ela compreendeu que, nessa noite, algo estalara dentro dele. Precisava do conforto que ela lhe podia dar; que podiam dar um ao outro. Olhou-o nos olhos cinzentos, levemente agrestes.

Mas Ryan não a assustava.

— Não vou deixar-te — disse em voz baixa e ergueu os braços para que ele lhe despisse a camisola fina.

Muito mais tarde, quando Anna dormia profundamente na curva do seu braço, Ryan continuava acordado a olhar para o teto. Os seus

demónios tinham-lhe mais uma vez afastado o sono, mas, em vez de ficar sozinho, sentia o corpo dela a descansar encostado a ele, ouvia-lhe a respiração regular e viu que a mão dela estava sobre o seu coração.

*Espantoso*, pensou. Não imaginara que tivesse dentro de si algo para partilhar ou oferecer, mas ela provara-lhe que estava enganado. A sua mente queria pensar em homicídios, ou em se alguém perderia a vida nessa noite, mas o destino foi bondoso para com ele.

Voltou-se para Anna e, pela primeira vez em meses, dormiu em paz até de manhã.

Noutra parte da ilha, o círculo reuniu-se de novo. Os seus membros estavam trémulos e nervosos sem o benefício das drogas que esperavam conseguir. Em surdina murmuravam acerca do risco que corriam e tentavam evitar pensar no medo de que um dos seus tivesse cometido os homicídios da ilha. O líder tentava não se mostrar sarcástico. *Como eram fracos*, pensava com desagrado. *Que patéticos!*

Acenou com a cabeça a um deles, que pegou numa pequena bolsa de veludo cheia de sementes de que pareciam necessitar. Viu outro retirar uma mão-cheia e engoli-las avidamente.

Ergueu a espada e desenhou um círculo, desfrutando da encenação que tudo aquilo era. A um sinal seu, começara a pronunciar as palavras habituais, cada um deles desejando a sua parte de boa sorte.

*Chamamos-te Cernunnos.*

*Senhor dos Chifres, Senhor da Escuridão, Recebedor dos Mortos, Garante do Descanso, chamamos-te.*

*Caçador e Presa, chamamos-te.*

Ergueu uma mão de modo que o círculo se foi calando aos poucos, até ficar em silêncio. Por baixo das máscaras de animais, cada um deles lançava aos outros olhares confusos. Tentou não rir. Em breve entenderiam.

Nessa noite, o cântico seria diferente. A voz dele soou clara e verdadeira na noite escura com palavras que nenhum deles ainda ouvira.

*Imperador Lucifer, mestre de todos os espíritos rebeldes  
Imploramos-te que nos garantas o pedido que te fazemos.*

*O conde Astarot!*

*Sê-nos favorável e faz com que esta noite nos apareças em forma humana.*

*Concede-nos, pelo pacto que fizemos contigo, todas as riquezas de que necessitamos.*

*Ave Satani!*

Os olhos dele cintilaram através dos orifícios da máscara, como se a estrutura de um bode com chifres tivesse tomado vida. Os que o rodeavam balançavam, já sem estarem assustados e agora mais brandos. Apercebeu-se de que já não era um homem. Era aquele que trazia a vida e a morte, mais do que o fraco Deus dos Chifres que o círculo pagão tinha adorado.

Canalizava o poder, fizera os sacrifícios e transformara-se num Deus.

Um a um entoavam o cântico, mas um deles espalhou as suas sementes no chão e viu o sumo-sacerdote com a mente clara.

# CAPÍTULO 23

24 DE DEZEMBRO

A véspera de Natal amanheceu húmida e cinzenta. O nevoeiro rolou espesso e lento sobre o mar até pairar, pesado, sobre a ilha. Ocupou os muros do mosteiro e deslizou sobre as ruas da aldeia, até que a visibilidade se tornou tão escassa que era impossível ver para além de alguns metros.

Logo ao amanhecer, Ryan deixou Anna a dormir profundamente na sua cama. Sentiu a dor incómoda de um homem que começava a habituar-se a ter uma mulher afetuosa e disposta junto a si.

*Era mais do que isso, pensou. Aquela mulher já lhe era essencial. De que outra maneira poderia justificar a razão de se encontrar no duche a cantar Bonnie Taylor? Era bizarro. Abanou a cabeça e desceu a escada para acabar de ler o diário de Megan e engolir o habitual litro de café. A explosão catártica da noite anterior parecia tê-lo animado e aclarado a mente. Mais uma coisa que tinha de agradecer a Anna.*

Apercebeu-se de que afastar todo aquele lixo emocional fora um momento de inspiração. Embora fizesse parte da investigação entender as motivações por trás de três homicídios rituais, as coisas estavam de tal forma que não conseguia entender claramente a situação. No centro de tudo aquilo, o assassino usava o ritual e a cerimónia para oferecer a si próprio uma razão para matar, quando afinal não era melhor do que um vulgar criminoso. Ryan já antes vira homens e mulheres assim e metera-os na prisão, o que tornava a vida muito mais simples.

Sentou-se com o caderno verde e dourado, cheio de renovadas intenções.

A leitura do diário era comovente, pensou Ryan com alguma tristeza. Sabia que Megan fora infeliz, mas nada havia de mais intrusivo do que ler os pensamentos íntimos de uma mulher amargurada e desiludida. Era um caderno grosso, preenchido com uma caligrafia pequena e regular. As primeiras páginas já estavam amareladas com o tempo, mas Ryan preferiu ler as entradas mais recentes e, a seguir, recuar.

#### 21 de dezembro

A Anna voltou hoje. Parecia tão capaz e intocável nas suas roupas caras. Fiquei muito zangada; senti a raiva a subir dentro de mim. Queria perturbá-la, obrigá-la a gritar e a berrar para podermos fazer as pazes como era nosso costume. Queria dizer-lhe que lamentava a história do Ken, mas, em vez disso, só disse asneiras como é meu costume. Nem sei porque o fiz.

Ryan deteve-se um momento, mas percebeu que «Ken» era a alcunha que Megan atribuía a Alex Walker. Acabou por soltar uma gargalhada. Afinal o boneco Ken era a imagem perfeita do elemento da guarda costeira daquela ilha. Leu mais uns parágrafos em que ela descrevia com um detalhe atroz a relação de amor-ódio que mantinha com a irmã. Pensou que já se apercebera desse facto, de modo que saltou para as linhas onde encontrou o nome de Lucy.

A pequena Lucy apareceu morta esta manhã. A Lucy era inofensiva, mas andava a envolver-se demais. Não devia ter metido o nariz nem vasculhado coisas que não percebia.

Ryan olhou para aquelas palavras e desejou fervorosamente entender aquilo em que Lucy se metera e por que razão Megan não revelara o que sabia a esse respeito. Prosseguiu frustrado. No dia anterior Megan escrevera acerca da sua vida banal, de um casaco de que gostava e também do seu senhorio:

#### 20 de dezembro

Hoje, o Bill disse-me mais uma vez que me amava e, nem sei porquê, mas tive vontade de chorar. É bom homem, mas nunca poderei amar alguém que fique no mesmo local em que o meu pai ficava dia após dia.

Ryan gostaria de saber se seria significativo que, embora ela tivesse troçado de todos os que a rodeavam substituindo-lhes os nomes verdadeiros por alcunhas que ele teria ainda de descodificar, sempre se referira a Bill Tilson pelo nome próprio. Talvez gostasse mais dele do que pensava.

#### 9 de dezembro

O Dedoverde assediou-me hoje mais uma vez. Disse-lhe que não estava interessada em fazer nenhum outro trabalho e que se pusesse a andar, caso contrário o D saberia o que aconteceria.

Então, pensou Ryan, o alcunhado *Dedoverde* de maneira tão infeliz, trabalhava com ela. Em que seria? E que diabo significava aquele «D»?

Continuou a ler.

#### 15 de outubro

P-Magrizela convidou-me para sair esta noite. Disse-lhe que procurasse alguém da idade dele, embora tivesse sido divertido discutir com ele e ensinar-lhe uns truques. A sua próxima namorada haveria de me agradecer.

Ryan estava disposto a pensar que o infeliz apaixonado era Pete Rigby, o *barman* e elemento da guarda costeira, com ar inocente.

#### 2 de setembro

O Esquadrão de Deus tentou mais uma vez converter-me. Um grupo encostou-me à parede e começou a falar da eternidade passada no Inferno. Disse-lhes que fossem ao cabeleireiro para se sentirem melhor. Mas fiquei a pensar que tinha dormido com os maridos delas. Com todos aqueles cabrões. Vira-os ofegantes, com as calças nos tornozelos. Tive vontade de rir quando pensei que as mulheres deles talvez não se tivessem podido dar ao luxo de pintar decentemente o cabelo, porque os maridos já tinham gasto dinheiro a mais.

Aquele era o lado oculto de Megan, pensou Ryan. A mulher que afirmava ter dormido com um grupo de homens casados e recebido dinheiro por isso mesmo. Devia ter sabido aquilo em que isso a transformava. E qual seria o «trabalho» a que se referia?

No fim do diário, Megan inserira uma tabela solta de números mensais, acrescentados à mão juntamente com várias alcunhas. Ryan apostava que essas personagens pagavam a Megan vários favores e que os montantes seriam adequadamente depositados na sua conta. Não fora encontrado dinheiro no apartamento dela, o que significava ou que o assassino decidira levá-lo, ou que ela era uma mulher cuidadosa que não deixava dinheiro pela casa. Teria de o descobrir.

Se estivessem em qualquer outra região de Inglaterra, Ryan ter-se-ia sentido intrigado pela menção de um «Esquadrão de Deus». Infelizmente, numa ilha que tinha o nome mais do que adequado de «Sagrada» e em que noventa por cento da população era cristã, aquilo podia ser uma referência a quase qualquer pessoa.

Ryan deu por si embaraçado acerca de uma das entradas que ela escrevera acerca da sua pessoa:

31 de agosto

AMG chegou hoje à ilha num Mercedes cinzento. Não sei se chegou ou se se vai embora, mas gostaria de o provar. Nunca apareceu um polícia na ilha e creio que é uma pena que não use uniforme, mas talvez o vista só para mim quando nos conhecermos um pouco melhor. Ora aí está um a quem não me importaria de fazer à borla.

Depois de se sentir confuso por um momento, Ryan descobriu que «AMG» significava «alto, moreno e giro». Bebeu apressadamente mais um gole de café e tentou não pensar que a irmã dela estava a dormir lá em cima. Ergueu as sobrancelhas ao aperceber-se de que Megan passava regularmente pela sua casa, para ver se o apanhava. Apercebeu-se com algum receio de que nunca sentira aquela perseguição. Se tal tivesse acontecido, não sabia com que disposição

ela o teria encontrado. Talvez tivesse sucumbido aos encantos dela, como todos os outros homens. Como teriam então ficado as coisas com Anna?

Fez uma cópia das passagens que lhe interessavam mais, todas elas descrevendo o enigmático «D».

### 21 de junho

D convidou-me hoje para o Círculo. Nunca me senti tão poderosa, tão incluída. Éramos um e senti-me completa. Foi incrível. Ele foi incrível.

### 1 de julho

Encontrei-me com D no local habitual. Hoje estava desesperado. Foi realmente estranho vê-lo reduzido a isso. Já não parecia tão poderoso nem a controlar tudo, quando me pedia que o tratasse com mais violência. Que engraçado.

### 8 de julho

D chegou inesperadamente a meio da tarde. Disse-lhe que tinha de marcar. Não lhe agradou e disse que eu lhe pertencia e não podia ser partilhada. Respon-di-lhe que precisava de um incentivo. Ele tirou o relógio do pulso e ofereceu-mo. Deve fazer um bom abatimento na conta do meu cartão de crédito este mês, e bastará por enquanto.

### 21 de julho

O Círculo reuniu-se hoje mais uma vez. Foi um pouco incómodo ver tantos deles nus e reconhecê-los, apesar de terem as caras tapadas. Gostaria de saber se D sabe. Ontem à noite disse que me amava e creio que está prestes a assumir um compromisso. Não será um choque para a elite da ilha?

Ryan recostou-se e voltou a ler as notas que tirara. Então «D» era um membro da elite da comunidade da ilha e houvera reuniões num ou com um Círculo, que consistia em alguns, ou todos, os homens que ela já conhecia. Aquilo confirmava a existência de um elemento ritual que não estava confinado à ação de uma única pessoa.



Reparou também que a admiração de Megan por «D» se transformara em desprezo entre os meados do verão e os do inverno. Tinha-o descrito como «incrível» e em breve se referia a ele como um «velho ridículo», queixando-se da permanência dele na sua vida. Ainda mais pertinente era o facto de Megan tencionar entregar um ultimato ao homem. Seria casado, interrogou-se Ryan. Era uma possibilidade a considerar.

Pensou mais uma vez em Lucy Mathieson e começou a planear o resto da manhã.

Ryan estava pronto quando os primeiros membros da sua equipa começaram a entrar atordoados e de olhos congestionados depois do curto sono dessa noite. Mackenzie e Phillips pernoitavam ambos na estalagem de Lindisfarne e por isso entraram juntos, já a discutir apesar de serem apenas sete e meia da manhã.

— Devia ser óbvio, até para ti, que a casa de banho é partilhada — dizia Denise, enquanto desenrolava o seu cachecol de lã vermelho-papoila.

— Mas que diabo, mulher, como podia eu saber que havia uma porta do outro lado? — O rosto de Frank tinha uma expressão dura, que Ryan reconheceu ser de embaraço. Não era preciso ser-se um génio para entender o que se passara.

— Então, meninos — disse ele com um brilho nos olhos.

— Diz-lhe. — Mackenzie espetou o polegar para trás de si. — Foi ele que se regalou com uma vista esta manhã e depois... depois ficou *ali a olhar!*

O rubor de Phillips tornou-se ainda mais profundo.

— Eu estava *na minha* e ia tomar duche. Mais nada. Não tive culpa que não fechasses a porta — resmungou.

— Podias ter-te voltado de costas — disse ela com a mão na anca.

Frank teria suportado todas as torturas, mas nunca admitiria que não conseguira mover um músculo nessa manhã. Nem pensar, depois de ter visto Denise MacKenzie em glorioso tecnicolor.

— Podia acontecer a qualquer um. — Foi tudo o que disse, desviando o olhar.

— Parece que te acontece sempre a ti, não é verdade? — Passou por ele, altiva e serviu-se de café.

Ryan avançou para junto do amigo e fez estalar a língua para o apoiar.

— Tem mau génio, ela — disse em surdina.

— Pode dizê-lo — disse Phillips, acalorado.

— Mau génio, mas, se me permite dizer, um excelente traseiro.

— Permito pois... — Phillips pigarreou e sacudiu um pouco de algodão do casaco. — Não posso de facto comentar. Como perfeito cavalheiro, desviei os olhos.

— Um raio é que desviou — comentou Ryan.

Phillips lutou contra si próprio por um nanossegundo.

— Um traseiro sensacional — disse bruscamente. — É uma pena que tenha uma língua mais afiada que um punhal envenenado.

— Ora, não acredito que esteja a pensar uma coisa dessas. — Ryan deu uma palmada nas costas largas de Phillips.

— Não importa o que eu sinto, ela não se interessa — resmungou Phillips.

— Hum... — Ryan, pensativo, passou a mão pelo queixo e apercebeu-se de que, mais uma vez se esquecerá de fazer a barba.

— Não me lembro de ela se mostrar tão irritada antes, pois não? Começo a pensar que talvez esteja a ficar obcecada por si.

Phillips olhou-o de soslaio.

— Lá porque esta manhã se sente fresco como uma alface... e talvez adivinhe porque se sente assim... não quer dizer que as outras pessoas tenham tanta sorte.

— Sou um romântico secreto — confessou Ryan a sorrir.

— Hum... — Foi tudo o que Frank disse.

— A propósito — disse Ryan aproximando-se da mesa. — Bela gravata.

Phillips olhou para baixo e sentiu-se arrasado ao descobrir que, devido ao drama dessa manhã se esquecera de a pôr. Concluiu que fora sem dúvida por culpa da MacKenzie.

Seguiu atrás do inspetor, sentindo-se quase despido.

Ryan admirou-se do que se podia fazer após uma boa noite de sono. Por um lado, tinha a lista dos nomes das pessoas que haviam comprado sabonetes de sândalo na loja de recordações do museu no mês anterior. Por outro, conseguira as imagens das câmaras de vigilância de um determinado comerciante de materiais de construção em Beal, uma cidade na costa, um pouco mais a sul. MacKenzie não só tinha um excelente traseiro, como uma excelente perceção dos pormenores. Passara as primeiras horas da manhã a observar as gravações em busca de uma cara que pudessem reconhecer.

E encontrara-a.

Interessante, pois o nome dessa pessoa constava também da lista como tendo comprado uma enorme quantidade de sabonetes de sândalo para cavalheiro, havia apenas duas semanas. Podia ser apenas coincidência, mas Ryan não acreditava nelas.

Fora por isso que ordenara a Phillips que requisitasse as imagens das câmaras do museu da data em que os sabonetes haviam sido comprados.

Enquanto trabalhava nisso, Lowerson procuraria numa lista de especialistas em cutelaria a descrição do tipo de punhal atame que procuravam. Podia ser apenas um palpite, mas, por outro lado, talvez acertassem em cheio. O médico-legista e o segundo patologista que Ryan pedira confirmaram as conclusões independentes um do outro. Fora uma desilusão não terem encontrado o elemento vital do ADN que faltava, mas afinal esperava exatamente isso.

Os dados bancários tinham-lhe também sido entregues completos, com as datas e os nomes de quem fizera as transações.

— Parece que um belo número de cavalheiros desta ilha fazia doações para o Fundo de Caridade de Megan Taylor — comentou, examinando a lista dos nomes. — Ora, olhe para aqui, Frank.

Phillips assim fez, resmungou e depois o seu rosto de pugilista iluminou-se com um enorme sorriso.

— A nossa pessoa preferida — declarou.

— Então, Phillips, o reverendo é um homem do povo. Um pastor, se bem se lembra. Talvez estivesse preocupado com o bem-estar dela.

— Uma gaita!

Ryan riu.

— Vá já falar com o Ingles. Quero-o interrogado oficialmente, para saber por que razão fazia depósitos regulares na conta da Megan. Leve a MacKenzie consigo.

O sorriso de Phillips transformou-se numa careta.

— Porque será que quer estragar o meu bom humor?

— Nada pode estragar o seu bom humor esta manhã.

Phillips disfarçou o sorriso com um pouco de tosse.

— É melhor ir já tratar do assunto — disse ele, carrancudo, olhando para a chuva e para o vento através das janelas.

— Leve um casaco, por favor — ordenou Ryan satisfeito, olhando para o relógio. — Vamos encontra-nos com os Mathieson às onze em ponto. Quero que venha comigo.

— Certo — Phillips assentiu e partiu para dar a boa nova a MacKenzie.

Ryan voltou ao extrato das contas que tinha na mão e sorriu ao ver o outro nome que procurava.

Concluiu que, definitivamente, não acreditava em coincidências e chamou Phillips que já seguia atrás de MacKenzie.

— Frank, deixe o Ingles por enquanto. Mande lá o Lowerson e diga-lhe que traga o reverendo. Trataremos de o interrogar mais tarde. Agora venha comigo.

## CAPÍTULO 24

O vicariato estava ainda às escuras quando Jack Lowerson subiu o bonito caminho de acesso até à larga porta da frente. Os sapatos pretos estavam ainda brilhantes pois tinha-os engraxado antes de ir trabalhar. Vestia uma camisa branca impecável, e o fato cinzento estava imaculado, embora um pouco largo nos ombros.

Levara uma discreta gravata azul-escura, mas Phillips exigira-a para si, sob pena de o obrigar a voltar para o lugar de analista. Lowerson tivera pena do sargento que tinha o aspeto de um homem que se considerava protagonista de *O Fato Novo do Imperador*.

Rindo para consigo, deteve-se no caminho de gravilha que levava à porta do vicariato.

— Que estranho! — murmurou quando o seu olhar caiu sobre as janelas escurecidas. Viu as horas. Oito e meia.

O reverendo Ingles deveria estar a pé havia horas, pois a igreja da ilha abria religiosamente — Ha! Ha! — às cinco e meia, todas as manhãs. Estremecendo ao de leve, Jack esperou não ter de encontrar outro cadáver mutilado algures nos arbustos. A ilha estava a ficar de tal maneira que uma pessoa não podia dobrar uma esquina sem tropeçar num par de olhos sem vida a olhar para eles.

Mesmo assim, levou a missão a sério. Se havia algo para encontrar, não se afastaria. Aproximou-se da grande porta de carvalho com a sua aldraba ornamentada em forma de chave celta.

Bateu várias vezes, com pancadas rápidas.

Não houve resposta.

Inclinou-se mais à escuta, tentando ouvir sons ou aperceber-se de movimento dentro de casa, mas em vão.

Bateu de novo, dessa vez com mais força.

Não houve resposta.

Lowerson espreitou sub-repticiamente por entre as fendas das cortinas do rés-do-chão, mas apenas se apercebeu de uma casa na penumbra, cheia de mobília. Não havia gente, nem sinais de problemas ou perturbação.

Encolheu ligeiramente os ombros e deu meia-volta, mas depois parou, mordendo o lábio inferior.

Ryan não lhe dissera para procurar vestígios da glória-da-manhã no vicariato? Teria falado nisso, se não suspeitasse que o vigário ou a mulher eram responsáveis pelo seu cultivo?

Se fosse esse o caso, um ou ambos podiam ser responsáveis pela morte daquelas pessoas. Podiam andar por ali agora, a matar, pensou Lowerson com justificada ofensa.

— Que se lixe — resmungou, dirigindo-se às traseiras do vicariato, contornando o caminho de gravilha junto à casa.

As traseiras da casa eram semelhantes à parte da frente. As janelas estavam fechadas e tinham as cortinas corridas. Encontrou as portas do pátio trancadas quando as tentou abrir. Bateu mais uma vez, pelo sim, pelo não, mas não recebeu qualquer resposta.

Sentia-se extraordinariamente tentado a arrombar a porta, para dar uma olhadela à casa e ver o que encontrava, mas sabia que Ryan o repreenderia por entrar na propriedade de um suspeito sem o respetivo mandado.

Assoprou desapontado e olhou para o outro extremo do relvado na parte de trás da casa. *Muito bonito*, pensou olhando para os canteiros redondos com os seus arranjos de arbustos e ervas perfumadas. Não havia flores, dada a época do ano, mas imaginou que florescessem no verão, criando uma colorida manta de retalhos. A relva estava cuidada e tocada pela geada, e ia da casa até à beira do penhasco que dava para o mar. Parcialmente escondida atrás de

coníferas recém-plantadas havia uma enorme estufa e um barracão pintado de verde-escuro. Aproximando-se, viu um fio escuro esverdeado que vinha da estufa pela borda de um canteiro em direção à casa.

— Gostava de saber para que raio é aquilo — disse para consigo, e depois, como uma borboleta de traça, sentiu-se atraído para a chama. Os seus sapatos rangeram na erva gelada quando a atravessou, seguindo o fio em direção à estufa.

De vez em quando olhava para trás, mas não via nada, e apenas ouvia o som dos seus passos e o ruído do mar a bater nos rochedos.

Dando a volta às jovens coníferas, ficou de frente para a estufa com o seu impressionante conjunto de tomateiros a emoldurarem as janelas que davam para a frente. Por cima da longa estrutura de aço, erguia-se o mosteiro, agora visível através da sebe. Havia um portão que a atravessava para aceder ao cemitério.

*Interessante*, pensou Lowerson.

Rodeou o perímetro da estufa, em busca de um espaço onde pudesse ver bem, pois a pequena porta estava firmemente fechada com dois cadeados. Só aquilo era muito suspeito. Por fim, encontrou uma fenda e acocorou-se para espreitar através do vidro. Cada centímetro do espaço estava cheio de vasos e plantas, com trepadeiras entrelaçadas sobre as superfícies e a subirem pelas paredes de vidro.

*Havia alguém naquela casa que tinha certamente dedos verdes*, pensou Jack.

O vidro estava embaciado da condensação, o que tornava difícil ver lá para dentro. Lowerson semicerrou os olhos e encostou mais o nariz, concentrando-se inteiramente no que via lá dentro. O seu olhar caiu sobre os bancos de madeira baixos com longas tinas de flores de um azul brilhante.

Invadiu-o uma potente sensação de sucesso e quase caiu para trás.

*Glória-da-manhã*, pensou feliz. Tabuleiros e tabuleiros cheios.

Levantou-se, sacudiu o pó e voltou-se para procurar o telemóvel e ligar a Ryan para lhe contar as novidades. Estava preocupado, tecnicamente tinha invadido terreno alheio, e não sabia se teria justificação para o fazer.

Apercebeu-se de um movimento na sua visão periférica, mas foi tarde demais para evitar o balanço da pá de metal que lhe bateu de encontro ao lado do crânio, fraturando-lhe vários ossos da face.

Mergulhou na escuridão e o telefone caiu-lhe da mão flácida para a relva.

— Já há notícias do Lowerson? — perguntou Ryan a Phillips enquanto vestiam os casacos e se preparavam para sair para um clima que poderia, na melhor das hipóteses, ser considerado inclemente.

— Não, ainda nada. Provavelmente ficou retido. Aquelas velhas adoram-no.

— Deve ser por causa do seu ar pueril.

— Tive o mesmo problema — declarou Phillips, impassível.

Ryan olhou-o e disfarçou uma gargalhada enquanto Frank olhava para o seu distintivo de sargento.

— Encontramo-lo no caminho. Embora! — Ryan abriu a porta da rua.

Phillips resmungou para consigo quando deixaram o calor da casa para enfrentar o vento agreste na rua.

— Espere aí. — Ryan deteve-se abruptamente e voltou de seguida para casa para chamar uma das agentes de serviço que veio ter com ele à porta.

— Inspetor?

— Quero a doutora Taylor sempre em segurança, entendido?

— Ela está sob prisão, inspetor?

*Maldita mulher que estava a obrigá-lo a parecer ridículo*, pensou Ryan. Talvez tivesse a ver com a solidariedade feminina.



— Não — exclamou irritado. — Considere prisão domiciliária, agente.

Se Anna quisesse teimar e permanecer na ilha, Ryan sentir-se-ia melhor sabendo que ela estava ali em casa, em segurança, vigiada pela polícia. Pelo menos até conseguir deter o homem, o que aconteceria antes do esperado, se tudo corresse de acordo com o plano.

Ele e Phillips voltaram a sair, mas Ryan parou de novo no chão molhado e praguejou.

— Dê-me um segundo.

Voltou atrás e dirigiu-se a casa, subiu a escada dois degraus de cada vez. Não soube dizer qual dos dois ficou mais surpreendido, quando arrancou Anna da cadeira em que estava sentada, a pensar num ritual druida, para os seus braços e para a beijar longamente.

— Para que foi isso? — perguntou ela, engolindo em seco quando ele por fim a largou. *Seria difícil vê-lo como um cavaleiro envergando uma armadura brilhante*, pensou a sorrir e a julgar pelo rosto irritado de Ryan.

— Não precisas de te despedir de mim com um beijo — disse ela, irónica. — Não vais conseguir mais nada da minha parte.

Os ombros dele descontraíram-se.

— Talvez não, mas agora ficas a pensar nisso. — Sorriu com os olhos brilhantes antes de se voltar.

— Ryan — disse ela, antes que saísse. — Tem cuidado.

Ryan assentiu.

— Tu também, Anna. Já me habituei a que fosses tu a mandar vir a piza.

Desceu a escada a correr e deixou-a de mãos nas ancas pronta para responder energicamente acerca de também estar habituada a usar um par de botas velhas. Ryan gostaria de saber se alguma vez se cansaria de a irritar.

Era uma beldade quando se enfurecia.

Lá fora, o sargento balançava-se nos calcanhares e tentava parecer despreocupado.

— Esqueceu-se das luvas, inspetor?

— Cale a boca, Phillips.

O outro riu à socapa e ficou interiormente aliviado por ver Ryan com melhor aspeto do que em muitos meses, apesar das circunstâncias.

— Vamos onde? — perguntou.

— À estalagem de Lindisfarne — replicou Ryan, lacónico.

Alison Rigby era uma mulher meticulosa. Tinha o cabelo impecavelmente penteado num apanhado complicado. Com a ajuda do cabeleireiro pintava-o todas as semanas para que ninguém na ilha visse o grisalho por entre o seu ninho de belos cabelos louros. Podia ter uns quilos a mais, visíveis nas ancas, mas, de um modo geral, era uma mulher de formas generosas que fazia regularmente sessões de ioga com Liz Morgan e Helen Mathieson — pobre mulher — na sala de Yvonne Walker. Depois disso, instalavam-se para uma ou duas horas de conversa nas manhãs de sábado.

Tinha dois bebés para lhe darem trabalho: Peter e a estalagem de Lindisfarne.

Não havia nada que o primeiro não fizesse por ela e não havia nada que ela não fizesse pelo segundo. Eram ambos uma fonte de orgulho constante.

Alison cantarolava, satisfeita, enquanto se afadigava na sala grande da casa antiga. Durante todos aqueles anos, fora restaurada com carinho e deixara de ser uma pensão velha e gasta para se transformar naquela estalagem cintilante e limpa. Parou para conversar com alguns hóspedes reunidos no banco por baixo da janela. Os seus vizinhos não tinham tempo para a imprensa, mas ela era de uma opinião diferente. As pessoas tinham o direito de saber o que se passava à sua porta e era por isso que chefiava o grupo Vigilância da Vizinhança, que tinha a sede na Junta de Freguesia.

Pensava que era importante assegurar-se de que as coisas nunca se alteravam muito.

De facto, tudo o que a imprensa conseguia descobrir era fascinante. Não que soubesse grande coisa a esse respeito, corrigiu. Mas também, se por acaso encontrava papéis enquanto limpava os quartos, a culpa seria sua? Ninguém poderia esperar que ignorasse informações importantes acerca de pessoas que habitavam a ilha.

A ilha *deles*, queria ela dizer.

Ergueu a cabeça da mesa de mogno que estava a encerar quando ouviu tocar à porta.

— Podemos entrar, senhora Rigby? Gostaríamos de fazer umas perguntas ao Pete, se ele estiver disponível.

Alison olhou Ryan de alto a baixa. *Homem bonito*, pensou e torceu os lábios. O seu Andrew fora também um homem bonito e via-se onde aquilo a levara. Não passara de um vadio inútil e mulherengo, encantado por a deixar sozinha a tratar da estalagem e dos filhos.

Depois morrerá. Não se podia dizer que ficara muito desgostosa com aquela perda, pois a vida seguira igual a quando ele estava vivo, só que agora vivia melhor. Ainda a olhar para a beleza morena do inspetor, recordava-se de como fora idiota.

— O Peter está muito ocupado, inspetor — disse com ar importante.

Phillips pôs a mão no braço de Ryan numa súplica muda e avançou.

— Senhora Rigby... Alison... ficaríamos muito agradecidos se pudesse pedir ao Peter para nos dispensar uns minutos. Afinal, tem que ver com a amiga dele, a Lucy.

Ryan ficou admirado de ver o rosto de Alison Rigby suavizar-se miraculosamente. Se não soubesse que não podia ser, diria que a mulher fitava os brilhantes olhos castanhos do sargento.

— Claro, Frank, entrem, saiam da chuva. — Andou em redor de Phillips, segurando-lhe no casaco e queixando-se de que ele não se

preocupava com a saúde como devia ser. Levou-os então para a sala, onde os repórteres esperavam como marabuntas.

— Então, Alison, não quero que as nossas roupas molhadas estraguem os sofás da sua bela sala — disse Phillips de modo encantador, pegando-lhe no cotovelo para a fazer mudar de direção. — Ficamos bem na cozinha, isto é, se não se importar.

— Ora, Frank, é muita amabilidade sua preocupar-se com isso — declarou Alison. — Claro que podem ficar na cozinha. — Lançou um ar desdenhoso a Ryan e reparou nas suas botas sujas.

— Pode deixar as botas à porta, inspetor — disse bruscamente antes de conduzir Frank à cozinha para uma chávena de chá.

Ryan não se incomodou em alertar que as botas de Phillips também estavam cobertas de lama, mas inclinou-se para desatar os cordões.

A cozinha era gigantesca, equipada com bancadas novas de aço inoxidável, preparando-se para o extraordinário sucesso do seu novo restaurante. Quanto a ela, ou seria um sucesso ou não seria nada.

— Isto é muito... ah... profissional — disse Ryan, pouco convincente.

— Obrigada. — Alison voltou ao tom cortante. — Vou chamar o Peter.

Ryan viu-a sair intempestivamente da cozinha e olhou para Phillips.

— Quem diria que tinha tanto jeito.

Phillips fez uma careta.

— Não é para rir — disse num murmúrio. — Ela é implacável.

— Sempre me pareceu que você era um malandroco.

Recuperaram a seriedade quando Alison voltou com o filho atrás. Mais uma vez, parecia ter apenas quinze anos com o seu uniforme de empregado de mesa, calças pretas e camisa branca, engomada. A estranha barbinha parecia deslocada no seu rosto infantil.

— Peter — disse a Sra. Rigby num tom de dolorosa condescendência —, a polícia gostaria de te fazer umas perguntas.

— Sim, mãe, bem sei. Já me interrogaram antes.

Ao olhá-los, Ryan e Phillips lembraram-se mais uma vez do antigo filme de Hitchcock.

Alison lançou um olhar de pura repreensão ao filho e depois deu-lhe uma palmadinha no braço.

— Estás apenas a ser rabugento. Olha, tenho a certeza de que não tens nada com que te preocupar. — Acalmou-o antes de lançar um olhar gélido a Ryan. — Não é verdade?

— Preciso de um advogado?

Ryan ergueu uma sobrancelha ao ouvir a pergunta de Pete e ficou a pensar com quem teria ele falado.

— Isso é inteiramente consigo. Não o estamos a interrogar oficialmente, desta vez. Queremos apenas ligar umas pontas soltas e talvez nos possa ajudar.

Pete descontraíu-se tanto quanto possível naquele compartimento construído em grande parte de metal.

— Então, Pete? — Alison sorriu.

Ryan olhou para a mulher com uma centelha de desagrado.

— Pete, preferia que lhe fizéssemos as perguntas sem que a sua mãe estivesse presente?

Pete corou e pareceu pouco à vontade, enquanto Alison parecia indignada na sua cadeira, e pronta a morder.

— O que o inspetor quer dizer é — Phillips apressou-se a pôr água na fervura — que o Pete pode não a querer pôr numa posição desagradável, repetindo coisas acerca da Lucy, quando a senhora conhece muito bem a mãe dela.

Phillips observou o rosto largo da mulher, reparou na sombra de olhos azul vivo, mas tentou não se distrair por causa disso.

— Bom — disse ela indignada. — Não creio que repita o que quer que o Pete diga e muito menos à Helen.

Ryan estava a perder rapidamente a paciência.

— Então, deixem-me ser eu o fator decisivo — disse implacável. — Ou interrogamos o Pete informalmente aqui, sozinho, no conforto da

sua própria casa, ou obrigo-o a atravessar o centro da aldeia, algemado, para um interrogatório oficial. O que prefere?

Viu o rosto da mulher contorcer-se antes de empalidecer, quando entendeu as conotações da ameaça. Levar Pete pelas ruas significaria que as pessoas veriam a sua humilhação.

Podia coscuvilhar acerca dos outros, mas não suportaria que os outros o fizessem a seu respeito.

— Muito bem. — Levantou-se e olhou para Ryan com desagrado, antes de se voltar para Pete. — Não deixes que te tratem mal, Peter. Sabes como ficas ansioso.

E, dizendo isto, voltou as costas e saiu da cozinha.

Já sozinho, Pete pareceu descontrair-se, tal como Ryan sabia que aconteceria.

— Como tem passado, Pete? — Ryan esboçou um sorriso simpático e bebeu o seu chá de ervas, desejando que fosse mais forte.

— Bastante bem, tendo em conta estas coisas todas. Tenho estado ocupado aqui na estalagem e no *pub*, como de costume.

— A vida continua, não é verdade?

Pete encolheu os ombros num gesto eloquente.

— E no posto da guarda costeira?

— Tudo calmo, o que é provavelmente bom, já que o Alex não tem... sabem, desde que o prenderam...

— Não tem o quê? — Ryan parecia imperturbável.

— Bem, não tem estado como era costume — disse Pete, sentindo-se um delator. — Sou o delegado, como tal fico encarregado do posto quando o Alex não está. Para falar verdade, nunca pensei que teria de o fazer.

— Não gosta?

— É só que não me sinto muito à vontade — comentou Pete.

Ryan pensou que provavelmente seria verdade.

— Tem havido novidades no mar?

— Uns carros de turistas encaharam no passadiço, mas chegámos a eles antes que a maré subisse completamente, o que foi uma sorte. — Pete pensou no que acontecera nos últimos dias. — Um grupo de repórteres alugou um barco no porto e ontem quase que o viraram.

— Onde?

— Sobre o Caminho dos Peregrinos — confirmou Pete, a pensar na faixa de água que cobria o antigo caminho diante do local na praia em que Rob Fowler fora encontrado.

— Imagino — resmungou Ryan e ergueu a chávena, cheirou-a e pousou-a de novo. Bastava de conversa fiada. — Há algumas coisas em que nos pode ajudar, Pete — disse Ryan no mesmo tom amigável, pegando no seu bloco. Não se importa?

Ryan viu uma leve perturbação surgir no rosto do rapaz, mas passou rapidamente.

— Claro, não há problema. — Pete adotou uma postura descontraída, e passou o braço por cima das costas da cadeira.

— Diga-nos mais uma vez há quanto tempo conhecia a Lucy Mathieson — começou Ryan.

— Desde pequenos — disse Pete. A minha mãe e mãe dela são amigas há anos. Andámos juntos no infantário e no liceu.

— Quando ela foi para a universidade, ficou triste por a ver sair da ilha?

— Claro. Era uma pena que se fosse embora, mas ela sempre quis outra vida, com mais oportunidades. Nada muda em Lindisfarne — acrescentou em voz baixa, desviando brevemente o olhar.

— Nunca pensou em ir também para a universidade no continente? Sair daqui?

Pete fez uma pausa e os seus olhos voltaram-se para a porta. Baixou a voz.

— Tive uma vaga em Medicina na Universidade de Edimburgo — disse com algum orgulho. — Mas fazia falta aqui.

— Para ajudar a sua mãe?

Pete não respondeu, mas os seus olhos tinham uma expressão zangada.

— Arrepende-se de ter ficado?

— Não — negou com veemência. — Como disse, faço falta aqui.

Ryan olhou para Phillips que percebeu o sinal.

— A Lucy era uma rapariga bem bonita — comentou o sargento, de homem para homem. — Admira-me que nunca a tenha convidado para sair.

Pete corou um pouco.

— Ela era mais como uma irmã — respondeu na defensiva.

— Sim, mas você não era irmão dela, pois não? — Phillips piscou o olho.

— O pai dela não teria gostado — disse Pete, corando de novo.

— Era um pouco protetor, não é verdade?

Pete soltou uma exclamação de desprezo.

— Isso é dizer pouco. Se alguma vez me visse a olhar duas vezes para ela, dava cabo de mim.

— O que será que ele pensava do Alex? — perguntou Phillips.

— Não sei se ele sabia. A Lucy era um pouco rebelde. Dizia que não queria saber do que o pai pensava ou do que alguém pensasse.

— E você, o que pensava?

Pete brincava com a chávena de chá.

— Olhe, gosto muito do Alex. É bom tipo. — Havia franqueza no seu rosto juvenil. — Mas sempre andou atrás das mulheres. Não creio que tivesse assentado com a Lucy.

Podiam ter feito mais perguntas, mas por acordo tácito, Ryan e Phillips pararam por ali.

— Muito bem. — Ryan mudou de assunto. — Como você e a Lucy eram tão amigos, deve saber as coisas em que ela acreditava, não?

Pete pareceu momentaneamente confuso.

— Claro. — Encolheu os ombros.

— E o paganismo?

*Ora cá está,* pensou Ryan, ao ver o rosto preocupado do rapaz.



— Disso não sei — mentiu Pete, lançando de novo um olhar aflito para a porta.

— A sua mãe não o pode ouvir daqui — disse Ryan em voz baixa, olhando-o com tal severidade que Pete engoliu em seco. — Quero a verdade, Pete, não vai arranjar-lhe problemas. Por enquanto.

Os lábios de Pete tremeram.

— Olhe, bem, foi só para nos divertirmos, a sério — disse nervoso. — Íamos uns quantos para a praia, acendíamos uma fogueira e embebedávamo-nos. Era só isso.

— Como a fogueira que alguém acendeu para o Rob Fowler?

As palavras sussurradas de Ryan caíram como um machado.

— Não, não! — Pete estendeu as mãos e falou em voz aflita. — Estou a dizer-lhe que não faço ideia de quem fez tal coisa. Olhe, só falei de estarmos com os copos na praia e de cantarmos umas canções.

— Nunca fizeram mais nada?

— Alguns... talvez

— O quê e quem? — perguntou Ryan firmemente.

— Alunos da escola secundária, como a Lucy e os colegas; eu e uns tipos do porto. Alguns fizeram mais do que dançar, talvez sexo, algumas vezes, e coisas assim.

— Você não?

Pete apertou os lábios com força e Ryan aceitou aquilo como uma anuência. Pelos vistos, Pete nunca tinha tido sorte.

— Muito bem, então, alguns de vocês encontravam-se na praia, entusiasmavam-se e pronto. — Ryan encolheu os ombros. — E droga?

Pete olhou para a porta, desesperado.

— Olhe, eu...

— Meu filho, não o vamos prender por ter ficado pedrado, nem vamos a correr fazer queixinhas à sua mãezinha — interrompeu Phillips, ignorando o ar furioso de Ryan. — Temos coisas mais importantes a fazer.

— Muito bem. — Pete engoliu em seco. — *Okay*. Talvez houvesse algumas cenas por lá, uma ou duas vezes.

— Alucinogénias?

— Refere-se a cogumelos? Sim, de vez em quando, só que eram umas sementes pequeninas — esclareceu.

— De onde vinham? — perguntou Phillips, despreocupado, mastigando outra das excelentes bolachas de gengibre de Alison.

Pete tinha um ar infeliz, mas bastou-lhe olhar para o rosto de granito de Ryan para continuar a falar.

— Foi a Lucy que as trouxe. — Mudou de posição. Estavam numa pequena bolsa de veludo vermelho.

— Muito conveniente — comentou Ryan em tom seco. — É fácil apontar o dedo a uma pessoa que já não se pode defender, Pete.

— Estou a dizer a verdade — argumentou. — Detesto acusar a Lucy assim. Por favor, por favor, não contem a ninguém que vos disse.

Ryan limitou-se a olhar para ele.

— Como disse, foi ela que as trouxe, mas nunca me disse onde as tinha ido buscar.

— Tem a certeza?

Pete assentiu e os seus olhos não vacilaram. Ryan trocou novo olhar com Phillips e prosseguiu.

— Alguma vez ouviu falar de um produto chamado «cânfora», Pete?

O rapaz pensou um momento.

— Claro. A Lucy tinha um livro com uma lista de ingredientes no fim para realizar rituais e essas coisas. Tenho a certeza de que fazia parte dessa lista. Não sei para que servia.

— Parece que a Lucy levava as coisas muito a sério — comentou Ryan.

— Pois — concordou Pete lentamente. — Acho que sim. Começou a meter-se nisso no verão, queria acrescentar cânticos e máscaras quando nós andávamos apenas na brincadeira.

— Sabe onde ela guardava o livro?

— Não faço ideia... Em casa?

— Só mais umas coisas, Pete. — Ryan fingiu consultar o bloco por uns instantes enquanto pensava noutra linha de interrogatório. — Alguma vez esteve no apartamento da Megan?

Pete parecia inquieto.

— N-não, não que me lembre — disse com alguma dúvida.

Ryan quase sorriu.

— Será que lhe refrescamos a memória se lhe dissermos que encontrámos lá as suas impressões digitais?

— Não pode ser!

— A sério? Porque não? — Ryan inclinou-se para diante e olhou fixamente para Pete.

— Foi há muito tempo — murmurou Pete. — Com certeza que ela havia de as ter limpado.

Ryan e Phillips pensaram no aspeto desmazelado do apartamento de Megan, mas nada disseram.

— Porque foi lá acima, Pete?

O rapaz corou mais uma vez, até à raiz dos cabelos.

— Nós... ela... eu... — gaguejou e calou-se.

Ryan revirou os olhos e olhou depois para Phillips que aproveitou aquela deixa.

— Olha, filho, será melhor para todos que nos contes como foi — disse Phillips em tom de confiança. — Era uma mulher muito bonita. Um espanto, não é verdade?

Pete engoliu em seco e assentiu.

— Talvez gostasses dela um bocadinho.

— Pois — admitiu Pete.

— Não te censuro — continuou Frank. — Tu e ela alguma vez... já... sabes?

Ryan apreciou fascinado como Phillips fez estalar os dentes ao mesmo tempo que lhe lançava um olhar lascivo.

Funcionou, porque Pete esboçou um sorriso gaiato.

— Sim. Mas só uma vez.

— Quando? — perguntou simplesmente Ryan.

— No fim de outubro — declarou Pete sem hesitar. Tinha a data gravada na memória, já que fora a primeira e única vez que estivera com uma mulher. E não fora uma mulher qualquer. A mulher mais bela da ilha.

Ryan pensou na entrada do diário de Megan. A ocasião coincidia com a de Pete.

— Então, dormiram juntos no fim de outubro. — Ryan esperou que Pete assentisse, antes de continuar. — Nesse caso, tenho de lhe fazer outra pergunta, Pete. Por que razão transferiu cento e cinquenta libras para a conta bancária da Megan no dia vinte e sete de outubro?

Pete parecia desanimado.

— Não fiz isso — respondeu desesperado.

— Pete — disse Phillips, indulgente. — Tem de deixar de nos aldrabar.

— Desculpem — murmurou o rapaz. — Só que pensei... nessa ocasião, pensei que ela estivesse mesmo interessada, sabem. Depois, no dia seguinte, disse-me que andava com falta de dinheiro e que se eu gostasse mesmo dela a ajudava. Disse «claro, não há problema». Assim que lhe dei o dinheiro, ela mal reparou que eu ali estava.

— Deve ter ficado magoado — disse Phillips.

— Claro que sim — concordou Pete em voz baixa. — Mas, para ser franco, eu estava apenas a enganar-me com a Megan. Ela já tinha deitado as vistas para outra pessoa.

— Sim?! — Ryan inclinou-se de novo, interessado. — Ela alguma vez lhe disse quem era?

— Não era preciso ser um génio para perceber — respondeu Pete, cáustico.

Ryan lembrou-se do misterioso «D» de que Megan falara e praticamente esfregou as mãos.

— Parece-me que não sou um génio, Pete, por isso terá de me ajudar — disse Ryan com um sorriso simpático.

— *Da-a!* — Pete abriu muito os olhos. — Era você.

Phillips quase soltou uma gargalhada ao ver o ar desconsolado de Ryan e voltou-se para Pete.

— O inspetor não está habituado a ter mulheres a adúlá-lo, Pete. Não é como nós.

Pete soltou uma gargalhada, sentindo-se melhor.

— Que bonitos mosaicos que têm aqui no pátio — comentou Ryan, voltando ao que o interessava e olhando pela janela para um pátio completamente restaurado já com mesas e cadeiras. Por acaso sabia onde tinham sido comprados recentemente os mosaicos. — A pedra é daqui, não é verdade?

— Obrigado, sim, são novos. A minha mãe mandou fazer isto — disse Pete à vontade. — Pensei que o chão de madeira duraria mais, mas ela gostou dos mosaicos.

— Sabe onde ela os comprou?

Pete pareceu confuso, mas respondeu facilmente.

— Os mosaicos? Claro. Num armazém de materiais de construção perto de Beal chamado Herbert & Co. Fui lá eu buscá-los.

Ryan escutou a afirmação serena do rapaz e pensou que estavam no caminho certo.

— Deve ter dado um trabalhão — disse Ryan olhando para a extensão do pátio. — Transportar tudo isso.

— Sim, um bocado, mas o pai da Lucy ajudou — respondeu Pete. — Tem um trator corta-relva com uma caixa para transportar coisas.

— Dá muito jeito — declarou Ryan, lisonjeiro.

— Sim. A minha mãe não queria a relva pisada pelos pedreiros, de modo que foi muito bom.

— Hum — concordou Ryan. — Mas para que precisa ele do trator?

— Hã? Oh, faz uns trabalhos para o museu. Corta a relva no mosteiro, na reserva natural, na praça principal, coisas assim.

— Não o tenho visto a fazer isso ultimamente — comentou Phillips, seguindo o ritmo. Vamos devagar, devagarinho, pensou enquanto metia mais uma bolacha na boca.

— Sim, creio que tem estado muito perturbado. E a relva também não cresce assim tanto quando o tempo está frio — acrescentou Pete.

Ryan pensou nos registos que tinha acerca da casa dos Mathieson. Fazia parte do protocolo passar uma busca às instalações dos falecidos. Não houvera qualquer oposição da parte do Sr. e da Sra. Mathieson e os técnicos forenses tinham investigado tudo, incluindo o carro e o barracão do jardim.

Não se lembrava de ter visto o que quer que fosse acerca de um trator corta-relva.

— Calculo que o deve guardar algures no mosteiro, não? — perguntou Ryan.

— Oh, não, guarda-o aqui — disse Pete imediatamente. Não tem garagem, mas nós temos uma muito grande nas traseiras. Agora a minha mãe quase que não a usa, por isso disse-lhe que guardasse o corta-relva aqui.

— Foi simpático da parte dela — disse Phillips, respeitoso.

Ryan recostou-se e fechou o caderno. Pete reparou no gesto e a sua expressão alegrou-se.

— Acabou? — perguntou esperançoso.

Ryan e Phillips levantaram-se para partir. Quando se voltavam para sair, Phillips perguntou:

— Onde arranjam aqueles sabonetes pequeninos... sabe, aqueles que põem nos quartos? Têm um cheiro muito agradável.

— Pode comprá-los na loja de recordações, pelo menos é onde eu os arranjo — informou Pete, solícito.

— Comprou alguns ultimamente, Pete?

O rapaz pensou um pouco.

— Sim, creio que comprei umas caixas há umas semanas, pois estávamos com poucos em *stock*. Porquê? Quer que lhe dê umas

amostras?

— Não. Não é preciso, obrigado.

Acenaram com a cabeça e abriram a porta da cozinha. Ryan não se surpreendeu por ver Alison Rigby a mexer num arranjo floral na mesa mais perto da porta.

— Bom dia, senhora Rigby — disse delicado e sorriu para consigo quando a viu apertar os lábios irritada. Ajudou Phillips a vestir o casaco, escovou a lã para retirar um pouco de algodão e despediu-se até mais tarde, à hora do jantar.

Frank resmungou uma qualquer evasiva e sentiu-se aliviado por sair da casa e se encontrar de novo ao ar livre.

— O que pensa, chefe?

— Penso que aqueles mosaicos são de grés, encarniçados. É fácil que caiam lascas quando se transportam todos juntos. Creio que temos andado atrás de um saco de areia de construção, quando devíamos pensar lateralmente. — Tremeu-lhe o queixo. — Frank quero que me arranje um mandado de busca. Depois, creio que chegou o momento de fazermos outra visita.

Alison ficou à porta, lá atrás, a olhar até que dobraram a esquina em direção à aldeia. Reparou que o alpendre precisava de ser varrido e fez uma nota mental para o fazer imediatamente.

Mas, antes disso, tinha um telefonema a fazer.

## CAPÍTULO 25

Meia hora mais tarde, depois de negociações a nível superior com o magistrado local, aceleradas em grande parte devido à amizade de Phillips com um contínuo do tribunal, os dois homens puderam encontrar-se à porta da garagem da estalagem de Lindisfarne.

Já tinham contornado a Sra. Rigby, que vencera a sua indignação ao ver o mandado de busca devido à perspectiva de «receber» vários polícias do sexo masculino. Mesmo assim, manteve-se junto à janela, para vigiar Ryan enquanto este tinha acesso à garagem.

— Abram — ordenou este a um dos agentes que tratou de abrir as fortes portas duplas de par em par.

Lá dentro, encontrava-se brilhante, como se fosse novo em folha, um trator-cortador de relva com uma caixa amovível.

— Não há sequer vestígios de relva — declarou Phillips, aborrecido.

— Há sempre alguma coisa, Frank — contradisse-o Ryan, mas, ao aproximar-se, sentiu um leve cheiro a lixívia.

— Limpou-o de cima a baixo — declarou Phillips zangado.

— Sim, ou talvez alguém o tenha ajudado. — Ryan ergueu os olhos cinzentos na direção da casa e das pessoas que lá se encontravam. — O que é uma possibilidade.

Phillips fez estalar a pastilha elástica.

— Então? O que poderá ter acontecido? — perguntou Frank. — O Mathieson esconde aqui o corta-relva, não se dá ao incómodo de o mencionar e aproveita para lhe dar uma boa limpeza?

— Parece que sim.



— Deve ter pensado que não poderíamos revistar a estalagem sem um motivo — acrescentou Frank.

— Ele não é parvo — murmurou Ryan aproximando-se do cortador, mas deixando um espaço amplo para não perturbar quaisquer provas forenses que pudessem ter ficado.

— Como tal, não precisaria de transportar o corpo dela. Podia içá-lo para isto e seguir até à vedação do mosteiro — prosseguiu Frank.

— Podia mesmo ter subido até lá cima se quisesse — declarou Ryan, imaginando-o. — Porém, já se arriscara fazendo demasiado barulho com tudo isto. — Pegou numa luva, calçou-a e inclinou-se para ligar o motor. Este começou a trabalhar com um leve ronronar.

— O ruído não é muito — comentou. — Mas, mesmo assim, nota-se.

— Foi esse o barulho de motor que as pessoas ouviram. Uma delas disse que lhe parecia ser o de um barco a motor na água que pudesse ter chegado tarde ou algo assim — comentou Phillips.

— Sim — anuiu Phillips. — É plausível e provavelmente a conclusão que ele esperava que as pessoas chegassem, se o ouvissem.

— Chefe — disse Phillips quando passou para o outro lado do corta-relva. — Olhe para isto.

Ryan deu a volta com olhar penetrante.

— Veja.

No canto da garagem encontravam-se empilhadas várias caixas com o selo da loja de recordações do museu. Uma delas fora aberta para revelar um monte de sabonetes pequeninos, cuidadosamente embrulhados. A seguir havia uma torneira que fornecia água para a mangueira que se encontrava no exterior.

O chão era de cimento e, tal como o corta-relva, estava impecavelmente limpo.

— Ele arriscou-se ao trazê-la para aqui — comentou Ryan. — Alguém o deve ter visto.

— Ninguém disse que tinha.

— Isto fica a três ruas de distância da casa dos Mathieson — disse. — Passou por várias casas até chegar aqui.

— Não, se foi pelos jardins — argumentou Phillips. — Há um caminho grande que passa por trás da fileira de casas, com portões de acesso a cada jardim.

— Passando por trás, pelos jardins ao longo do caminho das traseiras das casas, então só se arriscou a ser visto pelas casas do fim?

— Exatamente — confirmou Frank.

— Mesmo assim, correu um grande risco — concluiu Ryan.

— Sim, mas se já matou alguém, porque haveria de se importar?

— Tem razão. — A primeira regra de uma investigação de homicídio, pensou Ryan, era não esperar que o perpetrador pensasse como uma pessoa normal. — A equipa do Faulkner que entre, quero este lugar passado a pente fino centímetro a centímetro. Teria de haver resíduos de areia naquela caixa, esfolados do enorme monte de mosaicos transportados para a senhora Rigby — acrescentou. — Se ele deixou aqui a Lucy para a transportar, talvez não se apercebesse de que ela estava ainda viva quando a levou lá para cima, para o mosteiro.

— Ainda viva?! — Phillips olhou horrorizado para o inspetor.

— Não ligou os pontos? — Ryan não era conhecido pela sua paciência. — Claro que estava. O médico-legista confirmou que ela recebeu a pancada na cabeça antes de morrer. Vejo as coisas assim — disse, abrindo as mãos: — Zangou-se quando ela chegou atrasada e passou-se, porque é um pouco avariado. — Ryan fez um movimento circular com um dedo perto da têmpora. — Põe-lhe as mãos em volta do pescoço aperta com força suficiente para a fazer desmaiar, mas pensa que a matou e por isso entra em pânico. Transporta-a pelo jardim, ao longo aqui da rua. Seja lá porque for, não quer limpá-la em casa, talvez com medo que a mulher acorde e o descubra. De qualquer forma, tem umas ideias estranhas acerca dos rituais funerários, por isso limpa-a e põe-na bonita para a vida

no outro mundo. Usa a mangueira, o sabonete. A cânfora? — Ryan fez uma pausa. — Talvez ele a tenha levado quando saiu, teve de ser, porque foi a Lucy que a comprou. Talvez pense que seja poético o facto de usar algo comprado por ela. — Ryan encolheu os ombros.

— Depois deixou-a aqui. — Phillips apontou com polegar para a caixa. — Não se apercebe de que ela bateu com a cabeça. Leva-a para o mosteiro, e vai devagar e com calma, embora queira apressar-se.

— Sim, deve ter suado as estopinhas — resmungou Ryan a pensar no assunto. — Deve ter querido esforçar o motor para ir até lá acima, mas não quis arriscar fazer barulho.

— Então, estaciona e leva-a ao colo o resto do caminho?

— Sim — assentiu Ryan saindo para o ar húmido. — Instala-a, e talvez esteja a rezar pela sua alma imortal ou a dançar nu, quando ela começa a recuperar os sentidos. Quem sabe? Acagaça-se e tenta de novo, desta vez para terminar o trabalho.

— Pois, parece que sim — concordou Phillips. — Mas, e os outros?

— A Megan anotou um «D» no diário, um homem mais velho, possivelmente casado, pilar da comunidade, envolvido também em qualquer tipo de cerimónia ritual. Os forenses não encontraram nada que tivesse a ver com rituais quando analisaram a casa, o que é estranho, porque a própria Lucy estava metida nisso. Tal pai, tal filha? — interrogou-se Ryan. — De qualquer forma, ele é apenas um homem com necessidades masculinas, não é verdade? Escapa-se para ir ter com a Megan às escondidas da mulher, já fizera duas transferências para a conta dela, uma há quatro meses e outra há oito. Foi uma estupidez deixar rasto.

— «D» de «Daniel»? — perguntou Phillips.

— Parece que sim — disse Ryan.

— Talvez não esperasse chegar a isto — disse Phillips encolhendo os ombros. — Nunca imaginou que fôssemos investigar a conta bancária dela.

— É verdade. Pelos vistos, a Megan encostou-o à parede e lançou-lhe um ultimato, ou quase — disse Ryan. — Já se sabe alguma coisa do Lowerson?

— Ainda não. — Phillips abanou a cabeça. — Posso pressioná-los. Neste depoimento, o Mathieson declarou estar com a mulher quando a Megan foi desta para melhor e a Helen confirmou-o.

— A Helen foi drogada. Foi fácil para ele dar à mulher qualquer coisa que a apagasse durante umas horas enquanto fosse tratar das suas coisas. Podia perfeitamente ter-se esgueirado de casa enquanto ela dormia a sono solto. — Ryan pareceu incomodado. — Mais uma vez teve sorte em não ser visto perto do *pub*. Afinal, as pessoas não reparam nas coisas e nas pessoas que veem todos os dias, não é verdade?

— Claro. — Phillips apertou os lábios. — Temos de falar com o vigário e ver onde ele encaixa nisto tudo. Deve ter sido ele a fornecer as drogas.

Ryan concordou, refletindo em todas as possibilidades.

— E o Fowler?

Ryan apertou o maxilar.

— Não vejo o motivo. — Olhou para o relvado da estalagem enquanto falava em voz baixa. — Teve de ser pessoal... talvez o Rob tenha visto qualquer coisa. Mesmo assim, não explica porque apareceu na praia.

Lembrou-se dos registos das chamadas da guarda costeira. Nada havia de sinistro.

— Talvez fosse retaliação — sugeriu Phillips desejando um cigarro. Tudo aquilo estava a causar-lhe nervoso.

— Por...?

— Temos um fulano ciumento, com sentimentos pouco normais para com a filha — declarou Phillips. — Talvez tenha sabido da relação dela com o Walker, tenha apanhado uma fúria e decidido depois atribuir-lhe o assassínio. De modo que deixa a roupa na

cabana de pesca do Walker, pensando que ele acabará por lá ir e que terá um bode expiatório à sua disposição.

— Continue — pediu Ryan.

— O problema é que não o acusámos imediatamente e ele começa a entrar em pânico. A acrescentar a isso, é sacana e maluco.

— Sem dúvida — concordou Ryan.

— Pode ter-lhe tomado o gosto, depois de matar as outras duas — sugeriu Phillips encolhendo os ombros. — Acontece a muitos. Talvez saiba do Alex e do Rob, e julgue que o Walker se andava a aproveitar da filha, o que o deixa muito chateado.

— É certo, porque ele nunca... bem... nunca se aproveitou.

— Isso já é duvidoso.

— Bem sei. Continue! — Ryan esboçou um breve sorriso e aceitou a pastilha elástica que Phillips lhe oferecia.

— Então, decide prejudicar um pouco mais o Walker.

— Muito cruel — disse Ryan.

— Eram-no os três. Creio que teremos de lho perguntar. — Phillips meteu as mãos nos bolsos e olhou para Ryan. Não parecia satisfeito. — O que acha?

— Parece-me bem em grande parte — concordou Ryan lentamente. — Está de acordo com as provas e, se o Faulkner conseguir algo do corta-relva, teremos o Mathieson tão apertadinho que quebrará quando for interrogado, com ou sem advogado.

— Mas...?

Ryan abanou a cabeça, distraído.

— Há qualquer coisa que falha.

— Talvez — concordou Phillips coçando a cabeça onde o cabelo começava a rarear. — Porém, creio que encontrei outra ligação que nos faltava.

Ryan dirigiu-se ao sítio onde Phillips se inclinava entre dois grandes caixotes de provisões para o restaurante.

— O que encontrou?

Phillips tinha na mão uma chave, ligada a uma corrente com um emblema com as palavras «Universidade de Newcastle».

## CAPÍTULO 26

Daniel Mathieson demorou até aparecer.

A polícia já saberia, pois tinha encontrado o corta-relva, mas tudo bem. Recebera as suas instruções e sentia-se reconfortado por saber que, segundo a opinião dos que eram importantes para si, não seria um assassino. Seria um mártir.

Com todo o cuidado, penteou para trás o seu cabelo já um pouco grisalho, escolheu um par de calças elegantes e uma camisa, acrescentou botões de punho, um presente de Lucy quando, uns anos antes, fizera cinquenta anos.

— Dan! — chamou a mulher lá de baixo. — Podes vir cá? A polícia está aqui. Creio que agora já se pode fazer aquela declaração à imprensa!

Era o que a polícia lhes dissera na noite anterior. Daniel pensava que era uma boa ideia terem-lhes dito que se preparassem para fazer um apelo ao assassino de Lucy. Tinham-no descansado e sentira-se em segurança ao saber que não desconfiavam do próprio pai. Ficara quase tonto de alívio, só de pensar. Pela primeira vez em muitos dias dormira descansado, aconchegado à mulher. Talvez, pensara, que a seu tempo pudessem pôr para trás a morte de Lucy.

Percebia agora que estivera a sonhar.

— Já vou, querida — respondeu. Olhou o rosto no espelho da casa de banho, endireitou os potes de louça que enchiam a prateleira por cima do lavatório. Por um segundo pensou em matar-se, em pôr fim a tudo aquilo sem ter de sofrer a indignação de ser preso pela

polícia, mas entristeceu-o aperceber-se de que era demasiado covarde.

Além do mais, recebera as suas ordens.

Desceu a escada e entrou na sala, onde Ryan e Phillips o esperavam.

— Senhor Mathieson. — Ryan cumprimentou-o calmamente, observando-o cauteloso.

— Dan, dizem que afinal não precisam de que façamos um apelo, não é verdade, inspetor? — perguntou esperançosa. — Significa que já devem ter uma ideia de quem... de quem fez aquela coisa horrível à Lucy.

Procurou a mão de Daniel e, quando os seus dedos apertaram os dele, ele quase chorou.

— Helen — disse em voz baixa. — Porque não me deixas tratar disto?

— Como? Não! Se a polícia o encontrou, quero saber tudo, quero estar aqui — disse, desafiando-o.

Daniel ergueu os olhos para Ryan, numa súplica silenciosa.

— Senhora Mathieson, há coisas que temos de perguntar ao seu marido, e seria melhor fazê-lo em privado.

Helen abanou a cabeça, confusa.

— Senhor Ryan... isto é, inspetor... se tem alguma coisa a perguntar ao Dan, pode perguntar-me também. Ambos perdemos a Lucy e ambos queremos encontrar a pessoa responsável.

Ryan olhou para Phillips que compreendeu e assentiu. Depois foi chamar a MacKenzie, que esperava na rua com outros agentes.

— Lamento, senhora Mathieson, creio que será melhor interrogarmos formalmente o seu marido. Phillips... — Ryan apontou para Frank, que regressou à sala.

— Daniel Mathieson, está detido por suspeita do assassinato de Lucy Mathieson, Megan Taylor e Robert Fowler. Pode permanecer em silêncio, mas se não mencionar alguma coisa que mais tarde



declarar em tribunal, a sua defesa pode ser prejudicada. Tudo o que disser pode ser considerado prova. Compreende?

— Compreendo — declarou laconicamente Mathieson, separando os seus dedos dos da mulher, que parecia ter levado um soco no estômago.

— O que... o que se passa aqui? — Olhava para os três homens com os seus grandes olhos azuis já marejados de lágrimas. — Dan?

Mathieson olhava em frente sem conseguir encará-la. Ryan vigiava-o, cauteloso.

— O seu marido vai acompanhar-nos sob prisão e será interrogado formalmente, senhora Mathieson. — Ryan conteve-se para não se comover com o olhar dela, sabendo a dor que lhe causava, um desgosto após outro.

Nesse preciso momento, MacKenzie aproximou-se.

— Helen, esta é a inspetora Denise Mackenzie. Vai ficar consigo e assegurar-se de que a senhora tem tudo o que precisa enquanto o seu marido está connosco.

Helen enfureceu-se.

— Não preciso de ninguém, preciso de uma explicação. Deviam ter vergonha! — exclamou em tom patético enquanto se voltava. — Em vez de procurarem quem matou a Lucy, vêm buscar o Dan, o próprio pai dela.

Mathieson fechou as pálpebras cansado. Não podia suportar muito mais.

— Phillips... — Ryan fez um gesto com a cabeça e viu Frank levar o homem da sala sem quaisquer objeções. Pelo menos não reagia. Era a mulher que se sentia ofendida, mas por ter fé cega nele.

— Helen. — Ryan manteve um tom calmo. — Não iríamos interrogar o Daniel, se não tivéssemos razões para isso. — Ficou um momento em silêncio para que ela compreendesse aquelas palavras.

— Sente-se aqui — murmurou MacKenzie, conduzindo a mulher para uma cadeira.

— Pensa que ele a matou — disse a mulher erguendo os olhos incrédulos para o rosto dele. — Mas está enganado. Disse-lhe que ele esteve comigo toda a noite.

— Tem a certeza absoluta?

Ryan pensou que detestava fazer aquilo, que se detestava por isso, mas não havia outra maneira.

— Claro! Eu fui para a cama e ele deitou-se meia hora mais tarde. Dormimos até de manhã. Teria sabido se ele se tivesse levantado, se alguma coisa tivesse acontecido — afirmou com toda a franqueza.

— Tem o sono leve, Helen?

Ela olhou-o.

— Não. Bem, suponho que não. Há uns meses que tomo comprimidos para dormir, pois tinha problemas, mas... mesmo assim...

— Helen — disse Ryan com suavidade. — Pediu-me que encontrasse o responsável pela morte da sua filha. Prometi-lhe justiça, mas, por vezes, tem de se pagar um preço elevado pela justiça.

As lágrimas corriam-lhe de novo pelas faces, mas olhou-a com admiração quando ela se levantou da cadeira para se lhe dirigir.

— Prometeu-me. Ainda acredito que o fará. Creio que cometeu um erro ao prender o meu marido, mas tenho a certeza de que tudo se esclarecerá quando ele responder a todas as vossas perguntas. — Falava com voz trémula, mas firmou os lábios. — De qualquer forma, inspetor, aceito o que a justiça tiver para me oferecer e, se houver um preço a pagar, pagá-lo-ei pela Lucy.

— Muito obrigado, senhora Mathieson. — Pegou-lhe na mão por um momento e sentiu que ela apertava a sua antes de a soltar.

Olhando-a no rosto viu determinação e sinais de raiva. Viu uma mãe que lutaria pelos direitos da sua filha, mesmo depois de essa filha ter morrido. *Amor incondicional*, pensou, e lembrou-se da sua própria mãe. Fora ter com ele depois da morte de Nathalie, tentara

atraí-lo a si, consolá-lo. Ele afastara-a porque não podia enfrentá-la, nem a condenação que lhe lia no olhar.

Ter-se-ia enganado?

Deu meia-volta e deixou Helen Mathieson nas mãos competentes de MacKenzie.

*Era um êxodo*, pensou Ryan, enquanto se dirigia a casa pelo caminho da praia. Agentes e detetives deixavam Lindisfarne e a maré mostrava-se bíblicamente dividida para permitir a sua partida. Ouvido por vários detetives, incluindo ele próprio e Phillips — e depois de avisado e consciente dos seus direitos — Daniel Mathieson confessara os assassinatos de três pessoas. Se ficara admirado com a docilidade com que Mathieson permitira que o detivessem, Ryan nada disse de momento. Afinal, as provas adequavam-se e o homem confessara.

Havia um ditado que aconselhava a não olhar o dente a cavalo dado.

Terminada a sua missão para com Helen Mathieson, Mackenzie acompanhava Phillips no transporte de Daniel Mathieson para a sede de Morpeth, a fim de ser formalmente interrogado.

A equipa forense passara três horas na garagem em Lindisfarne e deixara lá ainda alguns elementos depois dos achados iniciais terem sido catalogados. Faulkner trabalhava no laboratório em Morpeth para apressar os resultados, mas as coisas não estavam de feição para Daniel Mathieson.

Este fora meticuloso — espalhara lixívia por tudo quanto era sítio — mas não o fora o suficiente. Tinham encontrado vestígios de ADN de Lucy Mathieson na caixa do corta-relva, bem como fios de cabelo no chão da garagem. Eram provas circunstanciais, mas tinham o seu peso.

O médico-legista assinara a autorização para que os falecidos fossem entregues às famílias para que estas pudessem fazer o funeral.

Um qualquer idiota informara a imprensa de que um homem fora detido e que por isso o «Estripador de Lindisfarne» fora encontrado. Haveria de encontrar o agente fala-barato responsável e repreendê-lo, mas isso podia esperar.

Antes, Ryan tinha assuntos a tratar. Ao abrir a porta da sua casa, encontrou espalhado na sala o que restava da presença policial. Bocados de fita-cola, pedaços de papel amachucados, embalagens vazias de *snacks*. Da cozinha chegava um som de risos abafados e foi abrir a porta para encontrar Anna comodamente instalada com o superintendente, ambos a tomarem uma chávena de mau café e a comerem bolinhos.

— Arthur, diga-me quando quiser que o seu neto vá fazer uma visita guiada — dizia ela. — É sempre um prazer poder mostrar a universidade.

— É muito simpático da sua parte, Anna — respondeu Gregson, bebendo com elegância da sua caneca de café. — Sei que o Harry vai ficar encantado. — Desviou o olhar para a porta, onde Ryan se encontrava petrificado.

— Ah, Ryan — disse em voz calma, fazendo um gesto para que ele se aproximasse. — Estávamos exatamente a falar a seu respeito.

— Sim? — Apercebeu-se de que parecia culpado, por isso pigarreou e tratou de evitar o contacto visual com Anna.

— Hum... — Gregson viu a expressão incomodada no rosto do inspetor e sorriu, olhando para o café. — Estava apenas a dizer que foi uma boa ideia ter trazido a doutora Taylor para cá. Sob prisão domiciliária, claro — acrescentou após uma breve pausa e lançou a Ryan um olhar penetrante.

— Ah...

— É sempre melhor prevenir que remediar — continuou Gregson a sorrir para Anna. Sim, pensou, compreendia perfeitamente o que ali se passara.

— Já encontraste o teu homem, não é verdade? — Anna sorriu para Ryan e este voltou-se por fim para ela.

— Bem...

— Um trabalho excelente, Ryan — interrompeu-o Gregson, pousando a caneca. — Vai agora para lá para começar o interrogatório?

— Sim, superintendente — confirmou Ryan. — Mas primeiro queria verificar umas coisas.

— A equipa já saiu daqui. Todos os elementos foram precisos para controlar a multidão, o passado e o trabalho na vila.

— Sim, superintendente, mas...

— Vai soltar a doutora Taylor, imagino — acrescentou Gregson, e não pela primeira vez Ryan admirou-lhe as capacidades de se escapar.

— Bem, como ainda não acusámos formalmente o suspeito, sinto-me reticente em retirar todos os agentes atualmente destinados à guarda da doutora Taylor — disse Ryan com firmeza.

*Ainda não sabia quem enviara o amuleto.*

— Ryan — Gregson adotou um tom mais firme e levantou-se para ficar à mesma altura de Ryan. — Compreendo que a queira proteger, dado o que aconteceu. Porém, tem de ter em conta as coisas práticas. — Estava a dizer a Ryan que tinha de pôr de lado os sentimentos pessoais e pensar claramente.

— Posso pôr o Lowerson a vigiá-la — disse Ryan teimoso, esquecendo que Anna estava ali sentada. *Quando encontrar o Lowerson*, acrescentou Ryan para consigo, levemente preocupado.

— Tenho a certeza de que o Lowerson está ocupado — contrapôs Gregson. — Tal como todos os agentes que fazem parte desta investigação.

— Eu... — começou Ryan, mas foi de novo interrompido, desta vez pela própria Anna.

— Creio que tenho alguma coisa a dizer sobre este assunto — disse ela num tom frio, pousando a chávena.

— Nem por isso — contrapôs Ryan abruptamente, para receber de volta um olhar gélido.

Gregson abriu a boca para logo a fechar. Sabia quando devia retirar-se do campo de batalha.

— Ryan, concordei em ficar sob prisão domiciliária enquanto não encontravas o homem. Encontrei-o. Assim, não há necessidade de ficar aqui fechada.

— A menos que, claro, pense que a detenção tenha sido incorreta — Gregson franziu a testa.

— Não, superintendente, não creio que a detenção tenha sido incorreta, porém, tenho dúvidas de que Mathieson tenha sido responsável pelas três mortes, ou pelo menos o único responsável.

— Então, sugiro que se apresse e que interrogue o homem para obter as suas respostas — vociferou Gregson acabando o que estava a beber e preparando-se para partir. — Também vou para lá, posso dar-lhe boleia.

— Obrigado, superintendente, mas ainda tenho uma ou duas coisas a fazer antes de ir. — Semicerrou os olhos na direção de Anna. — Não vou tardar. O Phillips encarrega-se dos preliminares, esclarece-o acerca do que tem direito e isso.

— Muito bem — anuiu Gregson, depois inclinou-se e despediu-se de Anna com um firme aperto de mão. — Tive muito prazer em conhecê-la, em ligar uma cara a um nome.

— Igualmente, Arthur.

Depois de Gregson partir, ficaram na cozinha diante um do outro. Ryan foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Anna, por favor, confia em mim mais algum tempo. Não to pediria se não fosse importante.

Ela soprou e sentiu-se encurralada.

— É um truque muito inteligente, Ryan — disse irritada. — Deves saber que para mim é quase impossível rejeitar um homem forte que pede as coisas com ar humilde.

Ele continuou a fitá-la com olhos suplicantes.

— Devo estar a ficar mal da cabeça — queixou-se.

Ryan esperou.

— Oh, por amor de Deus! Está bem, está bem. Vou continuar a amarinhar por estas quatro paredes até que me digas o contrário. — Ele sorriu e ela apontou-lhe um dedo. — Não fales cedo demais. A minha obediência tem uma condição. O Bill vai organizar uma homenagem esta noite no *pub* em honra dos falecidos, dos seus entes queridos, para que as pessoas da ilha recordem o melhor daqueles que perderam.

Ryan suspirou. Estava a perceber onde aquilo iria parar. Já ouvira falar dessa homenagem e, egoisticamente, esperara que a notícia não tivesse chegado a Anna. Sabia que os habitantes da ilha e muitos dos seus colegas, incluindo o seu superior, consideravam o caso praticamente fechado. Até falar com Mathieson, localizar Lowerson e Ingles, não se sentia disposto a celebrar o final de tudo aquilo.

— Não me podes pedir que não vá — acrescentou ao ver que ele não dizia nada.

Ryan andava de um lado para o outro.

— Penso estar de volta à ilha quando começar — acabou por dizer, tentando ser razoável. — Levo-te eu mesmo. Se eu não estiver, não quero que vás a lado nenhum, a menos que sejas acompanhada por um agente.

— Não me importo — concordou ela.

— Tenho tentado entrar em contacto com o Lowerson — disse ele, de testa franzida, a olhar para o telemóvel. — Ainda não tenho notícias dele. Quero dar uma volta pelo vicariato... ele devia lá ter ido esta manhã. — Verificou as horas. — É quase uma e meia.

Anna ergueu as sobrancelhas.

— Suspeitas do Ingles?

— Ou talvez da mulher.

— Uau! — exclamou. — Pensas que trabalhavam com o Mathieson?

— Não seria exatamente um motivo para matar. — Abanou a cabeça. — Serão responsáveis pelas drogas, mas, mesmo assim, as

pessoas podem surpreender-nos.

Dá-me um minuto — murmurou ele, distraído. Marcou um número. — Equipa de operações? Sim, daqui o inspetor Ryan, número de distintivo 4007852. Preciso de localizar um telemóvel. Não, é um dos nossos, do detetive Jack Lowerson. Não sei qual o número do distintivo dele, mas o número de telefone é 07849684756. — Houve uma pausa. — Preciso que seja considerado como código um. Há risco de vida.

Desligou e olhou para o rosto de Anna, que empalidecera.

— Julgas que tenha acontecido alguma coisa ao Lowerson? — Lembrou-se do jovem de rosto sorridente, sempre desejoso de agradar.

Ryan passava o telemóvel de uma mão para outra.

— Espero que não, mas tenho um mau pressentimento — disse. — Pedi-lhes que localizassem o telemóvel. Como se trata de uma questão de trabalho não temos de perder tempo a localizar a operadora. Estão já a tratar do assunto e conseguirão localizá-lo rapidamente.

Ryan olhou para o mar, sem o ver, através da janela da cozinha, de onde tantas vezes contemplara a água. Pensou no jovem cheio de ambições e de entusiasmo por fazer parte de uma equipa que perseguia assassinos. Havia nisso uma atração e Ryan entendia-a pois fora o que ele próprio sentira nos primeiros tempos.

*Que raio, ainda o sentia.*

Mas Lowerson sabia que nunca deveria ter ido sozinho. O treino básico ensinava-os a não entrar nas instalações de um suspeito sem um parceiro. Lowerson sabia-o, disse Ryan para consigo e podia ter levado qualquer um dos agentes de serviço, mas não o fizera.

Talvez fosse por isso que, afinal, não fora ao vicariato e dera prioridade a outro trabalho.

*Nem pouco mais ou menos,* pensou Ryan, sentindo a preocupação invadi-lo em ondas velozes. Não havia outros agentes disponíveis na



ilha senão ele, de modo que tomou uma decisão. Teria de levar Anna consigo.

— Anna, tenho de ir ver o que se passa no vicariato e começar a procurar o Lowerson... — O telemóvel tocou quando ia a meio da frase. — Ryan. — Escutou um momento. — Foi rápido, obrigado. Sim conheço o local. Preciso de uma ambulância aérea imediatamente, suspeito de acidente ou ferimentos graves. Obrigado.

Anna levantou-se e enfiou o casaco quando ele desligou.

— O vicariato? — perguntou. — Vou ligar ao doutor Walker e pedir-lhe que vá lá ter connosco.

Ryan anuiu, apreciando a intuição dela.

— Vamos então — disse ele, detendo-se apenas para abrir uma pequena lata de metal que foi buscar a um armário mais alto. Anna não pronunciou palavra quando o viu retirar uma pequena arma dessa lata, verificar as munições e metê-la no cós das calças, ocultando-a com a camisola. Se ela lhe tivesse perguntado, Ryan ter-lhe-ia respondido que tinha licença especial de porte de armas, como certos membros da sua equipa, mas tinha uma expressão dura quando se voltou para ela, o que indicava que não havia tempo para conversas sem importância.

Saíram de casa a correr.

Lowerson encontrava-se ainda onde caíra, o seu corpo ferido exposto aos elementos durante quase cinco horas. Ryan sentiu pânico quando contornou o vicariato, viu as janelas escurecidas e as portas fechadas. Num movimento que lhe era habitual, insistiu para que Anna passasse para trás dele enquanto examinava as imediações, usando o seu corpo para a proteger se fosse necessário. Pensara em partir um vidro e entrar à força, até que o bom senso lhe indicou que Lowerson teria seguido o seu instinto, que o teria levado exatamente onde no dia anterior o levara a ele e a Phillips.

A estufa.

Ryan correu pela relva sempre com Anna a segui-lo a menos de um metro. Mais tarde, acrescentaria à lista de coisas de que gostava naquela mulher, o facto de não ser uma pessoa afetada e insípida que ele tivesse de controlar. Era como ele, excedendo-o de muitas formas, o que era uma coisa em que pensar.

Mas não nesse momento, em que um dos seus detetives mais jovens se encontrava ferido e a sangrar deitado no chão frio.

Lowerson estava muito, muito pálido. Quase arroxeadado, pensou Ryan nervoso e desesperado para que chegassem os paramédicos. Ajoelhou e aproximou o rosto do de Lowerson, para ver se lhe sentia o hálito na pele, enquanto com os dedos lhe procurava a pulsação.

Esperou o que lhe pareceu uma eternidade, mas encontrou. Fraca, muito leve, mas mesmo assim, tinha pulsação.

— Graças a Deus — exclamou Ryan despindo o casaco para o lançar por cima do outro homem. Anna fez o mesmo para cobrir as pernas de Lowerson. Aproximando-se, conseguiram ver o corte feio produzido por um utensílio afiado do lado da cabeça e da face. O sangue coagulava e formava uma crosta em volta da ferida enorme e Ryan rezava para que não houvesse danos cerebrais permanentes, porém, a violência da pancada deixava-lhe muitas dúvidas.

Anna pousou-lhe ao de leve a mão no braço, apercebendo-se de que ele se sentia responsável por aquilo.

Depois de momentos que pareceram intermináveis, ouviram Steve Walker a gritar, perguntando onde estavam e Anna levantou-se e acenou-lhe.

O homem veio a correr com a maleta na mão.

— O que aconte... — Walker calou-se ao ver a cena. — Afastem-se por favor.

Ryan afastou-se uns metros e ficou a ver o médico examinar com mãos suaves e ágeis a ferida de Lowerson, procurar-lhe os sinais vitais e cobri-lo com um cobertor grosso. Anna dirigiu-se à parte da frente da casa para esperar pela ambulância.

— Quais são as probabilidades? — perguntou Ryan por fim, quando viu que Walker não podia fazer mais.

O médico passou a mão pela testa e voltou-se para ele com um olhar triste.

— Francamente, é um milagre que ainda esteja vivo — disse em voz baixa e Ryan percebeu que aquela era uma maneira de o preparar para o pior.

— Aguentou até aqui — comentou Ryan, teimoso.

— Fizemos todos os possíveis — disse o médico, compreendendo-o. — Agora é com os especialistas.

Pareceu passar uma eternidade desde que ouviram o helicóptero até verem os casacos fluorescentes dos paramédicos que corriam pela relva. Mesmo assim esperaram até que Lowerson fosse lenta e cuidadosamente retirado, para não lhe afetarem a coluna, colocado numa maca e preso com correntes. Ali ficaram até o helicóptero se erguer no ar, parecendo por um estonteante momento balançar ao sabor de vento, antes de seguir.

Todos rezaram, quer acreditassem ou não em Deus.

— Obrigado por tudo, doutor — disse Ryan, sem saber bem o que fazer. — Vou no meu carro e contacto os pais dele para que vão ter ao hospital. Anna...

— Não te preocupes comigo — disse ela, antecipando-se.

— Vem comigo — disse ele, mas o que tinha a fazer ocupava-lhe a mente.

— Não. — Anna abanou a cabeça. — Estarei à tua espera quando voltares. Faz o que tens a fazer, Ryan.

Ele pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios.

— Obrigado — disse em voz baixa.

## CAPÍTULO 27

Duas horas depois, Ryan deixou para trás as paredes brancas da unidade de cuidados intensivos do hospital do condado, para se dirigir às paredes igualmente brancas da sede do departamento de Investigação Criminal.

Tudo lhe era familiar; a decoração insípida, o linóleo cinzento e industrial que cobria o chão, o cheiro mesclado dos vários odores corporais, o detergente de limpeza com aroma de limão e o café barato. Quando entrou no departamento de homicídios, que consistia num ruidoso *open space*, era como se voltasse a casa. Ali ficou uns instantes a observar tudo. A maioria dos homens e mulheres que estava às secretárias ou a falar ao telefone tinha sido destacada para a Operação Lindisfarne e entrara e saíra na sua casa da ilha. Porém, era diferente vê-los ali, no seu *habitat* natural.

Parecia estar tudo bem de novo. Não como da última vez em que saíra do gabinete, com a cabeça baixa e a alma triste, pronto para desistir de tudo. Era ali que pertencia, juntamente com todos os outros que passavam a vida em busca da justiça para os mortos.

Avistou Phillips à secretária no canto, com uma gravata nova estampada com pequenas palmeiras num fundo amarelo-banana. Frank era sobretudo original.

— Phillips? Que há de novo acerca do Mathieson? — Ryan distribuiu alguns apertos de mão enquanto se dirigia para a secretária de Frank.

Este voltou-se na sua cadeira verde-azeitona.

— Está a conferenciar com o advogado. Tem sido pouco exigente até aqui, muitos «por favor» e «obrigado». Para ser franco, é um pouco sinistro. — Phillips fez uma careta expressiva e olhou depois para o grande relógio da parede. Quatro e trinta. — Já não temos muito tempo para ele, antes que o advogado comece a queixar-se. A mulher... a Helen... está na sala de espera dos familiares com a Ivonne Walker que a trouxe cá.

Ryan assentiu, lembrando-se da mulher do médico.

— Arranjou advogado muito depressa.

— Deve saber que tem merda até ao pescoço. — Phillips encolheu os ombros. — Tenho informações do Faulkner: os resultados parecem bons para o nosso lado, maus para ele. Encontraram vestígios de sangue na borda da caixa, cabelos da Lucy lá dentro e no chão da garagem. Resíduos de cânfora também no chão.

— Bom trabalho — elogiou Ryan.

— Como está o Lowerson? — perguntou Phillips, com rugas de preocupação no rosto.

— Ainda não há certezas — disse Ryan com os lábios apertados numa linha raivosa ao lembrar-se do estado em que encontrara Jack Lowerson deitado na sua cama de hospital, rodeado de tubos. Parecia tão jovem e só servira para que Ryan se recordasse de que era responsável por ele. Lowerson era um dos seus.

— Operaram-no à escoriação da cabeça, colocaram-lhe talas na cara. Não têm a certeza de que não haja danos permanentes e ainda está em coma... — hesitou. — Eu devia ter sido mais rápido.

— Não comece com isso — disse Phillips num tom surpreendentemente firme. — A culpa não é sua, nem de ninguém senão da pessoa que lhe fez aquilo.

Ryan não disse nada.

— Não há sinais do vigário nem da mulher — continuou Phillips em tom profissional. — Emitimos um aviso para todos os portos.

Ryan anuiu, pensando que aquele aviso poderia impedir que Mike e Jennifer Ingles, ou pessoas com uma descrição semelhante,

saíssem do país. Se tivessem sido os responsáveis por atirarem Lowerson para uma cama de hospital, encarregar-se-ia pessoalmente de perseguir Ingles e a mulher até ao fim do mundo.

— Já está preparado para falar com o Mathieson?

— Mais do que preparado — respondeu Ryan a pensar em algumas pessoas, principalmente numa que deixara na ilha, o que lhe causava uma sensação cada vez mais desconfortável. — Vamos a isso.

Daniel Mathieson encontrava-se na sala de interrogatórios, de mãos apertadas e rosto inexpressivo. A qualquer observador parecia exatamente aquilo que era: um professor aposentado, já a ficar calvo, com feições vulgares e uma preferência por calças beges. O seu advogado tinha um tipo semelhante: era um homem de meia-idade com um fato que não lhe assentava bem, já perto do final de uma carreira pouco notável e desejando evitar demasiados dramas.

— Os procedimentos legais, Frank — murmurou Ryan, olhando para os dois homens do outro lado do vidro duplo.

— Pois sim, quer sempre fazer de polícia mau — queixou-se Phillips, mastigando firmemente a sua pastilha de nicotina.

— Está-me na massa do sangue — declarou Ryan com um sorriso feroz.

— Eu podia ser o polícia mau. — Phillips assumiu aquilo que pensava ser uma atitude descomprometida e também uma cara de mau. Infelizmente, apenas conseguia parecer sofrer de prisão de ventre.

— Continue a tentar! — E dizendo isso, Ryan empurrou a porta e dirigiu-se imediatamente à mesa. Fez as apresentações formais para que ficassem gravadas, declarou os nomes dos presentes, juntamente com a hora, a data e outras formalidades. Repetiu os avisos formais e perguntou a Mathieson se compreendera tudo o que fora dito.

— Compreendo — respondeu ele em tom plácido.

— Senhor Mathieson, tenho aqui uma cópia dos três depoimentos assinados que o senhor forneceu à polícia. O primeiro tem a data de vinte e um de dezembro e foi tomado logo após ter sido informado de que a sua filha, Lucy Mathieson, fora encontrada morta no mosteiro de Lindisfarne. Esta assinatura é sua?

— Sim.

— Deseja voltar a ler o seu depoimento?

— Não. Lembro-me perfeitamente daquilo que disse.

Ryan lançou um olhar ao advogado, que parecia ter o maxilar apertado.

— Muito bem. Nesse depoimento, disse à polícia que vira pela última vez a sua filha, por volta das seis e dez da tarde do dia vinte de dezembro. Lembra-se de ter dito isto?

— Sim.

— Antes de prosseguirmos, deseja acrescentar algo mais?

— Matei a minha filha, inspetor.

Após a prosaica afirmação de Mathieson, teria sido possível ouvir um alfinete cair no pesado silêncio do compartimento. O advogado deixou praticamente cair a cabeça entre as mãos.

— Posso falar um momento com o meu cliente?

— Já puderam conferenciar durante duas horas — afirmou Ryan, em tom razoável, antes de se voltar para Mathieson.

— Só para confirmar, admite que matou a sua filha, senhor Mathieson?

A expressão do outro homem manteve-se igual, um pouco vaga, calma e monótona. Ryan tentou não ficar desiludido pela sua lendária rotina de «polícia mau» ser afinal desnecessária.

— Sim, inspetor, exatamente.

— Não quer dizer-nos o que aconteceu? — Ryan encheu-lhe um copo de água e estendeu-lho.

— Claro. — Daniel bebeu um gole e pousou o copo suavemente, sempre com movimentos controlados. — A Lucy saiu de casa para ir para o *pub* cerca das seis e dez, como já disse... — Deteve-se

abruptamente, com os olhos brilhantes. — Talvez seja melhor voltar atrás para compreenderem a razão... por que pensei que era preciso... fazê-lo.

— Muito bem, Daniel, leve o tempo que quiser — disse Phillips com toda a calma.

Esperaram enquanto ele se endireitava na cadeira e recusava mais conselhos do advogado.

— Fui professor durante doze anos. Ensinei música a rapazes e raparigas na escola secundária em Newcastle. Disseram-me que ou pedia reforma antecipada ou seria despedido.

— Porquê? — inquiriu Ryan.

— Pelos vistos, supôs-se que eu tivesse criado uma relação pouco saudável com uma das minhas alunas. — Ryan notou que aquilo fora dito com um leve tom de desafio.

— Não concordou?

— Algumas raparigas... é natural que as adolescentes fiquem... *intrigadas* pelos professores maduros da escola.

— Está a dizer que o namoriscavam? — perguntou Phillips.

— Claro que sim — assentiu Mathieson sem pestanejar e começaram a ver onde aquilo levava. — Mesmo assim, preferindo não se arriscar a um escândalo, a escola ofereceu-me a reforma antecipada. Naturalmente que poderia ter lá ficado para defender o meu caso.

— Naturalmente — murmurou Ryan. Se precisasse de mais pormenores, contactaria a escola, os pais ou as crianças, pois era aquilo que eram na ocasião.

Crianças!

— Para bem da Helen, e pela minha família, senti que era mais fácil aceitar o que me ofereciam.

Nem Ryan nem Phillips disseram o que quer que fosse, de modo que continuou.

— A Lucy era exatamente como qualquer outra adolescente — continuou Mathieson. — Foi sempre uma criança bem comportada,



sem dar quaisquer problemas, mas, recentemente, tornou-se muito rebelde.

— De que maneira?

— Saía com todo o tipo de homens, ficava fora até tarde, esse tipo de coisas.

— O senhor reprovava as relações dela com outros homens?

Ryan pôde aperceber-se do momento em que a cuidadosa máscara de Mathieson começou a deslizar. Foi aí, quando se viu obrigado a pensar em Lucy com outros homens.

— Ela nunca tivera exatamente outras *relações*.

— E o Alex Walker?

*Aí, pensou Ryan, é aí que está o gatilho.*

— Era completamente desadequado para a Lucy. — Mathieson respirou fundo várias vezes quando o disse e estendeu de novo a mão para o copo de água para beber um longo gole.

— Por causa da reputação dele com outras mulheres, ou porque ele não era o senhor?

Um músculo estremeceu perto do olho esquerdo de Mathieson e Ryan ficou a pensar que talvez tivesse exagerado.

— As duas coisas.

Aquilo era uma confissão, pensou Ryan, e fora provavelmente mais difícil do que admitir que a tinha assassinado.

— Os seus sentimentos pela Lucy não eram apenas os de um pai por uma filha? — Ryan tinha de se concentrar para que a indignação não se lhe notasse na voz, por isso a pergunta foi mais bem articulada do que tencionava.

— Sentia que a Lucy me pertencia, inspetor, e não simplesmente por ser o pai dela. A maior parte das pessoas fica constrangida pelos valores sociais vulgares.

Ryan fez uma pausa, para ter a certeza de que já estava calmo, antes de prosseguir.

— A Lucy não sentia o mesmo?

— Dantes sim — disse Mathieson, engolindo as lágrimas.

Phillips e Ryan mantiveram-se em silêncio, sem quererem pensar muito em como teria sido a infância de Lucy Mathieson. Interrogariam de novo Helen, nem que fosse para determinar se ela estivera consciente do que acontecia debaixo do seu teto, mas por enquanto tinham de se manter concentrados.

— Resumindo — disse Ryan —, pode então dizer-se que o senhor se sentia frustrado pela independência da Lucy, pela sua *rebeldia*, como lhe chamou?

— Sim.

— Voltando então à noite do dia vinte de dezembro, pode descrever os seus movimentos?

— Depois de ela ter ido para o *pub* com um *top* vermelho que deixava tudo à mostra... — Mathieson soltou uma exclamação de desprezo ao lembrar-se e passou as mãos trémulas pelo cabelo fino —, jantei com a Helen e vimos um pouco de televisão. Fez-se muito tarde e a Helen estava cansada, por isso fomos para a cama por volta das dez e meia, creio.

— E o que fez?

— Tratei de que ela tomasse os comprimidos para dormir, meti-a na cama. Fui para a cama um pouco mais tarde, mas não conseguia dormir. Levantei-me e tentei telefonar à Lucy para saber quando ela chegaria a casa. Não atendeu. Pensei em ir lá e arrastá-la até casa. Era o que me preparava para fazer quando ela por fim chegou, quase à meia-noite.

— A sua mulher estava lá em cima, na cama?

— Sim, estava a dormir profundamente. Tem o sono muito pesado quando toma esses comprimidos.

— O que aconteceu quando a Lucy chegou a casa?

Mathieson fez uma pausa, para se lembrar.

— Veio para a cozinha, muito embriagada — disse em tom de reprovação. — Chamou-me vários nomes, disse coisas imperdoáveis e discutimos.

— Que tipo de coisas?

Mathieson apertou as mãos que tinham recomeçado a tremer.

— Chamou-me «velho nojento» ou coisa semelhante.

— Como se sentiu?

— Como julga que me senti? — explodiu, mas controlou-se rapidamente. — Senti-me... assim... dominado pela raiva. Queria recordar-lhe quem ela era de facto, o que dantes sentia por mim, o que éramos um para o outro. — Os seus olhos míopes imploravam para que o entendessem. — Estendi-lhe os braços, tentei abraçá-la.

— Abraçá-la? — insistiu Phillips.

— Quis beijá-la.

— Ela não retribuiu os seus sentimentos?

Mathieson levou a mão à testa e esfregou uma dor invisível.

— Ficou tudo... um pouco vago. Terminou muito depressa. Tentei puxá-la para os meus braços, mas ela debateu-se, tentou empurrar-me. Creio que lhe segurei os braços. Ela deu-me um pontapé na perna com uma das botas — disse vagamente, esfregando a nódoa negra por baixo das calças. — De qualquer forma, estávamos no chão da cozinha. Ela debatia-se, ameaçando gritar pela Helen. Creio que ia fazê-lo.

— E o que fez o senhor?

— Tive de a sossegar — disse Mathieson em voz baixa. — Só queria que ela se calasse por um momento, que me escutasse. Queria que ficássemos de novo juntos.

— Como foi que a sossegou, Daniel?

Mathieson falava em voz entrecortada e tremiam-lhe muito as mãos. Fitava-as como se elas pertencessem a outra pessoa.

— Eu... eu... eu... — Engoliu em seco. — Tinha as minhas mãos em volta do pescoço dela. — Ergueu-as e repetiu o movimento à medida que as lágrimas lhe corriam pelas faces. — Mas, de repente ela já não se debatia.

Fez-se silêncio e Ryan encheu mais uma vez os copos de água.

— Já que chegou até aqui, Daniel, pode contar-nos o resto.

Ryan recostou-se e observou com um olhar duro o homem que descrevia o modo como transportara a filha pela noite fora até à garagem da estalagem de Lindisfarne, a poucas ruas de distância.

— Porque levou a Lucy para o mosteiro, Daniel? Porque a limpou? Porquê o ritual?

— Porque é o adequado. — Voltava a falar em voz calma, agora que o pior já passara.

— *Adequado?*

— Segundo a nossa crença, o corpo de um ente querido deve ser completamente limpo, inspetor, em sinal de respeito. Era meu dever tratar do corpo dela e transportá-la para solo sagrado e consagrado.

Havia muitas perguntas a fazer, Ryan mal sabia onde começar.

— Disse «a nossa» crença? A crença de quem?

Pela primeira vez, Mathieson hesitou e as suas respostas tornaram-se mais comedidas.

— A minha e a da Lucy, claro.

— Paganismo?

De novo, uma pequena pausa.

— Sim, exatamente. — Ryan notou a falta de contacto visual, o que significava que ele estava a mentir.

— Onde obteve a cânfora, Daniel?

— A Lucy tinha-a no quarto.

— Claro, se a Lucy seguia o ritual pagão, guardaria no quarto objetos relacionados com o paganismo. Porém, não encontramos nada quando realizámos a busca. Retirou-os, Daniel?

— Não comento.

Os dois detetives ergueram as sobrancelhas.

— Porquê passar agora a ser pouco comunicativo, quando já nos confessou tanto? Estamos simplesmente a tentar entender a sua crença.

— Não comento.

— Muito bem. — Ryan controlou a sua frustração. — Limpou a Lucy na garagem. Encontrámos lá o ADN dela — acrescentou

casualmente, para que não houvesse dúvidas. — Utilizou cânfora. Que mais?

— Usei os sabonetes que guardam lá numas caixas. — Mathieson falou de novo, parecendo satisfeito por poder discutir aquilo. — Essência de terebintina e também lixívia.

— Deve ter sido difícil transportá-la até ao mosteiro, podia alguém vê-lo, e depois transportá-la pela vertente mais íngreme do monte — disse Phillips, como se o lamentasse.

— Confesso que foi difícil. Quase desisti — acrescentou Mathieson, como se estivesse a recordar tempos antigos. — Mas consegui lá chegar.

Ryan e Phillips passaram outra hora a rever a história de Mathieson, separando-a, puxando-a de novo em várias direções. O homem não se importava de discutir *ad nauseam* o modo como matara a própria filha e também como preparara um altar para a colocar, lhe alisara o cabelo e rezara as suas preces junto ao corpo antes de a deixar. Confessou ter limpo o corta-relva no chão da garagem, mais tarde, nessa mesma noite, e até admitiu ter colocado a roupa de Lucy na cabana de pesca de Alex Walker, num ato de despeito infantil. O mais extraordinário era não se arrepender de o ter feito, afirmando que Walker merecia tudo aquilo e muito mais.

O ciúme surgia de muitas formas, concluiu Ryan e todas elas desagradáveis.

Porém, Mathieson recusava-se a falar das suas crenças religiosas. Não houve adulação, lisonja ou ameaça que o pudesse induzir a discutir o assunto.

Apenas hesitou uma vez, quando abordaram o caso de Megan.

— Encontrámos várias transferências bancárias feitas em seu nome, depositadas na conta da Megan Taylor. Pode explicá-las, Daniel?

— Dormi várias vezes com a Megan no decurso do último ano — respondeu sem qualquer escrúpulo. — Parecia esperar um

pagamento, o que não me surpreendeu, pois fui ter com ela na expectativa de que se prostituía.

A frieza daquela afirmação, o desapego, fizeram com que Ryan pensasse que nem valia a pena incomodarem-se a perguntar se a mulher sabia dessa associação. Apostava que não.

— Está informado de que a Megan tinha um diário, Daniel?

Sem comentários, mas a curiosidade assomou ao rosto do homem.

— Pois tinha — afirmou Ryan. — Nele relatava os seus encontros entre outras coisas. Descreveu uma pessoa chamada «D», juntamente com a sua presença em vários «círculos» rituais. Sabe alguma coisa acerca disso?

— Não comento. — Essa era a resposta esperada, mas foi acompanhada por um olhar entendido.

— Matou a Megan, Daniel?

— Não comento — disse no mesmo tom agradável.

Ryan e Phillips olharam-no por um momento.

— Ao princípio desta tarde, antes de sairmos de Lindisfarne, o senhor confessou os homicídios de Megan Taylor e de Robert Fowler — declarou Ryan em tom paciente. — Está a anular a sua confissão?

Mathieson apertou os lábios.

— Escute — disse Ryan começando a perder a paciência. — O sargento Phillips e eu somos pessoas razoáveis. Compreendemos o que nos contou acerca da Lucy, estamos até dispostos a aceitar que não tenha havido premeditação. Tenho a certeza de que pode ser considerado assim em tribunal. — Ryan tinha dificuldade em pronunciar aquelas palavras, mas sabia que era verdade. — Mas quanto às mortes de Megan e de Rob, foi preciso planeá-las. Não foram num momento de raiva. Vai ser muito difícil convencê-los, Daniel, a menos que nos dê uma razão para que acreditemos que não foi o senhor.

O silêncio era apenas pontuado pela respiração pesada de Mathieson.

— Fez transferências para a conta da Megan. Ela ia denunciá-lo, Daniel? Ia contar à Helen.

— A Megan e o Rob satisfaziam as condições — sussurrou Daniel, lançando gotas de saliva para cima da mesa.

— O que quer dizer com essa história de «condições»?  
Mathieson não respondeu.

Ryan olhou-o durante uns momentos e pediu um intervalo, pois eram quase seis e meia. Lá fora voltou-se para Phillips.

— Tudo o que tenha que ver com o ritual, com a Megan ou com Rob, fecha-se em copas. Porquê? Conta tudo o que diz respeito à Lucy.

— Não entendo — concordou Phillips. — Quase parecia orgulhoso quando nos disse que tinha matado a filha.

— Pensa que se redime do crime por lhe ter facultado um enterro «adequado» — declarou Ryan.

Phillips ficou a ver o inspetor dirigir-se à máquina de café, tirar a bebida e engoli-la de um dos pequenos copos de papel.

— Em que está a pensar?

Ryan engoliu o café, lançou o copo através da sala, fazendo com que caísse perfeitamente no centro do caixote aberto. Depois, voltou-se.

— Estou a pensar que, se voltar para lá para o interrogar outra vez, ele nada mais nos vai dizer acerca da Megan ou do Rob. Estou a pensar que ele nos esteja a enganar em relação a esses dois. Estava sob vigilância quando o Lowerson foi atacado, por isso sabemos que não foi ele. Apostava que tinha sido o Ingles, mas agora não tenho a certeza.

— Terá um cúmplice?

Ryan espreitou pela janela, mas, em vez de ver lá em baixo um carro de polícia estacionado, lembrou-se do mapa de Lindisfarne na parede da sua casa. Viu as bandeirinhas vermelhas que marcavam o local em que cada cadáver fora encontrado: Lucy na zona sul da ilha, no mosteiro. Rob a oeste, na praia do passadiço. Megan no

centro no telhado do *pub*, mas o catavento fora fixado para apontar o norte.

*Satisfaziam as condições.*

— Frank, o que foi que disse acerca de os pagãos darem significado aos quatro pontos cardeais, norte, sul, este e oeste?

Phillips coçou a cabeça.

— Ah, só que faz parte importante do ritual deles, chefe. Cada ponto, torre de vigia, guardião ou seja o que for que lhe chamam, tem que ver com um elemento diferente.

— Terra, ar, fogo e água?

— Sim. Exatamente. Porquê?

— Ele ainda não chegou ao fim.

— O Mathieson?

— Não. — Ryan deu meia-volta com uma expressão furiosa. — O Mathieson terminou tudo com a morte da Lucy. Tem estado a enganar-nos, raios! Porque haveria ele de praticamente se entregar, quando não fez o seu sacrifício para leste? Não faz sentido o Mathieson confessar agora se foi responsável pelos três. Ainda falta um.

— Ah...

— As vítimas... pensei que haveria um padrão, mas não há, ou pelo menos no sentido habitual — continuou Ryan, e as palavras saíam-lhe da boca enquanto seguia uma linha de pensamento. — Ontem estava a pensar que os psicopatas têm um objetivo. Há sempre um significado por trás daquilo que fazem, algo que querem ganhar. Não se trata de um homem meio maluco a dançar em volta de um boneco de palha, nem de um velho tarado que se passou por fim e matou a própria filha. O homem que perseguimos tinha uma razão, uma razão muito específica, para matar a Megan e o Rob. E tudo encaixa, porque os corpos foram tratados de maneira diferente.

— Quem? — perguntou Phillips, insistente.

— O mesmo homem que não queria que a Megan contasse à mulher o caso que tinham. Um homem que ela trata por «D», o pilar



da comunidade. O mesmo homem que não queria ver Alex Walker na cadeia por um crime que não cometeu e que, por isso, tratou de fazer com que outro ocorresse, de modo a ter a certeza de que Walker não tivesse cometido o primeiro. A vantagem foi matar o Rob Fowler, que talvez soubesse demais e que era, na ideia desse homem, indesejável. Quem se adequa ao perfil?

— Meu Deus! — murmurou Phillips ao aperceber-se da verdade.

— Tão simples. — Ryan abanou a cabeça e, inquieto, passou os dedos pelo cabelo negro. — Temos de voltar.

— Mathieson... — Phillips seguiu atrás de Ryan para acompanhar os passos do inspetor enquanto caminhavam pelo corredor em direção à saída.

— Chame a MacKenzie para que termine a história dele e que tente mais uma vez que ele diga quem é o D, porque ele sabe de certeza. Sabe e sente-se muito cheio de si por causa disso — exclamou Ryan irritado. — Ela que o ameace com um escândalo, se necessário for. O Mathieson é fiel a esse cretino e age por ordens de outrem; é por isso que não quer denunciá-lo. Ela que quebre essa lealdade, que lhe diga que vamos dizer que ele pôs a boca no trombone, a menos que nos diga e assim acusamo-lo de um homicídio e não de três. Ele tem medo, por isso não vai gostar.

— Vou tratar disso — exclamou Phillips também irritado. — Para onde vai?

O relógio marcava seis e quarenta e cinco e a maré mudava antes das oito. A ilha ficava a uma hora e meia de distância com bom tempo.

— Vou para a ilha. — Esperava conseguir lá chegar. — Reúna uma equipa. Vamos à procura de um lugar que satisfaça o ego dele, um lugar suficientemente grande para o abrigar. Tem de ser o forte. É aí que ele estará.

— Seguimos logo atrás de si.

Ryan olhou para os firmes olhos castanhos do sargento e assentiu antes de sair para a rua e enfrentar a intempérie.

## CAPÍTULO 28

Anna desistiu por fim de esperar por Ryan e dirigiu-se sozinha para a homenagem noturna no Jolly Anchor. Encontrou o *pub* cheio de uma renovada alegria natalícia. Luzes multicores enfeitavam as colunas do balcão e havia azevinho nas paredes e em redor da enorme lareira acesa. O calor da sala, cheia de tantos rostos conhecidos, ajudou Anna a livrar-se dos restos da ansiedade que a invadira quando vira Ryan afastar-se.

Era ridículo sentir-se tão carente. Ryan saíra de Lindisfarne para poder interrogar e provavelmente acusar o homem responsável pelo homicídio de três pessoas. Era uma razão para se sentir grata, recordou a si própria, e não para se sentir só e despojada. Havia anos que vivia só e era dona do seu próprio destino. Porque haveria isso de mudar depois de ter passado uns dias com Ryan?

Pegou na mala para procurar o telemóvel. Antes de se lembrar que pouco ou nenhuma rede havia naquela parte da ilha. Mesmo assim, não importava grande coisa. Ryan sabia onde ela estava se quisesse encontrá-la.

Viu Mark que se dirigia para ela envergando uma grossa camisola de Natal enfeitada com grandes flocos de neve e viu-se obrigada a sorrir. A noite serviria para celebrar a vida daqueles que a tinham perdido, um bálsamo para a dor sentida por todos de várias formas, naqueles últimos dias tão intensos. Devia-o a Megan entrar no espírito da ocasião, de modo que aceitou o copo de hidromel.

— Que bom ver-te por aqui, Anna — disse Bowers, reparando nas olheiras e no modo como a luz da lareira acesa lhe dançava no

rosto.

— É bom estar aqui — replicou ela, acenando a Bill Tilson, que se ocupava do bar ajudado por Pete. — Não tinha a certeza de poder vir.

— O Ryan não está cá esta noite? — perguntou Mark.

— Foi ao continente...

— Oh, claro, para interrogar o Dan Mathieson. Foi um choque para todos nós.

— Bem sei — concordou Anna. — Seria sempre um choque, porque eu tinha a certeza de que descobriríamos a pessoa responsável. Esperamos que seja o fim de tudo isto.

Bowers assentiu com ar pensativo e fez girar na mão o copo de *brandy*.

— Esperemos que Mathieson faça o que deve — disse. Quando Anna se voltou com uma expressão intrigada, acrescentou. — Que confesse os seus crimes.

— Oh, claro, isso facilitaria o trabalho do Ryan. Pelos vistos há muitas provas na garagem dos Rigby. Parece que está tudo ligado.

— Isso é muito bom — afirmou Mark. — Então, à saúde do fim de um interlúdio desagradável.

Anna ergueu o copo e tocou no dele e, como o hidromel estava a deixar-lhe a cabeça levemente confusa, fez-lhe uma pergunta pessoal.

— Mark, alguma vez se sente só no Natal? Dantes nunca me incomodava, mas ultimamente apercebi-me de que talvez tenha mudado de ideias.

Bowers olhou por algum tempo para o copo e para o líquido ambarino.

— Dantes sentia-me só. A sério, a vida passava por mim porque estava sempre cheio de trabalho. Nunca arranjei tempo para uma senhora Bowers. — Voltou-se para a olhar por um instante e depois dirigiu a atenção outra vez para a sala.

— Já não se sente assim?

Bowers olhou em volta, observando o ambiente com os seus olhos inteligentes.

— Não tanto. Encontramos outras coisas, outras pessoas que nos dão sentido.

— Ora, ninguém pode dizer que o senhor é preguiçoso, Mark — disse Anna a rir, a pensar em todo o bem que ele fazia para a ilha.

— Gosto de me manter ocupado — declarou, encolhendo os ombros. — Mas não cometas o meu erro, Anna. Agarra a vida e tudo o que ela tem para te oferecer, porque, de contrário, vais acordar uma manhã, mais velha, a lamentar teres desperdiçado oportunidades. O Ryan é um bom homem.

Ele bebeu mais e pensaram no amigo ausente.

— Como é que... — Anna calou-se, embaraçada.

Mark voltou-se para ela a sorrir.

— Ia perguntar «como é que se sabe quando se encontra a pessoa certa»?

Bowers voltou-se para ela e tocou-lhe nas pontas do cabelo, antes de se afastar.

— Amei uma mulher, Anna. Era a pessoa mais bonita que conheci, por dentro e por fora. Adorava-a, mas agora já cá não está.

— Lamento muito, Mark — disse Anna penalizada. — Nunca soube.

— Como haverias de saber? Nunca te disse. — *E mesmo assim não entendes*, pensou.

— Porque foi que não deu certo? — Provavelmente, deveria deixar de ser tão intrometida, pensou Anna, mas Mark era agora o que tinha de mais parecido com uma família.

Ele abanou a cabeça.

— Pertencia a outra pessoa.

O ruído do motor interrompia a tranquilidade da ribamar enquanto o carro de Ryan seguia a toda a velocidade pela estrada sinuosa em

direção a Lindisfarne. Marcou de novo o número de Anna no telefone no modo de mãos-livres.

E mais uma vez o ouviu tocar.

Marcou o número de Phillips e guinou para evitar um coelho que saltou na estrada à frente do carro.

— Ryan? — A voz reconfortante de Phillips encheu todo o carro.

— Tem a equipa reunida? Ainda bem. Quero que o Grupo A oriente as saídas. O Grupo B para o controlo das multidões. O Grupo C acompanha-me, isto é, você e a MacKenzie, se ela já tiver terminado o interrogatório, tragam alguns agentes. Preciso de pessoal experiente.

— Compreendido. — Phillips não disse mais nada.

Uma neblina atravessava toda a região, e o carro travou bruscamente à entrada do passadiço, fazendo voar a areia num arco turvo por cima do asfalto. Sobre a água brilhavam as luzes da pequena ilha. Ryan praguejou em voz alta durante muito tempo.

A maré vencera-o e escondera o passadiço sob um manto de água escura e batida.

— Não consegui, Frank — exclamou, pensando nas suas opções. O mar estava revoltado, assinalando o início de uma tempestade. Não era de espantar, pois o tempo estivera cinzento e com nevoeiro e, nos últimos dias, tinha havido muito vento. — Requisite um helicóptero, leve a equipa para a base da RAF e diga-lhes que passem para a ilha assim que for seguro, mas não antes. Não quero arriscar mais vidas.

— O que vai fazer? — perguntou Phillips preocupado.

— O que tiver de ser, Frank.

Anna acompanhou Mark noutra bebida e falaram de tempos antigos até ele lhe dar um leve beijo e se despedir. Tinha de se levantar cedo na manhã seguinte, pois pensava ir visitar a família da irmã no continente, já que era dia de Natal. Havia já menos gente no *pub*, pois aqueles que tinham crianças na família já se tinham

retirado, mesmo assim restavam ainda alguns. E ainda bem, porque Anna não estava disposta a voltar para uma casa solitária.

Lá fora o vento batia na janela como um chicote, fazendo estalar as janelas de madeira. O caminho para casa seria brutal e Anna desejava ter renunciado ao hidromel para ter trazido o carro.

— Anna? Como tens passado, miúda? — Bill encaminhou-se vagarosamente para ela. Com o rosto avermelhado por ter bebido aquilo que vendia.

— Melhor do que esperava, Bill. E tu?

Ele bebeu outro gole de cerveja e lançou-lhe um olhar levemente desfocado.

— A vida é estranha, não é verdade?

— Suponho que sim — concordou Anna, sem perceber onde levava aquela conversa.

Não era próprio de Bill ser tão profundo e sério, mas afinal tratava-se de uma ocasião muito emotiva. Seguiu o olhar dele e avistou três enormes molduras com fotografias que ele colocara por cima da lareira — uma para cada uma das vítimas. Os seus olhos pousaram na de Megan, na sua beleza e vitalidade que cintilavam através da fotografia granulada em que ela estava sentada de pernas cruzadas e descontraída na praia.

— Onde foi tirada aquela, Bill?

— Foi no ano passado, na praia de Bamburgh. — Lembrou-se de um perfeito dia de verão nas areias douradas por baixo do castelo de Bamburgh e do afloramento sobre o qual fora construído.

— Parece muito feliz — disse Anna com alguma admiração. Nunca se lembrava de ter visto Megan verdadeiramente feliz.

— Creio... creio que estava — disse Bill, sem ter a certeza.

Anna olhou-o de perto.

— Bill — disse ela em voz baixa. — Foste tu que tiraste a fotografia?

Bill fez um esforço para anuir.

— Lamento, não me tinha apercebido.

— Nem havia razão para isso — disse ele bruscamente, afastando uma lágrima que lhe corria pela face. — Nem eu me apercebi durante muito tempo. A Megan era como uma borboleta, não é verdade? Uma bela borboleta colorida, mas se nos aproximássemos demasiado das suas asas, quebrava-se. Não gostava de ser asfixiada.

— É uma boa maneira de a descrever, Bill. Ela ter-te-ia agradecido. Bill anuiu.

— Ela tinha orgulho em ti, Anna — afirmou ele, de súbito, pensando que havia coisas que Anna deveria saber.

Anna voltou-se para ele, cheia de paciência, pronta para lhe dar razão e sorrir.

— Sei que não acreditarás que ela encomendou um exemplar do teu livro. — Bill sorria, a pensar como Megan sorrira quando ele a vira a abrir a encomenda.

— Deveras? — Anna olhou-o, inexpressiva.

— Pois, deu uma desculpa e disse que a encomenda devia ter vindo por engano, mas que teria direito a ler sobre a história local e tudo o mais, mas a verdade é que o comprou para ter uma coisa escrita por ti.

Anna conteve as lágrimas e voltou-se mais uma vez para a fotografia da irmã.

— Fui uma idiota — disse com voz pastosa.

— Fomos todos — disse ele e acabou a sua bebida.

Quando a tempestade rebentou, Ryan desistiu de querer entrar em contacto com Anna e recusou pensar no pior. Poderia haver uma explicação, pensou, ela poderia estar no *pub* e não conseguir ouvir o toque do telemóvel por causa do ruído.

Estava incrivelmente preocupado.

Resolutamente, conduziu noite fora por estradas escuras, cuja única luz era a dos faróis do seu carro. Perdeu-se duas vezes, por se

ter enganado e acabou numa estrada rural que apenas fazia troça do seu GPS. E por duas vezes quase chorou de frustração.

Por fim, viu uma placa que indicava «Beal» e atravessou ruas festivas cheias de gente alegre que celebrava a véspera de Natal.

Dirigiu-se diretamente para o porto, o único sítio onde conseguiria arranjar um barco que o levasse a Lindisfarne.

Anna começava a divertir-se. *O hidromel estava a começar a fazer efeito*, pensou ela com um risinho de adolescente, Frankie Goes to Hollywood cantava pelas colunas do bar acerca do poder do amor, o que lhe fez vir as lágrimas aos olhos, enquanto se deixava cair num dos cadeirões de cabedal junto à lareira.

O que se passava consigo? Tentava livrar-se da confusão que sentia na cabeça, devia dirigir-se ao balcão para pedir café, ou água, mas sentia-se tão quente e confortável ali perto do lume.

Lançou um olhar confuso em redor da sala e fitou os amigos e vizinhos. Pete sorriu-lhe, enquanto tirava cervejas atrás do balcão. Bill falava com Steve Walker e outros habitantes. Alison Rigby estava rodeada por um grupo de mulheres, mas ao ver Anna sozinha, pediu licença e dirigiu-se a ela.

— Oh, que caraças — resmungou Anna, tentando levantar-se para arranjar uma desculpa, mas deixou-se cair e soltou outra gargalhada. Sentiu a garganta seca e bebeu outro gole de hidromel.

— Como estás, minha querida? — Alison atravessou a sala num vestido preto de cetim, pelo menos um tamanho abaixo do seu, e com um forte perfume a laca.

— Estou bem, senhora Rigby, apenas um pouco cansada. — Anna apercebeu-se de que tinha de fazer um esforço para pronunciar cada palavra.

— Têm sido uns dias terríveis, não é verdade? — Alison deu um estalo com a língua, insistindo para que Anna se recostasse confortavelmente, e instalando-se na cadeira em frente.

— Hum... hum... — concordou Anna sonolenta.



— Todas estas mortes recordaram-me de quando o meu Andrew faleceu — afirmou Alison, mas não se notava qualquer sinal de infelicidade. Pelo contrário, tinha os olhos brilhantes enquanto olhava em redor da sala. Era uma mulher que se alimentava dos dramas alheios.

— Lamento muito — murmurou Anna educadamente, tentando recordar-se de Andrew Rigby.

— Ora essa, minha querida. Para falar com toda a franqueza, a morte do Andrew foi uma bênção disfarçada. Por vezes não se aturava. — Sacudiu cotão imaginário da saia e alisou-a com as suas mãos bem arranjadas. Olhou de perto para Anna e pensou que não haveria problema em ter uma conversinha com ela. — Deves ter sabido da história do Andrew com a tua irmã, certamente ouviste boatos.

Anna franziu a testa, tentando perceber o que Alison dissera.

— A minha... a minha irmã?

— Sim, claro, a tua irmã — afirmou Alison em tom cortante, para logo baixar a voz. — Quem mais? Megan Taylor, uma dama muito sedutora.

— Eu... não compreendo — disse Anna.

— É muito simples, a sério, a tua irmã atraiu o meu marido para longe de casa e da família, obrigou-o a esquecer as suas responsabilidades.

— Não... ela não era assim... — Foi o que o cérebro enovoado de Anna conseguiu dizer.

— Ora, claro que tinhas de dizer isso. — Alison inclinou-se e deu umas palmadinhas na mão de Anna com afeto fingido. É espantoso, não é verdade, como quem sai aos seus não degenera. A Megan era muito parecida com a tua mãe. Conseguia atrair os homens a cinquenta passos de distância.

— Quem?

Alison soltou uma gargalhada que lhe fez estremecer o penteado.

— A tua mãe, querida. A Sara Taylor era uma mulher bonita, tenho de admitir. Principalmente depois do que tinha de aguentar por viver com o teu pai. Eu *não* aguentei. — Riu e Anna apercebeu-se de algo nas profundezas daquela estranha gargalhada. — Mas tudo está bem quando acaba bem, não é verdade?

Confusa e horrorizada, Anna olhou para a outra mulher e tentou levantar-se sem o conseguir.

— Então, não te inquietes. Deixa-te ficar onde estás. Em breve tudo terminará.

E Alison pegou no copo de hidromel que estava sobre a mesa ao lado de Anna, meteu-lho na mão e levou-o firmemente aos lábios dela.

— Continua a beber como uma boa menina. Daqui a pouco sentes-te melhor.

A seguir, levantou-se, fez um gesto subtil a um homem do outro lado da sala e voltou para junto das outras senhoras.

Ryan já tinha andado de barco na sua infância. Passara vários verões agradáveis na costa sul, em Devon, em casa da avó, e lembrava-se de ela lhe ter ensinado, a ele e à irmã, as bases da arte de navegar. Os céus estavam sempre azuis, a água plácida e o vento quente tinha a força suficiente para enfunar as velas.

A realidade do presente estava a um mundo de distância dessas agradáveis recordações do passado. Discutira e ameaçara o vigilante do porto de Beal para que o deixasse alugar um barco e como tivesse sido em vão, tentara subornar um pescador para que o levasse para o outro lado num dos velhos barcos. Nem mesmo uma soma avultada acompanhada pela identificação da polícia tentou os pescadores locais a enfrentarem a intempérie do mar do Norte. Noutras circunstâncias teria aplaudido o seu bom senso.

Mas, neste caso, soltou um dos barcos e conduziu-o ele.

Depois deu por si a questionar a sua sanidade mental enquanto avançava pelas ondas, sentindo o estômago aos saltos enquanto o

barco balançava como uma pena ao vento. A água atravessava o seu casaco supostamente resistente a todas as condições atmosféricas, pingava-lhe do cabelo numa touca negra e escorregadia enquanto o mar atingia o barco. Conhecia um pouco as ondas em redor de Lindisfarne, sabia que podiam ser mortíferas e que corria o maior risco da sua vida por ter partido sozinho na escuridão. Esperava que a sua memória do terreno lhe fosse útil enquanto insistia para que o motor avançasse numa luta contra a força das ondas, contornando as águas escuras onde se escondiam rochas aguçadas.

A viagem era dolorosamente lenta, mas quando passou o cabo e apanhou de frente a corrente do oceano, percebeu o que era o verdadeiro medo. Rangeu os dentes, apertou o maxilar, puxou o capuz para a cabeça para afastar dos olhos os salpicos de água salgada e concentrou-se na luz fraca que parecia erguer-se do mar mais adiante na costa.

Lindisfarne.

Apertou com o motor do barco e pensou em Anna.

Anna sentia-se mal e a sua cabeça latejava. Os rostos dançavam diante dela como fantasmas e tentava manter-se lúcida. Esforçava-se por se sentar direita, quando uma mão suave a agarrou.

— Precisas de ajuda, Anna?

— Bill — disse ela, agradecida. — Sinto-me... sinto-me maldisposta.

Ele soltou uma leve exclamação de censura ao notar-lhe a palidez e os olhos demasiado brilhantes com as pupilas contraídas.

— Creio que bebeste um pouco mais que a conta — disse, apertando os lábios e ajudando-a a levantar-se. — Vamos, vou levar-te a casa. O Pete toma conta do bar.

— Eu... não costumo... — Anna parecia um pouco arquejante enquanto se encostava ao corpo quente de Bill e o deixava passar o braço à sua volta.

Para indicar a quem os estava a ver que Anna bebera demais, Bill fez um gesto divertido por cima da cabeça dela.

— Vamos lá, um pé à frente do outro — incentivava-a a seguir em frente num tom tranquilizador.

— Telefonas ao Ryan, por favor — pediu.

— Ora, ora, não precisas do Ryan — disse Bill carinhosamente segurando-a com força enquanto saíam para a noite.

Anna sentiu o ar frio como uma bofetada no rosto e por um momento ficou mais sóbria.

— Creio... creio que tenho de me deitar.

— Boa ideia — concordou Bill, afagando-lhe amigavelmente o braço. — Provavelmente será melhor não irmos a pé. Vamos no meu carro.

— Está bem — anuiu ela em voz fraca, sentindo-se a flutuar. Quase sem sentir, deixou que ele lhe pusesse o cinto de segurança no lugar do passageiro e encostou a cabeça pesada ao vidro frio.

— Estamos quase — disse Bill conduzindo pela longa estrada que seguia em direção ao forte.

Anna ergueu-se o suficiente para reparar no cenário que a rodeava.

— Não, Bill, devia ter-te dito. Já não estou na minha casa; estou do outro lado da ilha com o Ryan.

— Bem sei, Anna — disse ele em voz baixa.

— Mas... vais pelo caminho errado — disse ela logicamente e ouviu-o soltar um profundo suspiro.

— Isso magoa-me Anna, a sério. Sempre me preocupei contigo, contigo e com a Megan.

Anna não percebia.

— Queres ouvir música? — perguntou de novo com um tom alegre. Ligou o rádio e sintonizou-o até encontrar a bela voz de Bing Crosby a sonhar com um Natal branco. — Provavelmente não compreendes nada disto — garantiu ele —, mas o sumo-sacerdote

vai explicar-te para que possas apreciar como és importante para o nosso círculo. Sem ti não haveria oferenda.

Anna pôs a cabeça entre os joelhos e vomitou.

Ryan sentia que estava perto, embora cada metro de mar fosse difícil de vencer. O problema seria entrar no porto quando lá chegasse. Pensou que conseguiria encontrar o caminho para a pequena enseada a leste e diante da fortaleza sobranceira à vasta extensão de oceano, porém, teria de evitar as rochas que, semelhantes a minas, guardavam a entrada. Ia precisar de ajuda.

Pegou no rádio que tinha desligado e pô-lo a funcionar. As aparências podiam ser enganadoras. Ali, naquele barquinho que mais parecia um balde de lata, o dono instalara um sistema de rádio topo de gama, com um sinal seletivo digital.

Depois de um momento angustiante em que Ryan não conseguia recordar imediatamente o número que identificava a guarda costeira de Lindisfarne, apercebeu-se de que este estava pré-programado para marcação rápida e colocado no painel de instrumentos.

Carregou no «16» e esperou que alguém atendesse.

Houve um estalido na linha que foi música para os seus ouvidos.

— Guarda Costeira de Lindisfarne. Por favor identifique-se. *Over.*

Ryan reconheceu a voz.

— Alex? Daqui Ryan. Estou num barco de pesca a aproximar-me de Lindisfarne de sueste, vindo de Beal. Necessito de ajuda para entrar no porto. *Over.*

— Ryan, és completamente louco. Com estas condições atmosféricas não vais conseguir entrar no porto. Dá meia-volta. Repito: dá meia-volta. *Over.*

— Negativo. Mantenho a rota atual. *Over.*

Ouviu-se na linha um estalo momentâneo. À secretária no posto da guarda costeira, Alex passou a mão suada pelo rosto e viu a tempestade que rugia do outro lado da janela. Depois, voltou-se para o sonar que indicava a posição de Ryan. Balançava

perigosamente entre duas longas extensões de rochas que havia séculos destruíam completamente barcos e os seus capitães.

— Lança a âncora. A guarda costeira vai buscar-te. Confirmo. *Over.*

— Negativo. Não há tempo e é muito arriscado para ti. Guia-me.

*Over.*

Alex praguejou. Que sacana teimoso!

— Como queiras. Altera para quinze graus a estibordo e mantém a rota.

## CAPÍTULO 29

Anna mal dava por estar dentro do carro de Bill enquanto este se esforçava por subir a estrada íngreme e serpenteante que levava à fortaleza da ilha, no cimo do monte. Anna sabia que era um lugar espetacular; num dia claro, avistavam-se muitas milhas de mar se se subisse à torre de pedra, a estrutura mais alta da ilha.

Por fim, o carro chegou ao cimo e passou a entrada de pedra, ladeada por lanternas recentemente acesas para lhes dar as boas-vindas. Bill estacionou diante do enorme portão, que estava aberto.

— Cá estamos — disse com a mesma voz estranha enquanto a puxava para fora do carro. As pernas de Anna cederam e a sua cabeça continuava a girar, de modo que a ergueu com facilidade e passou o portão com ela ao colo como se fosse um bebé.

Lá dentro, a fortaleza estava quente em comparação com o vento frio que uivava lá fora. Todas as fornalhas estavam acesas, oferecendo luz e calor. Bill parecia saber onde se dirigir, pois não se deteve na entrada e continuou a subir a escada de pedra, batendo violentamente com as botas devido ao esforço.

— Bill — Anna procurava-lhe a manga, desesperada, mas parecia não conseguir agarrar o tecido. — Por favor.

— Chiu — disse em voz baixa. O caminho estava já decidido e ele não parecia disposto a alterá-lo.

No cimo da escada, voltou à esquerda e meteu pelo longo corredor até chegar ao extremo oposto, a um grande compartimento hexagonal. O círculo estava pronto, todos envergavam longas togas negras, anónimos sob as suas máscaras de animais. As janelas

ofereciam uma vista panorâmica do mar e da terra lá em baixo e o fogo aquecia o interior de madeira e pedra, lançando sombras sobre as molduras dos retratos de homens e mulheres há muito desaparecidos.

No centro estava um homem com uma peliça de pelo de animal sobre os ombros e costas, até ao chão. Andava em volta de uma mesa de madeira coberta por uma toalha vermelha.

— O nosso irmão e a Anna. Bem-vindos!

Quando Anna tentou mexer-se as lágrimas correram-lhe pelas faces. Via manchas negras diante dos olhos, quando tentava focar e movimentar os membros.

O sumo-sacerdote dirigiu-se a ela e a jovem viu a máscara com chifres balançar diante dos seus olhos. As linhas entre o real e o irreal eram tão indistintas que, por momentos, homem e animal surgiam como um só.

— As sementes estão a fazer efeito — disse ele calmamente e os olhos dela abriram-se de novo espelhando claramente o horror que sentiam.

Ele reparou e sorriu. Aquele momento de reconhecimento era sempre doce, o prelúdio do medo paralisante que logo se seguiria.

— Sim, conheces-me, não é verdade, Anna?

Ela não respondeu, limitou-se a olhá-lo ofegante.

Ele sorriu pelo orifício da máscara mostrando os dentes brancos e direitos que brilhavam no seu rosto atraente.

Endireitou-se e voltou-se para os seus seguidores, disse para consigo que tinha de ser paciente para completar o ritual. Compreendia agora que tal era necessário. Ergueu o punhal que segurava e descreveu um círculo no ar, enquanto chamava o Mestre.

*Imperador Lucifer, mestre de todos os espíritos rebeldes.*

*Imploramos-te que nos garantas o pedido que te fazemos.*

*O conde Astarot!*

*Sê-nos favorável e faz com que esta noite nos apareças em forma humana.*



*Concede-nos, pelo pacto que fizemos contigo, todas as riquezas de que necessitamos.*

*Ave Satani!*

Anna ouviu aquelas palavras e debateu-se enquanto vomitava. Tinha os braços e os pés presos e estava atada à mesa por dois cabos de corda que passavam por baixo da madeira e lhe cobriam o peito, depois voltavam a passar por baixo para lhe prenderem as pernas e os tornozelos. A corda áspera raspava-lhe a pele dos tornozelos e dos pulsos fazendo saltar o sangue, mas ela não o sentia.

À sua volta entoavam cânticos.

Voltando a cabeça, Anna observava-os com uma crescente sensação de que tudo iria acabar. Surgiam rostos de criaturas míticas em efígies de pesadelo.

Quando Ryan ancorou o cansado barco de pesca no pequeno porto de Lindisfarne, o alívio que o invadia só foi superado pela gratidão sentida pelo elemento da guarda costeira que garantira que ele ali chegasse são e salvo.

Alex Walker correu pelo passadiço de madeira do ancoradouro, com os pés a escorregarem, para ir ter com o inspetor à saída do barco. Estendeu-lhe a mão áspera, que Ryan aceitou.

— Que se passa? Mas que diabo se passa?

Ryan olhou para o rosto do outro homem e decidiu confiar nele. Por vezes havia quem não saísse aos seus.

— Tenho de ir ao forte. Creio que levaram a Anna para lá.

— Levaram?

— Sabes que há um círculo de pessoas ritualistas aqui na ilha.

Alex não se incomodou em negá-lo.

— O meu pai faz parte do círculo, mas é uma pessoa que cura, Ryan. Não é violento, podes acreditar.

Ryan sentiu piedade.

— Vou lá a cima com ou sem a tua ajuda.

— Tentaste ligar à Anna? — perguntou Alex, desesperado. — Provavelmente está no Anchor, a beber com os outros. Toma, usa o meu telefone...

— Já tentei ligar-lhe. Não atende. Também já liguei para o *pub* e o Pete disse-me que já saíram quase todos e que o Bill foi levar a Anna a casa, o que é estranho porque também de lá ninguém atende. — Ryan passou por ele, correu pelo ancoradouro em direção à estrada que levava ao forte.

— Passaram carros por aqui?

— Alguns, creio, mas provavelmente foi apenas o Mark que foi lá acima ao forte para ter a certeza de que aquilo está bem fechado...

— Preciso do teu jipe. — Ryan estendeu a mão para as chaves e fitou Alex.

Walker fechou a mão em redor das chaves que tinha no bolso.

— Eu levo-te. Conheço melhor a estrada.

Anna viu o homem erguer os braços acima da cabeça, chamar o Mestre e ordenar que os outros fizessem o mesmo. Naquele aposento, homens e mulheres que ela conhecera desde a infância olhavam-na com expressões vazias e drogadas, sem qualquer compaixão. Para eles, ela já não era a Anna; era uma oferenda, uma permuta por riquezas, fossem elas quais fossem.

Anna era a droga para o homem no centro, outro meio de provar o poder embriagador que provém de matar. O corpo dele estremecia ao pensar na sensação que lhe causaria o sangue da jovem a escorrer-lhe das mãos, ao imaginar o sabor na sua língua.

Satisfeito por ter completado o ritual, aproximou-se de novo dela, com os pés a colarem-se ao de leve ao chão coberto de plástico.

Apercebeu-se de que queria que ela tivesse a mente desanuviada, para o reconhecer e respeitar.

— Anna! — Esbofeteou-a com força e viu que ela conseguia concentrar-se. Sorriu.

— Doutor Walker — exclamou em voz rouca.

— Agora sou muito mais do que isso. Precisas de entender isso, para compreenderes a razão para seres tão importante, Anna. Sem ti não teríamos outra oferenda.

— Enlouqueceu? — perguntou ela sem pensar e viu-o soltar uma exclamação de desprezo e abrir e fechar as mãos.

— Cabra ignorante — sibilou. — És igual à tua mãe.

*A minha mãe?!*

Anna observou-o, enquanto ele contornava a mesa como um leão esfomeado, pronto a atacar. Começou a sentir que as nuvens da sua mente se afastavam e disse a si própria que devia continuar a falar para também o manter a falar. Ele queria contar a sua história, era evidente. Queria vangloriar-se.

— A minha mãe morreu — disse ela, em voz baixa.

— Não foi assim tão simples — objetou. — A tua mãe foi a minha primeira oferenda. — Ana fitou-o, sentindo uma dor apunhalá-la, logo seguida por uma raiva escaldante. — Sim — disse ele, vendo que ela tinha entendido. Infelizmente, não houve tempo de completar a cerimónia. Tive de improvisar. Lembrou-se por momentos de Sara Taylor a cair, suspensa no ar, tentando a garrar-se a qualquer coisa. Sorriu com a recordação.

— Uma grande beleza, a tua mãe — disse em tom familiar. — És parecida com ela.

— A Megan. Matou a Megan.

— Ela era diferente. — Passou a língua pelos dentes. — Um pecado delicioso, mas como tantas outras coisas que sabemos serem más para nós, há um momento em que sabemos que temos de nos afastar. Ela estava disposta. Disposta a oferecer-se porque conhecia o nosso círculo, o nosso culto.

— Nunca concordou em morrer.

— Oh, claro que sim! — Fez estalar a língua e tocou-lhe no nariz num gesto antigo que ela recordava de quando era adolescente e jantava em casa dele. — A Megan entendia que os círculos da

natureza continuavam a girar e que devia haver uma troca justa entre nós e as forças. E ela fazia parte dessa troca.

— O senhor não passa de um assassino. Vai arder no inferno — exclamou Anna com desprezo.

O médico soltou uma gargalhada e lançou a cabeça para trás de tal forma que a peliça caiu para o chão de forma dramática.

— Julgas que receio o inferno? Mas quem pensas que adoramos? — Inclinou-se mais num movimento súbito. Anna ofegou e recebeu o que se seguiria. — *Eu sou* o inferno — murmurou tão perto dela que Anna lhe sentiu o hálito no rosto.

Olhou-o nos olhos e viu-os cintilar de loucura por trás da máscara de plástico. Esforçou-se por se concentrar e por não desistir de momento.

*Mas onde estava Ryan?*

— E também matou o Rob.

— Estás de repente muito faladora — disse ele com uma gargalhada. — Bem, suponho que tenho de te ser agradável. Afinal, o teu amante não poderá salvar-te, pois não, Anna? A maré subiu e só um idiota tentaria atravessar de barco. Além do mais, o Daniel já acedeu em pagar o preço que a sociedade exige pelos nossos sacrifícios.

Uma única lágrima correu-lhe pela face, mas Anna manteve a boca fechada.

— Muito bem — continuou Walker enquanto erguia o punhal. A lâmina cintilou prateada à luz do fogo e Anna disse para consigo que deveria respirar fundo, embora sentisse o estômago apertado e os intestinos a soltarem-se, olhou para o antigo teto, recusando-se a fitá-lo enquanto ele começava a passar-lhe a faca pela roupa, cortando-lhe o tecido da blusa.

— O Rob era um fraco — continuou Walker. — Nunca apreciou o grande sacrifício que o Daniel fez por nós quando matou a própria filha. Adoro essa ironia, não concordas? Tal como Abraão e Isaac,

mas claro que os nossos deuses são muito diferentes daquele que veneram ao domingo.

Anna perguntou a si própria como poderiam venerar um pedófilo que sujeitara a filha a incalculáveis anos de tormento antes de acabar por matá-la, mas concentrou-se em fazer-lhe perguntas a que ele poderia responder.

— O Rob queria falar com a polícia? — Sentiu a própria respiração passar-lhe por entre os dentes quando o sentiu rasgar o resto do tecido, desnudando-lhe o tronco.

— Exatamente — vociferou Walker. — Como já disse, era muito fraco. Imagina que me disse que vira o Mathieson nessa noite. Devia ter entendido que não nos arriscamos a ter traidores no nosso círculo.

— Castigou-o — disse Anna.

— Ele tinha de servir de exemplo — concordou Walker. — Em primeiro lugar, pela sua desobediência. Em segundo, pela sua falta de fé. E em terceiro, pela audácia de ter levado o meu filho por maus caminhos. Afinal, tal como a Megan, veio ter comigo por vontade própria.

Ocultou por sua conveniência a informação de que drogara e atara o rapaz antes de o incendiar, pensou Anna.

— O Alex é um de vós? — murmurou a pergunta receando a resposta e preferiu não olhar em redor não fosse reconhecer o seu velho amigo.

— Quando estiver preparado será bem-vindo no nosso círculo. Infelizmente, tenho de confessar que tem sido uma desilusão de muitas formas. — Walker baixou a voz por um momento antes de a elevar de novo. — O Rob foi iniciado. Pensaria que eu ignorava que ele dormia com o meu filho? — Steve quase gritava, arreganhando os dentes.

Anna não se arriscou a dizer o que quer que fosse.

— Claro que o momento foi o ideal. Tinha pensado usar a Jennifer Ingles — murmurou, traçando pequenos círculos sobre a pele de

Anna, arranhando-a aqui e ali. — Ela fornece-nos a nossa força de vida, o meio para que os nossos seguidores enxerguem o caminho da verdade, mas ela e o maluco do marido começaram a ficar cansativos.

Pensou em Ingles por um instante e bateu com a faca na mão num gesto irritado. O homem e a mulher haviam fugido dele, mas não conseguiriam esconder-se. Encontrá-los-ia e castigá-los-ia pela sua traição. Esse prazer ficaria adiado para outro dia.

— Ela fornece-vos a droga, é isso?

— Tão prosaico, tão tacanho — censurou. — Certamente, agora que experimentaste os seus efeitos, podes atestar como são libertadores do espírito humano.

— As drogas ajudam a fazer lavagens ao cérebro — concluiu ela, simplesmente. — Reduzem as faculdades, oferecem uma falsa sensação de invencibilidade.

— Nunca esperei que acreditasses — disse ele com tristeza. — Mas pensava que compreenderias.

— Compreendo perfeitamente.

Ele inclinou-se sobre ela de modo a olhá-la nos olhos.

— Ainda não, minha querida, mas compreenderás.

Phillips era um homem vulgar, com gostos vulgares. Esses gostos não incluíam vestir um colete à prova de bala e voar durante uma tempestade invernal por cima de águas traiçoeiras, apenas com um helicóptero raquítico entre ele e a morte certa.

Não que admitisse ter medo das alturas e que não sabia nadar; muito menos quando Denise estava sentada em frente dele parecendo um cruzamento entre G.I. Jane e a Miss Irlanda. Tinha o cabelo ruivo enfiado num capacete preto de onde escapavam madeixas em redor das orelhas. Envergava, tal como ele, roupa protetora negra, mas enquanto a dele tinha uma certa tendência para se colar na região do estômago, a dela era como uma segunda

pele. Phillips ordenou a si próprio que se concentrasse na sua missão.

Afinal, era o comandante.

— Pronto, sabem todos o que fazer — gritou por cima do som da hélice, tentando ignorar a revolução que sentia no estômago, enquanto o helicóptero balançava ao vento.

— Vamos aterrar junto à reserva natural, a norte da ilha. Equipa A, quero que orientem as saídas do forte. Equipa B, dirijam-se à aldeia, controlo de multidões. Equipa C vem comigo. Vamo-nos separar. Yates e Jennings ficam com a parte de baixo. MacKenzie e eu vamos para cima.

Pigarreou.

— O suspeito é Steve Walker, o médico da ilha, de cinquenta e oito anos. Pensamos que seja o responsável pelas duas últimas mortes e que a terceira esteja prestes a acontecer. Pode ter cúmplices num grupo de homens e mulheres da terra, que se intitulam «O Círculo» e atuam sob as suas ordens. Podem estar armados e são considerados perigoso. O inspetor Ryan deve estar nas proximidades, a tentar libertar a vítima, identificada como Anna Taylor, a irmã de uma das assassinadas. Perguntas?

Não havia perguntas.

O helicóptero começou a guinar, coisa que Phillips considerou ser um mergulho desnecessário em direção à ilha e agarrou-se ao capacete.

— Vamos, pessoal, um dos nossos está lá em baixo e precisa de ajuda.

Anna estava quase nua sobre a mesa. Restava-lhe a roupa interior. Tremia, com pequenas contrações do corpo, enquanto Walker andava em volta dela retirando-lhe a dignidade, peça por peça.

— Porque está a fazer isto? — perguntou com os lábios secos como pergaminho, desejando beber um gole de água.

— Sou obrigado — respondeu imediatamente. — O nosso Mestre exige-o. — Recordou-se do círculo que o rodeava e apercebeu-se de que se esquecera da sua existência, de modo que levantou a voz. — Ele obriga-nos a todos a fazer oferendas e, em troca, abençoa-nos com riquezas. Sou o Mestre em forma humana.

Anna não se conteve e soltou uma gargalhada. Prolongada e ruidosa, levemente histérica, mas já não se importava.

— Quem pensa que engana? Julga que o facto de matar gente faz de si um deus... ou que o torna invencível? — A voz dela tinha um tom cáustico. — A polícia vai saber que foi o senhor que fez isto, que fez tudo isto. Não passa de um vulgar psicopata. É o que não falta nas enfermarias de alta segurança de Broadmoor e tenho a certeza de que é esse o melhor sítio para si.

Ele ficou perfeitamente imóvel, mas depois algo explodiu nele. Com um uivo animalesco montou-a sobre a mesa. O movimento deslocou-lhe a máscara que caiu no chão, permitindo que ela lhe visse o rosto. Olhos furiosos, os dentes a descoberto, apertava nas duas mãos o punhal e preparava-se para lho mergulhar profundamente no peito.

O círculo observava.

Anna ergueu os olhos para o rosto do homem que acreditava ser um deus e que tinha a sua vida nas mãos. Nesse momento pensou em Ryan e em tudo o que partilharam de forma tão breve. Se tivesse sabido, se tivesse pensado que não teriam mais tempo, ter-lhe-ia dito como ele enriquecera a sua vida.

Ter-lhe-ia dito que o amava e que pouco importava terem sido apenas uns dias. Gostaria de lhe ter visto aquele olhar embaraçado enquanto se esforçava por encontrar a resposta apropriada.

Sorriu a pensar nisso.

Alex cumpriu a sua palavra. O jipe subiu a estrada da encosta em tempo recorde, fazendo voar pequenas pedras e gravilha pela borda



do rochedo. Ryan saiu do carro, ainda antes de Alex o ter parado, e procurava já o revólver que metera nas calças.

— Espera! Vou contigo. — Alex parou para pegar numa pistola de sinalização, era o melhor que tinha, e correu para a fortaleza de pedra atrás do inspetor.

Foi por puro instinto que Ryan se dirigiu à escada. De novo aquela *sensação* que o conduzia. Subiu os degraus dois a dois, com passo leve. Movimentava-se como uma sombra, ocultando-se no corredor escuro. Ouviu Alex atrás de si, caminhando com cautela, o que era bom.

— Fica atrás de mim — murmurou, mas não esperou pela resposta. Ouviu os cânticos, um zumbido que vinha do fundo do corredor e seguiu o som.

Caiu-lhe o coração aos pés quando viu a cena. Estava vagamente consciente de que havia um círculo de gente que dançava e murmurava, mas os seus olhos voaram para o centro, onde Anna se encontrava amarrada. Sobre ela, Walker posicionara-se, apoiado nas coxas, montando-a.

— Polícia! Baixe a arma!

Ao ouvi-los à porta, Walker olhou e lançou a Ryan e ao filho um enorme sorriso. Ergueu ainda mais os braços, preparado para mergulhar a faca no peito de Anna.

Ryan disparou e, ao mesmo tempo, uma fita de luz assobiou junto dele. Walker soltou um uivo antes de cair no chão, contorcendo-se de dores depois de a bala lhe ter perfurado o ombro e o foguete luminoso lhe ter passado junto à face direita.

Ryan voltou-se para Alex, que se encontrava atrás dele com a pistola de sinalização ainda erguida e fumegante. Respirava com dificuldade e tinha os olhos brilhantes de lágrimas que não caíam. Devagar, Ryan empurrou a arma, para que apontasse para o chão.

— Pelo Rob — disse Alex em voz baixa.

Ryan assentiu.

— Vigia os outros.

Correu para Anna e sentiu o aperto no seu peito aliviar quando a viu viva, a respirar e a olhar para ele.

— Tira-me daqui, por amor de Deus — murmurou ela e Ryan, disfarçando um soluço com uma gargalhada, começou a soltar a corda grossa. Ajudou-a a levantar-se e ofereceu-lhe o seu casaco.

Ouviram o som de passos — uns leves e outros distintamente mais pesados — antes de Phillips e MacKenzie entrarem de rompante na divisão. Ryan achou graça ao reparar que pela maneira de agir pareciam uma versão dos detetives da série *Starsky e Hutch*, mas numa versão de Northumbria.

Mesmo assim, ficou incrivelmente satisfeito por terem aparecido.

— Demoraram — disse e voltou-se para as pessoas que se amontoavam no chão com as mãos atrás da cabeça. — Vamos iluminar isto aqui.

Ligaram as luzes e retiraram as máscaras a várias pessoas da terra. Ryan reconheceu pescadores, a rececionista do consultório de Walker e, entre eles, encontravam-se Alison Rigby e Bill Tilson.

— Ela disse que a minha irmã lhe tinha roubado o marido — acusou Anna calmamente, olhando para a mulher que chorava sentada no chão.

— Putas! Todas vocês! — gritou Alison e o rímel escorria-lhe em fios negros pelo rosto.

— Então, não quero ouvir esse palavreado! — disse Phillips com suavidade para logo lhe pôr a pesada bota nas costas enquanto ela se debatia no chão, tentando arranhá-lo. — Suponho que já não me ofereça mais bolos — disse.

— Bill! — Anna olhou-o, como se ele fosse um estranho. — Eras como um irmão para mim, mas traíste a Megan e agora não és nada. Transformaste-te em nada.

Ele apertou a cabeça com as mãos e chorou.

# CAPÍTULO 30

25 DE DEZEMBRO

Se não estivesse tão cansada, Anna poderia ter considerado romântico que Ryan não tivesse saído do seu lado desde que voltara a entrar na sua vida daquela forma tão espetacular.

— Como te sentes? — perguntou pela quinquagésima vez enquanto a ajudava a sair do jipe da guarda costeira envergando as largas calças de caqui e a camisola encarnada que Alex lhe emprestara.

— Deixa de te preocupares, por amor de Deus — resmungou.

— O que é isso?

— Disse que já me sentia muito melhor — emendou com doçura.

— Tens de levar as coisas com calma. — Ryan continuava preocupado, verificando-lhe as pupilas mais uma vez. — O médico já vem examinar-te depois de acabar de ligar o Walker.

Anna ficou em silêncio.

— Sei no que estás a pensar — disse Ryan.

— Não, não sabes.

— Estás a pensar se a minha pontaria falhou.

*Maldito homem, pensou ela, tinha sempre de saber tudo.*

— E então? — perguntou teimosa. — Falhaste?

Ele torceu os lábios.

— Atingi o alvo desejado — disse Ryan calmamente. — Quero que ele passe o resto da vida atrás das grades, embora tente provavelmente argumentar imputabilidade diminuída, devido ao complexo de Deus.

Tamborilou com os dedos no joelho, o único sinal exterior de que estava irritado com tal perspectiva.

— De qualquer forma, é difícil para o Alex.

— Sim. — Ryan olhou pela janela para o elemento da guarda costeira que se encontrava ao lado de Phillips a olhar, enquanto içavam o pai para uma maca da polícia. Iam ligá-lo e transportá-lo para o hospital de Alnwick, mas Steve Walker ficaria com os tornozelos e os pulsos manietados, tal como fizera a Rob. Alex não se aproximou para se despedir, nem para lhe oferecer qualquer tipo de apoio. Ficou a ver e passou uma mão cansada pelo cabelo louro. Pensava em como diria à mãe que o seu amado marido, o homem com quem partilhava a cama todas as noites, era, afinal, um assassino.

— Vamos reabrir os casos das mortes do teu pai e da tua mãe — disse Ryan em voz baixa, espreitando-lhe o perfil.

Anna engoliu em seco.

— Sim. Ambos merecem que se saiba a verdade. O meu pai pode ter sido um homem cruel, mas talvez o possamos ilibar da acusação de ter matado a minha mãe.

— Disseste que o Walker confessou isso?

— Gabou-se de ela ter sido a sua primeira «oferenda» — confirmou Anna em tom sombrio.

Ryan tocou com os seus dedos nos dela num gesto de silenciosa solidariedade.

— A Alison, o Bill e os outros serão considerados cúmplices — acrescentou, a pensar na papelada.

Por sorte, Phillips era maluco pela papelada.

— E o Pete e o Alex?

— Parece que o Pete não sabia de nada, mas vamos confirmar. O Alex afirma ter conhecimento de uma espécie de culto pagão em que o pai estava envolvido, mas ignorava que as suas práticas se tivessem tornado violentas. Tenho de verificar tudo um pouco melhor.

— O doutor Walker declarou que o filho não fora iniciado e que era uma desilusão. Talvez que o Alex soubesse que o pai estava envolvido em qualquer coisa, mas não quisesse fazer parte disso e, como tal, fingia não perceber.

— Podia acusá-lo de obstrução, cumplicidade, com muito esforço.

— Mas?

Ryan sorriu

— Sem ele, nunca teria chegado a tempo à fortaleza. Nem sequer teria chegado ao porto. Agiu contrariado, contra todos os instintos naturais que tinha em relação ao pai. Neste caso, a voz do sangue não soou mais alto e eu estou em dívida para com ele. Se não fosse o Alex Walker, não estaria aqui sentado, contigo nos meus braços.

A justiça era muitas vezes a preto e branco, mas continha também muitos tons de cinzento.

— Também lhe estou agradecida. — Depois voltou-se para ele. — Que queres dizer com isso de teres chegado ao porto?

Ryan mudou de posição.

— Oh, foi só um problema com o barco.

Anna olhou-lhe o rosto meigo e concluiu que mais tarde descobriria os pormenores. Nesse momento, sentia um grupo de alegres cangurus aos saltos na sua cabeça.

— E o casal Ingles? — perguntou, suspirando quando Ryan ergueu a mão para lhe massajar a base do pescoço.

— Há um mandato de captura para eles, mas por enquanto nada se sabe. Passámos a descrição à Interpol, para que sejam identificados no sistema em qualquer porto por onde tentem fugir.

O Walker disse que a Jennifer Ingles fornecia as drogas ao círculo. Pensas que foram responsáveis pelo que aconteceu ao Lowerson?

— Foi a primeira coisa de que me lembrei, mas pensando bem, o Ingles não me parece ser um tipo violento. Hipócrita, fanático, egoísta, mas não violento. A mulher era o cérebro por trás do fabrico das drogas; já o fizera, mas com um nome diferente. Sempre disse que eram os mais calados que tínhamos de vigiar.

Anna lançou-lhe um rápido sorriso que esmoreceu assim que se lembrou do jovem deitado numa cama de hospital do continente.

— Então, quem julgas que fez aquilo ao Lowerson?

— Se o Walker não o admitir, não o saberemos, a menos que o Jack recupere a consciência. Telefonei para o hospital e dizem que ele está estável, mas que não há alteração no seu estado.

— Lamento.

Ryan baixou os olhos e ergueu-os de novo.

— Ele estava sob as minhas ordens. Posso não ter sido eu a levantar a pá, mas fui eu que o mandei para lá.

— Ele é um homem adulto, com treino policial. Tomou a decisão de ir lá sozinho.

Ryan ouviu-o, mas lembrava-se apenas de um jovem detetive de olhos brilhantes. Jack Lowerson pesar-lhe-ia na consciência enquanto não recuperasse; se recuperasse.

— Vamos — disse ele de repente. — Vamos levar-te para nossa casa.

Anna olhou para ele, viu-o pôr o carro a trabalhar e ficou a pensar se ele se teria apercebido de que tinha chamado à sua vivenda branca «a nossa casa».

Phillips vigiou a transferência de Walker e do seu círculo de cúmplices para serem formalmente acusados. Não se preocupara em despir o uniforme de combate pois pensava que lhe dava um ar algo travesso. Pensou até em desistir das gravatas de seda em prol dos assessorios de couro, mas desistiu, pensando que poderia ser uma coisa própria da crise da meia-idade.

Pensando estar só, olhou em volta e procurou por baixo do colete à prova de bala até encontrar o cigarro que aí tinha escondido. Olhou-o por um momento e passou-o por baixo do nariz para sentir o doce cheiro da nicotina.

*Que mal faria*, pensou, olhando para o mar. Procurou o isqueiro.

O cigarro foi-lhe arrancado dos lábios por dedos elegantes com unhas pintadas de verniz brilhante. Na sua visão periférica, apercebeu-se do brilho de uma cabeleira cor de cobre a cintilar na brisa da manhã.

— Não sabia que te preocupavas tanto com a minha saúde, MacKenzie — começou, irritado, preparando-se para a inevitável discussão.

Os dedos dela rodearam-lhe o rosto e puxaram-no num movimento súbito.

— Não percebes mesmo nada, pois não, Frank? — disse ela no seu doce sotaque irlandês, antes de lhe dar um sonoro beijo. — Pronto — disse, satisfeita consigo própria. — Vais ou não convidar-me para sair?

Phillips sorriu como um cachorrinho.

Ryan viu-os da janela e depois voltou-se para a mulher que dormia no seu sofá, coberta com um grosso cobertor de xadrez. O peito dela, arranhado e provavelmente dorido, fora tratado pelo médico da polícia. Dera-lhe analgésicos para os efeitos secundários da LSA e ela adormecera. Provavelmente, teriam moído umas sementes e juntaram-nas às bebidas da noite anterior. Perguntar-lhe-ia, mas isso podia esperar.

Viu que ela respirava calmamente e pensou como estivera tão perto de a perder. Era um bom polícia, pensava ele com toda a franqueza. Teria feito o seu melhor por qualquer vítima, viva ou morta, mas a noite anterior ultrapassara tudo. A ameaça contra aquela mulher dilacerara-lhe o coração.

*Ela decorou-me a casa*, pensou estupidamente. Havia uma árvore de Natal num canto, enfeitada com bolas vermelhas e douradas e uma fileira de luzes brancas que acendiam e apagavam. Colocara azevinho na prateleira da lareira juntamente com velas a cheirar a pinheiro. Ele colocou uma caixinha enfeitada com laçarotes por baixo da árvore.

Precisava dela na sua vida, permanentemente. O problema era convencê-la de que seria uma boa ideia ficar com ele. O seu trabalho era imprevisível; ele podia ser imprevisível. Ela estava habituada a ser independente, a arranjar-se sozinha.

Daria resultado?

Vigiava-a, num turbilhão de pensamentos emoções, quando nesse momento os olhos dela se abriram, e sorriu quando conseguiu focar o rosto dele.

— Tive um sonho horrível — disse com um bocejo.

— Também eu, mas felizmente terminou.

Anna ergueu os braços, puxou-o para si e passou-lhe os dedos pelo cabelo. Nenhum deles se apercebeu de que começara a nevar lá fora.

Por fim, separaram-se e os olhos dela avistaram o embrulho por baixo da árvore.

— Oh! — Apontou. — É para mim? Dá cá.

Ele riu, empurrou-a para o sofá e foi buscar a prenda.

Quando ela a viu, a sua expressão foi fácil de ler. Ele riu mais uma vez, desta vez mais alto.

— Não te adiantes — disse ele, vendo como o rosto de Anna se iluminava, quando retirou da caixa um par de brincos de prata maravilhosamente entalhados.

— São lindos, muito obrigada — disse ela, colocando-os.

— Vi-os no outro dia — disse ele, levemente embaraçado e recordando-se da sua ida sub-reptícia à loja de recordações no dia anterior. — Pensei que gostasses.

— Adoro-os — corrigiu ela. — Também tenho um presente para ti — afirmou em tom astucioso. — Mais ou menos...

— Onde está? — perguntou ele.

— Ah... — interrompeu o que estava a dizer ao ouvir que oportunamente batiam à porta. — Deve ser agora.

Intrigado e imaginando que Anna tinha combinado uma entrega qualquer, dirigiu-se à entrada, para abrir a porta.



Por momentos, ficou sem fala, com a garganta obstruída. A mãe e o pai encontravam-se na soleira da porta, envergando casacos de inverno com sacos pesados cheios de comida e presentes. O pai era uma versão mais idosa de si próprio; alto, bem constituído, com uma cabeleira grisalha que, noutros tempos fora negra. A mãe era uma mulher baixa e magra, com o cabelo escuro a emoldurar-lhe um rosto de elfo, dominado por inteligentes olhos cinzentos, que passara ao filho em herança.

— Então? — Eve Finley-Ryan inclinou a cabeça na direção do filho. Vais deixar que estes viajantes cansados fiquem aqui ao frio?

Ele não respondeu, mas avançou e estreitou-a nos braços, aspirando-lhe o perfume e querendo senti-la.

— Mãe.

— Pronto — disse ela, acariciando-lhe as costas com as suas mãos suaves.

Ele acabou por se afastar, abraçar também o pai e fazer um gesto para os convidar a entrar.

— Está aqui uma pessoa que queria muito que conhecessem — conseguiu dizer.

Eve esfregou as mãos frias e lembrou-se do telefonema que recebera de Anna no dia anterior. Desejava conhecer a mulher responsável por trazer o filho de volta para a vida.

# EPÍLOGO

A música de Natal tocava numa aparelhagem invisível, escondida algures nas prateleiras da estante e o lume crepitava na lareira. Lá fora, a ilha estava coberta de branco, pressagiando um novo começo.

O ar tinha um agradável aroma a fumo de charutos e livros bolorentos.

— Não posso ficar muito tempo — disse Gregson, instalando-se num cadeirão de couro macio. — Só quis vir para lhe dar as novidades.

— E que novidades são essas?

— A ilha escolheu-o para ser o próximo sumo-sacerdote — respondeu Arthur oferecendo um charuto ao outro.

Mark inclinou-se ligeiramente, aceitou o charuto e sentiu uma onda de entusiasmo invadir-lhe o corpo.

— É demasiado arriscado — disse, mas com os olhos cintilantes.

Gregson assentiu.

— Foi uma pena, aquilo do Steve, mas ele entusiasmou-se demasiado. Deveria haver apenas uma oferenda.

— O Mathieson foi o primeiro fracasso — refletiu Mark.

— Não há dúvida de que foi um aborrecimento. — Gregson soltou uma gargalhada. — Velho tarado, era apenas uma questão de tempo até que fizesse uma idiotice. Mesmo assim, não temos nada a temer. Ele sabe o que é melhor para ele.

— Três sumos-sacerdotes em três décadas? Nunca aconteceu.

— Mas é o que é! — Arthur encolheu os ombros, puxou mais uma fumaça do charuto e desfrutou do aroma. — O Andy foi uma má escolha, só agora é que me apercebo. Era demasiado imprevisível. O Steve... bom, sempre pensámos que fosse uma boa aposta, mas tinha as suas ideias.

Mark sorriu para consigo pensando em Walker. Ali não houvera qualquer sacrifício religioso; o homem era um perfeito assassino.

— Queria que a Anna fosse uma oferenda? — perguntou, conhecendo já a resposta.

— Era esse o plano. Nunca me disse que estivera interessado na mãe e que andava a comer a irmã. Nunca teria mandado vir a Anna se soubesse. — Era demasiado arriscado.

— O Steve não tinha nada que a oferecer. Sempre foi minha.

Gregson não discutiu. Em tudo havia uma hierarquia.

— Fiquei surpreendido por teres escolhido o Ryan — acrescentou Mark, com um leve tom de ameaça.

Gregson abriu as mãos.

— O homem estava num desespero emocional quando o vi pela última vez. Pensei que se teria ido abaixo há muito. Mas, pelo contrário, pareceu reviver. — Havia na voz de Gregson um tom de admiração que desagradou a Mark.

— Podemos acabar com ele — murmurou, inclinando-se para acentuar a sua opinião.

— Não necessariamente — comentou Arthur com toda a facilidade, como se discutissem diariamente aquele assunto. — Será colocado noutra local para que o afastemos do caminho.

Mark recostou-se, puxou uma fumaça do charuto e pensou no dia em que Anna estivera sentada na cadeira agora ocupada por Gregson. No extremo oposto da sala havia uma vitrina onde um pequeno amuleto de ónix estivera guardado.

— Ela voltará para Durham e provavelmente ele irá atrás dela — disse.

Debateu-se consigo próprio. A Anna já escolhera Ryan. Walker falhara quando quisera fazer dela a sua oferenda; talvez fosse um sinal de que não deveria agitar as águas.

Atirou os restos do charuto para a lareira.

— O que nos resta agora? — perguntou.

— Tens de fazer a tua primeira oferenda como sumo-sacerdote.

— Muito bem — concordou Mark.

— Estás a pensar em alguém?

Mark pensou numa noite, muitos anos atrás, quando fizera a sua primeira oferenda, o Andy Taylor. Assegurara-se de que o homem estava perdido de bêbado e de que Alison Rigby oferecera os seus serviços nessa noite para ter a certeza de que o sumo-sacerdote estava também saciado de mulheres. Depois, conduziu Taylor ao promontório e empurrara-o lá para baixo.

Dissera a si próprio que se tratava de justiça, de uma ação necessária, mas, afinal, fora só por si. Pequenos prazeres.

— Tenho de facto duas pessoas em mente — respondeu Mark. — Precisam de ser castigadas.

— Ah, excelente. — Gregson apertou as mãos, calculando já quem seriam. — Isso vai acabar com as pontas soltas. Sabes que te protegeremos, como sempre. De momento, será melhor que eu volte para o gabinete para manter as aparências.

— Foi necessário pôr o jovem detetive fora de combate — declarou Mark.

— Bem sei. — Gregson fez uma careta. — Foi uma pena porque era um bom rapaz. Mesmo assim, não te preocupes. Se der sinal de voltar a si, damos conta dele.

Mark assentiu e despediu-se erguendo a mão para o seu amigo e seguidor. No pulso brilhava-lhe um relógio por baixo do punho da camisa de linho. Sorriu por momentos, lembrando-se dos tempos que passara com Megan, como se recordasse de umas férias agradáveis há muito gozadas. Porém, todas as férias acabavam.

Apreciou mais um pouco o ar frio e depois recolheu a casa, retirando a grande espada cerimonial da parede do seu escritório para lhe sentir o peso. Parou a meio do corredor para apanhar um impermeável comprido que o cobria até meio das canelas, e foi abrir a porta da cave.

Lá em baixo, na escuridão, Mike e Jennifer Ingles estavam imobilizados com fio de pesca e com as bocas tapadas por fita-adesiva. Começaram ambos a gemer quando ele acendeu a luz do teto e desceu os degraus de pedra em direção deles. Os seus lamentos tinham-se transformado em ganidos depois das primeiras vinte e quatro horas.

Usou a lâmina da espada para erguer o queixo do vigário, viu nele sinais de terror, desidratação e súplica por entre os hematomas que se lhe iam desvanecendo do rosto.

Consagrou um círculo na cave húmida e fez orelhas moucas aos soluços, cada vez mais desesperados, que ouvia a seu lado. Depois, deteve-se um momento a observar o seu trabalho, pegou num pano e limpou a espada antes de subir a escada.

O ciclo recomeçara.

## NOTA DA AUTORA

Embora este livro seja em grande parte uma obra de ficção, *A Ilha Sagrada* é um local verídico localizado num cenário espetacular, ao largo da costa de Northumbria. Duas vezes por dia, fica separado do continente por um passadiço de maré que se transforma num potencial de mistérios ao estilo de Agatha Christie. Para além desse género, a geografia local inspirou numerosos épicos fantásticos e está impregnada de história que abarca milhares de anos.

Atualmente, a ilha é habitada por uma comunidade afetuosa e simpática para quem a beleza da paisagem nunca envelhece. Vale a pena mencionar que fiz uso liberal da licença artística e que os nomes e locais foram alterados para acentuar o ritmo da história. Como é costume dizer-se, todas as personagens que aparecem no livro são ficção. Qualquer semelhança com pessoas verdadeiras, vivas ou mortas, é pura coincidência.

A imagem da capa é baseada numa fotografia do castelo da *Ilha Sagrada*, o cenário do clímax da história.

# AGRADECIMENTOS

As coisas boas da vida, nunca devem ser gozadas sem companhia. Isto é a pura verdade acerca da escrita do livro *A Ilha Sagrada*, que, desde o princípio, foi um divertido processo de colaboração. Estou grata a todos os meus amigos e família pelas informações que me ofereceram durante todo o percurso. Tenho de mencionar especialmente Kirsty, Kirsten, Kate e Tallulah, quatro raparigas do Norte que me disponibilizaram o seu entusiasmo, conhecimentos e ilimitado apoio durante a escrita deste romance. Um agradecimento especial à minha querida irmã Rachel e ao meu padrasto Jim, pela sua perspicácia e humor durante o processo. À minha mãe, Susan, uma verdadeira mulher forte, cujo amor e orientação durante todos estes anos me proporcionaram a confiança necessária para que eu seguisse os meus sonhos e tomasse a vida com ambas as mãos. Por último, mas não o menos importante, ao meu marido James, o homem maravilhoso que me acompanha ombro a ombro na caminhada da vida e sem o qual nada disto teria valido a pena.

Para ficar a par de todas as novidades e receber todas as nossas ofertas especiais inscreva-se já no nosso clube de leitores:

